

WLADIMIR OLIVIER

A GAIOLA
DE
OURO

Grupo Amigos do Etéreo

Professor Homero

ÍNDICE

Nossa sementeira	
1. O príncipe das trevas	
2. Lutécia	
3. Francisca	
4. O Professor Renato	
5. Pai Benedito	
6. Terê	
7. O Tio José	
8. O Inspetor Macedo	
9. Elvira	
10. Ângela	
11. Ricardo	
12. Tiago e Tadeu	
13. Brútus, César e Mocinha	
14. Tragédia	
15. Um momento de paz	
16. Uma semana depois	
17. Tadeu investiga	
18. O encontro	
19. A revolta de Renato	
20. Frutíferas pesquisas	
21. A boca de fumo	
22. A organização criminosa	
23. O imponderável	
24. De como Juvenal se entendeu com Elvira	
25. Conversando no carro	
26. Dona Margarida	
27. Manhã atribulada	
28. Os fatos	
29. Pai Benedito recebe Francisca	
30. A situação de Tadeu	
31. Juvenal se sente acuado	
32. O encontro	
33. Sem rumo	
34. No velório	
35. Um dia diferente	
36. A reunião	
37. Uma semana de mudanças	
38. O atentado	
39. A sessão mediúnica	

40. Sob orientação mediúnica
41. Na clínica psiquiátrica
42. Uma campanha no etéreo
43. O resultado dos exames
44. Glorinha
45. Novo encontro
46. Reconciliação
47. Renato entra mudo e sai calado
48. Incubação da dor
49. As entrevistas
50. Introspecção
51. Em paz
52. Explicações
53. Mais explicações
54. Desafogo
55. Estabilidade
56. A vida continua

NOSSA SEMEADURA

Diremos, inicialmente, que as sementes ainda se espalham conforme a parábola de Jesus.

Mas seremos nós bons semeadores e as nossas sementes, perfeitas?

Eis a questão.

Esperamos que os leitores saibam avaliar se as sementes encontraram bom terreno para germinar, crescer e frutificar, em uma obra que condiga com a esperança de redenção de todos os encarnados.

E se não souberem? E se apenas pensam que sabem?

Eis outra questão.

As notícias que trazemos diferirão das que se consignam nas obras da codificação espírita realizada por Allan Kardec? Terão as nossas ideias desenvolvimentos lúcidos, para prestarem bom serviço à causa espírita?

Eis a terceira questão.

Evidentemente, estabelecemos um plano de obra capaz de absorver os ensinamentos que os mestres da *Escolinha de Evangelização* nos propõem como favoráveis à elucidação de algumas das revelações doutrinárias ainda obscuras para o entendimento dos encarnados, na presente fase evolutiva.

Mas estarão tais orientadores perfeitamente cômicos das necessidades humanas ou andam preocupados com o ápice dos conhecimentos de que são detentores, julgando o trabalho a ser realizado através do prisma de suas concepções mais adiantadas?

Eis a última questão.

Propusemos cada tópico ao grupo encarregado da presente redação e fomos unânimes em julgar que, primeiro, temos de expor a que viemos, para dar aos leitores condições de compreenderem a amplitude temática que abrangeremos com nossa divagação estruturada em linha narrativa mais ou menos coerente com a psicologia das personagens que criamos.

E qual é essa tão enigmática intenção?

Simplesmente, a de auxiliar a reflexão sobre os problemas de cada qual, através de um método de pensamento baseado na moralidade superior expressa nos princípios de Jesus comentados por Kardec.

Eis que nos estamos propondo a definir parâmetros para a análise da atualidade, sob as diretrizes dos espíritos de escol que ofereceram seu apoio para a confecção da teoria espírita.

Talvez devêssemos estender-nos um pouco mais nas considerações de caráter escatológico do trabalho que se inicia. Contudo, as apreciações prévias têm o condão de reverter o interesse para o vazio das expectativas que se criam de forma, muitas vezes, demasiado presunçosa. Fiquemos por aqui.

O nosso orientador de classe, o Professor Homero, nos preveniu para que consagrássemos um estilo sem rebuscados, mas digno e consentâneo com a cultura das pessoas acostumadas às leituras das obras psicografadas pelos melhores médiuns. Sendo

assim, resta-nos a questão extraordinária da possibilidade de nosso escrevente submeter-se às exigências deste grupo, que se autodenominou de *Amigos do Etéreo*.

Rogamos aos anjos guardiães que nos amparem em cada instante deste atrevimento, para que sejamos felizes na transmissão mediúnica, como temos sido na elaboração do texto.

Fiquemos na paz do Senhor!

1. O PRÍNCIPE DAS TREVAS

Anatomicamente perfeito, o jovem impunha a todos a sua personalidade forte, sem sedução melíflua, porque seu poder natural de atração era o que o caracterizava melhor.

Juvenal triunfava entre os colegas e, aos dezoito anos de idade, tornara-se o ídolo, o líder, o pujante archote das causas da rapaziada do bairro. Razão maior para ser temido, porque chefiava uma *gang* de malfeitores que assustava a população mais velha e economicamente estabelecida.

De dia, ficava em casa, não permitindo jamais que ninguém viesse perturbá-lo. Dizia ao grupo:

— Vocês já contam comigo das dez da noite às quatro da madrugada. Que isso lhes baste.

Juvenal juntava ao poder físico um brilho intelectual que transparecia no extenso vocabulário e na estrutura linguística diferenciada da gíria rotineira dos companheiros. É que, ao contrário do que se poderia imaginar, estudava nas obras que seu pai juntara ao longo de uma vida inteira dedicada ao ensino jurídico.

Outro ponto que impressionava os comandados era que ele jamais cedera aos vícios, embora comandasse o comércio das drogas e mantivesse um ponto de fumo frequentado por pessoas de diversas extrações sociais, vigiando para que tudo transcorresse na mais perfeita ordem, uma vez que todo o bando tinha o que lucrar com a atividade ilegal.

Eis, em rápidas pinceladas, a nossa personagem principal. Alguns traços mais e teríamos de desfazer a impressão de que sua empresa se disciplinava pelo império de uma estrutura equilibrada tão só no poder da inteligência. Não passava uma só semana que não se precisava eliminar alguém que se arvorasse em possível pretendente a abocanhar parcelas de seus domínios.

Quando necessário para a manutenção do tráfico, não hesitava em ir pessoalmente, comandando um bem montado contingente armado, para a *limpeza* dos setores afetados, sempre desfazendo-se das vítimas em pontos estratégicos, para não incitar a curiosidade da força policial.

Era um verdadeiro príncipe das trevas.

2. LUTÉCIA

Juvenal tinha uma irmã, Lutécia, três anos mais nova, presa aos deveres domésticos por coerção, desde que o pai fora assassinado dois anos antes.

A mãe, há dez anos, vivia com outro homem, tendo abandonado a família. Lutava junto ao poder judiciário para ter parte da herança, porque fora praticamente retirada do testamento do marido.

Cabia a Lutécia, portanto, fazer que as três empregadas dessem conta das tarefas rotineiras que os vinte cômodos exigiam.

Chegara ela a formar-se no primeiro grau, aos quatorze anos, portanto, um ano antes dos acontecimentos que interessam à nossa narrativa, sendo-lhe vedada a matrícula no segundo grau pelo irmão. Proibiu-lhe ele também que as colegas frequentassem a casa e impediu-a de sair desacompanhada.

Algumas vezes, Lutécia obtivera permissão para ir às compras, o que fizera na companhia de Francisca, a negra que cuidara dela desde a infância, entretanto, com as facilidades da Internet, todas as compras passaram a ser realizadas de maneira virtual, de modo que se estabeleceu sua completa reclusão.

Juvenal, contudo, estava atento para o desabrochar físico da irmã, de sorte que admitiu a presença de uma atleta de certa idade, na qualidade de instrutora de ginástica, aulas que eram ministradas num salão com aparelhos e halteres e à beira da piscina.

Outra figura recentemente contratada era uma professora para disciplinar o aprendizado das matérias curriculares do segundo grau, aulas a que assistia Juvenal, duas a três vezes por semana, atento para a possibilidade de se criar alguma sorte de intimidade entre ambas.

Lutécia conhecia os impulsos de energia do irmão e jamais opôs qualquer palavra que pudesse contrariá-lo. Mas era-lhe impossível soffrear o desenvolvimento dos encantos físicos, tornando-se, aos poucos, uma mulher de traços impecáveis.

Por outro lado, nas aulas de matemática, de física e de química, era com dificuldade que Juvenal seguia os raciocínios da irmã para a resolução dos problemas e questões.

A única liberdade que Juvenal concedia a ela eram as conversas que mantinha através dos clubes de amigos inscritos em diferentes *sites* da Internet.

Essa era a situação vivida pela mocinha dos quatorze aos quinze anos. Nós estamos chegando a tempo de testemunhar o crescimento íntimo de sua revolta contra a autoridade de Juvenal.

3. FRANCISCA

Era uma velha senhora, empregada da família desde os tempos em que o Senhor Renato, o pai de Juvenal, era bebê.

Serviçal dedicada, não casara, não tivera aventuras nem filhos. Morava num quarto dos fundos, com dois sobrinhos, que faziam as vezes de seguranças ou vigilantes. A estes reservava-se o encargo de cuidar dos três poderosos cães de guarda.

Discreta quanto aos assuntos da família, realizava as funções de governanta da menina, ultimamente abrindo mão da administração geral e da orientação dos demais empregados, tendo em vista seus setenta e seis anos de idade e seus olhos já cansados.

Uma vez por semana, dispensada das tarefas da noite, acompanhava a cozinheira para as sessões espíritas de um centro não muito longe. Elas diziam que se tratava de uma casa de atendimento mediúnico, mas, na verdade, as práticas ali correntes tinham mais afinidade com o candomblé do que com o kardecismo.

Quando menor, Juvenal acompanhou a empregada e um dos sobrinhos dela a tais visitas, desistindo depois de umas trinta ou quarenta sessões, afirmando que os tópicos das reuniões eram inalteráveis e que ali nada acontecia que pudesse ser, efetivamente, atribuído a entidades de outra dimensão existencial.

Também Lutécia teve oportunidade de presenciar algumas sessões, porém, o presidente da instituição, à vista das graves perturbações que a criança apresentava durante os trabalhos, recomendou que ela não mais comparecesse, pelo menos enquanto não dominasse a si mesma, como ele dizia, para impedir que se manifestassem espíritos de baixa moralidade.

Francisca, pela rejeição do moço e pela facilidade de incorporação da menina, tomou tais elementos por base, passando a afeiçoar-se mais a ela que a ele, terminando por fugir do patrãozinho, favorecida pelos horários esdrúxulos que este elegera.

Lutécia e Juvenal deveram, portanto, à criada seus primeiros conhecimentos de espiritismo.

4. O PROFESSOR RENATO

O pai dos jovens fez carreira na advocacia e no magistério jurídico, ganhando muito dinheiro.

Casou-se ainda acadêmico, apaixonado pela frágil juvenzinha que conhecera nos saraus das famílias abonadas da vizinhança, mas, dois anos após se haver formado, perdeu-a num acidente de trânsito, de que ele mesmo saiu muito ferido.

Restaurado fisicamente, nunca mais aceitou os reveses da sorte, pretendendo ele próprio formular o seu destino. Mais de vinte anos viúvo, veio a enamorar-se por uma jovem que lhe lembrava a figura da primeira, mas de casta inferior, que arrebatou ao meretrício, levando-a ao altar, dando-lhe nome e condição social.

Com Marilu, Maria Lúcia, a falecida, viveu um sonho de amores. Com Terê, Teresa Severina, viveu um pesadelo de lubricidade. Mas Terê lhe deu os dois filhos, os quais portavam os traços formosíssimos da mãe.

A fogosidade da moça não combinou com a idade do professor, de sorte que, passado um período de extremo sacrifício para o senhor, derivou a rapariga para entretenimentos com homens mais jovens, até que se deixou seduzir por um rapaz de boa condição financeira, com quem foi viver ostensivamente.

Renato não sentia um profundo rancor pela mãe de seus filhos, porém, à vista de estar com uma idade que prometia deixar os filhos na menoridade quando viesse a falecer, fez deles seus herdeiros universais, com tutoria de seu irmão mais novo, José, isto tão logo compreendeu que Terê, industriada pelo companheiro, não lhe cedia o divórcio.

Alheio ao desenvolvimento dos filhos, imergiu na mesma vida de dissipação que tivera antes de conhecer Terê, aposentado já do magistério, mantendo tão só o escritório de advocacia, através do qual a vida toda defendera pessoas gradas acusadas de crimes do *colarinho branco*.

Quando chegou ao etéreo, foi acolhido de imediato pelos parentes e por Marilu, que o internaram numa colônia de atendimento às vítimas da violência urbana.

Mas era como se não lhe acontecera o trespassse. Mentalmente, continuou Renato, como nos sonhos que parecem realidade, a realizar todos os atos de sua vida terrena, recordando-se perfeitamente do momento em que foi alvejado, enquanto dirigia seu carro, por dois projéteis disparados pelo carona de um motoqueiro, ambos com as cabeças encapuzadas.

O que ocorreu, na verdade, foi que o assassino conseguiu entrar no carro, levando-o para seus fins, servindo-se dele os meliantes para a fuga de uma série de assaltos, até que o abandonaram *depenado* num terreno baldio.

Para Renato, nada disso aconteceu. Parecia-lhe que os desafetos se afastavam, enquanto ele os perseguia, misturando, de início, todas as pessoas de sua longa vida, em acontecimentos que elegiam somente os mais trágicos. Finalmente, nos últimos tempos, tendo perdido de vista os autores do crime, passou a configurar situações que justificassem um ataque à vida sem o fito do assalto.

Misturava Terê e o companheiro aos clientes, buscando justificar a atitude como último recurso para conseguirem a herança, momento em que as figuras dos filhos lhe apareciam, não com a idade que tinham por ocasião do desenlace, mas crianças ainda, com a idade em que a mãe os abandonara.

No momento em que se inicia a nossa história, Renato, pela primeira vez, reconhece que está internado num hospital, sem, contudo, caracterizá-lo como uma dependência de outra realidade.

5. PAI BENEDITO

As atividades escusas de Juvenal, se bem que disfarçadas para o pessoal de sua residência, não poderiam ser desconhecidas do guia espiritual do centro espírita frequentado por Francisca. Como não cabe aos espíritos revelar a uns os segredos dos outros, passou a entidade a advertir a velha serviçal para o fato de que, se não protegesse Lutécia, em breve ela se veria envolvida em problemas de vida e morte:

— *Mecê, irmã Chiquinha*, dizia ele pela voz da médium de que se servia, *num deve de esquecê de falá pra ela pra lê os livro que mecê tem. Eles vão fazê que ela respeite a vontade de Deus e vão fazê que ela tenha mais amor por toda a gente. Fique certa, zim fia, que nós vamo olhá por mecê e por ela e pelo moço.*

Não entendia Francisca tanto interesse pelas pessoas daquela família, perguntando, no fundo do coração, se não se tratava dos cuidados do falecido.

Como que lhe fosse respondido telepaticamente, vinha-lhe ao pensamento a nítida ideia de que os jovens, se dependessem do velho senhor, não receberiam cuidado algum espiritual, lembrando-se ela de que nunca vira o homem, depois que enviuvou, entrar em qualquer igreja, templo ou tenda de umbanda.

Pai Benedito, na verdade um espírito bastante evoluído que adotara o estilo de preto velho para se afinar com o nível de expectativa das pessoas que frequentavam aquele centro, acompanhava as peripécias da vida de Juvenal desde que fora apresentado a ele na primeira reunião mediúnica a que fora levado por Francisca. Fora ele também quem avisara para que se evitasse a ida de Lutécia às sessões, sabedor de que estava dotada de uma faculdade mediúnica delicada, que precisava ser desenvolvida através do conhecimento teórico do fenômeno e das consequências físicas e morais para a pessoa que se dedica à intermediação entre vivos e mortos.

Guia da casa de atendimento espiritual, entrou em contato com os espíritos familiares do moço quando este iniciou sua carreira criminosa. Logo soube que se tratava de um espírito rebelde, cuja história explicava amplamente o desprezo atual pela vida humana. Soube também que, como os asseclas no campo material, existiam muitos espíritos inferiores que o cercavam e que impediam a atuação dos que desejassem exercer sobre ele uma influência positiva.

Experiente, Pai Benedito não estranhou que se afastassem as entidades benfeitoras, tendo em vista reconhecer que Juvenal, realmente, não pertencia àquele círculo, nele sendo admitido pelos espíritos superiores, com certeza para receber um influxo diferente de vibrações, no intuito de que pudesse discriminar forças antagônicas em luta, pela primeira vez respeitando os impulsos provindos de pessoas com maior equilíbrio perante as leis universais.

No entanto, precisou ser gerado por alguém que, de certa forma, consentisse em estabelecer vínculos fluídicos com ser de tanta perversidade. Teresa, sem pertencer espiritualmente à mesma categoria de Juvenal, também havia provindo das trevas, conforme viu claramente o protetor do terreiro, e estava em condições de dá-lo à luz terrestre.

Quando orientava sua amiga encarnada, recebia Pai Benedito uma força moral que sabia provir de esferas superiores, o que o incentivava a prosseguir nas advertências mediúnicas, veículo que considerava o melhor para estimular Francisca, desenvolvendo, em seguida, uma série de pensamentos que ela pudesse atribuir a uma fonte de inspiração, a uma espécie de intuição colhida no fundo do inconsciente.

Naquela semana, Francisca criou coragem e apresentou à mocinha um exemplar antigo de *O Livro dos Espíritos*, dizendo que fora o próprio guia do centro quem pedira para ela ler.

6. TERÊ

Poderia parecer que a viúva de Renato rejeitara os filhos, principalmente à vista de estar agindo judicialmente para obter parte da herança do falecido. No entanto, a rejeição partira destes, quando tomaram conhecimento da vida pregressa da mãe, não suportando saber que ela traía o pai, tudo pintado com as cores mais vivas da frustração do velho senhor.

O que não dissemos ainda é que ela gerara mais dois filhos com o homem com quem se amasiara e que desejava poder criá-los com certa independência, uma vez que nunca fora aceita pela família do jovem companheiro, ultimamente sofrendo esta muita pressão, já que insistia em frequentar os círculos da época de solteiro, onde a fama da vida libertina da mulher correu solta pela voz dos familiares desgostosos.

Houve ainda o desagradável episódio da investigação serrada exercida por um inspetor policial, quando do assassinato do professor, uma vez que se imaginou que os mandantes do crime poderiam ser justamente a mulher e seu parceiro, com vistas ao recebimento da herança.

De resto, o trabalho policial ainda não se encerrara, permanecendo abertas as diligências. Com o desaparecimento dos autores sem nenhuma pista, não pôde o detetive caracterizar o motivo como sendo resultado de um plano para se tirar a vida daquela pessoa. Tendo restabelecido todo o roteiro dos assaltos executados pelos meliantes aproveitando-se do carro roubado, o investigador estava a pique de afirmar a impossibilidade de identificar os criminosos.

Terê, nesse meio tempo, prontificou-se a colaborar com a polícia, deixando que vasculhassem sua residência, designando um a um todos os amigos seus e do marido, fato que contribuiu para que crescesse a antipatia que por ela nutriam as pessoas do círculo familiar do companheiro.

No entanto, do mesmo modo que não havia nenhuma prova contra eles, também não conseguiram demonstrar claramente que não poderiam ter executado a ação criminosa ou serem os mandantes, uma vez que não tinham álibi e, no rol dos conhecimentos antigos da ex-prostituta, constavam vários indivíduos sentenciados por diversos delitos.

Em suma, Terê estava passando por um momento aflitivo, não encontrando estímulo para manter seu relacionamento, muito embora, ao contrário da vez que abandonara o marido, agora não abria mão da guarda dos filhos, aos quais estava muito apegada. Eram eles o que lhe sobrava de uma vida inteira de emoções à flor da pele.

Numa rara cena de confronto com o parceiro, teve de ouvir referências impiedosas a seu passado, demonstração clara de que já não havia amor nem paixão.

A separação estava por um fio.

7. O TIO JOSÉ

O irmão mais novo de Renato, como vimos, foi nomeado tutor dos menores para efeito da mesada, enquanto não se dava a distribuição dos bens conforme o testamento.

José era também advogado, cuidando de questões junto à vara de família bem distante do tribunal do júri. Também ministrava aulas de Direito, mas sua fama não alcançara os píncaros daquela do irmão.

No entanto, agia de modo contrastante em relação àquele, tendo em vista que jamais aceitara clientes de má-fé, enviando-os a colegas menos escrupulosos. Por isso, quando do assassinato de Renato, diligenciou para que as investigações não arrefecessem, temendo que assassinos tão frios pudessem estar cometendo, impunemente, outros latrocínios.

Fez amizade com o Inspetor Macedo, o encarregado das diligências, acompanhando passo a passo todos os procedimentos policiais.

Adiantando-se às conclusões a respeito da cunhada e parceiro, percebeu que não deveriam estar envolvidos numa trama de assassinato, preferindo estabelecer a suspeita de que havia uma dupla de criminosos aproveitando-se das facilidades que as armas automáticas propiciam para surpreender os menos cautelosos.

Quanto ao recurso interposto por Terê contra a manifestação de vontade do falecido, não levou a sério, uma vez que o testamento estava redigido segundo as fórmulas mais corretas, dentro de cerrada citação legal. Havia, inclusive, um tópico em que ele transferia para a esposa uma pequena propriedade, um terreno com uma casinha na periferia, adquirido em época de engorda das vacas. De qualquer modo, constituiu-se advogado dos sobrinhos.

No momento em que iriam precipitar-se os acontecimentos de nossa narrativa, José ultimava as providências para que Juvenal assumisse sua parte da herança, uma vez que completara dezoito anos.

8. O INSPETOR MACEDO

Dedicado ao trabalho, o velho investigador estava calejado no mundo do crime, reconhecendo que as pessoas, muitas vezes, não medem esforços para obter os bens alheios, sacrificando todos os valores morais que a sociedade como um todo tem como positivos, não poucos tirando a vida de quem fica no caminho.

Sendo assim, nunca abre mão de levantar suspeitas nos casos de crimes aparentemente sem motivação. Achava que, como tantas pessoas são assassinadas no volante de seus automóveis, muitos assassinos bem poderiam simular um assalto ao acaso, visando, contudo, atingir determinadas vítimas.

Sua pergunta inicial, questão que, no caso de Renato, ficou pendente, era a respeito de a quem aproveitava a morte do professor. A primeira hipótese levou-o diretamente à esposa, até que, abrindo-se o testamento, se revelou que ela praticamente fora alijada dos bens.

Seguiu, então, todos os passos dos assassinos, levantando o possível roteiro seguido por eles, desde que se apoderaram do automóvel. Cometeram três assaltos, ferindo a tiros duas pessoas, apropriando-se de tudo que encontraram de valor com elas. No terceiro assalto, levaram outro carro, abandonando o anterior bastante desfalcado.

A motocicleta jamais foi encontrada, concluindo Macedo que pertencia a um dos bandidos. Não havia testemunha que a reconhecesse, tão comum era dentre as que circulavam pela cidade.

Imaginou, então, que, após se apoderarem do veículo, os criminosos se deslocaram até um local seguro para esconderem a moto, seguindo ambos no carro em sua funesta atividade.

Segundo as vítimas subseqüentes, vários itens do automóvel não constavam no momento dos assaltos. Sendo assim, o desmanche se iniciara tão logo trocaram a moto pelo carro, o que só seria possível, pelo tempo decorrido entre o assassinato e o assalto seguinte, se várias pessoas tivessem tomado parte na atividade. Contudo, nenhuma impressão digital fora da família se encontrou, o que era sumamente estranho, porque indicava que haviam trabalhado de luvas.

Quando soube que Juvenal obtivera quase a metade dos bens, sendo a outra metade destinada a Lutécia, o detetive passou a investigar os jovens, verificando que ambos estavam matriculados regularmente em escolas particulares. O levantamento da frequência de ambos afiançava que só não haviam comparecido às aulas uma semana, justamente aquela em que o pai morrerá.

Avaliou também se ambos gozavam de boa saúde e se tinham antecedentes de indisciplina nas escolas, tendo recebido a informação de que eram muito sociáveis e estimados dos colegas. Não encontrando nenhum desvio de personalidade, Macedo aceitou o fato de que Juvenal costumava ir às festas dos amigos, enquanto Lutécia acompanhava as coleguinhas de escola.

Não nos esqueçamos de que o detetive fez todos os levantamentos antes de terminar aquele ano letivo. Se tivesse insistido no ano seguinte, teria facilmente concluído

que os irmãos não se matricularam em escola nenhuma. Apenas Juvenal se inscreveu num curso preparatório para os exames vestibulares, onde a frequência não era apurada, misturando-se entre as pessoas mais velhas do curso noturno.

Na semana que nos interessa mais de perto, a delegacia recebeu uma denúncia anônima de que, em tal bairro, havia uma casa em que entravam e saíam muitas pessoas, tudo indicando que se tratava de uma boca de fumo. A vizinhança parecia incomodar-se ou seriam rivais de outra quadrilha? Macedo foi designado para a *campana*.

9. ELVIRA

A instrutora encarregada do acompanhamento dos exercícios de Lutécia, como dissemos, era uma senhora de quase cinquenta anos de idade, formada em Educação Física, famosa por sua participação em um quadro na televisão em que ministrava aulas de condicionamento físico.

Cobrava muito caro mas fazia jus ao pagamento, responsabilizando-se por uma programação que não se limitava aos meros cuidados com a estética do corpo. Tratava também dos aspectos teóricos dos exercícios e, conforme os alunos, desenvolvia os temas mais ou menos de acordo com os conhecimentos adquiridos na faculdade. Acrescentava, portanto, lições de higiene geral e íntima, levando Lutécia a se interessar pelo valor dos alimentos, segundo as consequências para a saúde. Em suma, somava às atividades de treinadora, as de nutricionista, enfermeira, juntando a tudo orientações de como proceder respeitando a etiqueta das pessoas no trato social.

Não perdia a viagem, sempre tendo muito o que ensinar, ainda quando, por força de indisposições naturais, Lutécia não se apresentava em condições de praticar exercícios.

Elvira era discretíssima, jamais interrogando os alunos sobre problemas pessoais. Ouvia-os, porém, porque, simpática e confiável, se fazia confidente da grande maioria. Sendo assim, ia colhendo informações e compreendendo a personalidade de cada um.

No caso de Lutécia, a curiosidade da professora se instigava a cada nova revelação, já que ia caracterizando o caráter da mocinha em função dos acontecimentos que esta lhe ia narrando aos poucos. Não compreendia como se fechava em casa, respeitando a determinação de Juvenal, sobrecarregada com as tarefas domésticas. Via a necessidade de substituir Francisca por outra governanta mais jovem, mas calava-se, para não provocar uma rebeldia que poderia ser prejudicial às três.

Ficou sabendo que a mocinha comparecera a algumas reuniões no terreiro de umbanda e que, a pedido do guia, se afastara de lá.

Quando Francisca deu à moça o livro recomendado pelo Pai Benedito, coincidiu que lhe descera a menstruação, aproveitando a jovem para, como se fosse por acaso, deixar que Elvira visse a obra, dando-lhe a oportunidade para discorrer a respeito do tema religioso.

— Você está interessando-se por Espiritismo? — perguntou Elvira à moça.

Referiu esta a como lhe havia chegado o volume às mãos, devolvendo a pergunta:

— A senhora segue alguma religião?

— Eu frequento um centro espírita, onde exerço funções administrativas.

— Lá os médiuns ficam *tomados* pelos espíritos, como no candomblé?

— A gente diz que os médiuns *incorporam* as entidades que desejam manifestar-se.

Você gostaria de conhecer os trabalhos que realizamos?

— Vai ser difícil convencer meu irmão para me deixar sair à noite.

— Não precisa ser à noite. Existem muitas atividades que se dão durante o dia. Inclusive, há um curso de médiuns à tarde. Aulas teóricas e práticas.

— Quem frequenta esse horário?

— Senhoras, principalmente, donas de casa e algumas jovens mais ou menos de sua idade. As crianças são desaconselhadas de acompanhar esses ensinamentos. Para elas, nós reservamos outras ocupações.

— Eu acho que era isso que eu gostaria de fazer.

— Nós temos apostilas através das quais os instrutores ensinam o procedimento mais adequado para os médiuns. Se você me permitir, eu trago as duas ou três iniciais, você lê e decide se vale a pena acompanhar o curso. Eu acho que Francisca vai ficar muito contente em ir com você. Sempre ela fará um pouco mais de exercício e conversará com pessoas entendidas não só no que diz respeito à doutrina de Kardec, como também quanto ao que se passa nas sessões promovidas pelos pais e mães de santo.

Bem que Lutécia gostaria de explorar ainda mais esse lado da instrutora, mas esta, prudentemente, achou melhor parar por ali, mostrando para a adolescente quais os exercícios físicos que se podem realizar, sem risco de se comprometer a saúde naqueles dias.

Na verdade, Elvira achava que as cólicas bem poderiam ser aliviadas com o fortalecimento da musculatura na área do abdômen, desconfiando de que havia mais elementos psíquicos que físicos a provocar tal reação orgânica. Guardava para si, contudo, tais hipóteses e ia orientando os exercícios rotineiros no sentido de cumprir o objetivo de reforçar os músculos de sustentação dos órgãos reprodutores.

10. ÂNGELA

A professora das matérias do segundo grau, Ângela, era bem mais jovem que Elvira, não passando dos trinta e dois anos.

Ao contrário da mais velha, Ângela não se interessava em absoluto por nada além do que ministrar as aulas o melhor possível. No entanto, foi ela quem insistiu para que Juvenal assistisse às lições, sugerindo-lhe que trouxesse outros alunos ou alunas para facilitar a aprendizagem e para dividir os gastos, já que cobrava ainda mais do que os colégios mais caros.

Juvenal apostou no esquecimento da proposta e não se mexeu no sentido de trazer alguns colegas para a irmã. Entretanto, afiançou que o faria, renovando duas ou três vezes a promessa. Enquanto isso, seis meses haviam transcorrido sem que mudasse a situação.

Ângela era formada em Ciências Sociais, mas não tinha dificuldade alguma em executar a programação da primeira série do segundo grau, ministrando com desenvoltura tanto as aulas de Língua Portuguesa, quanto às correspondentes às ciências exatas e biológicas.

Não queria aceitar o encargo das aulas de Inglês, mas, dada a intransigência de Juvenal, para quem ou era tudo ou nada, acabou assumindo-as, precisando estudar para poder vencer os bons conhecimentos da discípula. De qualquer modo, deixou de lado a conversação e encaminhou-se para o estudo de textos literários. A par disso, indicou um curso avançado que Lutécia cumpria no computador, tirando as dúvidas nas salas de diálogos, em que era frequente, aproveitando-se das horas em que normalmente Juvenal não estava.

Ângela, finalmente, convenceu dois de seus alunos regulares a obterem reforço em suas aulas particulares. Eram pessoas abonadas, de sorte que os pais aprovaram a ideia de imediato, tendo em vista as notas baixas que vinham alcançando.

Na segunda-feira da semana em que se inicia a narrativa, estando Juvenal a assistir a aula, contou a professora que tinha mais dois alunos, demonstrando-lhe que haveria benefício para todos.

Juvenal não disse que sim nem que não. Solicitou informações a respeito de nomes e endereços, postergando a decisão para a quarta-feira.

Ângela aceitou a condição e, na quarta-feira, recebeu o alvará de Juvenal para que trouxesse o rapazelho e a moçoila, sem efetuar ele, contudo, qualquer observação.

Longe do irmão, Lutécia inquiriu a professora a respeito do adiantamento dos futuros colegas:

— Será que não vão atrasar a programação?

— Com certeza vão estranhar o ritmo. Mas eu sei que são inteligentes e você poderá ajudá-los. Não se esqueça de que quem ensina aprende bem mais depressa.

No dia seguinte, às quatorze horas, apresentaram-se João Alfredo e Norma, jovenzinhos de quinze anos, franzinos ambos, cerca de vinte centímetros mais baixos que Lutécia. Eram bastante tímidos, nem parecendo pertencer à esfuziante juventude atual.

11. RICARDO

Interessou-se Ricardo, um dos trabalhadores do centro espírita, pela história contada por Elvira, quando esta foi pegar as prometidas apostilas.

Ricardo era um senhor de meia idade. Em sendo solteiro, era cobiçado pelas senhoras que frequentavam a casa espírita, mesmo porque era afável e bem educado. No entanto, jamais dera motivo para nenhuma se aproximar afetivamente, tratando sempre a todas com respeito, como se a todas abrisse uma pequena fresta de seu coração.

Quando Ricardo soube que a moça era órfã e vivia sob a vigilância draconiana do irmão, imaginou se não seria a melhor política enviar um livro para Juvenal.

Elvira temeu que algo poderia antipatizar o jovem, levando-o a proibir a irmã de comparecer às aulas.

Ricardo, estranhando muito o receio da amiga, observou:

— Até parece que se trata de um bicho-do-mato.

— É o que ele é. Se não fosse tão prepotente, não manteria a irmã reclusa.

— Isso não é possível.

— Eu nunca cuidei de nenhuma mocinha em casa, sem que ela tivesse algum problema para acompanhar uma turma. A domicílio, só senhoras idosas para tratamento de algum desvio físico ou mulheres excessivamente ricas para não quererem misturar-se com a plebe.

— Quer dizer que esse rapaz está agindo de modo absolutamente fora dos padrões?

— Eu não gostaria, Ricardo, de levantar uma hipótese tão drástica. Digamos que ele tenha sofrido um trauma com o assassinato do pai e com a investida da mãe na herança deixada aos dois pelo pai. Existe naquele lar um problema que eu gostaria de desvendar, porque Lutécia é uma garota de extrema sensibilidade, ingênua demais para uma adolescente, em relação aos rapazes...

— Vai ver, Elvira, que ele não quer que ela seja assediada.

— Com certeza, como também não estaria seguro de si, no caso de ela se engraçar por alguém. Aliás, ela tem de cuidar que tudo esteja de acordo com a vontade do irmão, providenciando a limpeza impecável dos cômodos, a arrumação absoluta dos objetos, a despensa sempre repleta...

— Então, ela sai para fazer compras.

— Hoje em dia, a Internet resolve todos os problemas. Ela escolhe o que deseja através das lojas virtuais, paga através do cartão de crédito do irmão e, quando as encomendas chegam, uma das empregadas é quem confere e recolhe os produtos.

A par dos estranhos hábitos daquela casa, Ricardo ficou instigado a descobrir o que se passava no íntimo do tirano. Decidiu, então, ir pessoalmente levar-lhe um livro, correndo o risco de frustrar o plano de Elvira.

12. TIAGO E TADEU

Os sobrinhos de Francisca que moravam na casinha dos fundos da propriedade, Tiago, o mais velho, e Tadeu, haviam chegado à idade de constituir família.

Tiago conheceu uma jovem, médium no mesmo terreiro que frequentava a tia, e ambos perceberam que se dariam muito bem, apaixonando-se à medida que seu relacionamento se tornava cada vez mais íntimo.

Tadeu opôs alguns obstáculos, porque a casa que os abrigava não comportava mais uma pessoa, vendo-se ameaçado de ir morar fora. Por isso, antes que Tiago tomasse a iniciativa, adiantou-se ele a ir contar a novidade ao patrão.

Juvenal gostou da perspectiva. Aliás, vinha preparando-se para algum evento dessa natureza, tanto que tranquilizou o moço, afiançando-lhe que não precisaria preocupar-se, porque iria providenciar a construção de mais três cômodos.

O patrão foi um pouco mais longe, solicitando que os rapazes chegassem a um acordo quanto ao acréscimo, de modo que ficassem todos contentes e confortáveis. Sugeriu, além do mais, que as acomodações novas visassem a possibilidade de haver mais um matrimônio na família.

Havendo bastante terreno, os irmãos pleitearam a construção de mais uma casa, ainda que parede-meia com a antiga, cada qual com entrada independente.

Quando se deu o casamento, três semanas antes dos acontecimentos que importam à nossa narrativa, o novo prédio tinha ficado pronto conforme as reivindicações.

Natália, a recém-casada, trouxe tanta felicidade para Tiago que este resolveu não deixá-la mais trabalhar como tecelã. Francisca não estava muito velha? Então, se o patrão concordasse e se Natália aprovasse, ela iria ajudar a tia governanta.

Tal perspectiva surgiu três semanas após o casamento, de sorte que se preparava mais um episódio de nossa história.

Entrementes, Tadeu, presenciando todos os benefícios que o irmão estava usufruindo, passou a acompanhar a tia nas visitas ao pai de santo, entusiasmando-se com os trabalhos no terreiro, ganhando um atabaque para ver se assimilava o ritmo dos pontos cantados nas reuniões. Queria conseguir uma companheira, acabaria conquistando uma projeção na entidade, dada sua facilidade com o instrumento.

Solange, uma das mais belas jovens filhas-de-santo a serviço da espiritualidade, que havia muito esticava olhares para o moço, terminou por fazer amizade com ele.

Eis em que pé estavam as coisas quando se precipitaram os acontecimentos.

13. BRÚTUS, CÉSAR E MOCINHA

Mencionamos já os três ferozes cães de guarda. Precisamos descrevê-los para demonstrar o quão perigosos eram para qualquer pessoa.

Brútus, César e Mocinha eram da mesma ninhada, da amável espécie dos cães fila. Entretanto, permanecendo fechados durante todo o dia, sem treinamento especializado para se afeiçoarem às pessoas, aprenderam a ser selvagens.

De grande porte, com menos de três anos, os três ficavam separados em seus canis, unindo-se somente à noite, quando se assenhoreavam do terreno, dominando toda a parte dos fundos e do jardim, latindo fortemente para qualquer pessoa, animal ou veículo que farejassem.

Lutécia não encontrava coragem para sair quando estavam soltos. Apenas Juvenal, que os alimentava uma vez por dia, se atrevia a fazer-lhes uns afagos, ainda assim com as focinheiras e um de cada vez, sob a vigilância de Tiago ou de Tadeu, únicos cuja presença os cães aceitavam.

Quando da construção no fundo do terreno, por pouco um dos pedreiros não acabou atacado por eles, entrando inadvertidamente enquanto estavam soltos, apesar de ter sido bem avisado pelos tratadores. Foi tão grande o susto, que não voltou mais ao trabalho. Salvaram-no os moços que se aprestavam para recolhê-los.

A criadagem tremia de medo e não se aventurava jamais para perto das grades, embora não fossem recebidos com ferocidade. É que, de pé sobre as patas traseiras, eles chegavam quase à altura dos altos portões de ferro, maiores do que qualquer pessoa da casa.

Naquela semana decisiva para as nossas personagens, estando a cadela no cio, Brútus e César, nomes escolhidos por Renato, que tinha especial admiração pela cultura romana dos tempos clássicos, haja vista o nome dos filhos, estavam sobremodo inquietos, principalmente pela presença do lado de fora dos muros e das grades de uma grande quantidade de animais das vizinhanças.

Em tais circunstâncias, Mocinha permanecia presa noite e dia, ela mesmo ficando muito agitada, desejosa de dar curso aos apelos naturais do organismo.

14. TRAGÉDIA

Estando o Inspetor Macedo a investigar os movimentos noturnos das pessoas que entravam e saíam do ponto de fumo, percebeu que a organização era muito grande para uma pessoa sozinha dar conta de descobrir todas as ramificações da quadrilha, como ainda do envolvimento de alguma personalidade pública a dar cobertura para as atividades ilegais.

Expôs o problema ao delegado, que solicitou apoio para uma invasão com um contingente de policiais militares fortemente armados.

O plano previa a ação para a sexta-feira.

Na quarta-feira, vários acontecimentos se cumpriram.

Lutécia pediu ao irmão que permitisse que ela frequentasse as aulas de mediunidade. Juvenal assentiu, insistindo mesmo em que ela convidasse Natália para acompanhá-la.

Elvira, quando soube, no dia seguinte, da novidade, exultou de alegria. Desfazia-se a impressão tão má do rigor excessivo do irmão mais velho.

À tarde, tendo Ângela ficado com João Alfredo e Norma, Tiago, que, às vezes, substituía o motorista da família, fez que a mulher se sentasse ao seu lado no banco da frente, levando a patroa ao centro espírita, onde se encontrariam com Elvira e Ricardo.

No caminho, porém, foram atacados por dois bandidos de moto. Ambos se achavam de capacete e o que estava na garupa desfechou várias rajadas de submetralhadora contra as três pessoas.

Vários tiros atingiram o motorista e a esposa. Lutécia também foi atingida por três balázios certos.

O criminoso desceu da moto para levar o carro, porém, ao ouvir soar uma sirene nos arredores, retornou a seu lugar na moto e ambos desapareceram rapidamente no meio do trânsito.

Lutécia, Natália e Tiago estavam mortos.

15. UM MOMENTO DE PAZ

Pela violência do ataque, os três pereceram instantaneamente, de modo que não tiveram tempo para formular todo o quadro da desgraça que se abateu sobre eles.

Num ápice, chegaram muitos espíritos para dar atendimento às vítimas, dentre os quais Pai Benedito, que logo se entendeu com os protetores familiares dos três, providenciando para que se acentuasse a perturbação que sempre existe quando, de súbito, se transfere o ser para a espiritualidade.

Lutécia não custou a descobrir a devolução à sua natureza etérea, cuidando de solicitar aos espíritos que os atendiam que dispensassem especial auxílio a Tiago, afirmando que ele não tivera culpa nenhuma no acidente em que perderam as vidas.

Formado o quadro mental, logo os socorristas perceberam que ela não tivera noção alguma de ter sido baleada, entretida com a leitura da apostila para cujo estudo se preparava.

Tiago, sim, estava dando trabalho, porque buscava sacar um imaginário revólver para revidar os tiros, arma que, no campo material, portava deveras. No entanto, as coisas se passavam apenas em sua imaginação, repetindo-se, mais ou menos, as condições em que se viu Renato, quando foi atingido. Acrescentava-se, no caso, a extrema revolta quanto a ter sido ferida a esposa.

Mas os socorristas lhe aplicaram logo um fluido de contenção, espécie de anestesia, que lhe fez perder o controle do corpo espiritual, sem interferir nas reações meramente emocionais e intelectuais. Precisavam contê-lo para que não saísse, através da erraticidade, em busca de vingança.

Benedito dedicou-se a conferir a Natália vibração de muito carinho, tranquilizando-a quanto a se encontrar sob amparo de entidades de grande força e poder, segundo suas concepções umbandistas. Aliás, a única preocupação dela era a de confortar o marido, cuja agitação conseguia perceber e interpretar.

A bem da verdade, ainda iria passar algum tempo até que se assenhoreassem dos fatos que lhes haviam sucedido em toda a extensão de sua importância. Possivelmente, iriam lamentar a perda da oportunidade da realização de uma vida mais proveitosa. O que fariam, contudo, sem dúvida, seria agradecer a prontidão com que foram convenientemente reintegrados ao ambiente espiritual.

16. UMA SEMANA DEPOIS

Estando o Inspetor Macedo a avaliar o resultado da batida policial à *boca-de-fumo* da gente de Juvenal, recebeu outra denúncia, segundo a qual, no mesmo endereço, ainda havia estranha movimentação de pessoas.

Ele mesmo havia constatado que para lá afluía uma quantidade bem grande de pessoas, ao contrário do que comprovava o forte esquema policial no dia em que se invadiu a casa, quando foram detidos dois menores suspeitos de pertencerem à quadrilha e mais três usuários, todos encaminhados à delegacia, onde não puderam ser autuados por não portarem um grama sequer de qualquer tipo de droga.

Quem terá avisado os marginais? — era a pergunta obrigatória a que não conseguia responder, especialmente porque não fora identificado nenhum responsável, dentre os membros das corporações civil e militar, que daria cobertura à operação ilegal.

Para não correr o risco de perder o trabalho da investigação, porque sua figura ficou marcada na ocorrência por causa da cobertura que a imprensa e a televisão deram ao fiasco do aparato beligerante, solicitou Macedo ao chefe que designasse outro para efetuar nova averiguação, ainda mais porque estava empenhado em investigar o assassinato das três pessoas, cujo *modus operandi* se identificava com o que ocorrera dois anos antes no âmbito da mesma família.

Vários indícios apontavam para um plano de extermínio daquelas vítimas, ao contrário de simples latrocínio.

Quem sairia atirando com uma arma tão poderosa no meio do trânsito para roubar um automóvel, quando os puxadores profissionais agem com extrema calma nas ruas sossegadas, na calada da noite?

Naquele dia, de manhã, tendo telefonado para o Doutor José, marcou com ele uma entrevista para dar conta do que havia conseguido naqueles nove dias de pesquisas, já que o tutor da menor assassinada se empenhava junto às autoridades no sentido de ser o mais cedo possível esclarecido o triplo homicídio, temendo pela vida do sobrinho.

Dos suspeitos pelo assassinato do Doutor Renato, apenas restou o padrasto de Lutécia, uma vez que a mãe e o irmão da mocinha não teriam nada a ganhar com a morte dela, no sentido de receber maior parte da herança deixada pelo pai. Que vantagens poderia auferir ele com o crime era o que desejava Macedo inquirir ao advogado dos jovens.

O que Macedo desconhecia era o fato de ser Juvenal o chefe daquela quadrilha. Tendo o sepultamento dos três corpos ocorrido na tarde do dia da invasão, o rapaz dispensara os asseclas, impedindo-os de exercer o tráfico em sua ausência.

17. TADEU INVESTIGA

Inconformado com a morte do irmão e da cunhada, Tadeu procurou Juvenal para traçarem um plano para descobrir os assassinos.

— Você há de compreender, disse-lhe o patrão, que, se acharmos os bandidos, temos de denunciá-los à polícia, porque, se tomarmos a peito a vingança, acabaremos tão assassinos quanto eles.

— Você vai ver que eles vão querer atirar na gente e aí a gente só se defende.

— A arma que está com você vai me causar problemas. A polícia está questionando o registro da que estava com seu irmão. O curso para seguranças que vocês fizeram era clandestino. Se a gente se meter a investigar, vamos provocar os investigadores. Eu acho melhor deixar meu tio cuidar disso com o delegado do distrito.

— E se eu for desarmado?

— Se você for aonde? Que pista eles deixaram? Se nem mesmo a polícia sabe quem poderia ter sido.

— Eu vou começar perguntando aos guias do terreiro. Eles devem saber de tudo.

— Faça isso. Por mim, tudo bem. Mas qualquer coisa que você ficar sabendo, venha logo me contar. Certo?

— Certo.

O que Tadeu não contou é que ele pretendia sair com um dos cães, confiando na valentia irracional da fera.

Estavam eles no mesmo dia em que Macedo ia encontrar-se com o Doutor José. Assim que terminaram de conversar, lá pelas dez horas da manhã, Tadeu pôs a focinheira no César e levou-o ao local em que se deu o crime.

O rapaz estava meio perdido, sem saber direito o que poderia fazer. De qualquer modo, fez que o animal sentisse os odores por ali, como se uma semana após o crime, algo pudesse ter permanecido no meio da rua que denunciasse os assassinos.

César não deu sinal de haver notado nada de particular.

Dali, o rapaz foi até a delegacia onde se achava recolhido o carro. Identificou-se como irmão do morto e os policiais, à vista de sua determinação e do porte do cachorro, permitiram que ele vistoriasse os odores que o cão pudesse perceber na viatura.

Dentro do carro, num saquinho de plástico jogado sobre o assento, as cápsulas que foram recolhidas na rua. Com cuidado, Tadeu abriu o pequeno pacote e deu ao cão para cheirar. Subtraiu cinco, sem tocar com a mão, envolvendo-as em seu lenço.

Era uma pequena esperança, mas, em sua ânsia por descobrir quem causara a tremenda tragédia em sua família, levando, inclusive, a tia a uma crise de choro irreprimível, Tadeu confiou em que o cão seria a chave para solucionar o crime.

18. O ENCONTRO

José não estava muito interessado em conversar com Macedo. Sabia que, se houvesse qualquer novidade, receberia a informação por telefone. Sendo assim, não punha fé em que pudessem achar pistas para a decifração do mistério apenas entendendo-se sobre hipóteses. De qualquer modo, atendeu à solicitação do detetive e ambos se encontraram na própria delegacia, por insistência do advogado, que estava deseioso de obter esclarecimentos do próprio delegado.

Após os cumprimentos formais, Macedo explicou:

— Estamos chegando à conclusão de que, se não foi o amante da mãe, cuja motivação não está clara para mim, deve ter sido uma enorme coincidência de dois crimes idênticos envolvendo pai e filha.

José foi um pouco além:

— Pode tirar isso da cabeça porque a pessoa em causa não vai ganhar nada com a morte de minha sobrinha, nem ele nem os filhos dele. Se a mãe quisesse matar o marido, o que sua vida tranquila impede de suspeitar, vá lá. Mas que ela desejasse a morte da filha, uma criatura meiga e inteligente, verdadeira dona de casa aos dezesseis anos, virtuosa e prendada, isto só uma imaginação degenerada conseguiria conceber. Quanto a ser uma coincidência, só vou acreditar depois de se prenderem os autores. Quer saber, Macedo, o que eu penso, de verdade? Vocês se perderam investigando os herdeiros quando meu irmão foi morto e se esqueceram de que ele defendia gente ruim. Quem me diz que ele não deixou algum cliente insatisfeito, pessoa da pior laia para se vingar do pai nele e na filha?

Macedo coçou a cabeça e meditou um pouco antes de responder. Temia perder a confiança e a boa vontade do outro. Mesmo assim, arriscou:

— Essa hipótese, com perdão do meu amigo, é tão extravagante quanto a minha, haja vista que, em primeiro lugar, o carro, no caso de seu irmão, foi utilizado para uma série de assaltos; em segundo lugar, não consta que houvesse nenhuma ameaça, nem da primeira vez, nem da segunda, nenhuma promessa de vingança que pudesse levar o Doutor Renato a tomar as precauções que se tomam numa situação dessas. Não consta, ao menos, um único fato dessa natureza.

— Vocês conseguiram alguma testemunha?

— Há uma pessoa que trabalha no terceiro andar do outro lado da rua que observou a cena do crime logo após ter ouvido as rajadas de metralhadora. Quando olhou pela janela, viu que o criminoso já voltava para a moto, tendo ouvido a sirene que deve tê-lo assustado.

— Essa gente não se assusta. Ele agiu com tamanho sangue-frio que tal suposição não cabe. Achou que não daria para assumir o volante ou que o trânsito estava muito ruim para levar o carro. De moto, eles saíram costurando por meio dos veículos, podendo desaparecer da vista de quem, de algum modo, pudesse ligá-los aos disparos. Mas essa testemunha pode ser importante no sentido de reconhecer o veículo e de caracterizar os tipos físicos dos assaltantes.

— Como o senhor está percebendo, alguma coisa nós conseguimos. Pode deixar que vamos explorá-la o mais possível. Mas o que eu queria saber é se nenhum herdeiro...

— Por favor, não coloque o meu sobrinho na cena do crime. Nem o marido de minha cunhada. O que vai acontecer é que o espólio de meu irmão ganhou mais um complicador e vai dar oportunidade a que o juiz estabeleça novos prazos até decidir como se vai dar a partilha, segundo a vontade de meu irmão. Por outro lado, o que a criadagem e as pessoas que estavam na casa adiantaram a respeito de os três estarem fora em um horário em que Lutécia deveria estar tendo aula? Estou sabendo que isso nunca aconteceu antes. Como é que os criminosos poderiam estar esperando para atirar em pessoas marcadas para morrer? Não está aí um indício claro de que foi o acaso que levou os criminosos a escolherem os três infelizes?

— O senhor já conversou com a Professora Elvira?

— Eu só falei com Ângela e os dois alunos. Com Elvira, só troquei algumas palavras durante o enterro. Ela estava emocionada demais, dizendo que, naquela hora, esperava minha sobrinha no centro espírita. Teria ela ou qualquer outra pessoa dado com a língua nos dentes, oferecendo aos criminosos a informação que tão poucas pessoas sabiam? Que foi que o senhor averiguou?

— Eu marquei com ela e o responsável pelo centro...

— Um tal de Ricardo...

— Esse mesmo. Nós vamos nos encontrar lá no centro, que eu quero saber quais pessoas estavam lá. Pode ser que se descubra algum vínculo entre alguma dessas pessoas e os assassinos.

José concluiu que as investigações estavam apenas em seus primórdios e se retirou sem conversar com o delegado. Queria ele mesmo ir atrás da testemunha da janela, mas essa intenção escondeu do detetive.

19. A REVOLTA DE RENATO

Ao despertar do torpor em que estivera imerso durante os últimos dois anos, Renato soube logo que estava de volta à pátria espiritual, porquanto reconheceu a esposa, Marilu, e outros parentes, inclusive espíritos com que convivera em existências terrenas anteriores.

De início, sentiu-se confortado e agradecido, julgando-se agasalhado em círculo de melhor evolução. No entanto, bastou que os acontecimentos de sua derradeira existência perpassassem pela memória, para compreender que desleixara os deveres da moralidade superior, cedendo sempre aos disparates da voluntariedade, porque não reverteu os males em bens.

Consternado ficou, principalmente, quando não conseguiu identificar os autores dos balázios recebidos em plena via pública. Precisaram os protetores, através de Marilu, demonstrar que ele havia agido apenas mentalmente na busca dos executores e que, desde que morrera, estivera sob os cuidados médico-espirituais de uma turma de socorristas. Acordava, pois, da longa letargia induzida, ainda sob efeito narcótico dos plasmas que lhe eram ministrados, para iniciar tratamento de caráter psicológico.

Renato era inteligente e compreendeu logo as explicações de Marilu, muito especialmente quando fez ela referência ao perigo que se evitou de enfrentar as forças exteriores, caso sáísse a peregrinar pela erraticidade. Para demonstração do que afirmava, precisou a orientadora recorrer às lembranças dos fatos desagradáveis que redundaram em comportamentos bem pouco condizentes com os ensinamentos de Jesus, os quais Renato bem conhecia. Foi assim que lhe foram apresentados diversos quadros em que reagia de modo brutal, sempre desejoso de ferir os agressores, mas voltando-se contra si mesmo, como que punindo-se, como nos desregramentos sexuais a que se entregou após o falecimento de Marilu e nos excessos de bebidas alcoólicas, após o abandono de Terê.

Estava nesse momento da recuperação, quando sentiu forte apelo vibratório para se apresentar perante a filha, cuja lembrança não se mantinha muito vivaz, mas que, através de uma indução psíquica, acabou reconhecendo como antiga amizade do etéreo, a quem prometera dar assistência e acompanhar na qualidade de progenitor. Recordou-se com extrema emoção da primeira infância da menina, quando a cercava de carinhos e brinquedos. No entanto, essa fase de amor paterno se encerrou bruscamente, relegando a filha a uma condição de abandono e infelicidade, à vista de Terê haver partido com outro.

Embora não estivesse ainda em condições de aceitar os horrores do assassinato, fez questão de presenciar o recolhimento do espírito da jovem, comovendo-se ao perceber que a violência do crime era gratuita e sem nenhuma justificativa. Via o homicídio com olhos terrenos e media a injustiça da ação pelos padrões das leis dos homens, que ele tão bem conhecia.

Incapaz de sopesar a possibilidade de transformar a injustiça em ato de benemerência através da necessidade de ajudar os assassinos, sentiu-se prejudicado, colocando-se no centro dos acontecimentos, como se sua atitude de benignidade em relação a Lutécia é que fora tornada sem efeito. Via o seu mérito mas não percebia as

válvulas de escape para a compreensão do indulto à pena que cominava contra os algozes, esquecido de que ele mesmo defendera tantos bandidos junto aos tribunais humanos.

Depois de algum tempo é que consultaria a devotada protetora, recebendo dela a explicação de que agira tão insensatamente porque a consciência o acusava de não se ter preocupado em vida com a verdade, mas tão só com o uso da palavra e do pensamento, com o fito de amenizar os aspectos mais violentos dos clientes.

Naquele transe, diante da filha ainda iludida quanto à tragédia que a atingira, porque pedia por Tiago, para que não fosse acusado de haver causado o acidente, Renato precisou de nova assistência dos socorristas, desta vez realizada sem que lhe ministrassem o remédio alienante, mas outro fluido mais ameno que lhe paralisava o perispírito, sem impedir de comunicar-se inteligentemente com o mundo exterior. Era como se tivesse sido amarrado.

Nesse estado, inquiriu a respeito dos autores dos crimes, mas obteve como resposta apenas a promessa de que, quando estivesse em condições de reagir com calma, sob o predomínio da razão e não de sentimentos subalternos, iria entender toda a extensão de seus dramas, dele e da filha.

A seu lado, Marilu orava contrita, agradecendo aos guardiães a permissão de prosseguirem juntos, o marido e ela, naquela jornada de aprendizado. Solicitava, ainda, que Lutécia se reunisse ao grupo, assim que possível, já que teria discernimento suficiente para trazer novos conhecimentos ao pai, no âmbito das virtudes que faltavam a ele.

20. FRUTÍFERAS PESQUISAS

Macedo, na tarde do dia em que conversou com José, foi até o centro espírita para ouvir Ricardo e Elvira. Haviam combinado o encontro, de sorte que constituiu surpresa não ter sido recebido por nenhum dos dois. No entanto, pôde palestrar com as pessoas presentes, instrutora e alunas do curso de mediunidade.

A informação mais importante que recebeu foi quanto ao fato já de seu conhecimento de que não haviam jamais visto a mocinha em apreço. Eram moças e senhoras donas de casa, inclusive a instrutora, médium que trabalhava ali há vários anos.

Inquiriu sobre os ausentes e só ouviu elogios relativos à dedicação de ambos ao atendimento das pessoas pobres a que o centro assistia.

Não tendo nada mais marcado para aquele período, deixou-se Macedo ficar, curioso de saber como é que os espíritas se instruíam relativamente à incorporação dos espíritos.

Recebeu um exemplar da obra que portava Lutécia e foi convidado a participar da aula, efetuando a leitura dos textos que eram explicados pela professora.

Falava-se sobre a confiabilidade das informações obtidas por via mediúnica, concluindo-se, provisoriamente, que deveria ser a mesma que cada pessoa deve atribuir às suas intuições, as quais, disse a instrutora, poderiam ou não ser fruto da contribuição dos protetores ou guias.

Foi assim que Macedo teve a ideia de que a morte de Lutécia poderia ter sido uma contingência de estar no carro, quando os assassinos estariam visando ao motorista ou à esposa deste. Pareceu-lhe uma hipótese viável, ainda mais porque imaginou que o caszinho poderia ter frustrado alguma paixão doentia.

Sabia o detetive que Francisca se fazia acompanhar dos sobrinhos para ir ao terreiro, conhecendo um pouco da história dos amores de Tiago e Natália.

Quem sabe, pensou lá consigo, algum mequetrefe não se sentiu traído?

No finzinho da aula, quando se preparavam para a oração de despedida, chegou Ricardo, trazendo um constrangido pedido de desculpa pelo atraso, explicando a razão deste. É que havia ido à delegacia acompanhar uma mãe aflita, cujo filho havia sido preso em flagrante assaltando uma residência, detendo a família, com um comparsa, por mais de quatro horas, enquanto negociavam com os policiais as condições da rendição. Elvira havia ficado lá, providenciando para que a infeliz visse os acontecimentos com a mente aberta pela doutrina espírita.

Macedo logo se inteirou de que os bandidos eram muito jovens, tendo sido surpreendidos pelos reféns, que conseguiram avisar os vizinhos e estes a polícia. Insistiu, contudo, junto a Ricardo, se era do seu conhecimento se possuíam ou se tinham sido vistos com uma motocicleta. Diante da negativa peremptória do responsável pela instituição de assistência espiritual, concentrou-se na possibilidade de haver alguma desavença no terreiro.

Ricardo não tinha conhecimento de nada que envolvesse Tiago, menos ainda do que se passava na casa umbandista. Contudo, forneceu o endereço dela e o nome de alguns pais e mães-de-santo responsáveis pelas atividades ali.

Naquela noite, Macedo ouviria muitas lamúrias pela perda da jovem médium, pessoa queridíssima de todos, mas não levantou uma denúncia sequer contra ela ou o marido. Ao contrário, o povo insistiu junto ao investigador para que prendesse os criminosos, porque gente assim não servia para viver em sociedade.

Durante os trabalhos, foi-lhe permitido perguntar à entidade espiritual incorporada se poderia informar algo que favorecesse a captura dos assassinos.

Pela voz da médium, Pai Benedito disse-lhe:

— A limpeza do coração das pessoas, *zim fio*, é obra do tempo.

21. A BOCA DE FUMO

Carecia que a polícia desfizesse o fiasco da batida que levava a cabo contra o antro em que se traficavam as drogas.

Os bandidos puseram na conta da sagacidade de seu chefe o fato de se terem livrado do flagrante. Entretanto, não lhes bastava o ridículo da corporação que perdera tempo e oportunidade; precisavam conhecer quem os denunciara, porque era claro que alguém o fizera, caso contrário a ação policial não teria sido tão bem planejada e tão completa.

Naqueles dias em que Juvenal delegara ao segundo no comando a responsabilidade de cuidar de tudo, resolveram que deveriam descobrir os autores. Por conta da investigação que iriam realizar, ligaram para a delegacia, dizendo que os viciados ainda estavam reunindo-se naquele local.

Estrategicamente situados, foram anotando todos os que compareciam, crenes de que a esses não poderiam acusar. Por outro lado, puderam também conhecer como é que os investigadores se postavam para a averiguação da denúncia.

Nem toda a clientela se apresentou, que a notícia saía estampada nos jornais, mas alguns incautos acabaram sendo registrados pela câmara fotográfica dos detetives.

Sem o chefe, não ficaram seguros de que tinham tomado a melhor decisão. De qualquer forma, era preciso retornar às atividades e isso os levou a considerar a possibilidade de convocar Juvenal para uma reunião, apesar de correrem o risco de desagradar o terrível protetor.

O lugar-tenente no exercício da chefia, único que recebera instruções de como localizar Juvenal numa emergência, pôs em execução o plano e ambos se encontraram na escola em que o rapaz se matriculara.

É preciso que façamos referência a um fato importante: Juvenal se transferiu para o período da manhã, alegando que à noite poderia muito mais facilmente sofrer um assalto como aquele que vitimara o pai e a irmã. Na verdade, percebera que, pelo fato de não se ocupar senão da administração financeira doméstica, deixando o grosso dos negócios sob a responsabilidade do tio, seu tutor, enquanto não se resolvessem os problemas da herança, não se justificava que cursasse um período de aulas cujo nível sabidamente era bem mais fraco.

Na manhã do dia seguinte em que Macedo estivera no terreiro, encontraram-se os delinquentes em meio aos numerosos alunos que saíam no horário do recreio. Procuraram um lugar em que poderiam conferenciar à vontade e discutiram os temas da pauta do preocupado capataz.

Depois de Armando narrar pormenorizadamente o que haviam feito, Juvenal recomendou-lhe prudência e cuidado:

— Vocês devem parar com a *campana*. Não importa quem tenha *dedo-durado* a gente. O ponto está perdido e não pode ser aproveitado por ninguém. Quem está vendendo ainda?

Armando relacionou cinco dos oito *aviões*.

— Pois bem, que eles prestem conta da *gaveta* ou que paguem antecipadamente. Como está o *montante*?

— Está no fim. Vamos ter de conseguir mais.

— Você viaja e leva o dinheiro. Pague metade da encomenda. Mas não acompanhe a mercadoria. Leve o *Panaca*. Ele vem junto do *comestível*. Quando entregarem na rodoviária, você dá o dinheiro que falta. Não é difícil mas é preciso ficar atento, porque os *meganhas* estão querendo ganhar fácil o que pra nós é arriscado. Depois você distribui, sempre mandando um *avião sem carga* pra experimentar o *aeroporto*. Só trabalhe na segurança. Deixe o *Lindinho* tomando conta. Você não dê *bandeira*. Se os *caras* pegarem a gente agora, eles vão fazer a casa cair. Eu estou sabendo que você ia fazer tudo certo, mas repeti pra ter a certeza que me entendeu. Agora vá embora sem chamar atenção. Aqui está cheio de clientes. É bom que eles não vejam a gente junto. Quem sabe algum conheça você ou eu e ligue as coisas...

Enquanto Armando desaparecia no meio da multidão, Juvenal se dirigiu à cantina da escola, tentando reconhecer algum policial infiltrado no tumulto dos grupos bulhentos.

22. A ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA

Com o carro recolhido ao pátio da delegacia, Juvenal optou por dispensar o motorista, concedendo-lhe todos os direitos legais, acrescentando mais dois meses de salário integral. O pobre homem não queria outra coisa, temeroso de poder ser a próxima vítima junto com o patrão, que aquela família estava assombrada. Solicitou uma carta de recomendação e foi embora.

Sendo assim, o rapaz passou a utilizar-se de uma linha de coletivos que lhe facultava viagens tranquilas de ida e de volta, porque não era longe a escola.

No percurso entre o *cursinho* e o ponto de ônibus, naquele mesmo dia em que se encontrou com Armando, foi abordado por uma moçoila de, no máximo, quatorze anos, que, sem dizer palavra, lhe entregou um telefone celular, fazendo sinal para que aguardasse uma chamada.

De fato, nem deu quatro passos e já vibrou o aparelho. Ao atender, uma voz imperativa recomendou-lhe:

— Juvenal, preste atenção no que vou dizer. Não pergunte nada. Só responda. Entendeu?

— Sim.

— Você deve ficar longe das coisas no próximo ano. Enquanto isso, estude o mais que possa e entre na melhor faculdade que conseguir. Você vai receber uma mesada razoável para substituir os ganhos que vai perder. Depois, nós iremos indicar-lhe algo importante para fazer dentro do clube. Se você estiver à altura, irá longe. Já providenciamos sua substituição junto aos comandados. Esqueça-se deles. Você passou por momentos muito difíceis com a morte do pai e da irmã. Nem por isso se deixou abalar. É isso que queremos. Mas ainda estão investigando os assassinatos e alguém pode esbarrar em você. Estamos dando cobertura. Você quer que despachemos os assassinos?

— Você acha que...

— Só responda.

— Quero, se isso não envolver a polícia.

— Não se preocupe com a gente. Você irá receber o dinheiro em *cash*, sempre por um *aviãozinho*. Agora você vai devolver a ferramenta. Jamais tente entrar em contato conosco.

O telefonema se encerrou e a mesma menina, sem pressa, aproximou-se dele e levou o celular.

Tudo foi tão rápido que o rapaz se sentiu alheio ao que se passava ao derredor.

Naquele início de tarde, foi de táxi para casa.

23. O IMPONDERÁVEL

Vamos fazer um exercício de reprodução da mente conturbada de Juvenal raciocinando a respeito dos eventos dos derradeiros dez dias:

“Se eu tivesse... desde que soube... os fusos horários... minha irmãzinha doce e prestimosa... substituição... fazer valer minha carta de motorista... liberação do veículo... delegacia... dinheiro que vem fácil... dificuldades... subjugação... Armando deve estar estranhando... colocar vidro à prova de balas... meu tio não deve saber... Tadeu batendo a cabeça por aí... sintomas de agonia... submetralhadora e munição para... alimentar os cães... Francisca não serve para mais nada... necessidade de exterminar o casal... luto e febre... Faculdade de Turismo... exame de habilitação... *hackers* e *furos* nos *sites* bancários... não ser dono do próprio destino... minha mãe e minhas irmãs... genomas, ADN, cromossomas... não do mesmo jeito... manter as professoras... assistir às aulas... ler sem decorar... estipular horários...”

Apesar da velocidade com que passava de um tema a outro, eram todos recorrentes, voltando a passar pela mente sem solicitação da vontade. De positivo, como realização que alterou sua vida, pediu a Ângela que continuasse ali dando as aulas aos dois alunos, porque pretendia assistir a todas. Poderia trazer mais dois ou três: não tinha importância que a matéria a ser dada ele já houvesse estudado, pois refrescar a memória com os tópicos básicos parecia-lhe importante.

Também dispensou todos os empregados, conservando apenas Tadeu com a tia, esta por estar velha; aquele por ser o único que restara capaz de dar conta de recolher os cães pela manhã.

Quanto à Professora Elvira, não encontrava desculpa para obter dela cooperação no sentido de continuar frequentando a casa na qualidade de profissional da área de Educação Física. No entanto, considerava importante realizar exercícios que o mantivessem saudável. De qualquer forma, tinha de conversar com ela, pagar-lhe o que lhe devia e sondar-lhe as pretensões ao levar Lutécia ao centro espírita.

À tarde do dia do contato com a organização, ligou para a professora e combinaram encontrar-se à noite, justamente no centro a que ela se dedicava.

— Tio, o senhor vai comigo? — perguntou Juvenal ao telefone.

— Por que você quer que eu vá também?

— Estou muito só nesta casa imensa, ainda mais agora que nem empregados tenho.

A Francisca desapareceu e o Tadeu fica conversando com os cães, como se eles tivessem respostas para lhe dar. Eu nem chego perto. Fico olhando da janela.

— Por que você não vem morar comigo?

— Nem pense nisso. Eu estou bem aqui. Tenho a Internet e os canais pagos, com os filmes que me agradam.

— Eu sei: os *thrillers* de *suspense*, os dramas e documentários de guerra...

— O senhor andou olhando a minha videoteca...

— Eu conversava sobre isso com sua irmã, coitadinha.

Naquela noite, José e Juvenal chegaram juntos ao encontro com Elvira.

24. DE COMO JUVENAL SE ENTENDEU COM ELVIRA

O resultado da entrevista entre Juvenal e Elvira foi notável, embora se resolvesse ali que o rapaz só iria receber duas visitas semanais da professora. Assim mesmo, houve uma condição imposta por ela:

— Você irá frequentar uma academia para tonificar sua massa muscular. O que eu irei fazer será, mais ou menos, o que vinha realizando com Lutécia, ou seja, um trabalho muito mais de educação do que de treinamento. Se você estiver disposto a estudar, passo-lhe tópicos relativos às diversas áreas do currículo universitário, inclusive noções de anatomia. E poderemos conversar também a respeito de como o espiritismo situa o corpo perante o espírito.

Era o gancho de que necessitava o jovem para perguntar sobre um dos temas de seu interesse, curiosidade que se aguçara depois da morte da irmã:

— Você deve ter conversado bastante com Lutécia a respeito dessas coisas, tanto que foi convencida a vir ao centro.

— Na verdade, falamos muito pouco sobre a teoria. O que me fez convidá-la a frequentar o curso de mediunidade foram as sensações desagradáveis que sentiu nas vezes em que compareceu ao terreiro do Pai Benedito. Especialmente, intrigou-a a consideração do guia que recomendou que se afastasse dos trabalhos daquela instituição, indicando-lhe o caminho do kardecismo.

— Quer dizer que ela conversava com as almas dos mortos?...

— Vocês nunca falaram a respeito?

— Eu e minha irmã não tínhamos grandes colóquios. Mais jovem que eu três anos, nossos interesses eram muito diferentes. Ela não passava para mim de uma menina.

— No entanto, como dona de casa, era estupenda.

— Sem dúvida, professora. Eu preciso reconhecer que está fazendo muita falta, tanto que vou precisar de uma ou duas pessoas de confiança para substituí-la. Até estava pensando em ir procurar junto aos evangélicos. Mas, pensando bem, entre os espíritas deve haver gente necessitada de emprego.

— Você quer que eu mande alguma senhora responsável? Posso prometer uma dessas que se dedicam ao emprego com honestidade e discernimento, coisas que por aí raramente andam juntas hoje em dia, mas que no movimento espírita é muito frequente.

— Pode mandar, mas meu tio é quem irá avaliar se serve ou não para tomar conta da casa.

— Vou perguntar ao Ricardo e, se encontrar alguém, encaminhado. Está certo assim?

— Ótimo.

Nem José nem Ricardo ouviram o diálogo, entretidos em outra sala com a discussão de alguns tópicos levantados pela desconfiança religiosa do advogado.

Juvenal insistiu:

— Minha irmã se entendia com os mortos?

— Ela pretendia tornar-se médium, mas seguindo um caminho seguro, conforme os ensinamentos de Kardec, o qual, você sabe, escreveu *O Livro dos Médiuns*, justamente com essa finalidade, ou seja, de aprimorar as tendências dos sensitivos para reconhecerem a qualidade dos espíritos que se comunicam, através da análise de suas mensagens, além, é claro, das sensações morais e físicas que são capazes de passar aos encarnados. Se você estiver interessado, poderá ocupar o lugar de sua irmã no curso da tarde, ou acompanhar o curso que o centro proporciona à noite.

— Vou perguntar diretamente o que mais tenho curiosidade: meu pai ou minha irmã são capazes de vir conversar comigo através dos médiuns?

— Dificilmente. Eu acredito que, salvo melhor juízo, dada a natureza violenta da morte que sofreram, eles estão muito perturbados na pátria espiritual, enleados ainda nos problemas de readaptação às condições normais de quem está na erradicidade. Este assunto é muito extenso e eu não quero dar-lhe nenhuma ideia errada. Ao contrário do que eu disse, o seu pai e sua irmã podem ser espíritos muito evoluídos. Neste caso, já conscientes do que lhes sucedeu, estão muito mais interessados em sua evolução para a esfera mais adiantada do que em voltar para junto de nós para contar suas experiências.

— Quer dizer que, se fossem atrasados, estariam perturbados e, se fossem adiantados, não estariam dando importância nem mesmo a quem lhes roubou as vidas?

— Teriam compreendido e perdoado. Só vou adiantar-lhe mais uma hipótese: se fossem muito atrasados, nem notariam que estavam mortos, prosseguindo lá como se estivessem aqui. Mas isto é muito complicado para lhe explicar, sem que você tenha, ao menos, lido *O Livro dos Espíritos*. Nós temos aqui exemplares para emprestar. Quer levar um?

— Pode ser.

Foi assim que, de volta ao prédio vazio, Juvenal portava algumas apostilas e a obra de Kardec.

25. CONVERSANDO NO CARRO

Tio e sobrinho saíram do centro um pouco depois de se iniciar uma sessão reservada de desobsessão. Bem que o Doutor José queria presenciar a reunião, mas Ricardo não permitiu, alegando que ele não se manifestara ainda simpático à doutrina espírita nem possuía conhecimentos específicos. Viesse às palestras doutrinárias, quando eram todas as pessoas admitidas, inclusive para os *passes*.

José tinha a vaga noção de que, nas sessões de *passes*, as pessoas recebiam vibrações ou fluidos, mas não conseguia caracterizar o que seriam tais energias ou forças da espiritualidade. Era sobre isso que conversava com Ricardo, enquanto Elvira instruíra Juvenal.

No caminho da volta, tiveram a seguinte conversa:

— Tio, o senhor acha possível que as pessoas se tornem espíritos depois que morrem?

— Eu não digo que sim nem que não. Não vejo muito interesse em saber qual o nosso destino depois da morte.

— E se a gente for parar no inferno?

— Que inferno, que nada! Nem céu e muito menos purgatório.

— Então, o senhor não acredita em nada.

— Eu não acredito nessas ideias que metem nas cabeças das crianças, para assustar, e dos adultos, para pagarem o dízimo nas igrejas e templos.

— Quer dizer que o senhor acha que, quando a gente morre, nada do que se fez aqui se reflete do outro lado?

— Veja bem, Juvenal. Tudo que acontece de errado com a gente repercute em dois lugares diferentes: ou na carne ou na mente. Quando é na carne, a gente sente dor. Quando é na mente, a gente sofre uma porção de males puramente metafísicos, vamos dizer assim. E todos estes males se refletem também no corpo. Um filho doente preocupa os pais, principalmente se eles não têm dinheiro para levar a criança ao médico ou para comprar remédio. Uma pessoa abandonada pelo cônjuge é capaz de praticar até um homicídio ou suicídio, quando não as duas coisas juntas. Muita gente sente tanto ódio que perde a saúde. Tenho visto isto a vida toda no escritório.

— Tudo bem que seja assim. Mas a que leva isso?

— É simples. A gente morre e o corpo já não causa mais nenhum mal-estar ao indivíduo. Se existe alma e ela vai para o lugar das almas, vai levar consigo as impressões, a memória, os sentimentos, ou seja, pode continuar com aqueles sofrimentos da mente ou do coração, se você preferir. Neste caso...

— Entendi aonde o senhor quer chegar: a pessoa que está com algum problema mental, quando morre, continua com o mesmo problema. É isso?

— Sim. Para não ter nenhum problema do lado de lá, não tenha nenhum problema do lado de cá. Isto quer dizer que as pessoas que só fazem o bem não têm o que temer. As

que prejudicam os outros, caso tenham consciência do mal que praticaram e se arrependem, vão levar esse sentimento para lá.

— E quem não tem remorso de nada do que faz? Eu vi assassinos dando entrevistas na televisão que diziam que, se os soltassem, matariam de novo. Esses não vão sofrer do lado de lá.

— Não com dores de consciência, mas, se o seu desejo é continuar matando, como é que vão ficar satisfeitos se do lado de lá ninguém morre? Vão ficar perseguindo as sombras de seu passado.

— Quer dizer que não vão ficar tão bem quanto aqueles que levam a consciência tranquila?

— Segundo a minha maneira de pensar, não.

— E se não existir alma?

— A nossa conversa não terá nenhuma razão de ser.

— Os espíritas dizem que existem almas e que elas vêm conversar com os vivos. Isso é possível ou são as pessoas que inventam?

— Meu caro, se eles inventam ou se elas vêm conversar, eu não acho relevante. Pode ser que eles inventem e que elas não venham conversar. Isto não impede que existam espíritos e que cada um de nós tenha uma alma. Mas aí, em se acreditando na existência das almas, devemos pensar como os católicos e os protestantes, os quais remetem os seus mortos para a beatitude paradisíaca ou a fogueira infernal, para sempre. Você vai ter de esperar que haja uma salvação, se quiser livrar-se das garras dos demônios.

— Estou pensando na Lutécia. Se ela ainda existe, onde o senhor acha que ela está?

— Você quer saber se eu acho que ela foi para o céu?

— O senhor já disse que não acredita em céu, em inferno e em purgatório. Eu quero saber se ela está bem ou se está sofrendo, segundo a sua explicação anterior.

— O que a minha querida sobrinha fez de errado no mundo? Eu desconheço qualquer ato ou pensamento ruim que ela tenha tido. Você sabe de algum?

— Ela estava descontente por tomar conta da casa.

— Nunca notei nada. Ela reclamava com você?

— Ela dizia, às vezes, que gostaria de conviver com as colegas. Mas ela ficou pouco tempo como dona de casa. Eu já estava aceitando a ideia de ela ter colegas, tanto que autorizei alguns a frequentarem as aulas da Ângela. Meu medo era que acontecesse algo na rua, o que acabou acontecendo.

— Você ficou traumatizado com a morte de seu pai.

— Eu não ia dizer nada, mas vou mandar colocar vidros à prova de balas no carro. Eu não vou ficar sossegado ao sair pelas ruas com esses assassinos à solta.

— Mas se você está achando que a morte acaba com tudo...

— Tio, eu não disse isso.

— Pois as suas perguntas, pelo que entendi, só visavam a minha opinião. Eu acho que você estava querendo que eu confirmasse que só existe o mundo da matéria.

Juvenal não levou a conversa adiante, mesmo porque estavam chegando. José convidou-o a dormir na casa dele, afirmando que aquele prédio enorme estava muito estranho todo apagado.

— Você se sente bem sozinho?

— Nunca tive problema. Eu ligo a televisão, vejo algum programa ou filme. Depois vou dormir, porque agora estou levantando cedo. Tomo meu café na padaria da esquina e vou para a escola. Tudo normal.

— Tome cuidado que os cachorros estão soltos.

— Eu pedi ao Tadeu que não soltasse até que eu voltasse. Mas eu acho que eles não vão me atacar. Boa noite, tio.

— Boa noite, sobrinho.

26. DONA MARGARIDA

Juvenal não teve de enfrentar os cães, presos conforme pedira a Tadeu. Também não ligou a televisão. Dedicou-se à leitura de *O Livro dos Espíritos*, pelo qual logo se desinteressou, tendo partido das considerações iniciais de Kardec, que se preocupou em responder a algumas objeções à doutrina. Deixou de lado a obra e pôs-se a refletir a respeito das coisas que lhe dissera o tio.

Dormiu logo e sonhou, acordando várias vezes ao longo da noite para fugir dos atropelos em que se metia. Era só passar pela primeira sonolência e logo lhe apareciam seres trôpegos, frangalhos de pessoas, muitos ensanguentados mas sem colorido pois as feridas eram tão só manchas negras e úmidas.

No entanto, não sentia medo, como se acreditasse que jamais iria ser alcançado por nenhum dos espectros. Cercado pelas hediondas figuras, escapava acordando, consciente de que se tratava de tremendo pesadelo. Dominava a mente e não se incomodava se recordações de seus crimes se mesclavam vividamente, porque os estampidos de sua arma e as fagulhas na boca do cano o encantavam.

Houve uma vítima que ousou interpelá-lo:

— *Você está achando que meu sofrimento é imaginário, porque já não tenho corpo. Espere a sua vez.*

Essa ameaça desencadeou uma série imensa de cenas sem controle, pessoas correndo, som da metralha de policiais perseguindo. Tudo tão real que pensou que as coisas estavam acontecendo dentro de casa.

Despertou, finalmente, com o tilintar insistente do telefone ao lado da cama.

Ainda deixou soar o aparelho mais duas vezes até entender que ligavam para ele.

— Alô!

Reconheceu logo a voz de Elvira:

— Desculpe acordá-lo. É que eu pensei que devia avisá-lo de que vou levar uma pessoa para conhecer a casa e o serviço. Ela está aqui comigo. A que horas você sai?

Juvenal viu que passava um pouco das seis. Sem refletir direito, respondeu:

— Eu entro às sete. Então vou sair às seis e meia, mais ou menos.

— Daqui a dez minutos estaremos aí. Até já.

De fato, mal deu tempo para o rapaz tomar banho e se vestir e logo ouviu os latidos dos cães ao som da campainha.

Constatou que estavam presos e foi abrir a porta, deixando Elvira à vontade para percorrer os cômodos com a senhora apresentada como Dona Margarida.

Em breve exame, Juvenal avaliou que a mulher tinha para mais de quarenta anos, atarracada e maciça de corpo, com um sorriso protocolar na face, disposta a sobraçar as tarefas domésticas, esticando um olhar entendido para os objetos ao redor.

Na cozinha, encontraram Francisca preparando café, estando a mesa posta com pão fresco, leite quente, manteiga e algumas frutas descascadas num prato.

Tão admirado quanto Juvenal, estava Tadeu, junto à porta dos fundos, pois a tia há muito não se aproximava do prédio principal.

O rapaz consultou o relógio e foi despedindo-se de Elvira e da recém-chegada, tendo tomado um gole de café com leite, levando para mastigar na rua um pãozinho com manteiga.

Deixava a impressão de que os estudos eram o que havia de mais importante para ele. Queria, contudo, não perder a oportunidade de receber a correspondência misteriosa dos desconhecidos mecenas.

Dona Margarida confabulou com Elvira, longe dos outros, e confidenciou-lhe que não aceitaria o emprego sem a admissão de, pelo menos, mais duas ajudantes. Precisava de alguém para cuidar da cozinha e outra pessoa para a faxina. Ela cuidaria da administração, inclusive da jardinagem, deixando para Tadeu o tratamento dos cães e a limpeza da piscina.

— Vamos conversar com o Doutor José, que é quem decide a respeito dos contratos. A casa está precisando de uma arrumação geral, muito embora se note que a poeira é de pouco tempo.

— Quantas pessoas cuidavam da casa?

— Além da irmã assassinada, havia mais sete pessoas, incluindo os quatro que moravam nos fundos e o motorista. Isso dá mais duas empregadas internas, exatamente como você está querendo.

— Eu acho que não vai haver problema.

Realmente, vinte minutos depois, o Doutor José concordava com a proposta, combinava o salário e deixava a nova governanta com a incumbência de trazer-lhe duas pessoas sobre quem ela deveria assumir inteira responsabilidade. Começaria naquela mesma hora.

27. MANHÃ ATRIBULADA

Juvenal, tendo saído de casa atrasado, acabou perdendo o ônibus. Viu-se obrigado a tomar um *lotação*, onde doze passageiros se apertavam, cada qual absorto em seus pensamentos, sob a desconfiança, talvez, de que as pessoas ali poderiam oferecer perigo.

De fato, ao descer do veículo, estando no meio do banco, o jovem sentiu que enfiavam a mão em seu bolso. Num repente de raiva, agarrou o sujeito pela gola e o arrastou até a calçada, fazendo-o sentir o volume da arma sob a camisa, dando-lhe toda a demonstração de que era do ramo.

O sujeito devolveu-lhe a carteira e com uma voz sumida pediu-lhe que o deixasse ir.

Antes de largá-lo, Juvenal sussurrou-lhe ao ouvido:

— Se eu te pegar de novo, acabo com a tua raça.

Assim que se viu livre, o larápio desapareceu correndo, ganhando Juvenal os aplausos dos que presenciaram sua rápida reação.

Como estavam diante da escadaria da escola, havia vários colegas, que se aproximaram, enaltecendo o ato de bravura.

Tal qual o malandro, Juvenal também procurou desaparecer das vistas dos circunstantes, mostrando o relógio, afirmando que estava atrasado. Na verdade, chegara até um pouco antes. Mas se infiltrou por entre os colegas e se dirigiu ao banheiro para se recompor.

Ali se formou uma rodinha de moços interessados em saber se ele não sentira medo e ainda se não se via ameaçado por alguma represália do ladrão.

Rindo, respondeu com total controle de si mesmo:

— Vocês estão lendo muito jornal sensacionalista. Esse moleque está agindo sozinho. Se tivesse um companheiro, eu não conseguiria pegá-lo. Ficou marcado pelo dono do *lotação*, de modo que irá procurar outro ponto. Depois, eu podia entregá-lo à polícia mas preferi deixá-lo solto. Estava garantindo que a mim ele não atacaria mais. Além de tudo, o *pivete* não tem mais que quinze ou dezesseis anos: é *de menor*. Recolhido hoje, dá um trabalho danado para a vítima, no caso eu, e amanhã vai estar na rua de novo, sem ter aprendido nada. Pelo menos, se for esperto, vai escolher melhor as pessoas para furtar.

Naquele instante soou a campainha e todos se endereçaram para suas classes, já admirando o colega, como faziam os amigos de infância lá do bairro.

No meio da primeira aula, recebeu um bilhete passado discretamente. Estava sendo convocado pelo diretor.

Precavido, suspeitou de que poderiam argui-lo quanto a não ter chamado as autoridades policiais no caso do ladrãozinho. Também pensou que a própria polícia pudesse estar por trás de tal convocação. Sorrateiramente, retirou o coldre com a arma, embrulhando-o na blusa, levando o pacote assim formado para dentro da mochila.

Ao passar perto dos colegas com quem conversara no banheiro, entregou a um deles o material, pedindo-lhe, em voz baixa, que tomasse conta de suas coisas.

O professor notou a movimentação desusada e Juvenal aproximou-se do estrado, mostrando-lhe o bilhete que recebera.

O professor não perdeu a vaza:

— Vai, meu filho, confessar-se com o reitor.

Juvenal sorriu contrafeito mas, sem dar mostras disto, saiu acenando alegremente para a turma toda que se divertia.

Assim que se foi, os colegas contaram o que havia sucedido na rua e a fama do herói se estabeleceu.

O diretor esperava-o do lado de fora da sala, na companhia de dois bedéis, espécie de chefes de disciplina ou seguranças da instituição.

— Juvenal, infelizmente, precisei retirá-lo da aula para lhe dar uma notícia triste.

Ao mesmo tempo, punha-lhe a mão no ombro, precisando levantar o braço, pois o jovem era bem mais alto.

O diretor prosseguiu:

— Telefonaram de sua casa avisando que um dos cães atacou a empregada, ferindo-a seriamente. A polícia esteve lá e solicitou sua presença. Parece que os animais foram sacrificados.

— Posso ligar para meu tio?

— É claro!

Na sala da diretoria, Juvenal fez a ligação. Após três chamadas, José atendeu:

— Pronto!

— Tio? Juvenal! Você já está sabendo o que aconteceu lá em casa?

— O que aconteceu?

— Houve um problema com os cães. Coisa séria. A polícia está lá. Por certo, repórteres também. Eu não quero aparecer na televisão nem nos jornais. Nesses casos, o dono dos animais passa a ser um verdadeiro criminoso. Acho melhor o senhor ir na qualidade de meu advogado.

— Vou ver o que posso fazer.

Desfeita a ligação, Juvenal solicitou permissão para ir buscar o material, afiançando ao diretor que iria ver de longe o que estava acontecendo em casa, uma vez que a conversa com o tio fora testemunhada.

— Se você precisar de mim, pode estar certo de que atestarei sua dedicação aos estudos. Infelizmente, uma desgraça nunca vem sozinha.

Juvenal aceitou a mão que lhe era estendida, apertou-a, enquanto agradecia:

— Muito obrigado, professor. Muito obrigado.

Ao voltar para a sala de aula, chegou com o cenho carregado, demonstrando que algo muito grave havia ocorrido. Pediu licença, cochichou algo com o professor, foi pegar o material e retirou-se, fazendo um gesto agradecido pela solidariedade demonstrada pelos colegas, a um sinal do professor.

Quando se dirigia para a porta da frente, um dos bedéis se aproximou e confidenciou-lhe que havia uma viatura policial estacionada na frente da escola.

— Pode ser que tenham vindo pegá-lo. Venha comigo que eu o levo pela entrada dos funcionários, do outro lado.

Imaginou o rapaz que o informante talvez pertencesse à organização que o afastara do tráfico. Por isso, não opôs resistência, deixando-se conduzir em silêncio.

Realmente, a saída estava livre e ele pôde tomar um táxi que passava, pedindo para ir na direção oposta àquela em que estariam esperando por ele.

Sentado no banco de trás, acomodou a mochila entre os pés, retirou a blusa e escondeu a arma no vão debaixo do banco do motorista.

Havia dado seu endereço, mas solicitou ao taxista que o levasse ao centro, tendo como ponto de referência determinado cinema. Pensou em assistir a uma sessão, até poder ligar para o tio. Ao aproximar-se do local, trouxe de volta o coldre para a mochila, arrependendo-se da ideia de desfazer-se da arma de modo tão precipitado. Precisaria, lembrou-se, limpar as digitais. De qualquer modo, estava tranquilo porque nunca havia atirado com a arma, nova e com o número de série raspado, produto de um furto em loja de armas. Tinha sido o amigo Armando quem lhe fornecera o revólver. Recordou-se do verdadeiro nome do assecla e julgou que o nome de guerra lhe fora bem ajustado.

Diante do cinema, verificou que era muito cedo para o início da primeira sessão. Ao lado, havia uma casa de jogos eletrônicos, também aguardando o momento de abrir. Dirigiu-se, então, a um bar com extenso balcão, onde vários fregueses tomavam seus desjejuns, sentados em tamboretas.

Buscou o fundo do salão e solicitou à prestativa garçonete que batesse iogurte com mamão e trouxesse um sanduíche. Logo recebeu o copo cheio, deixando a moça à disposição na vasilha do liquidificador o resto que não coube no copo.

Juvenal tomou dois goles, pegou os petrechos que lhe foram servidos e foi sentar-se junto a uma mesinha lateral, onde pôde acomodar seus pertences. Preparava-se para permanecer um bom tempo ali, tanto que pegou as apostilhas e passou a estudar Biologia.

Cinco minutos depois recebeu o sanduíche, no qual não tocou.

Não se lembrou do que havia sucedido em sua casa até encontrar a descrição da anatomia dos animais. Foi quando se pegou perguntando:

“Será que os animais também possuem uma alma?”

A partir daí, desenvolveu uma série de hipóteses sem chegar a nenhuma que o agradasse, passando pela ausência absoluta de um espírito animal até chegar a comprometer os espíritos humanos em transmigrações, à maneira de alguns filmes em que os mortos voltavam, inclusive, em corpos de cães.

Entre estudar e meditar, passaram-se duas horas. Achou que Armando poderia encontrar-se com ele. Efetuou uma ligação do telefone público instalado no bar. Ninguém atendeu, por mais que pacientemente esperasse todas as chamadas, nas três vezes que ligou. Tentou um número de celular, mas o resultado não foi diferente, não se abrindo sequer a caixa postal.

“Devem ter cortado todas as minhas presilhas com o passado.”

Imaginou que deveria livrar-se da arma, antes voltar para casa, onde a polícia poderia *aprontar*-lhe alguma surpresa. Dirigiu-se ao banheiro do estabelecimento, fétido e acanhado, onde, espremido no cubículo da privada, limpou cuidadosamente a arma e o coldre, depositando debaixo dos papéis usados, no fundo da lata de lixo.

Imediatamente, saiu, mas, ao passar pelo balcão, a garçonete chamou-lhe a atenção:

— Moço, o senhor não quer que eu embrulhe o sanduíche para viagem?

Sem dizer palavra, dando apenas um sorriso magro de aprovação, enquanto a moça tomava as providências, Juvenal voltou à latrina e recolheu a arma. Não podia arriscar-se a ser reconhecido como dono do instrumento, esquecido de que o empregado da limpeza provavelmente esconderia o achado para lucrar com ele.

Naquela hora, o cinema já abrira para a sessão das dez.

Havia poucos espectadores. Antes de terminar o filme, Juvenal abandonou a sala de espetáculos, deixando, afinal, sob uma das cinco poltronas que ocupara sucessivamente, o objeto de suas preocupações.

28. OS FATOS

Margarida fora transportada para casa por Elvira, antes de assumir as funções de governanta. Queria que uma das pessoas sob as suas ordens fosse a própria filha, garota de dezessete anos, desocupada, com ideias de se tornar animadora de torcida, para o que treinava num clube, enquanto frequentava a primeira série do segundo grau.

Mas a rapariga refugou a proposta da mãe, não querendo tornar-se simples empregada doméstica.

— Você vem comigo e vê se as coisas são tão ruins que você possa desprezar. Eu estou querendo levar sua prima e vocês vão poder ficar juntas o tempo todo. Eu devo dizer que só habita aquela imensa casa um jovem de dezoito ou dezenove anos, que vai estudar de manhã. De tarde, Dona Elvira disse que ele tem aulas de reforço com outros jovens que estão na mesma série que você. Pode ser que vocês duas possam participar das aulas. É tudo uma questão de ver se dá certo.

Valéria observou que a mãe estava por demais entusiasmada e que havia realmente vantagens naquele emprego, desde que tudo se passasse segundo as informações.

— Muito bem. Mas se eu não gostar, não fico.

— Vá chamar sua prima. Lá pelas dez, eu preciso estar começando a me preocupar com o almoço. Glorinha vai cuidar da cozinha e você fica para a faxina geral. Eu vou ajudar quem estiver precisando.

Naquele meio tempo é que se dera o rebuliço.

Com a sirene aberta, a polícia chegou a chamado dos vizinhos, pela gritaria no quintal. Os homens da viatura logo perceberam que não poderiam entrar, estando dois cães soltos. Em seguida, um carro de resgate, espécie de ambulância, estacionou na frente da casa.

Tadeu assomou à porta, ensanguentado, pedindo socorro, que a tia estava muito ferida.

— Quem prende os cachorros?

— Eu já matei o que atacou a velha. Mas não vou enfrentar os outros. Eles parecem loucos.

Em rápida confabulação, os policiais resolveram sacrificar os cães, tendo em vista a urgência do socorro e o desespero do rapaz.

Dois tiros certos bastaram para aniquilar os animais, sob os aplausos dos circunstantes que temiam as feras.

Imediatamente, os enfermeiros entraram para conhecer a extensão do problema.

Tadeu contou que a tia saíra do prédio principal no momento em que ele estava preparando-se para passear com César. Brútus aproveitou-se de um momento de distração do tratador e correu sobre a mulher, atacando-a violentamente. Tadeu vinha atrás gritando com o cão, mal dando tempo de sacar o revólver e dar três tiros no animal.

Logo os policiais pediram a arma, enquanto Tadeu lhes explicava que era segurança da residência, que morava nos fundos, que tinha porte de arma e curso com diploma e

tudo. Insistiu em acompanhar a tia ao hospital. Ficassem à vontade que logo iria chegar o patrão, que estava estudando. Ele já havia ligado para a escola.

Enquanto esperavam o morador, os policiais cuidaram de afastar os curiosos que ameaçavam invadir o jardim onde jaziam os corpos dos cães.

Não demorou para chegar uma equipe de reportagem, chamada, aliás, por um dos guardas pelo rádio da viatura.

Um dos elementos da polícia, o que recolheu a arma, foi vasculhar o quarto dos fundos onde Tadeu dissera que residia. Logo encontrou, embrulhados num lenço, cinco cartuchos detonados. Chamou um dos companheiros, mostrou-lhe o resultado de sua pesquisa e ambos concluíram que deveria ser avisado o delegado do distrito mais próximo.

Identificada a residência, Macedo foi designado para proceder a investigação.

Quando o detetive chegou, já lá se encontrava José, dando explicações aos guardas, falando a respeito do recente assassinato de três pessoas ali residentes, apontando os graus de parentesco com os moradores atuais. Ao saber que José era advogado, logo lhe deram a informação de que haviam recolhido, no quarto dos fundos, as cinco cápsulas que iriam fazer passar por perícia técnica.

Ao ver que Macedo é quem fora designado para os trabalhos de investigação, José ficou mais tranquilo, uma vez que o detetive estava a par das desgraças da família.

29. PAI BENEDITO RECEBE FRANCISCA

Os ferimentos que Brútus causou em Francisca não eram mortais. Rasgou-lhe o braço, atingindo a artéria; mordeu-lhe o pescoço, mas sem romper a jugular. O susto, porém, foi muito grande, de modo que a mulher teve uma síncope cardíaca. Ao ser levada ao hospital, o médico plantonista se dedicou a estancar o sangue das feridas, de sorte que o mal maior acabou sendo fatal.

Do lado de lá, Benedito se aprestou para receber a irmãzinha fiel de tantas jornadas de benemerência.

Tendo desmaiado antes de falecer, não mais recuperou a consciência, de modo que o despertar no etéreo pôde ser acompanhado das providências concernentes aos espíritos de poucos débitos.

Como sói acontecer, reviu todo o seu passado, sendo-lhe particularmente referidos os momentos em que conviveu com os pais, com os patrões, especificamente os anos em que, inteiramente feliz, serviu à primeira esposa de Renato, Maria Lúcia, que lhe permitia a intimidade de chamá-la por Marilu. Sentiu-se bastante incomodada no período em que relembrou a degenerescência moral do patrão, até que trouxe Terê para casa, esta, sim, a exigir-lhe o nome completo, com o pronome de tratamento do respeito caseiro: Dona Teresa Severina. Viu-se atarantada com o assassinato do Doutor Renato e, mais ainda, com o de Lutécia, de Tiago e da esposa. Como resultado final, tendo sopesado todo o bem que praticou com as qualidades morais adquiridas, julgou-se uma pessoa abonada.

Nesse momento, Benedito envolveu-a com balsâmicos fluidos que deram a ela a consciência do momento. De imediato, compreendeu que falecera e reconheceu o guia e muitas outras criaturas amigas que a cercavam respeitosa e caritativa.

Ela desejou reassumir sua condição espiritual mas se viu impedida por certa rigidez, produto dos últimos tempos em que se arrastava com o peso dos anos.

Benedito esclareceu:

— Querida Francisca, você vai ter de reaprender a utilizar os recursos perispirituais. É como se tivesse ficado engessada por muito tempo. É um tratamento parecido com o que promove a recuperação fisiológica dos músculos e tendões dos seres vivos. Enquanto isso, vou acompanhar a sua convalescença, explicando-lhe os principais ganhos de seu caráter durante a derradeira jornada no mundo. Você vai poder perguntar-me tudo o que lhe ocorrer como forma de dúvida ou de mistério. Não terei todas as respostas, mesmo porque muitas delas se encontram em seu coração. Quanto a fazer que entenda os acontecimentos humanos, a sua percepção irá formulando as hipóteses mais plausíveis, enquanto aguarda permissão superior para atuar em favor do crescimento espiritual daqueles seres para quem você tanto orou no sentido de que compreendessem que o reino de Deus só se conquista através do amor e da virtude. Já falei demais. Abrace agora as pessoas que a amaram na Terra e outras muitas que a acompanharam no plano da erraticidade.

Foi formada uma longa fila que parecia não mais ter fim. A alegria não se continha e os sentimentos de afeto e amor se traduziam em fartas lágrimas, sempre seguidas de palavras em louvor ao Pai.

Muitos dos seres que se apresentaram ficavam visíveis para ela na forma com que ela se lembrava de tê-los estimado. Assim, perpassaram muitas entidades do candomblé, espíritos comuns que aguardariam mais um tempo até que se desse integral entendimento de sua natureza.

Marilu, Lutécia e Renato cercaram-na juntos e não deixaram que ela se manifestasse, rogando-lhe que aceitasse seus pedidos de desculpas e seus agradecimentos profundos pelo sacrifício que ela fizera até o último momento, coroado pela demonstração final de carinho ao rapaz, pois aquele café da manhã que ela lhe preparara fora coado no filtro do mais puro amor.

Vieram, em seguida, Tiago e Natália, amparados ainda por benfeitores espirituais, porque ambos estavam profundamente magoados com a perda da felicidade terrena. Levariam bastante tempo para configurar a superior condição da bem-aventurança na erraticidade. Por enquanto, ainda pretendiam conhecer aquele que lhes tirara a vida, com os sentimentos turbados pelo rancor.

Francisca os abençoou, tendo sido capaz de compreender o véu que impedia os jovens de ver a realidade. Em silêncio, orou por eles, rogando aos guias que os encaminhassem para a verdade.

Fechando a longa fila, vinha alguém que não foi capaz de reconhecer. Identificou-se como ajudante-de-ordem dentro de extenso conglomerado de entidades, para dar-lhe informações a respeito de Brútus, o instrumento de sua morte:

— Antes que a minha irmãzinha suspeite de que o animal que a atacou estava sob o domínio de algum obsessador desencarnado, devo dizer-lhe que a ação dele foi meramente instintiva, dentro dos padrões a que fora acostumado. As pessoas que tratam tão mal esses seres não evoluídos dificilmente entendem que são elas que estão agindo através deles. Muita gente estima seus animais domésticos e estes passam a corresponder a afeição que lhes é dada. São a imagem sadia dos donos. Quando criam a fúria da selvageria humana, porque a da natureza em seu hábitat é muitíssimo diferente, também estão retratando a índole de seus possuidores, quase todos absolutamente inconscientes do mal que refletem e que pode redundar, como frequentemente acontece, em tragédia. Mais tarde, você irá compreender integralmente as minhas ponderações.

Cansada de tantas emoções, Francisca, antes de entregar-se a um sono sossegado, realizou um nobre pedido a Benedito: que ele cuidasse de Tadeu, dando-lhe o conforto da compreensão de que ela estava perfeitamente bem, muito melhor do que se estivesse em leito hospitalar na Terra.

30. A SITUAÇÃO DE TADEU

Foi Macedo quem tomou a iniciativa das explicações a José:

— Eu sei, doutor, que precisaria de um mandado de busca para apreender a arma e as cápsulas. Eu vou deixar a seu critério entregar-me os objetos, prometendo-lhe que, antes de tomar qualquer providência que implique na detenção de seu empregado, eu lhe comunico o resultado da perícia.

— Eu lhe peço, detetive, que leve em conta que o moço exerce a vigilância da propriedade e que, para isso, precisa da arma para se defender. O senhor já pensou se o cão não fosse abatido? O próprio tratador poderia ter sido atacado. Por outro lado, não se esqueça de que ele perdeu o irmão e a cunhada há menos de duas semanas.

Macedo abriu o lenço com os cartuchos e ponderou:

— Estes foram detonados por arma de repetição. Nesta altura, eu permiti que os soldados procurassem por ela no quarto dos fundos.

José não se deixou impressionar e arguiu o investigador:

— Se o moço fosse um criminoso, por que razão guardaria algo que poderia prejudicá-lo? Eu não conversei com ele a respeito, mas tenho a intuição de que esses cartuchos ele achou no local em que atiraram no irmão.

— Somente se ele tivesse chegado antes de nós. Normalmente, todas as provas de um crime são cuidadosamente recolhidas pelos policiais que atendem à ocorrência.

— Eu não o acusaria por provas tão circunstanciais.

— Nem eu estou afirmando coisa alguma, doutor. Desculpe-me, mas o senhor sabe com que critério nós agimos. Se o senhor nos entregar o que lhe pedi, será a perícia quem irá definir se se configura algo sobre que possamos levantar suspeitas bem fundamentadas.

Naquele momento, entrou na sala o miliciano responsável pela averiguação no local designado pelo investigador. Vinha com documentos na mão. Aguardou que Macedo o interrogasse.

— Achou alguma coisa, soldado?

— Positivo, doutor. Achei este certificado de habilitação, em nome do rapaz, para exercer vigilância particular. Também encontrei esta licença vencida para portar arma. O número da arma está rasurado, como o senhor pode constatar.

— E quanto a outras armas?

— Negativo. Não achamos mais nada.

— Deixe tudo comigo e vá dispersar o povo.

— Enquanto não vierem buscar os corpos, vai ser difícil afastar os curiosos.

— Quantos guardas já chegaram?

— Quatro viaturas, senhor.

— Está dispensado.

O jovem soldado bateu continência e saiu.

Macedo examinou cuidadosamente os documentos e passou-os a José, afiançando-lhe:

— Estes papéis são frios. Trata-se de uma falsificação muito mal feita. Que é que o doutor acha?

— Posso fazer uma suposição?

— Com certeza.

— Veja as datas. São do tempo do meu irmão. Eu acho (sobre isto não posso ter certeza) que ele conseguiu esses papéis com algum meliante que defendeu na qualidade de causídico. Nos últimos tempos, como é de seu conhecimento, ele lidou com muitos bandidos, tendo livrado vários da cadeia ou de penas mais longas. Quanto a isto, tanto no que se refere aos cartuchos, é preciso ouvir o que Tadeu tem a dizer. Quiçá Juvenal saiba algo mais.

la Macedo responder quando foram interrompidos pelo mesmo soldado:

— Perdão, doutor. Recebemos a notícia de que a velha morreu.

José não se conteve:

— Santo Deus! Pobre rapaz!

Macedo dispensou o informante e calou-se, a ver se lhe vinha alguma inspiração. Foi com dificuldade que confidenciou:

— Dona Francisca, eu conheci aqui e no terreiro. Era uma boa pessoa, uma senhora que impunha respeito por aquilo que fazia. Fui lá uma vez só, mas pude constatar que todos gostavam dela.

— Nós também. Era de confiança e mantinha os sobrinhos sob rigorosos padrões de procedimento. Ela não iria permitir que se tornassem bandidos vulgares, muito menos que se odiassem a ponto de um matar o outro. Eles se entendiam muito bem, tanto que nós autorizamos a construção de uma casinha para Tiago viver com a esposa. Aliás, Tadeu também foi autorizado a ocupar a outra edícula assim que se casar.

Passou pela cabeça de Macedo que Tadeu tinha a ganhar com a saída de Tiago de cena. Não disse nada, porém, ao advogado.

Naquele meio tempo, Margarida e as duas moças chegaram, estranhando muito toda aquela movimentação.

Margarida foi introduzida pelo soldado na sala e logo José se agradou de vê-la ali:

— Foi bom que a senhora tivesse vindo. Já ficou sabendo do ocorrido?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Trouxe as ajudantes que pediu?

Nova resposta afirmativa.

— Então, por favor, providenciem a limpeza do sangue no quintal, se é que o corpo do cachorro já foi retirado.

Macedo já havia autorizado que o corpo de Brútus se juntasse ao de César e de Mocinha, de forma que a saída para o quintal estava desimpedida.

José, consultando o relógio, requereu ao investigador:

— Posso retirar-me?

— Só mais uma coisa, doutor. O seu sobrinho foi avisado do que se passou aqui?

— Ficou sabendo do ataque do cachorro. Evidentemente, não sabe ainda que Francisca desencarnou.

— É que eu estou estranhando que ainda não tenha chegado.

— Ele me pediu que tomasse todas as providências. Eu acho que está traumatizado ainda com a morte da irmã. Acredito que só virá para casa depois das aulas.

Macedo fez uma careta de insatisfação, mas não disse a José que aguardaria a chegada do rapaz. Percebeu que tinha cerca de duas horas para providenciar o exame do material cedido por José e resolveu que iria à delegacia para dar sequência aos trabalhos de investigação. Voltaria mais tarde.

31. JUVENAL SE SENTE ACUADO

Deixamos Juvenal diante da multidão dos colegas em debandada, após as aulas.

Estava, evidentemente, desejoso de ser abordado por algum estafeta dos desconhecidos patrões, mas a expectativa se baldou, como também não havia policiais aguardando por ele, nem se via o bedel que o guiara na saída.

Pareceu-lhe ver o gaiato batedor de carteiras, mas o rapazelho escafedeu-se ao longe, sem deixar de voltar-se várias vezes para saber se estava sendo observado.

Instintivamente, Juvenal colocou a mão sobre o peito, onde estaria o coldre, desconfiado de que poderia ser cercado por companheiros do mequetrefe. Sentiu-se sozinho e isolado.

Ficando deserta a entrada do estabelecimento, apenas com os transeuntes eventuais da cidade populosa, considerou o moço que estava na hora de ir para casa.

Dirigiu-se ao ponto de ônibus, não demorando para chegar a condução.

Acomodou-se num lugar vazio no fundo do coletivo, ao lado do corredor, tendo ao lado um senhor de terno e gravata, puído paletó e amarrotada camisa, a demonstrar que era um desses pobres empregados de escritório ou pequeno servente administrativo do governo.

O movimento de subida e descida de passageiros interessou-o, no sentido de perceber quem poderia estar metido em encrenca, como ele, e quem demonstrava autodomínio e disciplina de gestos e de reações fisionômicas, sem aparentar o costumeiro temor da maioria, como várias mulheres que seguravam firmemente as bolsas, olhando ao derredor, a escrutinarem a possibilidade de entrevero.

Recordou-se das crônicas policiais diárias com que os jornais impressos e televisivos impressionam a comunidade, acrisolando o medo nos corações dos concidadãos. Especialmente, via-se, dentro da imaginação, às voltas com dois ou três assaltantes armados invadindo o ônibus e encostando revólveres ou punhais nas cabeças e nos corações das pessoas, exigindo carteiras, relógios, joias ou quaisquer objetos que pudessem carregar, sem despertar a atenção dos eventuais guardas no passeio público.

Meditou sobre sua reação da manhã e temeu que, em circunstâncias desfavoráveis, poderia receber um balázio pelas costas, sem mesmo realizar um movimento de autodefesa ou de intimidação. Muitos casos conhecia de gente precipitada que desafiara o poder armado e cujas vidas foram desperdiçadas por mesquinhas posses.

“Haverá alguma força íntima que justifique uma atitude heroica? Que prêmio pode receber no etéreo quem, inocentemente, tivesse acreditado que teria condições de subjugar os bandidos?”

Esses pensamentos desencadearam lembranças da mais negra atividade em favor da manutenção do tráfico de que, até a bem pouco tempo, fora o arrogante chefe. Brincou com as faíscas que saíram da boca das armas e considerou justificada a violência. Quando se lhe apresentaram à memória o pai e a irmã, levantou-se e acionou a sineta, pois havia chegado ao ponto anterior àquele em que sempre saltava.

Imediatamente, integrou a atenção ao ambiente, a ver se conseguia situar-se em relação aos acontecimentos. Não precisou de muita percepção para reconhecer que havia desusado movimento naqueles quarteirões. Algumas pessoas conhecidas olhavam para ele de forma diferente, como se estivessem curiosas quanto às reações renovadas, em confronto com as tragédias domésticas que enfrentara.

Em lugar de entrar pela porta da frente, tomada por pequena aglomeração, deu a volta no quarteirão anterior ao de sua casa, ganhando os fundos por onde Francisca e sobrinhos entravam. Por precaução dos tempos de boca de fumo, trazia as chaves de todas as portas, não lhe estando, portanto, vedado o acesso ao interior do terreno por um portão lateral.

Ouvindo vozes estranhas no prédio principal, refugiou-se nos cômodos dos empregados, onde se deparou com uma desarrumação total. Logo concluiu que haviam sido vasculhados, preparando-se para as possíveis descobertas das irregularidades dos seguranças.

De onde estava, podia observar sem ser notado, de modo que ficou alerta para as pessoas cujas vozes não reconhecera.

Nem se haviam passado cinco minutos, logo lhe apareceram Dona Margarida e duas jovens, entabulando conversação em vozes alteradas. Notou que uma das moças se opunha a algo que a mais velha considerava plausível.

Dirigiam-se elas para as casinhas dos fundos, ficando o rapaz numa situação dificultosa, não sabendo como justificaria sua presença ali, caso viesse a ser descoberto. Felizmente, as três se voltaram para o puxado escondido pelo muro, ao lado da piscina, onde estavam os petrechos de ginástica, e desapareceram dentro da casa, com certeza tomando conhecimento do serviço que deveriam realizar.

Aproveitou-se Juvenal para dirigir-se para a porta da cozinha, de onde elas haviam saído, ficando paralisado por instantes ao se deparar com uma bacia cheia de panos sujos de sangue, ao lado do lugar que ele imaginou ter sido onde os cães haviam atacado a única empregada que lhe restara: Francisca.

Recuperando a consciência do momento, entrou para a cozinha, onde sentiu um odor de comida bem diferente daquela a que estava habituado. Havia panelas fumegantes sobre o fogão apagado. Levantou as tampas e avaliou o capricho da refeição. Gostou de tudo, principalmente de um pimentão recheado, que ameaçava experimentar com a ponta de uma colher, quando assomou à porta interna a figura de Macedo, que acabara de chegar e que vinha em busca de Margarida, pois queria saber o paradeiro do patrão.

Ambos se surpreenderam mas não deram demonstração, largando Juvenal a colher, caminhando em direção do outro para cumprimentá-lo, buscando não ser efusivo, convidando-o para almoçar e perguntando-lhe sobre o estado da empregada atacada pelos cães.

— Você não ficou sabendo que ela faleceu?

— Quem faleceu? Francisca?

— Sim.

— Que é que Tadeu estava fazendo que não conteve os cães?

— É o que iremos descobrir, meu jovem. Dona Margarida assumiu o emprego e seu tio não se encontra aqui. Você está disposto a responder a algumas perguntas que preciso fazer?

Juvenal considerou a situação e respondeu:

— Claro que sim. Mas nós poderíamos almoçar primeiro. As criadas novas estão começando hoje e me passou pela cabeça que a vítima poderia ter sido uma delas.

— Que providências você vai tomar em relação à falecida?

— Esses são cuidados de meu tio, que representa a família e que me defende oficialmente.

— Você não está sendo acusado de nada.

— Nestes casos, o povo sempre acha que o dono dos cães é o assassino. Disseram-me que eles foram sacrificados. Agora vou ter de conseguir outros: a casa precisa de proteção. Mas eu acho que Tadeu nem vai mais querer continuar neste emprego. Era sobre isto que o senhor queria conversar comigo?

— Eu prefiro deixar para depois do almoço.

— Então, vamos para a sala; preciso mandar Dona Margarida nos servir.

Ao passarem pela sala de jantar, notaram que a mesa estava arrumada só para uma pessoa.

Macedo ficou na sala de estar, enquanto Juvenal embarafustava escada acima, fechando-se no banheiro, precisando recompor as ideias. Achava que o investigador deixara no ar certa sugestão de que suas reações não combinavam com o sentimento de quem enfrenta uma tragédia em sua própria residência. Resolveu tomar um banho frio para refrescar a cabeça.

32. O ENCONTRO

Juvenal deixou-se ficar no quarto por mais de meia hora, esquecido quase do compromisso do almoço. Finalmente, decidiu-se por descer, dando alguma demonstração de infelicidade. Ensaiou no espelho alguns rictos faciais, sem se achar, definitivamente, um bom ator.

Ao pé da escada, deu com Margarida, que o esperava com um recado de Macedo:

— O detetive aceitou um prato de comida lá na cozinha e foi embora, deixando-lhe este bilhete.

O papel estava apenas dobrado, de modo que o rapaz logo desconfiou de que a mulher o havia lido. Em todo caso, não deu demonstração de que se aborrecera com nada, restaurando a fisionomia habitual.

Em poucas palavras, Macedo informava-o de que o carro estava liberado e lhe agradecia a acolhida.

O jovem respirou desafogado, dado que a presença do policial o punha de orelha em pé.

Mas não teve tempo para muitas reflexões, porque Margarida lhe pediu permissão para apresentar a filha e a sobrinha.

Juvenal assentiu e um instante depois as duas moças transpunham a porta que dava acesso à cozinha.

— Esta é Valéria, minha filha, que não sabe ainda se fica no emprego. Se ficar, vai cuidar da limpeza de móveis e utensílios. Minha sobrinha, Glorinha, é excelente cozinheira, além de ótima com a lavanderia. O senhor vai estar bem servido.

Enquanto a senhora falava, os três jovens observavam-se atentamente, medindo-se de alto a baixo.

— Dona Margarida, o que foi que meu tio decidiu a respeito dos salários e da competência de vocês três?

— Ele aprovou o que nós pedimos e nos pediu para ficarmos por uns dias, para nos acostarmos com a casa. Ele falou que entenderia se nós não aceitássemos ficar, porque o clima agora cedo estava muito triste.

— O que ele disse a respeito de meus hábitos?

— Falou das aulas pela manhã e à tarde. A professora Elvira já me havia falado de suas aulas com ela, duas vezes por semana. Ela acha que o senhor pode permitir que as duas jovens assistam às aulas da outra professora. Mas isso eu não vou pedir ainda, porque as duas estão indecisas.

Juvenal considerou que as duas eram bem apresentáveis e se agradou de tê-las por perto algumas horas a cada dia. Por isso, adiantou-se:

— Ângela continua vindo dar aulas mesmo depois de minha irmã ter morrido. Eu pretendo estar presente o mais possível. Se o serviço for feito, não vejo nenhum problema em que as duas frequentem as aulas, desde que se esforcem por acompanhar. O material que elas não tiverem, eu forneço. Para mim, o reforço é importante, porque pretendo prestar vestibular no fim do ano. Elas não falam?

Margarida estimulou a filha:

— Diga para o patrão por que você não está querendo aceitar o emprego.

Era o que Valéria mais desejava naquele instante. Queria demonstrar que estaria à altura das expectativas daquele patrãozinho maravilhoso:

— Eu já me decidi. Eu vou aceitar trabalhar aqui. Minha mãe está querendo que eu diga que a minha intenção é ser animadora de torcida.

— Você está em alguma escola para isso?

— Uma vez por semana, eu falto à aula e vou ao clube. Acho que, no próximo campeonato, vou começar.

— É bom o salário?

— O salário não conta. O que vale é que a gente pode receber ofertas de apresentações em festas, congressos etc. O que se ganha lá é sempre bem mais do que como doméstica.

— E você, Glorinha, tem as mesmas aspirações?

A mocinha, tão desenvolta quanto a prima, fez uma carinha mais de dó e se saiu com esta:

— Eu acompanho minha prima, mas não tenho o mesmo jeito para essas coisas. Eu lá só me divirto. Como sou a mais alta de todas, elas dizem que eu devia tentar a carreira de manequim. Isto está fora de propósito.

Margarida percebeu as manhas da sobrinha e cortou sua fala:

— A conversa, senhor, está muito boa, mas elas precisam ir cuidar da vida. O senhor vai almoçar agora?

— Não estou com muita fome, mesmo porque preciso ir ver o que está acontecendo com o coitado do Tadeu. De qualquer modo, eu como alguma coisa.

De fato, a verdade era outra. Juvenal devorou uma boa quantidade de comida, deliciando-se com o tempero novo, um tanto carregado de alho e cebola, mas bem menos apimentado que o dos tempos de Francisca.

Após comer, elogiar os pratos e liberar o cardápio da semana, ao invés de ir atrás do empregado, tendo tomado o cuidado de sair pelos fundos, foi buscar o carro na delegacia, levando-o diretamente para a oficina, mandando colocar blindagem nas portas e vidros à prova de balas.

Quanto a ligar para o tio, bem que se lembrou de fazê-lo, mas adiou a providência, julgando que o caso estava em boas mãos.

33. SEM RUMO

José passou o dia preocupado com Juvenal. Havia encontrado o telefone celular dele com a bateria arreada, ficando sem compreender por que razão o sobrinho queria evitar o contato com as pessoas.

Ocupado, porém, com tornar o velório e o enterro de Francisca o menos sacrificial para Tadeu e família, não percebeu que as horas avançaram. Quando ligou para a casa do moço, este já havia saído, recebendo a informação de que fora para o hospital.

Juvenal deixou-se ficar na oficina a observar os trabalhos de preparação para blindar seu carro, de forma que ele também não viu que as horas estavam passando rapidamente. Só lá pelas cinco e tanto, quando o pessoal se aprestou para ir embora, é que atinou que deveria ter conversado com o tio.

Do escritório da firma, ligou para José, diretamente para o celular, garantia absoluta de ser atendido.

— Por que você não veio consolar o Tadeu? O moço está desolado com a morte da tia e o seu desaparecimento está sendo interpretado como uma acusação tácita pela tragédia. Ele acha que a morte dos cães vai prejudicar o emprego dele.

Juvenal escondeu do tio que estava cuidando do carro e, sem dar desculpa pela ausência, solicitou o endereço em que poderia encontrar-se com os familiares de Francisca.

De posse dos dados, ao invés de se dirigir para o velório, voltou para casa, que encontrou deserta. Havia um recado de Margarida e outro de Ângela. Em ambos se lamentava que ele houvesse estado longe de casa, o de Margarida para receber dele as ordens necessárias para o encaminhamento dos serviços; o da professora para avisá-lo que os dois alunos haviam desistido das aulas e que ela se entendera com as empregadas.

Diante do celular descarregado, Juvenal hesitou quanto a reabilitá-lo, mas terminou por ligá-lo à corrente elétrica. Precisaria de algumas horas até ter a certeza de que se manteria ativo até de manhã, uma vez que pretendia passar a noite no velório.

Não tendo o que fazer, uma vez que, para estudar, não estava disposto, dirigiu-se ao antigo aposento da irmã, com o fito de se entreter com o computador.

Ligou-se à Internet e logo acessou o grupo de correspondentes da moça, encontrando dois *on-line*. O primeiro a cujo chamado respondeu logo lhe perguntou de quem se tratava. O rapaz imaginou que não seria plausível fazer-se passar pela irmã, já que a pergunta evidentemente se escudava no fato de o interlocutor conhecer o fato de sua morte.

“Juvenal, irmão da falecida Lutécia”, fez questão de assinalar.

Como resposta, recebeu algumas palavras de conforto e uma pergunta contundente:

“Você não está arrependido por prender a moça em casa?”

Sem saber o que argumentar, surpreendido com o grau de conhecimento da vida reclusa da irmã, interpelou o segundo correspondente:

“*Brother*, você teve muitos diálogos com Lutécia, minha irmã?”

A resposta não se fez esperar:

“Que lhe importa isso, se agora ela já não existe mais? Você gostaria de assumir o lugar dela no grupo?”

Em lugar de responder, Juvenal, simplesmente, desligou o aparelho. Esse tipo de relacionamento era por demais fastidioso para ele. Imaginava-se a passar longas horas conversando a respeito de coisas absolutamente inúteis. Recordou-se de que alguns comparsas lhe disseram que haviam induzido vários adolescentes ao vício através da Internet, mas seu modo de ver as coisas apontava-lhe para riscos de identificação, como o caso relatado na televisão de instituições especializadas entrarem em contato com o banditismo apenas para denunciar à polícia, configurando-se como provas os registros que se mantiveram na memória da máquina.

Buscou, em seguida, um vídeo de sua coleção de filmes de terror, para distrair-se da pergunta que insidiosamente se instalara em sua mente. Não que a acusação de prisão domiciliar o preocupasse. É que não queria imaginar o quanto de suas vidas a irmã relatara para os amigos eletrônicos. Teria alguma vez citado ela seus hábitos noturnos?

Diante dos monstros extraterrestres da película, outra espécie de desvio dos pensamentos se estabeleceu: passou a cismar em que coisas se transformariam os espíritos após a morte, particularmente os dos cães.

Não demorou meia hora e já dormia a ouvir os gritos das vítimas dos seres da ficção cinematográfica. Por influência de todas essas visões fantasmagóricas, acabou com um tremendo pesadelo em que era ele o alvo dos zumbis, cujas fisionomias reproduziam as de suas próprias vítimas.

Acordou procurando a arma, que o instinto de defesa se acendera. Não reconheceu nenhum estímulo ao medo. Muito menos lhe perpassou pela mente qualquer laivo de arrependimento ou de comiseração pelo estado lastimável daquelas criaturas. Recordou-se, sim, do que lhe dissera Elvira a respeito do perdão dos seres evoluídos. Logo quis caracterizar a personalidade dos que reconhecera no sonho, não lhe sendo possível estipular nenhum que o tivesse perdoado. O pai e a irmã é que, com certeza, estariam naquele caso.

O celular estava com a bateria em ordem, de modo que ele poderia levá-lo em sua peregrinação funérea. Constatou que eram quase dez da noite e não titubeou em se armar com um dos revólveres escondidos num escaninho secreto da biblioteca, onde o pai guardava documentos proibidos.

Por medida de segurança, deixou as lâmpadas acesas e saiu pelos fundos, não sem antes observar, através da janela do andar de cima, se poderia escapar sem ser notado.

Instintivamente, dirigiu-se a pé para os lados em que se situava a boca de fumo. Queria voltar a sentir as emoções de outrora. Chegaria ao hospital às seis horas da manhã.

34. NO VELÓRIO

Assim que chegou ao hospital, Juvenal encontrou-se com Tadeu, que estava sendo consolado por parentes e amigos da umbanda.

O empregado hesitou em abraçar o patrão e este apenas levou a mão na direção do outro, ciciando um tímido *meus pêsames* do protocolo. Na verdade, os dois temiam recíprocas recriminações.

Mas Tadeu logo cismou de aliviar a sobrecarga psíquica:

— Patrãozinho, eu deixei Brútus solto. Mereço receber toda a culpa pela morte de minha tia e dos animais.

Sem se deixar condoer pela observação do criado, Juvenal apenas atenuou o efeito da tragédia e do sentimento de culpa:

— Sua tia estava velha e doente. Desde que seu irmão morreu, ela estava muito triste. Nem prestava atenção nas coisas. Em outros tempos, ela não teria saído de casa sem estar segura de que os cachorros estavam presos. Você acredita na vida após a morte. Então, deve saber que ela foi para um lugar em que vai receber o amparo da espiritualidade.

O próprio Juvenal se surpreendeu com as suas expressões de claro fundamento espírita. Admirou-se tanto com as palavras que saíram espontâneas de sua boca que se calou.

Várias pessoas fizeram coro para o que ele havia dito, de modo que o rapaz se sentiu mais seguro de si. Então, puxou o empregado e o abraçou, complementando pelo ato afetuoso o apoio moral que lhe havia dado.

Preocupado com ter de arrumar outro caseiro, Juvenal não deixou esfriar o ferro e malhou:

— Tadeu, vê se não vai ficar com medo de continuar morando lá em casa. Eu estive pensando que precisamos de outros cães de guarda. Mas não podem ser tão ferozes. Você vai procurar um canil que venda cães treinados, vai fazer o adestramento deles com toda a segurança e continuar comigo.

Vendo que a noiva abraçava o infeliz, acrescentou:

— Assim que você aliviar o luto, vai poder casar e ocupar os quartos dos fundos. Se achar que o serviço é muito, pode arrumar alguém que fique no lugar de seu irmão. Meu tio já lhe falou sobre as empregadas de dentro?

— Disse que havia deixado a casa aos cuidados de uma governanta, uma arrumadeira e uma cozinheira.

— Se vocês estiverem de acordo, eu dou um salário para sua noiva e ela vai poder trabalhar também. Serviço, numa casa tão grande, não falta. Meu tio está lá dentro?

— Ele ficou até às dez da noite, mais ou menos, e prometeu voltar bem cedo, que o enterro vai ser às dez. O cortejo vai sair às nove. O senhor vai à aula hoje?

— É claro que não! Mas não prometo ir ao cemitério. Agora são seis e pouco. Eu fico até meu tio chegar. Tenho muita coisa que conversar com ele e falta dar orientação às

empregadas. Agora eu vou entrar para ver Dona Francisca. Preciso agradecer tudo o que ela fez por minha família.

Juvenal notou que várias pessoas aprovavam com a cabeça a sua intenção e se alegrou por haver acertado mais uma vez com as palavras da circunstância.

Tadeu acompanhou-o até ao lado do féretro, ficando com ele enquanto o rapaz observava a lividez cadavérica do corpo da velha negra envolto em flores, com a cabeça coberta por um lenço branco de tule. O cheiro de incenso misturado com o odor das velas, no entanto, atordoou-o e ele precisou amparar-se no empregado, desculpando a fraqueza com o fato de estar sem comer.

Logo lhe cederam uma cadeira e ele se deixou ficar ali largado, sem muito controle sobre si mesmo. Não demorou, trouxeram-lhe um copo d'água, que bebeu pela metade, umedecendo o lenço que passou no pescoço e em todo o rosto.

Sem ânimo para conversar com as pessoas presentes, encostou a cabeça na parede, fechou os olhos e descansou do longo passeio noturno. De tempos em tempos, abria os olhos, acomodava-se melhor, a dar sinal de que não estava dormindo e voltava aos pensamentos que voluteavam em torno das afirmações que fizera a respeito da vida de além-túmulo. Na verdade, delirava um pouco, forçando a imaginação para reconhecer o que estaria passando no círculo existencial ao redor daquela cena de mero respeito material. Achou que também havia a história de uma vida a considerar e justificou muitas das pessoas presentes, pessoas que ele se lembrava de haver visto no dia do enterro de Lutécia.

Às sete e meia, levantou-se, aproximou-se do caixão e fingiu estar orando em silêncio. Apenas queria complementar o *teatrinho* que começara tão bem. Ameaçou persignar-se mas evitou o gesto tão logo lhe passou pela cabeça que não havia nenhum crucifixo a encimar a cabeceira da essa.

Nem bem saiu da sala, seu celular começou a vibrar.

Discretamente, Juvenal atendeu, dirigindo-se para um local ermo no corredor que ainda não estava tomado totalmente pelos parentes e amigos dos três defuntos velados ali.

— Onde você está, menino?

— Tio, estou no hospital, no velório.

— Muito bem. Fique aí que precisamos conversar.

— Sobre o quê?

— Sobre a arma do Tadeu e outras coisas que a polícia achou no quarto dele.

— Eu sabia que a gente ia ter problemas com o diploma falso...

— Há outras coisas. Não saia daí.

Naquele meio tempo, Juvenal alcançou a rua e foi tomar seu desjejum numa padaria em frente.

Estando sentado junto ao balcão, vigiava a rua, a ver quem entrava e quem saía da ala do velório. Ficou fazendo hora, aguardando a chegada do tio. No entanto, lá pelas oito, quem chegou foi sua mãe com o marido. Eles entraram sem dar com o moço que os observava.

Imediatamente, fez uma ligação para o tio, marcando o encontro na porta da frente do hospital, local em que não correriam o risco de serem interrompidos. O tio achou de muita prudência o pedido e concordou, avisando que estava chegando.

Sendo assim, foi possível dar-se a entrevista de forma reservada. Foi quando José demonstrou ao sobrinho que Tadeu estava sendo implicado por Macedo, contando-lhe a respeito das cápsulas deflagradas. Juvenal não atinou como é que Tadeu conseguira o material, mas não se preocupou com o que pudesse acontecer ao indigitado. Somente se pôs alerta para a eventualidade de uma prisão que lhe tiraria o único guarda que lhe sobrara.

— Vamos entrar?

— Eu prometi que ficaria até o senhor chegar. Como não preguei os olhos a noite inteira, vou dormir. Qualquer coisa, o senhor liga ou eu ligo.

Voltando de táxi no contrafluxo do trânsito, em quinze minutos estava em casa.

35. UM DIA DIFERENTE

Assim que Juvenal desceu do táxi diante de casa, aproximou-se dele aquela mesma estafeta dos desconhecidos que lhe passou um embrulho, sem dizer palavra.

Antes que abrisse o portão, o celular soou:

— Pronto.

— Não pergunte nada. Ouça com atenção. Você está ficando descuidado. Só abra o pacote em seu quarto, longe das empregadas. Também tem de se dedicar mais aos estudos. A quantia que lhe entregamos representa um bom investimento. Não perca a oportunidade.

Juvenal introduziu uma pergunta num repente:

— Por que eu?

— Porque para você se trata de trabalho e não de prazer. Veja se me entende. Dedique-se bastante à Química. Mas continue preparando-se para a Faculdade de Turismo. O ramo da hotelaria nos cairá muito bem.

Em seguida desligaram.

No celular ficou registrado o número de onde foi feita a chamada. Uma busca rápida revelou-lhe que se tratava de um telefone público perto de sua casa. Estavam esperando por ele.

Ao entrar, Margarida veio ao seu encontro. Desejava receber as ordens do dia e prestar conta do que haviam feito. A conversa foi breve, revelando o jovem que passara a noite em claro e que acabava de chegar do velório. Precisava descansar.

Sendo assim, aprovou o relatório e fechou-se no quarto, onde abriu o pacote. Lá estava um envelope com um maço de dinheiro, o suficiente para cobrir todo o ganho dos melhores meses do comércio das drogas. No fundo da caixa, outro pacote, pesado. Abriu com cuidado e encontrou a arma que havia abandonado no cinema, com o respectivo coldre.

Juvenal franziu a testa querendo compreender como é que não percebera que estivera sendo seguido. Julgara que fora ardiloso o suficiente para se desfazer do revólver e agora se via diante de um mistério dos grandes, difícil de resolver.

“Essa gente é muito poderosa. Evidentemente conhece todos ou quase todos os meus passos. Será que me darei bem aceitando seu patrocínio?”

A pergunta não obteve uma resposta satisfatória. Viera para casa até que feliz, restabelecendo o horário que mais lhe agradava da noite seguinte do sono durante o dia. Agora, deitado, não conseguia pregar os olhos. Calculou que, se não fizesse como lhe mandavam, sua vida de delinquente juvenil o levaria à cadeia ou diretamente ao cemitério.

Ficou ainda uma hora rememorando os acontecimentos que o forçaram a se desfazer da boca de fumo, acabando por suspeitar de que a denúncia feita à polícia bem poderia ter partido daquela organização.

“E se eu tivesse sido preso?”

Desta vez a resposta lhe pareceu clara:

“Eles teriam feito que eu escapasse ileso. Com certeza, têm alguém infiltrado no comando da polícia.”

Concentrou-se no fato de saberem sobre sua opção de estudos, mas achou que era um fato conhecido, tendo falado a respeito aos colegas do período noturno e do período matutino, inclusive respondendo a um questionário da escola. Até Armando tinha conhecimento disso. Era, portanto, impossível saber de qual fonte eles obtiveram a informação. Além do mais, Ângela e os coleguinhas de Lutécia o ouviram falar a respeito. Imaginou que a irmã pudesse ter revelado sua intenção até pela Internet, desconfiando que algum dos correspondentes bem poderia ser da quadrilha.

Súbito, a figura da mãe entrando no hospital lhe veio à mente. A lembrança do velório da irmã a colocou ao lado do esquiife, em lágrimas.

“Quem ela pensa que engana? Lágrimas de crocodilo. Ela é quem merecia ocupar aquele caixão.”

Destilou um veneno forte contra a mãe, recordando-se dos tempos em que o abandonara com o pai e a irmã. Seu ódio foi num crescendo até imaginá-la no lugar da irmã, recebendo uma saraivada de balas.

Finalmente, cedeu ao cansaço e dormiu até às duas horas da tarde, quando soou o despertador. Acordou muito sonolento, tendo dormido pouco. Mas queria conversar com Ângela para saber como é que seriam as tardes de estudos.

O almoço ainda não estava pronto, porque Margarida julgou que o rapaz dormiria até bem tarde. Mas faltava apenas concluir o cozimento da mistura, uma vez que o prato principal estava preparado.

Ao sentir o odor da comida, Juvenal percebeu que estava faminto. Desta feita não fingiu e comeu à vontade, elogiando muito o tempero.

Estava ainda à mesa, quando chegou a professora. Vinha com três alunos novos.

Margarida fez que esperassem na sala, enquanto o rapaz não terminava a sobremesa. Mas este deixou a compota de abacaxi no prato e foi ao encontro dos recém-chegados.

Ângela fez as apresentações dos três novos alunos, todos demonstrando muito mais vivacidade, maturidade e interesse que os anteriores:

— Milena, Patrícia e André. Estão no terceiro ano, preparando-se para o vestibular. São excelentes alunos. Estão precisando de reforço na área de ciências naturais. Somente o básico, porque não vão utilizar essas matérias nos cursos que irão escolher.

— Eu ia pedir-lhe para dedicar-se mais à Química.

— Podemos começar por aí.

Nesse ponto, a professora diminuiu a sonoridade da voz para dizer ao pé do ouvido de Juvenal:

— As duas mocinhas não vão conseguir acompanhar as aulas, a não ser que se faça uma revisão completa do primeiro grau. Elas estão em escola pública e não sabem muita coisa. Só iriam atrapalhar o seu avanço. Acho melhor dispensá-las.

— Você não disse isso a elas?

— Eu mostrei que estão muito fracas em todas as matérias e disse que não iriam aproveitar as aulas mais adiantadas.

— O terreno está preparado. Eu falo com Margarida. Ao menos estavam interessadas?

— Não muito. Acho que estão preocupadas com outras coisas.

— Namoro?

— Vida social no colégio. Margarida exerce o cargo de governante também na casa dela.

— Entendi.

Em seguida, Juvenal explicou que dormira pouco e que só acordara para conversar com ela. Sendo assim, pediu dispensa da aula para descansar, deixando a professora à vontade com os novos alunos.

Na cozinha, encontrou Margarida ajudando a sobrinha a lavar a louça. Ele a chamou de lado e explicou o que a professora havia dito, sem aumentar nem diminuir nada, concluindo:

— Penso que elas vão ficar mais sossegadas realizando as tarefas e indo embora duas horas mais cedo. Gostaria que entendessem.

Sem esperar resposta, dirigiu-se ao quarto, encontrando Valéria no corredor:

— Eu não sabia se era para abrir a porta, já que o senhor passou a chave. Preciso arrumar a cama.

— Vamos combinar assim: quando o quarto está fechado, você não entra. Certo?

— Certo. Quer que eu dê um jeito nele agora?

— Não é preciso. Vou me deitar de novo.

Passou-lhe pela cabeça efetuar um teste sobre a acessibilidade da empregada, mas desistiu, porque lhe pareceu que seria mal interpretado. Não faltaria ocasião. Quando abriu a porta, já Valéria havia descido a escada.

Deitou e teve ideias sensuais, recordando-se da noitada nos braços de uma prostituta conhecida. Logo adormeceu com o despertador preparado para despertar às cinco e meia. Às seis, chegaria Elvira.

36. A REUNIÃO

Quando Juvenal acordou, pareceu-lhe ouvir vozes animadas lá embaixo. Curioso, mal se deu tempo para uma rápida ablução, descendo a ver o que acontecia.

Na verdade, professora e alunos decoravam fórmulas, inventando paródias com músicas conhecidas.

Com a chegada do rapaz, silenciaram, desconfiando que o houvessem acordado.

— Continuem, por favor, disse ele.

A professora explicou:

— Nós apenas estávamos testando o que fizemos para decorar os aldeídos acético, acrílico, benzoico, cinâmico e fórmico, mas as nossas rimas são lamentáveis. Você não quer nos ajudar?

— Na próxima vez. Está na hora de terminar a aula.

Margarida chegou-se à porta, discretamente apelando para falar ao patrão.

Na sala contígua, ela foi breve:

— Seu tio ligou, pedindo para avisar que está a caminho. Precisa muito conversar com o senhor. As meninas agradecem a autorização para saírem mais cedo. Por isso, elas já foram embora. Elvira já chegou. Ela veio com o *Seu* Ricardo do centro. Estão lá na piscina.

Juvenal estranhou a eficácia da governanta, desconfiando que lhe menosprezara a capacidade. Deu um adeus aos colegas e à professora e se dirigiu ao quintal, para saber a que vinha o diretor da casa espírita.

Após os cumprimentos, Ricardo se antecipou à pergunta que se estampava no rosto do anfitrião:

— Eu pedi para Elvira me trazer porque tive a sensação de que poderia ser útil, agora que se passaram alguns dias, desde que você começou a refletir sobre os temas espíritas.

Elvira não estava gostando nada da atitude do companheiro e tentou esmiuçar o que havia acontecido a ele:

— Eu acho que o nosso palestrante, médium há muitos anos, deve ter recebido algum recado intuitivo do além. Ele não disse nada, mas é bem possível que algum irmão protetor seu ou de sua família veio pedir a ele que conversasse com você.

Juvenal não deu atenção aos cuidados de ambos e desferiu à queima-roupa uma pergunta específica:

— Eu tenho tido uns relances de lucidez, se assim posso chamar o fato de haver falado em termos espirituais, para consolar a dor do Tadeu, o sobrinho da senhora morta pelos cães. As palavras me vieram de repente, sem eu pensar sobre elas. O espiritismo explica isso?

Naquele justo momento, Margarida chegou com uma bandeja, xícaras e café. Juvenal fez as honras da casa, passando o café servido pela criada às mãos dos dois. Foi um precioso tempo para que Ricardo elaborasse uma resposta plausível:

— O espiritismo busca explicar a vida e a morte; melhor dizendo: a existência. Em seu caso, aplica-se a regra geral que os espíritos ensinaram a Kardec, qual seja, primeiro, para tudo o que acontece, devem-se encontrar as explicações científicas, físicas, materiais.

Somente quando não há resposta humana é que se deve partir para a lógica doutrinária. Você leu, evidentemente, um mínimo de teoria espírita. Mas o seu cérebro carnal (existe o cérebro perispiritual, mas isto você só irá aprender mais tarde) o seu cérebro carnal desenvolveu as ideias que se acomodaram no inconsciente. Para isso, você deve ter tido um forte interesse pelo assunto, caso contrário sua memória rejeitaria as noções que tivessem ficado como que flutuando na mente, sem se fixar em nada. É o que se chama de prender o novo ao velho ou, de forma mais objetiva, estabelecer um relacionamento, uma associação de ideias, de conceitos, de princípios. Quando você falou espontaneamente a respeito da vida após a morte, devia estar impressionado com a desesperança que toda dor moral provoca nos indivíduos quando sofrem uma perda tão grande, ainda mais que ele estava ainda enlutado pelo irmão e pela cunhada. Se você se lembrar de seus próprios sentimentos em relação à desencarnação de sua irmã, irá compreender melhor o que estou tentando expor.

Juvenal seguiu todo o roteiro das ideias, eclodindo a observação final na seguinte questão:

— Gostaria de ouvir uma palavra a respeito do fato de eu não estar sentindo, naquele momento, nenhuma comisseração nem pelo vivo nem pela morta. O que o espiritismo tem a dizer a respeito dessa minha frieza emocional?

Foi uma questão que surpreendeu os interlocutores. Tacitamente, Ricardo passou a palavra a Elvira, entendendo que ela conhecia bem melhor o rapaz que ele. Por sua vez, a professora rejeitou claramente a responsabilidade de uma resposta, afirmando:

— Esse é o exato problema que me levou a manter estas duas sessões semanais. A verdade é que eu notei esse seu comportamento, mas nem por isso saberei dar uma resposta adequada, nem no sentido do conhecimento humano, porque psicóloga não sou, nem da sabedoria espiritual.

Continuaria ela a desenvolver os tópicos em que situou o tema, mas foi interrompida com a chegada de José, Tadeu e Macedo, introduzidos por Margarida.

Ao se depararem com os dois elementos do centro espírita, os recém-chegados admiraram-se de que Juvenal estivesse recebendo orientação de caráter espiritual, mormente Macedo, porque jamais suspeitaria de que um jovem que mantinha a irmã reclusa estivesse interessado em algo além da matéria. Logo, porém, imaginou que a morte de Lutécia é que precipitara o desejo de conhecer as teses relativas ao depois da morte.

Mas foi José quem, após os cumprimentos, elucidou a respeito do a que vinham:

— Tadeu está isento de qualquer suspeita. Ele queria informá-lo de tudo, entretanto, achei melhor vir eu mesmo, caso seja necessária alguma explicação legal. Vínhamos saindo da delegacia, quando Macedo se propôs a acompanhar-nos, para reforçar, junto a você, a necessidade das providências para regularização da permanência do Tadeu na qualidade de guarda de segurança armado. Quanto às cápsulas, os policiais consultados a respeito da alegação de que foram encontradas no carro confirmaram que Tadeu esteve lá, inclusive porque se recordavam perfeitamente do César. Tinha você conhecimento de tal visita?

— Não sabia nada disso. E também não posso imaginar para que serviria levar o cão à delegacia.

Tadeu ameaçou falar, mas José antecipou-se a ele:

— Ele achava que César poderia, através do olfato, reconhecer quem atacara o irmão. Ao encontrar os cartuchos, a primeira ideia foi trazê-los para que os outros cães também os cheirassem.

Juvenal refletiu uns instantes, antes de observar:

— Isso só poderia causar problemas, como acabou acontecendo. É de uma ingenuidade a toda prova. Mas você conseguiu alguma coisa de positivo?

la Tadeu responder, mas, de novo, José interveio:

— Não teve tempo para nada. Mas a intenção de elucidar o crime é compreensível. Você também não gostaria de ver os assassinos na cadeia?

— Nem por isso, tio, vou sair por aí fazendo as vezes do Inspetor Macedo. Mas vamos deixar que ele diga a que veio.

— Em primeiro lugar, queria dizer que a minha visão inicial das coisas erradas nesta casa passavam por uma acusação à sua pessoa, pois acreditava que a situação anormal dos seus empregados era de sua responsabilidade. Tadeu disse que tanto a arma dele quanto a do falecido foram dadas por seu pai, como ainda os diplomas e os portes falsificados. Eu apurei tudo. Então, recomendei ao Doutor José que o orientasse no sentido de, em mantendo o moço a seu serviço, fazer que frequente um curso reconhecido oficialmente, enquadrando-se nos termos da lei, inclusive quanto ao porte de arma. O que eu não disse a ele, mas digo a você, é que a responsabilidade pelo acidente com os animais é mais sua que dele, só não cabendo, a meu ver, uma reclamação judicial, porque o rapaz é que cuidava dos cães, sendo tratador e treinador, tanto que era por eles obedecido. Como ele me disse de sua intenção de arranjar outros animais, dando a ele a oportunidade de adestrar-se para mantê-los apenas como uma proteção adicional do patrimônio, acredito que minhas palavras sejam, como disse seu tio, um reforço para suas ideias. Eu só gostaria que você mesmo me confirmasse que irá proceder segundo o que a prudência nos ensina.

— Sem dúvida alguma. Devo adiantar-lhe que, estando os bens de meu pai, como diz meu tio, *sub judice*, não pretendo ir morar noutra lugar, para não dar oportunidade a ninguém de se assenhorear da propriedade. De resto, depois que minha irmã morreu, as coisas se complicaram ainda mais, porque o espólio tem de ser decidido pelo juiz.

Macedo admirou-se com a desenvoltura do rapaz:

— Nada como ter um tio advogado.

— O senhor se esquece de que meu pai deixou uma biblioteca bem formada quanto aos temas do direito, biblioteca que tenho frequentado desde criança.

O investigador tinha mais um assunto:

— Estou autorizado a lhe oferecer, pelo menos por uns tempos, a proteção adicional de uma viatura que passará as noites diante da sua residência, até que você ajeite as coisas. É preciso que eu diga que não se trata de um favor muito grande, porque o ponto em que costumam ficar os policiais é aqui perto.

Lembrou-se o rapaz dos soldados que ele cumprimentava ao sair à noitinha e dos quais se desviava ao voltar de madrugada. Mas não disse nada, agradecendo com o sinal de positivo.

Tadeu solicitou permissão para retirar-se e foi José quem o dispensou, explicando aos demais:

— A mãe e a irmã estão arrumando os pertences de Francisca, deixando tudo em ordem para que o rapaz tenha uma noite de tranquilidade, já que passou por dois dias de sofrimento muito grande, quase sem dormir. Vai o pobre ter de refazer todos os seus hábitos de vida, de novo.

Vendo que o empregado se distanciava, Juvenal perguntou ao tio:

— Eu não entendi direito a iniciativa dele de procurar os assassinos por conta própria.

Foi Macedo quem respondeu:

— Os familiares, muitas vezes, juram vingança e querem, a todo custo, fazer justiça com as próprias mãos. Esse moço, eu acho, envolvido em mais uma tragédia, nesta com uma participação direta, vai ficar por uns tempos sem saber direito o que pensar. Daqui para frente, vai sossegar quanto a encontrar os assassinos.

Aproveitando a deixa, José fez-lhe uma pergunta:

— Em que pé estão as investigações? Lembro-me que havia uma pessoa a ser interrogada. Eu mesmo pretendia ir conversar com ela, mas estou ocupado e não deu tempo.

— Interroguei pessoalmente. Não soube fornecer nenhuma informação que nos desse alguma pista. Viu a moto se aproximar do carro mas não sabe dizer nem de que tipo, marca ou mesmo de que cor era ela. Disse que o homem que atirou desceu já atirando, como se estivesse executando as pessoas. Falou de uma sirena forte que vinha pela mesma rua e que logo o indivíduo subiu na garupa e partiram. Eu constatei que uma árvore impedia a visão da direção em que seguiram.

— O que atirou, inquiriu José, não fez menção de abrir a porta do motorista?

— A moça que presenciou toda a cena não soube dizer. Deve ter ficado muito abalada. O que ela assegurou é que o atirador era alto e magro, trajava uma roupa de jovem, calça de brim e jaqueta de couro. Ambos com capacete, sem nenhuma característica particular. Este tipo de crime está multiplicando-se nos cruzamentos com semáforos, havendo muita gente que é morta por se recusar a entregar o relógio, a carteira ou o próprio carro.

Juvenal interveio:

— Quer dizer que vocês não fizeram nada de positivo?

Macedo estava impassível:

— Vai dia, vem dia, a gente prende os culpados por outro crime e eles confessam mais esse. É típico nos procedimentos policiais. Estamos acostumados. O povo acha que se devia exercer uma vigilância ostensiva mais séria. Eu concordo. Mas é preciso não confundir as coisas: essa parte está a cargo da outra polícia; nós só investigamos depois que o crime foi praticado.

José acompanhou toda a manifestação de Macedo, sem demonstrar nenhuma reação fisionômica. Ao término dela, perguntou a Ricardo:

— O meu amigo a que veio?

— Vim verificar o progresso de seu sobrinho no espiritismo. Depois de acontecimentos tão tristes, sempre é bom averiguar como é que as ideias doutrinárias auxiliaram a enfrentar os problemas.

— E ele correspondeu?

— Mais do que podíamos imaginar. As questões que propõe são profundas, tanto que nós não temos condições de responder. Agora mesmo, ele nos perguntou algo sobre que não tivemos uma boa explicação.

Elvira foi solicitada por um gesto de Ricardo a complementar a informação:

— Eu estava dizendo a ele que a pergunta que nos fez era impossível de responder num repente. Seria preciso um psicólogo, ou melhor, um analista para, depois de várias sessões, afirmar algo de concreto a respeito das razões de ele ser tão isento de emotividade. Perguntou se o espiritismo traria alguma explicação. É claro que traz, mas são tantas as causas possíveis, que a gente só poderia levantar hipóteses, sem que nenhuma correspondesse ao seu caso específico.

José estava muito impressionado com o teor daquela confissão. Com muito cuidado, medindo as palavras, afiançou:

— Essa característica da personalidade de meu sobrinho é antiga. Acho que data da separação dos pais, quando ele perdeu o carinho da mãe. Ou melhor, pode ter acontecido até antes, quando do nascimento de Lutécia. Aqui Freud explicaria melhor do que eu. Se ele fosse morar conosco, a tia iria cuidar dele como se fosse a mãe que não teve.

Juvenal se abespinhou:

— Nem por decreto, senhor advogado. Também não sou tão tapado assim que não possa ver o mal que ela nos causou. Meu pai foi morto a tiros; mas atiraram num cadáver ambulante, porque ele vivia como um zumbi, sem nenhum gosto pela vida. Fizeram até um favor a ele os que o mataram. Mas esta conversa está se afastando muito do ponto essencial: como é que o espiritismo enxerga as questões individuais e como trata delas.

Ricardo viu-se forçado a participar:

— O espiritismo constitui uma doutrina que se quer científica, mas no trato com os espíritos. Tudo o mais deixa ao encargo da humanidade. Eu precisaria de um dia inteiro para desenvolver este tema. Aliás, são diversas palestras, um verdadeiro curso que tenho preparado e que a cada dois anos repito. Essa é uma fórmula eficaz para a maioria das pessoas que nos procuram e que ouvem a respeito de seus problemas de maneira bem geral, tirando elas mesmas suas conclusões. Em casos especiais, diria especialíssimos, quando nos parece um problema de obsessão, levamos o obsedado a uma sessão em que solicitamos que os guias do centro e os espíritos amigos ajam em função de afastar o espírito obsessivo do encarnado. Quando não é possível, o que o mais das vezes acontece, receitamos humildade e fé no Senhor, e que a pessoa elimine os hábitos viciosos, como o da bebida, que é o mais comum. Não sei se respondi à sua pergunta, meu jovem, mas estou à disposição para maiores esclarecimentos.

Juvenal achou que já bastava por um dia ter-se exposto tanto. Não contara com a presença de Macedo, mas terminou concluindo que até havia sido muito bom que ele tivesse tomado conhecimento das perguntas e das respostas de cunho moral. Assim, deu o assunto por encerrado:

— Respondeu plenamente. Vou pensar no assunto e, se tiver outras dúvidas, Elvira me elucidará.

Citada, a professora não perdeu a deixa:

— Enquanto isso, é bom avançar na leitura das apostilas e do livro de Kardec. Talvez você acrescente outros temas ao seu cabedal de dúvidas, mas, com certeza, irá resolver outras tantas.

Ricardo tomou a iniciativa de se retirar, levando consigo José e Macedo, tendo os três saído conversando a respeito do destino dos espíritos após a morte, de acordo com o grau de adiantamento.

Elvira notou que o rapaz ficara preocupado e perguntou-lhe:

— Você está pensando no Tadeu?

— Não. Eu estava pensando que dormi muito pouco de ontem para hoje e que seria bom ir descansar. Aproveite para levar Ricardo para casa. Depois de amanhã, a gente trabalha normalmente.

— Acredito que você ganharia muito se fosse ao centro nos dias de palestras. Sempre a gente reserva um tempo após a aula para ministrar passes magnéticos ou fluídicos em quem se acha necessitado.

Juvenal ficou com vontade de perguntar sobre os benefícios de tais passes, mas evitou fazê-lo, uma vez que ansiava por ficar sozinho. Desconversou:

— Vou refletir sobre isso, pode crer.

Ato contínuo, acompanhou a professora, encontrando-se com os três homens ainda entretidos no mesmo tema, na porta da garagem.

Ao se fechar no quarto, bateu-lhe fundo um sentimento misto de revolta e de saudade da irmã, verdadeira comoção moral que o levou a um pranto silencioso, enquanto enxergava o vulto dela, envolto em névoa de recordação, a cuidar da casa, diligente e prestimosa.

Quando estava consolando-se, meio entregue à sonolência daquele dia cansativo, surgiu-lhe na mente a figura de Valéria, o que lhe causou um desequilíbrio mais forte, provocando-lhe novo abalo.

Demorou para conciliar o sono, um sono pesado e desagradável, cheio de tétricas visões, onde os panos ensanguentados da bacia se levantavam a bailar soltos no espaço, borrifando-lhe o rosto e as mãos. Acordou sob a impressão de que, finalmente, alguém o ajudava a limpar-se, oferecendo-lhe um bálsamo de esperança.

37. UMA SEMANA DE MUDANÇAS

Juvenal levantou-se às três da madrugada. A casa estava em silêncio, tendo Margarida deixado acesas as lâmpadas internas e externas da segurança do prédio. Ainda no escuro, para não ser notado do lado de fora, olhou pela janela e verificou que a viatura policial ali se encontrava. Dirigiu-se ao quarto do fundo, o de Lutécia, e examinou o quintal, observando que Tadeu deveria estar desperto, porque viu luzes no quarto e na sala.

Desceu na penumbra dos reflexos das lâmpadas nos espelhos, dirigindo-se ao amplo escritório do pai, onde se guardavam os livros da biblioteca em estantes fechadas por portas de vidro.

O rapaz abriu o compartimento secreto das armas, afastou uma tábua do fundo e acionou a alavanca que movimentava o móvel que disfarçava a escada da adega, acendendo automaticamente a luz no fundo. Ao chegar ao piso, inspecionou as quinhentas peças de ouro de um quilo, herança secreta que o pai deixara aos filhos. Na parede oposta, prateleiras empoeiradas, cheias de velhas garrafas de vinho, relíquias que Juvenal mantivera até então intocadas.

Em uma cômoda de seis gavetas, antigo móvel de madeira maciça, verificou, abrindo a primeira, o seu conteúdo de maços de notas de cem dólares, calculando a existência de para mais de quinhentos mil dólares.

Acariciava as notas sem sofreguidão, seguro de que era uma riqueza que jamais se desfaria; ao contrário, recordava-se de que, ao montante que encontrara quinze dias antes do assassinato do pai, juntara, nos últimos dois anos, quase todo o lucro que obtivera no tráfico de drogas.

Em um outro armário, mais alto, não mexeu, ciente de que estava tudo como deixara.

Pensando nos transtornos que aconteceriam se o tio soubesse da existência daquela pequena fortuna, desta feita, ao invés de guardar o dinheiro que recebera das mãos dos misteriosos protetores, recolheu um maço de notas, conferindo a inscrição na presilha de papel: dez mil dólares.

Começava a suar naquele ambiente fechado, quando subiu de volta, trancando tudo.

Tinha um plano na cabeça.

Dirigiu-se ao quarto da irmã, ligou o computador, conectou a Internet e buscou os *sites* de imobiliárias localizadas em bairros da gente endinheirada. Procurava por um apartamento de luxo em que pudesse agasalhar a riqueza. Em várias delas, havia ofertas de imóveis para venda ou aluguel. Através de fotos e de vídeos, pôde examinar mais de uma dezena em condições favoráveis para seu desígnio.

Escolheu três e reservou horários na parte da manhã, através de *e-mails*.

Tendo ouvido movimentação no pavimento de baixo, olhou as horas e constatou que as empregadas haviam chegado.

Voltou a examinar a rua e já os policiais lá não se achavam.

Diante da tela do computador, selecionou uma locadora de carros, correu os veículos oferecidos, escolheu um blindado e fechou negócio, fazendo um depósito através do cartão de crédito, solicitando que lhe enviassem o carro dentro de duas horas.

Só então foi tomar uma ducha quente, preparando-se para descer.

Esperavam por ele as três criadas, no aguardo das ordens do dia. Ao verem-no, tiveram uma forte surpresa, um deslumbramento, porque Juvenal trajava um terno cinza de gabardina inglesa, gravata de seda estampada, com predominância do vermelho escuro, debaixo de um colarinho alvo, calçando finos e reluzentes sapatos pretos. Dava-lhe uma aparência bem mais velha a armação sóbria dos óculos. Examinados, demonstrariam que não existia mais que cristal, porque o que almejava o rapaz era justamente aquele efeito, porque sua visão era perfeita. Do mesmo jeito, envelhecia-o a barba cerrada, que ele não havia escanhoado, mantendo-a aparente, sem displicência, porém.

Formulou as recomendações de praxe, informando que não voltaria para almoçar.

Margarida se apressurou a perguntar:

— Devo avisar a Professora Ângela para não vir com os alunos?

— De forma alguma. Eles podem trabalhar normalmente. É possível que eu volte a tempo de pegar alguma explicação valiosa. Não vai demorar para eu ter novidades que vão mexer com todos desta casa. Penso em mudar-me. Vão pensando se vocês querem continuar trabalhando para mim.

Depois de avisar que chegaria um carro de aluguel, sentou-se à mesa, servindo-se do lauto café da manhã.

Em compasso de espera, pegou o livro de Kardec e abriu ao acaso, deparando-se com as explicações dos espíritos relativas a possuírem os animais uma alma.

Leu:

“Trata-se também de uma alma, se quiserem assim; *isso depende do sentido que se atribua a essa palavra*; porém, ela é inferior à do homem. Existe entre a alma dos animais e a do homem tanta distância quanto entre a alma do homem e Deus.”¹

Lembrou-se dos cães mortos e de que havia levantado tal hipótese e passou a divagar, montando um paraíso em que, sob os olhos de Deus, as almas dos homens passeavam rodeadas por animais de toda espécie, porque imaginava não existir mais a necessidade da ferocidade e da selvageria. Súbito, concentrou-se na observação da distância referida entre Deus e as almas dos homens e dos animais. Considerou o que vinha estudando a respeito da vida animal, juntou aos programas de televisão dedicados a esses estudos e concluiu que era um absurdo a consideração registrada por Kardec, dado que aproximava demasiadamente a alma dos homens de Deus. Perguntou-se por que teriam os espíritos laborado em tamanha imprecisão, mas não soube atinar com uma resposta conveniente, a não ser a de que, talvez, não fossem tão adiantados para conhecer a realidade da existência divina.

Maliciosamente, julgou que era de toda conveniência que respondessem algo que agradasse aos ouvidos humanos, imputando a Kardec, além da pergunta, a formulação da resposta. Tanto bastou para largar o volume sobre a mesa, erguendo-se como que à procura de novo centro de interesse.

¹ *O Livro dos Espíritos*, item 597.

Nisto ouviu a campainha, indo ele mesmo atender. Chegava o carro que alugara.

O motorista passou-lhe as chaves e a documentação, pediu-lhe uma assinatura num recibo, perguntou-lhe se necessitava de alguma orientação para manobrar o veículo e, à vista da resposta negativa, subiu na garupa da moto que o havia acompanhado, partindo em disparada.

Com sua belíssima pasta de couro natural, o jovem sentou-se ao volante, acionou o ar condicionado, deu a partida e saiu mansamente, testando a potência do motor e a segurança dos freios.

Dez minutos depois, estava estacionando no pátio da primeira imobiliária.

Recebido pelo corretor, manifestou o desejo de falar diretamente com o responsável, explicando ao senhor que o atendeu que se tratava de um negócio sigiloso.

— O senhor deve ter visto recentemente no jornal a notícia de que uma senhora foi morta por três cães.

— Um caso muito lamentável.

— Pois sucedeu comigo. Sou eu mesmo quem perdeu a irmã e o pai assassinados.

— Estava explicado na reportagem.

— Fiquei só. Mas não posso alienar o imóvel por questões judiciais. Então, tenho de manter os bens comigo, mas não mais consigo viver naquele ambiente de tristes recordações. Sendo assim, preciso de um apartamento grande, embora vá ficar meio vazio até que se decida o juiz a me reconhecer como legítimo herdeiro de tudo.

— O senhor tem algum apartamento em vista?

— Sim. Este.

Juvenal retirou da pasta uma folha que imprimira em casa com a foto e as características do imóvel.

— Este apartamento é especial. O senhor está disposto a gastar três mil dólares mensais, apenas com o aluguel, mais as despesas normais de condomínio?

— Sem dúvida.

— Vou mandar meu corretor...

— Gostaria que fosse o senhor mesmo mostrar-me o apartamento, principalmente porque sei que somente após a assinatura do contrato é que me mostrarão os cofres e me fornecerão as chaves e os segredos deles.

— Como quiser.

O homem solicitou permissão para ir buscar as chaves, enquanto o rapaz ia esperá-lo do lado de fora.

Foram em comboio até o prédio, que se situava num condomínio fechado, verdadeira cidade dentro da cidade, espécie de fortaleza de gente rica, onde, para entrar, tiveram de deixar os documentos com os porteiros, tendo sido acompanhados por um segurança até a porta.

Lá dentro, o conforto mais moderno, com todas as instalações para uma vida agradável e segura. O vídeo mostrara boa parte das acomodações, mas ocultara três dos cinco quartos e duas das três salas, não precisando o cicerone explicar a razão do fato, porque Juvenal adiantou-a a ele:

— Tal como vocês não mostram os cofres, também não divulgam todos os cômodos para não atraírem a cobiça dos marginais. No entanto, gostaria de saber qual a capacidade do cofre principal, porque tenho muitos valores para guardar nele.

— Existem três cofres. Um na sala de estar, pequeno, para enganar os assaltantes, caso ocorra uma invasão. Nele se recomenda que se deixem algumas joias, papéis de pouca importância e alguns milhares de dólares. No quarto do casal, existe um outro com a mesma finalidade, caso os ladrões desconfiarem da existência da armadilha. O cofre principal está noutra repartição e eu lhe garanto que tem capacidade para guardar um grande arquivo de documentos, dinheiro, ações e joias, além de objetos de arte.

— Eu gostei do apartamento, principalmente porque poderei manter meus empregados, sem precisar vê-los entrar e sair, dado que existem elevadores de serviço muito bem situados. Para mim está perfeito. O senhor lavra o contrato e meu advogado virá assiná-lo, trazendo as testemunhas de rigor.

— Quanto ao fiador?

— Nenhum problema. Faremos um depósito na sua conta particular e o senhor mesmo irá deduzindo mês a mês o valor a ser transferido para o dono, desde que se comprometa, por contrato, a não divulgar o nosso negócio.

Surpreendeu-se o gerente com a inédita proposta, principalmente porque vinha de um jovem que poderia ser seu neto. De qualquer modo, preferiu outra maneira de solucionar a questão:

— Talvez seja preferível, em lugar de imobilizar o dinheiro, deixar assinados tantos cheques quantos os meses do contrato, cheques visados pelo banco.

Juvenal não se satisfez com a fórmula e propôs outra, a definitiva:

— Nem no seu banco, nem no meu. Faremos o negócio em dólares. Eu entrego, contra recibo, o valor total do aluguel e o senhor mantém tudo em segredo, inclusive sem referi-lo sequer ao meu advogado.

Um aperto de mão selou o acordo.

Sem receio de estar lidando com impostor, o senhor fez questão de mostrar o cofre principal ao cliente, demonstrando que não exagerara ao descrever-lhe as dimensões.

Combinaram a assinatura do contrato e a entrega do dinheiro e das chaves para as onze horas e cada qual foi para o seu lado.

Ainda no carro, Juvenal ligou para as duas outras imobiliárias, anulando os encontros marcados. Também ligou para a oficina em que se reformava o carro, obtendo a informação de que o serviço ia adiantado e que poderia terminar antes do prazo.

Tendo voltado para casa, surpreendeu as mulheres com sua presença, já que havia dito que não iria almoçar. Na verdade, precisava abastecer-se de dólares e providenciar a transformação de alguns em moeda nacional, para as despesas em que não poderia utilizar-se do cartão de crédito.

Retornando à imobiliária, encontrou o contrato pronto, conforme lhe fora prometido, faltando apenas a assinatura do locador, assinatura que lhe foi assegurada para aquele mesmo dia.

O senhor ficou muito satisfeito ao receber os dólares, afirmando que tudo se manteria em segredo, inclusive para o dono do apartamento, que receberia mês a mês o

aluguel, já que Juvenal não autorizou o pagamento das vinte e quatro mensalidades de uma única vez.

De posse das chaves, dirigiu-se ao apartamento para tomar posse dele, principalmente porque precisava conhecer os funcionários do condomínio, inclusive o síndico, os quais foram alertados pelo corretor para a presença do novo inquilino.

Familiarizado com as pessoas e com o prédio e arredores, passou a examinar detidamente os cômodos, escolhendo o mais resguardado e silencioso para seu dormitório e o contíguo para os computadores, já que havia extensões dos dois telefones em todos os quartos, extensões de que precisava para conectar-se à Internet.

Almoçou um sanduíche que levara de casa, verificando que não havia talheres nem pratos. Também não havia roupa de cama, de mesa e de banho. Margarida precisaria entrar em ação. Por isso, ligou para ela, deu-lhe o endereço, determinou que fosse imediatamente para lá, explicando-lhe por alto o que se passava.

Quando ela chegou, ele foi avisado pelo interfone, descendo para liberá-la na portaria, já tendo os porteiros indicado como deveria proceder para chegar ao local de trabalho.

Às duas horas da tarde, estavam de volta, encontrando em grande agitação os três empregados, Valéria embalando as roupas, Glorinha, os petrechos da cozinha e Tadeu transportando tudo para a garagem vazia.

Também lá se achavam Ângela e os alunos, meio desanimados com a notícia, crentes de que as aulas iriam acabar.

Quando Juvenal entrou na sala, sua indumentária passou aos presentes uma imagem de poder e segurança a que não estavam habituados. Mas ali mesmo, enquanto explicava o que estava acontecendo, o rapaz foi despojando-se do paletó, da gravata e dos óculos, tornando-se mais parecido com aquele moço que conheciam.

Disse-lhes ele:

— Vocês devem entender que eu não posso mais morar sozinho aqui. É uma verdadeira mansão. Então, vou mudar-me, mas nós continuaremos com as aulas, como se nada tivesse acontecido. Tadeu vai tomar conta das coisas e vai recebê-los normalmente. Eu comparecerei todo dia, dando preferência aos estudos com vocês aos que recebo na escola. Hoje, como estou atarefado com a mudança, vou permitir-me faltar. Amanhã, tudo entrará nos eixos.

Sem dar tempo a que ninguém dissesse nada, subiu para o quarto com o fito de trocar-se. Em seguida, soltou os três computadores e todos os equipamentos, que ele chamava de periféricos, e desceu-os um a um, colocando-os no banco de trás do carro que ficara no jardim, na entrada da garagem.

Inquiriu de Margarida para que hora poderia chamar a empresa de mudanças e, em seguida, contratou o serviço de uma delas para as seis horas da tarde, garantindo que pagaria em dobro as horas a mais que todos trabalhariam.

— Eu quero passar esta noite na minha nova residência, afirmou como prova de determinação.

Ato contínuo, levou duas malas para o escritório, trancou-se e encheu-as com muitas cédulas e alguns quilos de ouro. Começava a mudança de sua riqueza.

Para que não suspeitassem de nada diferente, avisou que iria levar parte dos livros da biblioteca, deixando a maioria onde estava.

Às nove horas da noite, meio acomodadas as coisas no apartamento, as mulheres se retiraram, deixando Juvenal à vontade para guardar o que trouxera no cofre principal, o que ele fez um pouco contrariado, meditando a respeito de sua dependência às pessoas e coisas. Quando se lembrava de que até bem pouco tempo mandava e desmandava junto aos infelizes de sua gangue, via-se diminuído a dar ordens a serviçais.

Mas, ao reconfigurar os computadores, entreteve-se com eles, dispondo-os em rede, como estavam antes. Contatou os provedores da Internet e habilitou as duas novas linhas telefônicas, deixando tudo em ordem, conforme verificou através de vários testes.

Pensou nos policiais ainda estacionados defronte de casa, eliminando da mente a ideia de realizar outro carregamento. Estabeleceu o plano para os próximos dias e deitou, passando por duas horas de ansiedade, porquanto a recordação da irmã, desde a noite em que a pranteara, não se desfazia muito facilmente.

Imaginou-se a orar pelo descanso da alma de Lutécia, mas não efetivou nenhuma oração daquelas de que ainda se lembrava de quando era criança. Mas só a intenção bastou para tranquilizá-lo e ele pôde conciliar o sono, finalmente.

O dia seguinte amanheceu sem surpreendê-lo no leito. Ligou para casa, deixando um recado para Margarida no sentido de preparar-lhe o café da manhã, assinalando que chegaria bem cedo.

Enquanto deixava o tempo passar, encheu a banheira da hidromassagem e experimentou um conforto que ele só conhecera nos motéis, visto que não instalara nenhuma em casa.

Julgara que sairia do banho totalmente relaxado; ao contrário, as pernas e braços lhe pesaram como se o movimento das águas houvessem imposto um exercício violento. Recordou-se de que era dia de enfrentar a sessão de musculação de Elvira, primeira, na verdade, em que se defrontaria com os aparelhos.

Durante a manhã, realizou quatro viagens, aproveitando que as empregadas estavam ocupadas em empacotar outros pertences, enquanto Tadeu continuava a empilhá-los na garagem.

As aulas da tarde foram devidamente cabuladas, para que realizasse mais três transportes. Calculou que levaria uns três ou quatro dias para terminar o serviço, isto se conseguisse manter as criadas longe do apartamento, para não levantar suspeitas, ainda mais que precisou levar alguns livros de cada vez ou daria muito na vista.

Às cinco da tarde, chegou o caminhão da transportadora, aliviando a garagem e carregando consigo as empregadas. Juvenal ficou com Elvira, que muito se espantou com a mudança.

— Não se preocupe, disse-lhe ele. O prédio possui um salão bem equipado de aparelhos e eu já me informei a respeito de levar minha instrutora particular, tendo ficado sabendo que muitos residentes fazem o mesmo.

— Trata-se dos *personals trainings*, esclareceu a professora. A febre desses instrutores particulares já está passando, mas houve uma época que não havia senhora ou senhor da alta sociedade que não tivesse o seu. Eu mesma tive muitos clientes, para não dizer instruendos, como Lutécia e agora você. Vamos começar?

Durante quase duas horas, realizando exercícios leves, Elvira pôde demonstrar ao rapaz que precisava reformular muitos de seus hábitos, já que a contextura muscular necessitava adquirir melhor tonicidade. Fez-lhe várias recomendações quanto aos alimentos e lhe pediu para organizar um horário de estudo e de trabalho junto ao computador. Desejava, conforme explicou, conhecer os pontos de abuso e o papel do descanso no equilíbrio das atividades rotineiras, com vista a prepará-lo convenientemente para o ingresso na faculdade.

Juvenal, que não suspeitava que estivesse tão *enferrujado*, admirou-se com o resultado dos testes físicos, vendo-se completamente fora de forma, apesar de não portar nenhum acúmulo de gordura no corpo.

Ao término da sessão, comentou:

— Gostei de sua aula, mas teria gostado mais se tivéssemos conversado sobre os temas espíritas.

— Eu acho que você não tem lido muito os textos que lhe passei. Mas compreendo que estes dias estão comprometidos com a mudança. Tal como não forcei os exercícios, também não irei obrigá-lo a uma realização maior que sua disposição. Fique a lição do equilíbrio, o que não é pouco, caso consideremos que o entendimento desse princípio ou virtude é fácil, mas sua aplicação à vida é extremamente complexa.

Assim que despediu a professora, Juvenal entrou em contato com o tio para saber a que hora iria conhecer o apartamento.

— Depois da palestra que irei ouvir no centro. Ricardo vai falar a respeito de mediunidade. Você não quer ir comigo? Eu passo por aí e o pego; depois voltamos juntos.

O jovem hesitou antes de dizer que não:

— Preciso ir ver como as coisas estão, para dispensar as criadas. Quero supervisionar tudo. Ainda não confio plenamente nelas.

— Posso passar por lá.

— Vamos ficar assim: se, às sete e meia, eu estiver disposto, eu ligo para o senhor e a gente combina. Certo?

— Certíssimo.

Fez Juvenal o que tinha de fazer e, às sete horas, estava ligando para o tio. Às oito, entravam no auditório lotado do centro espírita, acomodando-se na última fileira, onde havia alguns lugares vagos logo ocupados.

O presidente fez a apresentação do palestrante e do tema sobre que discorreria, solicitou concentração aos presentes e efetuou a prece de abertura, sem ênfase nem comoção, como se rezasse consigo mesmo.

Em seguida, Ricardo assumiu o microfone e começou sua longa peroração, informando como foi que Allan Kardec tomou contato com os espíritos, através de diferentes médiuns, em várias casas onde se efetuavam reuniões mais ou menos sérias. Explicou quais os meios materiais utilizados inicialmente, começando pelas mesinhas e pranchetas, chegando a colocar o lápis diretamente na mão do intermediador. Referiu-se à mediunidade de Francisco Cândido Xavier, dando diversos exemplos de fenômenos que ocorriam sob seu patrocínio.

No princípio, Juvenal dispôs-se a prestar atenção, mas a voz monótona do expositor fez que o cansaço lhe subjugasse a vontade, e o rapaz entregou-se a um cochilar tranquilo, adormecendo silenciosamente com a cabeça encostada na parede.

José bem que notou que dormia mas não quis acordá-lo, considerando que tal sono poderia estar sob o controle dos espíritos, acreditando que, naquele ambiente, haveria muitos capazes de exercer uma influência sonambúlica, de sorte que bem poderiam estar ministrando-lhe conhecimentos mais importantes que aquele que o palestrante se esforçava por explicar ao auditório.

Na verdade, havia uma participação espiritual particular, mas no sentido de serem postos em contato os irmãos, porque Lutécia fizera questão de demonstrar que o perdoava por todas as atitudes que ele tomara contra ela. Renato, consultado a respeito de acompanhar a filha, negou-se a fazê-lo, afirmando que não se encontrava ainda preparado para estar na presença de um ser que, finalmente, havia reconhecido como seu antagonista em anteriores encarnações e em perseguições na erraticidade. Pai Benedito desconfiou de que estivesse com medo de envergonhar-se perante as acusações que o filho vinha fazendo-lhe quanto a ter-lhe sonogado seu carinho assim que a esposa o abandonou.

Ao acordar, ao término da palestra, Juvenal carregava a impressão de que algo muito bom lhe havia acontecido; o alívio de uma sobrecarga moral que vinha afligindo-o desde o último pesadelo.

Quase sem pensar no que dizia, em meio ao burburinho da saída das pessoas de seus lugares para formarem uma longa fila junto a uma porta lateral, Juvenal dirigiu-se ao tio:

— Sabe que estou passando por uma transformação surpreendente? Outro dia, eu afirmava que não tinha sentimentos. Naquela mesma noite, emocionei-me com a lembrança da Lutécia. Agora estou me lembrando dela a todo momento e cada vez com mais saudade. Quando vejo as mocinhas trabalhando em casa, a coisa fica verdadeiramente feia.

José admirou-se muitíssimo com a abertura sentimental do sobrinho. Era a primeira vez que testemunhava uma confissão dele. Sem saber direito a que atribuir o fato, arriscou uma explicação:

— Eu acho que a solidão o pegou direitinho. Você disse que não mudaria para lugar nenhum e, logo depois, mudou. Quem sabe o espírito dela não esteja acompanhando-o e protegendo-o?

Em lugar de responder, Juvenal não deu trela ao tio, fazendo, com seu mutismo, que a conversa terminasse ali. Mas justificou sua vontade de ir embora antes de tomar o passe e antes de conversar com Ricardo, afirmando que estava muito cansado. Quando ia mencionar a aula de Elvira, encontraram-se com ela, que se despedia dos conhecidos.

Sorrindo muito satisfeita, abraçou o jovem, cumprimentando-o pela deliberação de ir ouvir algo mais a respeito da doutrina espírita.

José, no entanto, abreviou as expansões de alegria da professora:

— Ele pode ter aproveitado a reunião, mas de maneira inconsciente, porque dormiu o tempo todo.

Juvenal não deu demonstração de haver ficado abalado com a revelação nem atenuou o efeito das palavras com algum gracejo oportuno. Simplesmente se despediu de Elvira e puxou o tio para fora.

No apartamento, foi a vez de José não entender por que o sobrinho escolheu algo tão suntuoso. Sabia que os rendimentos de seus bens dariam para arcar com as despesas, principalmente agora que não precisava mais dividir em duas partes, para guardar a de Lutécia, conforme prescrição testamental do irmão.

— Juvenal, você está ciente de que pouco irá sobrar para cair em sua caderneta de poupança?

— Mesmo que for necessário sacar em lugar de depositar, sempre haveremos de contar com a poupança de Lutécia. Mas eu acredito que logo vou poder vender algumas das propriedades para aplicar na aquisição de um apartamento deste padrão.

— Você não vai passar-me o contrato, para eu dar minha opinião, se bem que agora já deva ser tarde demais?

— Perante a lei, sou maior de idade e já é chegada a hora de assumir a direção dos meus negócios. Só lhe peço para continuar administrando-os até o começo do ano letivo, quando eu tiver ingressado na faculdade. Depois a gente poderá tratar melhor da transferência da responsabilidade.

— Você é quem sabe. Mas, primeiro, vamos ter de vencer a ação movida por sua mãe.

— Por que o senhor não vai falar diretamente com ela, em meu nome, e perguntar se ela ainda está interessada na casa.

— E se estiver?

— Diga-lhe que abro mão dela com todos os bens que lá se encontram, inclusive as obras de arte. Vamos fazer uma partilha amigável, apesar da vontade manifesta de meu pai. Quanto à parte de minha irmã, que ela ainda não reivindicou, eu aceitarei dividir, menos a quantia depositada no banco, que, perto dos valores que lhe estou passando, não tem peso algum.

— Você vai sair perdendo.

— Não tem importância. Pelo menos vou ajudar minhas irmãs e deixar minha mãe satisfeita. Ela não merece, mas a desgraça que nos está perseguindo deveria unir-nos e não separar-nos cada vez mais.

— Quer dizer que você a perdoa...

— Quer dizer que eu não estou dando tanta importância ao sofrimento material que lhe estava ocorrendo; o sofrimento moral deve estar atormentando-a.

— Isto também está a demonstrar que você está mais sensível. Será por influência da doutrina espírita?

— Não parei para pensar, mas até pode ser que sim. Como eu lhe disse, Lutécia está fazendo muita falta, eu que a acorrentei ao pé da mesa durante um semestre inteiro.

— E teve a infelicidade de vê-la atingida na primeira oportunidade em que lhe permitiu sair.

— Vamos jantar?

— Vamos. Eu avisei em casa que não me esperassem. Contava ir a um restaurante com você.

— Esqueça o restaurante. Margarida deve ter deixado a comida preparada, precisando apenas passar pelo micro-ondas.

De fato, na cozinha, em pratos individuais, havia duas porções de cada acepipe.

José admirou-se por tamanho capricho:

— Esta empregada você não pode perder.

— Quando eu disse a ela que nós estávamos indo ao centro, parece que se deu o encantamento. Foram mágicas aquelas palavras, como o “abre-te, sésamo” da caverna do Aladim.

Enquanto degustavam os pratos bem temperados, Juvenal ia prestando atenção no valor nutritivo de cada alimento, lembrando-se de que precisava seguir uma dieta balanceada, segundo a prescrição de Elvira. Considerou que não podia esquecer-se de avisar a empregada para receber as instruções da professora.

A presença do tio fez que se lembrasse também de que precisaria fazer as retiradas de sua conta bancária correspondentes ao valor dos gastos com a nova moradia. Determinou-se, então, a abrir uma conta secreta em outra instituição bancária, para o que precisaria de um endereço desconhecido do tio, para onde seria encaminhada a correspondência. Não desejando ficar na dependência de ninguém, avaliou a importância de alugar um apartamento modesto, onde se refugiaria em caso de necessidade. Eis o que considerou prioritário para realizar após transferir sua pequena fortuna para o cofre.

À noite, no leito, repassou todos os planos, julgando-os seguros. Foi quando lhe voltou o pensamento de que havia cordéis invisíveis a movê-lo de um lado para outro. Crescia sua ânsia por liberdade.

Altas horas, acordou assustado, como se alguém o chamasse insistentemente. Consultou o relógio e verificou que, não há muito tempo atrás, estaria com alguns da turma, realizando as transações do tráfico no varejo e no pequeno atacado. Lembrou-se da última ligação frustrada para Armando e discou para o celular dele, não obtendo resposta. Atendeu-o a caixa postal, onde deixou registrado apenas o número de uma de suas novas linhas telefônicas.

Meia hora depois, estando a conciliar o sono, recebeu uma chamada.

— Alô!

— Juvenal?

— Sim.

— Desconfiei que só podia ser você. Estou ligando de um telefone público, porque o meu celular está sob controle. Não dá para falar à vontade, desde que tomei o seu lugar.

— Armando, precisamos conversar com segurança, mas eu me sinto seguido o tempo todo. Mudei para um apartamento mas não vou dar-lhe o endereço. Você está entendendo?

— Claro. Só não sei como tratar de certos assuntos.

— Podemos tentar a Internet. Se você acha que consegue entrar num grupo que eu vou indicar, a gente pode estabelecer um contato mais ou menos seguro.

— Eu não confio. Essas coisas ficam registradas na memória dos computadores e dos provedores. É melhor eu procurá-lo na escola.

— É o pior lugar. É lá que eles sempre me acham. Outro dia me seguiram por toda a parte, até dentro de um cinema. Depois eu lhe conto o caso. Agora vamos desligar. Eu vou deixar a seu encargo...

— Nada feito. Eu não vou colocar em risco a operação. Aliás, eu acho que estou sendo observado. Se der, eu ligo de novo.

Nem deu tempo de Juvenal se despedir pois o comparsa desligou em seguida.

Conseguiu adormecer para ter um pesadelo em que se via cercado por bestas-feras a que chamava de Brútus, de César e de Mocinha, que o dilaceravam junto à porta de entrada do apartamento. Acordou suando, decidido a realizar naquele mesmo dia o restante de sua mudança.

De fato, saiu bem cedo, chegando logo à sua casa, dispensando com um sinal os guardas de prontidão.

No fundo, além das lâmpadas discretas da segurança, nada mais se via. O rapaz concluiu que Tadeu estaria dormindo e evitou denunciar sua presença ali. Com isso, conseguiu encher suas malas sem juntar nenhum livro, partindo em seguida.

Ao meio-dia, já havia realizado cinco viagens, tomando todo o cuidado possível para não dar na vista, tanto que em uma delas, transportou apenas livros, solicitando que Margarida e Glorinha o ajudassem a distribuí-los nas prateleiras do escritório do apartamento, conjuntamente com os demais que havia amontoado desde o primeiro dia.

Ao voltar, levou Margarida para ajudar Valéria e Tadeu a empacotar alguns objetos artísticos, quadros, vasos e estatuetas, conforme as etiquetas autocolantes que ele ia fixando.

No apartamento, encontrou-se sozinho com Glorinha, que cuidava do almoço. Ficou tentado a dispensá-la da tarefa, mas se lembrou de que naquele sábado a transportadora marcou para a uma da tarde, portanto, às duas, as outras estariam chegando.

Na verdade, Margarida veio com o furgão da mudança, tendo Valéria ido exercer, pela primeira vez, sua atividade de animadora de torcida.

Às quatro horas, viu as empregadas irem embora. Imediatamente se dirigiu para casa, mandou Tadeu cuidar da piscina e pôde, com tranquilidade, realizar o restante de sua secreta mudança.

Quando pegou os últimos lingotes de ouro, deixava no fundo da adega apenas o armário fechado. No entanto, tomou todos os cuidados para disfarçar a entrada secreta, como se lá quedasse ainda sua riqueza.

No domingo, rejeitou o convite do tio para almoçar na casa dele, dedicando-se o dia inteiro a conversar com o grupo de que participava a irmã, buscando desfazer as más impressões que ela deixara dele. Havia uns vinte correspondentes e todos sabiam que não permitia que ela saísse de casa. Os que se identificavam com nomes femininos eram ainda mais incisivos nas críticas que lhe endereçavam. Queriam que ele enviasse uma foto, porque a que Lutécia tinha mandado datava de quando ela tinha doze anos e ele, quinze. Juvenal, contudo, não possuía nenhum retrato recente, o que lhe pareceu algo bastante saudável. Imaginou como receberiam uma fotografia antiga do pai, mas resolveu que não era o que de melhor poderia fazer. Finalmente se cansou e desligou a máquina.

Desceu para a área social do prédio, ocupada pela criançada com suas babás e por alguns adolescentes. Sentiu-se mal ao se aproximarem dois moradores para entabular

conversa. Com pouca elegância, sem receio de ofendê-los e sem dar desculpa, deixou-os logo depois de haver declinado o nome, buscando rapidamente a porta de saída.

Ganhando a rua, deixou-se levar sem destino, escolhendo as melhor iluminadas e mais movimentadas. Logo se cansou da multidão, regressando para o apartamento, desejoso de ficar sozinho. Foi quando, mais uma vez, tomou o livro de Kardec e leu alguns trechos ao acaso. Lembrou-se de que poderia encontrar informações sobre o autor e a obra na Internet, passando duas horas entretido a levantar alguns sites importantes para o movimento espírita, onde encontrou as obras oferecidas gratuitamente, inclusive na língua original, o francês, que ele não havia jamais estudado.

Na segunda-feira, levantou-se tarde, tomou o café e foi matricular-se em outra escola preparatória para o vestibular, abandonando de vez a anterior, tratando de saldar o débito pelo correio. Levava consigo o endereço de outra imobiliária. Pretendia efetivar o projeto do apartamento secreto.

Não notara que Valéria não comparecera ao trabalho, de sorte que, ao retornar, após efetivar o contrato de aluguel do segundo apartamento, discreto imóvel em um bairro de classe média, foi procurado por Margarida, que lhe passou a informação de que a filha desistira do emprego.

Respondeu-lhe Juvenal:

— É uma pena porque meu tio e eu estávamos gostando do jeito que ela mantinha as coisas em ordem. Como a senhora espera resolver o problema?

— Glorinha e eu damos conta de tudo, porque está bem mais fácil. A casa era muito grande e nós já percebemos que a cozinha dá o mínimo de trabalho.

— Vou fazer o seguinte: o salário de sua filha fica integrado ao seu. Está justo para mim, porque eu acho que vocês duas vão dar conta do recado.

Margarida ficou muito contente com o trato e Glorinha, mais ainda.

Imediatamente, Juvenal eliminou a figura de Valéria da lembrança, já que a presença dela chamava pela de Lutécia.

Assim que almoçou, dirigiu-se para casa, onde se encontraria com Ângela e alunos. Ia disposto a estudar com afinco para recuperar a semana de idas e vindas. No entanto, ao se deparar com as quatro figuras, sentiu-se mal e, sem premeditação, dispensou as aulas, nos seguintes termos:

— Professora, sinto muito, mas eu acho que estas aulas vão ter de acabar, porque vai ser um sacrifício muito grande ficar estudando de manhã e de tarde e ainda ficar cruzando a cidade de um lado para outro. A senhora me diz quanto estou devendo-lhe, para eu pagá-la já.

Sem dar demonstração de surpresa, Ângela estipulou uma quantia modesta, esclarecendo que vinha recebendo regularmente dos demais e que ele mesmo não lhe dera trabalho algum.

Generosamente, o moço lhe fez um cheque com o dobro do valor solicitado e despediu-os, acompanhando-os até a porta. Quando a professora ameaçou abraçá-lo, ele apenas estendeu a mão, sem nenhum toque sentimental.

Em seguida, foi em busca de Tadeu e, inesperadamente, despediu-o, pagando-o regiamente, dizendo que as questões trabalhistas seriam resolvidas por José.

O pobre empregado, pego de surpresa, não tinha para onde ir. Então Juvenal permitiu que ficasse ocupando as dependências do fundo por mais uma semana, até arrumar acomodação, o que não seria difícil com a *bolada* que lhe dera, à qual se acrescentaria o que lhe era de direito, inclusive a retirada do Fundo de Garantia. Dito isto, cobrou-lhe as chaves do prédio, dispensando-o de qualquer cuidado com a propriedade.

Ao fechar a porta dos fundos da cozinha, Juvenal sentiu como se estivesse fechando o coração para todo o passado na companhia daquela família. Francisca nem como uma sombra passou por seu pensamento.

Ao transitar pelos cômodos meio despojados de seus enfeites, pareceu-lhe ver a figura esguia da irmã. Riu do susto quando percebeu que a visão lhe havia sido sugerida por uma cortina que esvoaçava e se refletia no amplo espelho da sala.

38. O ATENTADO

Preparava-se Juvenal para ligar para Elvira, dispensando-a das aulas, quando recebeu uma chamada da oficina, avisando-o de que poderia ir buscar o carro. Imediatamente sua atenção se concentrou no fato novo. Precisava ir buscar ele mesmo o veículo, porque teria de receber, conforme lhe disseram, várias instruções de como utilizá-lo.

Assumi a direção do carro alugado e foi entregá-lo. Sabendo que estava com um veículo seguro, depois que acertou o pagamento de sua dívida, requisitou um motorista para levá-lo à oficina.

Não haviam percorrido nem dez quadras, quando, parando em um semáforo, bateram com força no vidro do lado do motorista. Voltaram-se ambos a ver de que se tratava. Do lado de fora, um sujeito grandalhão, com a cabeça coberta por um capacete, arma na mão, mandava que abrissem a porta, ameaçadoramente.

Ato reflexo, Juvenal deixou-se escorregar para a frente, acomodando-se no vão em que estavam suas pernas. A seu lado, o motorista fez menção de encaixar a marcha para arrancar, mas não teve tempo. Vários tiros se ouviram e as balas ricochetearam na proteção blindada, estriando os vidros laterais e da frente sem perfurá-los.

Vendo frustrado seu intento, o assaltante subiu na garupa da moto que permanecera parada entre o carro e o meio-fio, fugindo dali em disparada.

Não demorou para formar-se uma aglomeração em torno do veículo. Bastante assustado, o motorista criou coragem e saiu, permanecendo Juvenal um certo tempo no fundo do vão em que se escondera.

Logo chegou uma viatura policial com três milicianos fortemente armados. Vendo que nada mais restava a fazer, começaram a colher os depoimentos dos envolvidos, arrolando algumas testemunhas. Foi quando Juvenal se apresentou, trêmulo e corado, de celular em punho, ligando para o tio, contando-lhe o ocorrido, solicitando que informasse o detetive Macedo.

Várias pessoas foram convidadas a se identificar para as informações cabíveis, entretanto, nenhuma delas afirmou ter visto a ação criminosa. Haviam, sim, ouvido os tiros, mas, quando chegaram, os bandidos já haviam desaparecido. Os motoristas que esperavam o sinal abrir quando aconteceu o atentado já haviam ido embora, de forma que a descrição dos bandidos e de sua motocicleta iria ficar restrita aos dois ocupantes do carro.

Estava o motorista ainda respondendo às perguntas dos guardas, quando outras duas viaturas policiais encostaram, descendo Macedo de uma delas, já prevenido quanto à presença de Juvenal.

Os recém-chegados, dando apoio aos que providenciavam o afastamento dos curiosos, conseguiram isolar a área do crime, preservando os vestígios deixados pelos bandidos. Foi assim que recolheram cinco cartuchos, localizando também três projéteis. Dois se perderiam para sempre.

Macedo ouviu as explicações do aflito motorista:

— Eu não pude ver nada, a não ser um sujeito vestido com um casaco preto de couro e com um capacete escuro. Logo ele disparou contra a gente e eu não vi mais nada, porque ficou impossível de ver qualquer coisa com os vidros nesse estado.

— Como era a moto?

— Não vi nem a moto nem o motoqueiro.

— E o seu passageiro?

Juvenal fez questão de mostrar onde havia ficado o tempo todo encolhido, sendo-lhe impossível fornecer qualquer outra informação, confirmando apenas o que o motorista dissera.

Macedo deixou-se condoer com a sina do rapaz. Assim que os dados de seus documentos foram copiados, ele fez questão de levá-lo à delegacia, onde deveria formalizar a queixa.

Juvenal pediu-lhe um copo de água com açúcar, mostrando-lhe a mão ainda trêmula.

José, avisado de onde se encontrava o sobrinho, logo apareceu na delegacia. Vinha pálido, assustado, temeroso de que os crimes rondavam a família de propósito, perguntando-se quem seria a próxima vítima.

Lembrou-se Juvenal de pedir-lhe para avisar Elvira, dispensando-a da sessão daquela tarde, o que José fez, dando a desculpa de que um motivo de força maior estava impedindo o comparecimento do sobrinho.

Quando saíam acompanhados por um guarda designado por Macedo para dar-lhes cobertura, cruzaram com o motorista e mais um representante da empresa. Vinham, por certo, em busca dos competentes documentos para pleitear o ressarcimento das despesas do sinistro junto à companhia de seguros.

Enquanto iam à oficina, Juvenal recomendou ao tio que se protegesse do mesmo modo que ele o fizera:

— Se eu não tivesse tido o cuidado de alugar um carro blindado, nesta hora estava sendo levado para o I.M.L.

Ainda sob o efeito das fortes emoções, José limitou-se a bater no joelho do sobrinho, como a assegurar-se de que era ele mesmo que estava ali.

Naquela noite, dirigiram-se ao centro espírita no carro do moço.

39. A SESSÃO MEDIÚNICA

Juvenal e o tio chegaram ao centro uma hora antes do início das atividades da noite. Lá se encontrava, dentre os conhecidos, apenas Ricardo, cuja presença foi de imenso agrado de José.

— Que bom achá-lo aqui, disse-lhe o advogado. Precisamos de sua ajuda para esclarecer-nos sobre um ponto importante, qual seja, o de que está havendo uma coincidência muito grande quanto a se abaterem várias desgraças sobre a nossa família.

Depois de contar-lhe os acontecimentos da tarde, rematou, asseverando:

— Não se trata de mera superstição. Os fatos estão aí. A menos que se trate de uma perseguição de alguém, não conseguimos explicação razoável para essa fórmula de atentado que já se repetiu três vezes. Eu, para falar a verdade, estou com medo.

Ricardo convidou-os a entrar na sala em que atendia o público reservadamente, dando-se um pouco de tempo para que as ideias se formassem de acordo com a doutrina dos espíritos legada por Kardec. Se lhe pedissem uma resposta teórica, saberia fornecê-la facilmente, porque o tema de uma de suas palestras habituais era o infortúnio humano. No entanto, atropelado por uma questão específica, evidente, irrefutável, deveria colocar os pingos nos *ii*, especialmente porque a pessoa que a propunha era formado, esclarecido e capaz de imaginar várias hipóteses plausíveis.

Acomodados os três, iniciou sua peroração:

— O senhor, doutor, fez muito bem em aludir à possibilidade de um ato de vingança. Os espíritos, arguidos por Kardec, disseram-lhe que, primeiro, devem ser examinadas todas as possíveis causas materiais. Sendo assim, só as pessoas da família ou muito próximas dela poderiam conhecer os fatos históricos que teriam envolvido humanos de má índole, a ponto de desejarem a morte do pai e dos filhos. Lembrem-se de que, na Bíblia, está escrito que a mão de Deus atingia até a terceira e a quarta gerações. O criminoso ou criminosos poderiam estar sob influência desse tipo de fantasia, considerando-se eles próprios instrumentos do Senhor.

Juvenal acompanhava o desenvolvimento das ideias com interesse, arriscando um palpite:

— Mesmo que houvesse três motivações sem qualquer relação entre si, ainda a gente poderia pensar em que o instinto sanguíneo desses indivíduos se devesse ao substrato ideológico da sociedade, o chamado inconsciente coletivo, formado a partir das raízes bíblicas da civilização ocidental influenciada pelo judaísmo.

Os dois senhores olharam muito espantados para o rapaz, acreditando ambos que se tratava de uma reflexão absolutamente improvável para sua mente juvenil. José logo atribuiu aquela lucidez às leituras das obras deixadas pelo irmão, as quais ele vira com que cuidado foram transferidas e organizadas no escritório do apartamento. Ricardo, por seu turno, pensou que talvez Juvenal estivesse falando sob inspiração de algum mentor espiritual, muito embora reconhecesse que a observação era totalmente espontânea, no sentido de demonstrar sua origem no próprio pensamento de quem a enunciava.

Foi tão evidente para ele a admiração dos dois que esclareceu:

— Não fiquem com esses olhos arregalados, por favor, como se tivessem ouvido uma verdade muito profunda e original. Na verdade, estou repetindo alguns dados que me ensinaram nas aulas de História do cursinho. Se houver algo para se admirar, é o fato de que eu consigo repetir de memória frases inteiras.

Ricardo deu-se por satisfeito e considerou:

— Não posso afirmar que você esteja certo ou errado, ou o seu professor; a hipótese só poderá ser elucidada definitivamente com a descoberta dos assassinos e de suas motivações. Mas eu acho que a dúvida levantada seguia por outro caminho. Vou reformular a questão com as minhas palavras. O que o amigo me perguntou foi o seguinte: Será que existe um destino predeterminado para toda uma congregação familiar? Kardec também se interessou por esse problema, ampliando o campo para abranger as nações ou a humanidade como um todo. Que vocês acham que ele ouviu dos espíritos superiores que o ajudavam a montar a codificação espírita?

José estendeu a mão como a dar ao sobrinho a prioridade da resposta. Este não se fez de rogado:

— Do que eu tenho lido nas obras e apostilas que vocês me passaram e nas que achei e “baixei” nos sites espíritas da Internet, posso inferir que os espíritos se reúnem segundo seu nível de adiantamento, principalmente no etéreo. Entre os humanos, podem ser inseridos elementos de diversas categorias numa família para favorecer o progresso dos menos evoluídos. É como se fosse uma verdadeira escola: uns ensinam e outros aprendem. Sendo assim, trata-se de uma lei universal de interesse de cada um individualmente ou da sociedade como organização voltada para o bem-estar de seus componentes. Não sei se era isso que o senhor queria ouvir.

Ricardo não se deixou embasbacar pela verborrágica manifestação do moço. Simplesmente desconsiderou a forma e se ateu ao conteúdo:

— Vejo que você está assimilando perfeitamente o ensino reproduzido por Kardec, segundo as instruções que foram passadas a ele, à proporção que elaborava as perguntas. Então, podemos deduzir de suas palavras que existe um controle espiritual superior para a composição dos grupos humanos, já que se dá uma espécie de equilíbrio entre os indivíduos que os formam. Volto a interrogá-los a respeito de um ponto essencial. Que papel desempenha a natureza das almas envolvidas nesse processo evolutivo? Explico-me. Se existe quem tenha o dom do conhecimento dos seres inferiores para distribuí-los segundo suas necessidades, não se daria que a lei de aproximação dos semelhantes deixaria de preponderar?

Desta feita, nem José nem Juvenal se atreveram a responder.

la Ricardo prosseguir quando Elvira foi entrando, espantada por topar com o aluno faltoso:

— Com que então o meu amigo fujão veio encontrar-se comigo aqui!

Premido pelas circunstâncias, Juvenal viu-se dando dois beijos nas faces da professora, enquanto Ricardo explicava o que havia acontecido a ele naquela tarde.

Elvira ficou lívida. Não tinha expressões de conforto, parecendo-lhe que fora por precaução providencial que ele se livrara da morte. De qualquer forma, observou:

— Graças a Deus, você teve seu protetor a seu lado. Quem sabe na reunião de hoje ele possa vir dar notícias das medidas tomadas no plano espiritual.

José acrescentou:

— Foi justamente essa ideia que convenceu Juvenal a vir à sessão desta noite. Na verdade, viemos solicitar permissão para estar presentes, pois as nossas preces não são só de agradecimento, mas também de solicitação para que nos esclareçam sobre a desgraça que paira sobre a família.

Ricardo explicou:

— Eu estava justamente refletindo a respeito das intervenções dos espíritos na vida dos encarnados. Para concluir, uma vez que está na hora de preparar a sala (os médiuns estão chegando), devo dizer que, definitivamente, as influências maldosas, prejudiciais, só se permitem quando os homens não contam com a assistência dos anjos guardiães, porquanto seus atos podem tê-los afastado. É quando se dá a obsessão. Mas, se as pessoas cuidam de praticar o bem, as tragédias que lhes ocorrem vão servir apenas para dar-lhes a perspectiva da superação das dores pela compreensão superior de que Deus não tem nenhum interesse em testar a nenhuma de suas criaturas. Para isso, é preciso entender que todos os encarnados têm necessidades variadas de estar em peregrinação pela crosta terrestre. Daqui a minha alegria por vê-los interessados nas explicações que a doutrina espírita pode oferecer, o que claramente demonstra que respeitam a codificação de Kardec.

José acompanhou Ricardo até a sala em que se daria a reunião, enquanto Juvenal despedia Elvira, prometendo que cumpriria a programação de exercícios físicos e de alimentação balanceada que ela lhe ensinara. Afiançou-lhe, ainda, que estava dentro de seus planos frequentar mais assiduamente os trabalhos do centro espírita.

Lamentou ela mas asseverou ao rapaz que compreendia a atitude dele. Era preciso que ele desse um novo rumo ao seu destino, agora que se via só no mundo. Por isso, recomendou-lhe, primeiro, que perdoasse a mãe, buscando reconciliar-se com ela o quanto antes, conforme a prescrição evangélica; depois, que arrumasse uma namorada com quem se entendesse, de preferência uma jovem culta, para que se dessem bem, tendo em vista sua inteligência e descortino. Finalmente, aconselhou-o a aceitar o convite do tio para ir morar com ele, o que o tiraria da condição de refém dos empregados.

Juvenal, preenchendo o cheque do acerto das contas, prometeu pensar a respeito.

Às oito horas em ponto, a porta da sala de reuniões foi fechada, realizando Ricardo a prece de abertura, solicitando a cooperação das entidades protetoras de cada um, no sentido de que os trabalhos se desenvolvessem em harmonia, em prol do adiantamento de todos os presentes, encarnados ou não.

José e Juvenal foram convidados a se sentarem na fileira de cadeiras rente à parede; junto à mesa, sentaram-se os médiuns e os doutrinadores.

Após a leitura de duas mensagens colhidas ao acaso nos livros que estavam sobre a mesa, Ricardo apagou as luzes, deixando o ambiente na penumbra, iluminado por uma lâmpada mais fraca de cor azul.

Notou o rapaz que quatro ou cinco pessoas das quinze que cercavam a mesa estavam guarneçadas de diversos lápis e folhas em branco. Imaginou que fossem para a psicografia e passou a observar se, de fato, alguém começaria a escrever.

Após uns dois minutos de profundo silêncio, um médium emitiu um longo suspiro, atraindo a atenção de Ricardo, que, na qualidade de dirigente da sessão, se aproximou da

pessoa, postando-se logo atrás dela. Aguardou uns instantes e, vendo que o médium não se dispunha a falar, estimulou-o:

— O irmão deve dar passividade ao espírito que deseja manifestar-se. Concentre-se nos pensamentos que lhe ocorrem e repita-os para que possamos saber qual é a mensagem que a entidade deseja enviar-nos.

A resposta não foi imediata, mas, com paciência, Ricardo aguardou que o médium aceitasse a presença do espírito a seu lado. Finalmente, reproduziu as frases que se formavam em sua mente:

— Meus irmãos e irmãs, estejam na paz do Senhor! Venho conversar com os presentes pela primeira vez neste centro, embora já o tenha feito muitas vezes em outras casas espíritas. Gostaria de chamar-lhes a atenção para a bondade infinita do Pai, que nos criou e a tudo quanto existe com todo o amor de seu coração. Sei que minhas palavras são simples e assim devem ser entendidas, porque não possuo as luzes dos guias maravilhosos que ditaram as que foram lidas há pouco. No entanto, quem cumpre seus deveres de solidariedade e de fraternidade consegue adquirir a liberdade de procedimento, segundo um alto nível de aplicação do livre-arbítrio, para ombrear em perfeita igualdade e harmonia com os espíritos mais adiantados de sua esfera. Estou respondendo a diversas questões levantadas no íntimo da consciência de alguns dos presentes, irmãos ainda não convencidos da realidade espírita, muito embora estejam tendendo a aceitar a existência de um plano diferente do material. Neste instante, pedem-me para esclarecer que nós do etéreo temos condições de penetrar no âmago dos pensamentos e dos sentimentos dos encarnados, desde que, porém, estes se manifestem favoráveis à sua revelação, o que se dá, particularmente, quando estão desejosos de verem suas questões resolvidas ou encaminhadas. Pedem-me também para avisar que somente os espíritos mais adiantados conseguem essa leitura na alma dos indivíduos, não se interessando, contudo, em conhecer os intuitos menos dignos das pessoas maldosas, uma vez que não teriam nada a ganhar com tal conhecimento. Cada pessoa nesta sala, como, de resto, em todo o mundo, possui seus segredos, seus mistérios, suas idiosincrasias. Alguns apresentam problemas na mente que eles mesmos não sabem, como no caso das pessoas que carregam consigo um passado infeliz mas que, na encarnação atual, se acham perfeitamente contentes consigo mesmas e com sua sorte material e espiritual. Há também certas doenças em estado de gestação, às vezes em vias de manifestar-se, as quais podem, conscientemente ou não da parte dos indivíduos que as estão portando, ser evitadas, através de atividades preventivas. O diagnóstico precoce é um ponto da ciência que está ainda restrito aos laboratórios de pesquisa, diferentemente do que temos nós aqui na erraticidade, porque podemos acompanhar o desenvolvimento ou o crescimento das dificuldades a que estou aludindo. Era o que eu tinha para dizer, agradecendo muito a sua atenção e as suas vibrações saudáveis e reconfortantes. Graças a Deus!

Juvenal entendeu que muitos daqueles conceitos foram emitidos como quem joga o verde para colher maduro. Todavia, algumas palavras lhe calaram profundamente, como se ditas com endereço certo. Se algum dia teve medo de que revelassem sua vida criminosa, porque desconfiava de que, em havendo seres invisíveis pertencentes a outro plano na cena dos acontecimentos, não precisariam mais do que analisar os atos das pessoas para conhecerem suas intenções e seu caráter, naquele momento se tranquilizou, ciente de que

os protetores não iriam permitir que seus médiuns ficassem expostos a possíveis represálias pela incontinência dos espíritos malignos que denunciasses crimes e criminosos.

Tais pensamentos remeteram-no a um rebuliço de lembranças ruins, exatamente aquelas que ele não gostaria de ver postas nos lábios dos médiuns, de forma que travou uma forte luta interior, como se o estivessem acusando de todos os seus malfeitos. Tão profundamente se deixou envolver que perdeu a noção do local e da hora, deixando escapar alguns gemidos, como quem delira.

O tio tentou trazê-lo à realidade, mas já Ricardo estava diante do rapaz, ministrando-lhe passes magnéticos, ao mesmo tempo que rogava aos guias da casa que ajudassem o moço a vencer o transe. De fato, em dois minutos, mais ou menos, a crise passou e Juvenal entrou em um sono calmo e revigorante.

Só acordou, totalmente alheio ao ambiente, quando as luzes foram acesas, após uma dezena de manifestações gravadas ou manuscritas.

40. SOB ORIENTAÇÃO MEDIÚNICA

Assim que terminou a sessão, tanto Elvira quanto Ricardo quiseram avaliar como estava sentindo-se Juvenal. Tranquilizaram-se quando perceberam que estava cômico do que lhe havia sucedido, não tendo noção, entretanto, de que poderia estar desenvolvendo sua mediunidade.

Foi Elvira quem o esclareceu:

— Você é perfeitamente capaz de incorporar algum espírito que deseje manifestar-se sem seu concurso consciente. Na verdade, você é médium sonâmbulo, o que era muito comum ao tempo de Kardec e se prestava para demonstrações públicas do poder do hipnotizador ou magnetizador, como eram chamadas então as pessoas que induziam os transe dos sensitivos.

— Como se dá a comunicação com a pessoa dormindo?

— Não dormindo, propriamente dito; hipnotizada ou num estado letárgico que permite ouvir e responder sem refletir, automaticamente. Num consultório de psicanálise ou até de regressão de memória, muitas vezes os médicos utilizam tal recurso para que os pacientes voltem no tempo, adentrando o passado, chegando a investigar até vidas anteriores.

— Já vi isso acontecer em filmes e li algo a respeito.

— Pois eu acho, adiantou-se Ricardo, que você deveria estudar diretamente n' *O Livro dos Médiuns*, deixando de lado as apostilas que lhe demos e que servem para preparar as pessoas que desejam conhecer um pouco mais a respeito de mediunidade por demonstrarem certa tendência para receber as comunicações dos espíritos.

— Muito obrigado pelas orientações. Vou pensar seriamente no assunto. Eu gostaria mesmo é de levar a gravação da primeira mensagem, que me disse muita coisa.

Ricardo foi apanhar a fita, enquanto Elvira recolhia as folhas em que se registraram as mensagens escritas.

— Existe alguma que mereça ser lida para todos ou são de caráter pessoal?

Cruzaram-se as informações, todas no sentido de que não havia mensagem específica para ninguém do grupo.

Elvira pôs-se a ler uma a uma, quase todas reproduzindo algum aspecto dos textos lidos ao início da sessão.

Juvenal prestou muita atenção mas não caracterizou nada que pudesse envolvê-lo. Eram conselhos gerais de boa conduta e recomendações para que se agradecessem as dádivas do Senhor, principalmente quanto a se aproveitar a oportunidade de participar de uma reunião em que se evidencia o interesse das entidades do etéreo pela felicidade dos encarnados.

Ao entregar a fita, Ricardo solicitou:

— Faça uma ou duas cópias para nós, porque eu também achei que algumas palavras ditas pelos amigos da espiritualidade foram muito bem colocadas. Você talvez se surpreenda com a qualidade de outras manifestações, as que se deram enquanto você dormia.

Juvenal prometeu as cópias, rejeitando o convite de Ricardo de ir jantar numa cantina próxima. Aliás, vendo que o tio tendia a acompanhar o pessoal do centro, insistiu com ele para que fossem embora.

Uma vez no carro, combinaram que iriam para a casa de José, onde o rapaz pretendia filar a comida da tia.

Enquanto se dirigiam para lá, conversaram.

— Tio, eu fiquei impressionado com a primeira comunicação. O senhor não ficou?

— Achei meio incoerente. Não houve um tema, propriamente dito, mas diversos assuntos sem muita relação entre si.

— Não vou discutir esse aspecto. O que me ficou foi o fato de o espírito recomendar, de certo modo, que as pessoas fizessem exames médicos, afirmando que havia algumas que estavam começando a ficar doentes. Será que isso foi para mim?

— Talvez, sim; talvez, não. Quem sabe?

— Para o senhor não foi?

— Com certeza, não. Depois que sua irmã morreu, eu fui fazer um exame completo, um verdadeiro *check-up*. Vários exames laboratoriais de sangue, de fezes e de urina foram feitos, além do eletrocardiograma de rigor para a minha idade.

— E tomografia computadorizada da cabeça?

— Nem tomografia nem radiologia nem radioscopia.

— Então, fique sabendo que eu considerei a informação como dirigida a mim, principalmente porque a entidade disse que se referia a pessoas ainda não totalmente convencidas da verdade espírita. Pois bem, ali só nós dois estávamos nessa condição.

— Eu não concordo, meu caro. Eu acho que até os médiuns não têm total convicção de que estão servindo de intermediários entre os espíritos e os encarnados.

— Pelo menos, eles estão dando a impressão de que não têm dúvida, enquanto nós nem fomos admitidos junto à mesa.

— E que você pretende fazer a respeito?

— Pretendo levantar cedo amanhã e marcar uma consulta com um bom médico especializado no tratamento das doenças do cérebro.

— Qual a razão dessa preocupação?

— Nós já conversamos sobre isso. Eu acho que deveria condoer-me com a dor alheia e não ficar tão indiferente quando ocorrem perdas tão grandes como a morte de meu pai, de Lutécia, de Tiago, de Francisca e até dos cães com quem convivi por vários anos. Estou despachando os empregados e os colegas, sem nenhum remorso. Ao contrário, sinto até um certo prazer em me livrar deles. Tadeu, hoje à tarde, quando o despedi, parecia-me um verdadeiro estranho. Eu acho que preciso saber se existe alguma moléstia incubada na minha cabeça.

— Eu só vou fazer uma objeção ao que você disse. Você não deve procurar um especialista, mas um clínico geral. Ele é quem pode encaminhá-lo aos exames específicos. Havendo necessidade, ele indica a clínica especializada da confiança dele. Se você quiser, eu lhe dou o endereço do meu. Ele é excelente, apesar de bem caro.

— Por falar em *bem caro*, os cheques que estou dando são altos. Será que tenho fundos?

— Não se preocupe com dinheiro. Faça o que tem de fazer. Eu vou ficar torcendo para que você esteja totalmente enganado. Aliás, as suas mudanças recentes apontam para soluções até que razoáveis, dado que você não tem namorada. Acho que só falta isso.

— A Elvira disse a mesma coisa. O senhor ouviu a conversa?

— Para dizer a verdade, ela me contou e me pediu para sondá-lo a respeito. Desculpe-me.

— Tudo bem, tio. Eu concordo que preciso muito mais de companhia para me distrair do que para estudar. Esse também é um ponto que eu acho que o médico vai considerar perigoso para minha saúde mental.

— Talvez...

A conversa morreria naquela dubitativa. O jantar foi alegre na companhia dos primos mais novos, jovenzinhos ainda na puberdade, cheios de vida, perguntando curiosos sobre todas as coisas, o que acabou cansando Juvenal, incapaz de dar todas as respostas.

Já no apartamento, ouviu a fita, nada encontrando que o interessasse além da primeira mensagem, convencendo-se de que aquela tinha sido dirigida a ele. Mais que nunca ficou determinado a se consultar, excluindo, contudo, o nome fornecido por José.

41. NA CLÍNICA PSIQUIÁTRICA

Juvenal não aceitou a recomendação do tio e foi logo buscando uma clínica que pudesse ajudá-lo quanto à frieza com que encarava os males que alcançavam as pessoas. Nunca hesitara em atirar contra os coitados que se atravessaram em seu caminho. Temia, contudo, vir a ser descoberto por Macedo, de forma que as teses espíritas colidiam com seu interesse em preservar a liberdade de ação.

Raciocinava confusamente, sem estabelecer direito o que queria da vida. Via-se premido por forças malignas terrenas, gente da organização criminosas que se dava ao direito de gerenciar-lhe os interesses e guiar-lhe a conduta. Sabia que não escaparia das garras desses pseudo-protetores, que lhe prometiam luxo e riqueza a troco da prestação de serviços absolutamente incompatíveis com os princípios morais que os espíritos exigiam dos indivíduos para galgarem um nível mais adiantado na escala evolutiva.

la para o tratamento com o intuito de se tornar um cidadão comum e não um aleijão social. Se se tornasse uma pessoa de bem, acabaria não servindo mais para os quadrilheiros internacionais. Aquela gente só se interessou por ele em virtude de sua liderança criminosas. Contudo, conhecia os riscos que iria correr quando solicitasse permissão para desistir. Imaginou que pudesse comprar a liberdade, tendo em vista que quase nada sabia a respeito das atividades deles. Eles, sim, é que tinham conhecimento de seus crimes, tendo o controle de todos os que pertenceram ao seu grupo. Os rapazes, com certeza, mantinham a boca de fumo noutra endereço. Além do mais, lhe haviam prometido eliminar os assassinos de Lutécia, o que o preocupava sobremaneira, porque acabaria definitivamente nas mãos deles.

Pensava nos cuidados com que Armando, comparsa e companheiro, se cercava para atender-lhe as solicitações, precisando ambos combinar na calada da noite tudo o que ainda tinham em comum, sem se encontrarem, todavia, porque os encontros estavam proibidos.

O episódio da arma devolvida o deixou revoltado com a petulância dos malfeitores. Embora não se assustasse com tal poder, não queria já passar pela vida sem realizar algo que pudesse ser levado em conta de generosidade e desprendimento. Simplesmente, havia tomado consciência de que a fortuna que o pai lhe deixara, acrescida de muitos dólares que ele mesmo reunira com o tráfico, lhe daria todo o conforto a que se habituara.

Tais ondas de boa vontade se chocavam, entretanto, contra os rochedos de um ódio entranhado contra a mãe. Mesmo quando divagava o pensamento pelas regiões da suprema felicidade dos espíritos mais evoluídos, conforme as sugestões que lera nas obras de Kardec, não se via ali, porque se punha a perseguir aquela criatura que o gerara e que o abandonara, com toda a certeza por razões da mais perversa lascívia, prostituta que fora.

E Juvenal não dava a ela nenhuma condição para atenuar a culpa, como se corresse pelas veias de Terê aquele mesmo sangue contaminado que o tornara isento de sentimentalismo.

Agora que começava a entender a influência exercida sobre os encarnados pelas entidades espirituais, fato que negara peremptoriamente quando abandonou o terreiro após frequentá-lo por cerca de um ano ou mais, achava ser possível entender os

mecanismos psíquicos tendo como base as existências anteriores. Sendo assim, caracterizava a personalidade da mãe como de uma inimiga que fora forçada pelas circunstâncias a agasalhá-lo no ventre, até despertar para a possibilidade de causar-lhe o pior dos sofrimentos, através do abandono e do menosprezo.

Neste ponto das reflexões, buscava embutir nos refolhos da mente perversa da mãe a figura de Lutécia, sem atinar a razão de tão meiga criatura ter sido considerada tão descartável quanto ele. Sabia que o pai havia exercido forte pressão para manter os filhos junto a si e que declarara perante o juiz qual tinha sido o passado da mulher. Mas a desavença que acontecera entre o casal ficara mais ou menos encoberta para as crianças, compreendendo Juvenal tardiamente que a mãe fora acusada de traição conjugal.

Eis, em resumo, o que levou o rapaz ao médico em sua primeira entrevista, omitindo, é claro, os atos violentos contra a vida, velando o mais que pôde as atividades no ramo dos tóxicos, deixando de mencionar por completo a ascendência que os bandidos exerciam. Insistiu em ser examinado fisicamente e não mentalmente, sugerindo que estivesse com algum tumor no cérebro com o fito de ser submetido a testes científicos avançados, conforme ouvira os professores na escola e os cientistas nos programas de televisão.

O Doutor Moacir, lente universitário dos mais renomados em sua especialidade, ouviu com muita atenção a longa exposição do moço, sem apartear nem demonstrar nenhuma reação emocional que denunciasse qualquer estado de espírito alterado. Finalmente, manifestou-se:

— Vamos realizar todos os exames necessários para atendê-lo em sua reivindicação. São exames que, se executados em clínicas particulares, irão ser muito dispendiosos. Você está disposto a fazer um depósito de vinte mil dólares em nome da clínica?

Sem pestanejar, Juvenal efetuou uma rápida multiplicação e preencheu um cheque com o valor equivalente em reais, esclarecendo:

— Eu bem sei que este dinheiro poderá desfalcá-me significativamente, contudo, não posso ficar na dependência da boa vontade do serviço público de saúde, onde os prazos se estendem e o atendimento deixa muito a desejar. Quero concluir tudo o mais depressa possível, sabendo que, por mais rápidas sejam as instituições, ainda assim irei ter de enfrentar alguns meses de tratamento, porque eu quero me sentir de veras curado.

O médico recolheu o cheque, passando imediatamente um recibo, enquanto ia explicando:

— Se o seu caso for simples, devolveremos o saldo após abatermos as despesas e emolumentos médicos. Mas é preciso que você fique desde já prevenido quanto às implicações decorrentes dos resultados dos exames, o que poderá encarecer sobremodo o tratamento. A nossa empresa possui vínculos com clínicas dos Estados Unidos e da Europa, de sorte que, se os recursos que temos aqui não forem suficientes, apelaremos para os centros mais adiantados. Nunca, porém, você ficará sem saber a quanto montam as despesas, porque é sumamente desagradável para as famílias sentirem-se lesadas. Sendo assim, uma vez por semana, lhe passaremos um extrato de sua conta.

Juvenal impacientava-se mas considerou que era preciso dar absoluta segurança ao médico para agir da melhor maneira possível. Por isso, ouviu a lengalenga sem se perturbar, respondendo ao final:

— Estou ciente de tudo. O senhor pode ficar tranquilo que minhas posses cobrirão os gastos. Se precisar de fiador...

— É claro que a fórmula do depósito evita tal figura. Mas vamos iniciar com um simples exame de rotina. Por favor, tire a camisa e sente-se na maca.

Foi uma longa auscultação médica acompanhada de inúmeras perguntas relativas aos hábitos do paciente. Enquanto ia examinando e perguntando, Moacir preenchia um formulário minuciosíssimo na tela do computador.

Ao sair do consultório, Juvenal levava as solicitações de dezoito exames diferentes e uma série de endereços. O que o deixou bastante contente foi o fato de que todos os exames tinham sido marcados com horários que respeitavam o deslocamento e a necessidade de jejum. Era uma verdadeira maratona clínica para os próximos dez dias.

42. UMA CAMPANHA NO ETÉREO

Vamos deixar Juvenal entretido com os exames, para voltar a atenção para os do plano espiritual, intrigados todos com as extraordinárias providências tomadas pelo jovem.

Em reunião de todos os parentes, amigos e outras entidades do mesmo círculo, Pai Benedito teve ensejo de esclarecer alguns temas não de todo conhecidos da maioria. Ele o fez em longa e agitada sessão de perguntas e respostas, com observações paralelas, segundo o grau de acuidade espiritual de cada um.

Pai Benedito deu início ao colóquio:

— Eu sei que vários presentes ainda estão perguntando-se a respeito do porquê eu me haver manifestado mediunicamente, recomendando a Juvenal que cuidasse da saúde. Não sei até que ponto os médicos encarnados estarão aptos a penetrar nos distúrbios mentais daquela criatura.

Logo Renato se interpôs:

— Perdão, generoso amigo, mas não tenho seguido a evolução moral de meu filho, de sorte que, antes de mais nada, vai ser preciso que me digam o que ele fez de errado. Sim, o que fez, porque, desde a passagem de Francisca para o nosso lado, que foi quando tive acesso ao campo energético dos mortais, não notei, pelas poucas vezes que estive com ele, nada que não fosse o justo interesse em manter sob seu controle as riquezas que acumulei.

Lutécia, que ficara bem mais tempo ao lado do irmão e que estava a par das atividades criminosas dele, ficou muito tentada a responder. Um sinal de Marilu, entretanto, fez que ela se resguardasse, permitindo a Benedito redarguir:

— Não confunda, caro Renato, seus interesses com os dele. Você tem sofrido bastante com o fato de haver guardado tão avaramente o produto de anos a fio de exploração da má-fé humana. Não estou aqui para levantar os problemas seus, que têm sido objeto de amplos debates com seus colegas de turma, eles, sim, em condições de caracterizar seu desvio de personalidade, em função do próprio passado. O que você chama de *riqueza*, pode chamar perfeitamente de *pobreza*, porque fruto de acentuada avidez.

— Sinceramente, eu não pretendia confundir as coisas...

Benedito o interrompeu *ex abrupto*:

— Vou responder à sua interrogação e lhe peço que medite a respeito do que pode representar nesta esfera a argumentação retórica a que você estava habituado junto aos tribunais.

Renato enviou uma clara vibração de que entendera o recado, de sorte que Benedito pôde prosseguir calmamente:

— Vou levantar-lhes tão só a ponta do véu, porque é preciso que todos lastimem que Juvenal tenha praticado atos bastante graves, sem, contudo, enviar-lhe vibrações que não sejam de carinhosa compreensão, já que existem atenuantes para seus crimes.

Francisca, que se recuperara quase completamente da perturbação do transe da morte e que deixara o filho Tadeu aos cuidados de grupo de socorristas, desejou externar pensamento de apoio aos presentes no sentido de facilitar-lhes atitude mental positiva:

— Meus amigos, antes que se demonstrem os defeitos de meu amiguinho terreno, convoco a todos para ligeira prece em favor dele, para que sinta que não está ao desamparo dos amigos da espiritualidade, apesar de cercado, como todos sabemos, por perseguidores implacáveis, que, para prejudicá-lo, estão agindo em todos os campos em que exercem influência.

Instantes depois de severo recolhimento, Benedito falou:

— Juvenal traficou e, para defender seu posto de venda de drogas, atentou contra a vida de adversários. Não o fez sozinho, mas teria feito, se fosse preciso. São essas criaturas a quem Francisca se referiu. Buscam vingança, atrasadas que são. Se fossem adiantadas, perdoariam. Vai restar na mente de cada um a questão da sobrecarga de inimizades desde outras existências. Não houve, naqueles crimes, nenhum vínculo antigo. São entreveros acidentais, como os que se dão entre soldados que se atacam no campo de batalha. Estavam ali na condição de assassinos em potencial. Ou de vítimas. Uns e outros sob o guante poderoso do destino que os uniu e que lhes permite utilizarem-se de seu livre-arbítrio, conforme o discernimento de cada um.

Renato, que emitia fortes vibrações em ondas de crescente inquietação, finalmente explodiu no meio de um pranto silencioso:

— Tenho a certeza de que fui o causador desse distúrbio de comportamento.

Desta feita, Lutécia não se conteve:

— Pai, esqueça um pouco sua preocupação consigo mesmo, por favor. Concentre-se nas circunstâncias que se conjugaram para o resultado. Se você não levar em conta que existe um passado para além da atual existência do meu irmão, poderá caracterizar-lhe a personalidade como fruto da escolha que você fez da mulher que nos deu à luz. No entanto, ela tomou iniciativas que provocaram reações sofridas em nós, seus filhos. Como todos nós, ela também tem seu passado e seu espectro espiritual reflete uma personalidade própria. Mesmo assim, não devemos atribuir totalmente o desvario de Juvenal ao abandono de Terê, porque, se assim fosse, seria legítimo esperar que eu tivesse a mesma reação.

Renato abraçou a filha comovido, acatando tacitamente a repreensão que sofrera. Entretanto, seus pensamentos revolteavam intranquilos, crente de que a verdade toda exigiria explicações complexas dos relacionamentos anteriores daquele grupo familiar. Por isso, sem disfarçar a ansiedade, inquiriu:

— Benedito, quais serão as revelações pungentes que você fará, caso levante, não a ponta do véu, mas ele todo?

— Decididamente, será necessário despertar-lhe a memória para os fatos que envolveram todas as personagens deste drama, particularmente aqueles que lhe exigiram atitudes mais ou menos extremas que hoje você não tomaria, mais reflexivo que está, já que começa a raciocinar sob o influxo da moral evangélica, conforme os estudos que vem desenvolvendo com seus amigos de turma.

Marilu, que dava sustentação energética para impedir que o marido perdesse o equilíbrio, acrescentou:

— Não se esqueça, querido, de que você não está totalmente refeito do desastre que o atingiu. Enquanto mantiver sua expectativa para descobrir o autor dos disparos que lhe tiraram a vida, irá continuar sob sedativos, uma vez que tal descoberta irá desencadear uma revolta fortíssima, exatamente pela razão levantada por Lutécia, qual seja, a de que seu egoísmo lhe promove exagerada consideração por si mesmo. Pense em Juvenal como um ser espiritual adulto; não como um rapaz carente de cuidados. Aqui haverá de caber uma explicação a respeito da saúde do nosso paciente.

Benedito pegou a deixa no ar e complementou:

— Voltamos ao início da conversa. Juvenal está realizando exames para averiguar se as palavras que foram ditas por mim tinham sua razão de ser. A escolha dos médicos foi inteligente, de sorte que irão diagnosticar, com alguma precisão, que ele sofre de um desequilíbrio, digamos, físico-químico, de origem emocional, que lhe vem causando uma degenerescência crescente do sentimento de auto-estima, já que o sentimento relativo aos semelhantes se deteriorou concomitantemente com a perda afetiva.

Renato se apavorou com a intuição que teve, mas não deixou de perguntar:

— Ele está com ideias suicidas?

Benedito fechou o cenho, demonstrando claramente que entendia a gravidade do que ia dizer:

— Ele está com ideias de abandono completo do sentido da realidade. Ao mesmo tempo, está pressentindo a verdade contida na doutrina espírita, que lhe vem sendo revelada aos poucos, devido à turbulência de sua situação perante as forças coercitivas que o mantêm agrilhado a um grupo de facínoras. Caso seus valores se mantenham na órbita da organização criminosa, tanto fará para o futuro de lutas dele no etéreo que se mate ou que sirva de coadjuvante naquela farsa de vida, que constitui a imoralidade mais sórdida dos que pregam o contrário da máxima cristã do amor e da solidariedade.

Renato insistiu no tópico da doença:

— Quer dizer que ele está sofrendo das faculdades mentais, uma espécie de neurose ou psicose, neurastenia, ou mesmo um tumor no cérebro?

Benedito esclareceu:

— A situação dele é ainda pior. Ele está sofrendo de esquizofrenia, estudo por fazer-se ainda através da ciência terrena, mas que nós sabemos que é o resultado...

Renato fez um gesto categórico, impedindo o guia de prosseguir, afirmando:

— Vamos apelar para os facultativos do etéreo, para que ajudem os médicos encarnados a entender o que se passa no íntimo de meu filho. Ao contrário do que me pede Lutécia, eu me sinto responsável e lutarei para amenizar o sofrimento de Juvenal.

Lutécia logo o apostrofou:

— Pai, você não vai poder fazer nada sozinho.

Renato retrucou:

— Não vou poder nem quero. Mas ninguém irá impedir-me de tentar, sob os auspícios de uma turma tão poderosa quanto esta que hoje se reuniu, ao que tudo indica, para me constituir em protetor de Juvenal. Estarei muito longe da verdade?

Foi Francisca quem encerrou a discussão:

— Graças a Deus, a sua atitude tem sido muito positiva. No entanto, como ficou bem claro, existem entidades desejosas de prejudicar o moço. Começemos, pois, por

ajudar aqueles infelizes, caso nos seja possível. Para tanto, vamos ter de estabelecer inúmeros contatos, para conhecer toda a extensão de suas mágoas e de seus problemas. Que Jesus nos ajude!

43. O RESULTADO DOS EXAMES

De posse de todos os envelopes, apresentou-se Juvenal ao Doutor Moacir. Este abriu um a um e cuidadosamente fez a leitura de cada análise, sem demonstrar na fisionomia se lhes eram de agrado ou não. Cada nova diagnose era cotejada com as anteriores, de forma que se elaborava o quadro clínico do paciente.

Após percuciente exame da situação, Moacir foi incisivo:

— Não existe nenhuma formação que se possa considerar maléfica, nem tumor, nem edema, nem coágulo. O seu cérebro está intacto, estruturalmente. No entanto, existem certas contagens preocupantes em seus exames de sangue. Você será capaz de me acompanhar uma explicação científica?

— Não, doutor. Meus conhecimentos se resumem ao que se pode absorver no segundo grau. Se o senhor me pedisse para compreender a linguagem jurídica, até que eu poderia acompanhar um pouco, tendo em vista que venho lendo algumas obras deixadas por meu pai.

— De qualquer modo, posso dizer-lhe que é admirável que você tenha tido o discernimento de procurar auxílio médico, uma vez que o mais provável seria fechar-se em si mesmo, já que não existem os estímulos químicos da endorfina (proteínas e hormônios). Você não deve ter nenhum prazer na vida. Acredito que tenha muitas preocupações, sem válvulas de escape. Tudo o que lhe aconteceu ultimamente, conforme você me contou (e isto está também nos exames), não podia afetá-lo. Ao contrário, até poderia representar-lhe uma espécie de alívio, já que as pessoas que morreram e aquelas de que você se apartou espontaneamente deixaram de lhe ser um peso. Se você estiver de acordo com a minha descrição, haverá de aceitar o tratamento que lhe vou propor. Quero ouvi-lo a respeito.

Juvenal não esperava uma descrição tão perspicaz. Contudo, resolveu não responder de imediato, preferindo esclarecer uns pontos que não lhe estavam totalmente claros:

— Doutor, trata-se de uma doença?

— Sem dúvida. Você está ameaçado de esquizofrenia, ou melhor, os sintomas desse tipo de perturbação estão muito claros, embora o estado ainda não possa ser considerado grave.

— As suas conclusões são totalmente baseadas nos exames clínicos?

— Absolutamente, não. O seu comportamento, conforme suas respostas às minhas perguntas e as que você deu ao preencher os formulários, demonstra que sua inteligência é bem aguda, enquanto seu nível de reação emotiva está muito aquém da normalidade.

— Não se trata de uma configuração especial de personalidade?

— É isso mesmo: personalidade esquizoide. A esquizoidia é um tipo de constituição mental de acentuada tendência à solidão, insociabilidade, introspecção e má adaptação à realidade exterior.

— Existe tratamento?

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Eu nem sempre fui assim. Ultimamente é que estes fatores estão aumentando. É como se o senhor estivesse me revelando exatamente o que se vem passando comigo nestes últimos anos, mais especialmente desde que minha mãe me abandonou. Um pouco antes de meu pai ser morto, eu já estava bastante perturbado. Depois da morte dele, foi como o senhor falou: eu senti uma espécie de alívio. Quando minha irmã morreu, eu estava de novo cheio de tensão. Agora, em muito menos tempo, as mesmas sensações de impotência (não sei se essa é a melhor palavra) estão me obrigando a agir de modo a apagar completamente o passado. Se o senhor quiser saber, eu não lhe contei tudo, mas o que eu não pude dizer-lhe confere ao seu diagnóstico muito maior proximidade com o meu modo de ser. Acho que respondi.

— Melhor impossível. Então, eu devo dizer-lhe que não existe cura definitiva para o seu caso. Entretanto, preste atenção, nós podemos diminuir ao mínimo os efeitos daquela ausência de ingredientes neurológicos positivos, porque os medicamentos específicos estão em fase adiantada de desenvolvimento. Agora vem a parte mais crítica: você precisará internar-se numa clínica psiquiátrica, onde deverá ser acompanhado, durante um bom período, por uma equipe de médicos e enfermeiros, uma vez que os exames têm de ser diários. Qualquer recaída e você poderá transformar-se num assassino insensível, capaz de se voltar até contra as pessoas mais íntimas.

— Tipo?...

— Desses que mandam bombas pelo correio ou entram em recintos públicos matando e fazendo reféns.

— Quer dizer que, em lugar de desenvolver o amor e a amizade, o meu cérebro está voltado para o ódio?

— Se você quiser colocar as coisas nesse pé, sim. Não é essa a linguagem médica.

— Pois a perspectiva de internação não me parece de todo ruim. De certa forma, o isolamento controlado é sempre preferível à minha tendência de me desfazer de todos os vínculos afetivos.

— Diga-me sinceramente: existe alguém a quem você possa estar ligado pela emoção?

— Existe o meu tio, mas mesmo ele está tornando-se um problema para minha liberdade, já que controla os bens deixados por meu pai e que foram reivindicados por minha mãe.

— Quer dizer que ele está em condições de assinar os papéis de internação, apesar de você estar com dezenove anos?

— Pensei que bastasse minha permissão.

— Sendo ele advogado, pode consultar todas as leis e anuir com plena certeza do que está fazendo. O mesmo talvez não se possa dizer de você, uma vez que está na condição de paciente.

— Não é uma questão de dinheiro?

— É uma questão de responsabilidade.

— Quando começo o tratamento?

— Imediatamente. Já vou passar-lhe a primeira receita. Assim que os remédios chegarem, você receberá as doses iniciais. Em seguida, será levado de ambulância para o

hospital, onde ficará sob observação. Conforme for o caso, teremos de levá-lo para os Estados Unidos.

— Eu não pensei que o caso fosse tão sério.

— Ainda não é, mas, quanto antes você receber a medicação, tanto mais cedo receberá alta.

— Vou ligar para o meu tio. Tenho a certeza de que ele virá correndo, porque uma internação deste tipo, com certeza, dará ao advogado de minha mãe mais um argumento jurídico para fundamentar seu pleito.

— No entanto, meu jovem, a sua saúde mental, caso não se interne, irá deteriorar-se a ponto de não oferecer mais condições de equilíbrio. Ligue já para o seu tio. Vamos formalizar o quanto antes a documentação.

Foi assim que, de um dia para o outro, Juvenal se viu recluso numa clínica, sob a ação de alguns produtos que o deixavam zozno a maior parte do tempo, impedindo-o de raciocinar com clareza sobre as questões que o vinham preocupando. A única inquietação que mantinha, entretanto, era com o cofre em que depositara sua fortuna. Quanto àquela gente que lhe mandava a mesada, nem lhe passava pela cabeça, pela certeza que adquirira de que eles estavam perfeitamente a par de tudo o que lhe vinha acontecendo.

44. GLORINHA

Enquanto Juvenal permanecia internado, Margarida e Glorinha ficaram sem ter muito o que fazer no apartamento. Consideraram-se criadas de luxo, mantendo somente a limpeza, respeitando os objetos sob sua guarda de maneira a mais fiel possível.

Iam ao centro com frequência, de forma que Elvira obtinha as informações de como se ajeitavam as coisas no sentido de se prepararem para o retorno do moço à casa. Tendo tomado conhecimento de que cabia à mocinha o cardápio das refeições, Elvira se interessou pelas habilidades da jovem cozinheira. Foi quando ficou sabendo que era perita em temperos, preparando salgados e doces à perfeição.

Uma certa noite, reuniram-se as três, enquanto Ricardo palestrava no auditório, porque a professora havia planejado o desenvolvimento da jovem nas artes culinárias, uma vez que desejava fazer que Juvenal se alimentasse corretamente, segundo os princípios dos valores alimentícios que cada prato podia reservar, em função da saúde do rapaz.

Depois de uma longa conversa, concordaram as três em que deveria Glorinha ler alguns livros especializados, para sentir se sua vocação era justamente aquela.

Uma semana depois, tendo ficado Margarida a cuidar de Valéria, Glorinha foi arguida por Elvira, saindo-se esplendidamente, confirmando que se tratava de uma aptidão irresistível.

— Vai ser um desperdício de talento se você se restringir a prestar serviço numa casa de família. Eu acho que você precisa, imediatamente, matricular-se numa escola de segundo grau especializada que lhe possa dar a garantia de seguir um curso superior na área da nutrição.

Glorinha não aprovou logo a ideia, objetando que precisava manter o emprego.

— Você não precisa deixar de trabalhar. Ao contrário, as tarefas diárias poderão constituir-se em uma espécie de oficina ou laboratório para você testar os conhecimentos que for adquirindo.

O que Elvira estava escondendo era a ideia que lhe ocorrera de que Glorinha poderia ir para a mesma emissora de televisão em que ela trabalhava, já que o programa estava carecendo de mais juventude na área das receitas. Sendo assim, aguardou um tempo, enquanto a mocinha se acomodava nos estudos, para sondar a titular do programa quanto a admitir uma ajudante que não só enfeitasse a cozinha experimental mas que também desempenhasse um papel com certo desembaraço no trato dos apetrechos e alimentos.

Todas essas manobras da logística promocional de Glorinha, sem que esta tivesse qualquer conhecimento dos fatos, custaram a Elvira cerca de três meses. Um belo dia, o diretor do programa chamou-a para que expusesse suas ideias, já que a velha senhora responsável pela audiência estava com algumas deficiências de renovação, repetindo os programas com uma monotonia que estava afastando o público.

Em lugar de repetir os chavões de que se utilizara durante sua campanha, Elvira sintetizou de maneira pragmática o seu plano:

— Eu tenho a pessoa ideal para exercer o papel de coadjuvante, a ponto de me responsabilizar pela afirmação de que ela terá condições de assimilar todo o aparato técnico, podendo assumir o comando do quadro, assim que for necessário. Se me permitirem a sugestão, não nos custará muito realizar um teste, montando um programa-piloto ou o que o valha, segundo as perspectivas em vista.

Acuada, a titular quis defender seu quinhão:

— Eu aceito as mudanças, desde que fique bastante claro que quem orienta os pratos sou eu. A moça deve ser mera auxiliar, caso contrário, se se intrometer na minha área, irá me causar um mal-estar muito grande.

O diretor geral achou que o seu pessoal não iria opor-se a algo que não oferecia nenhum risco de perda de patrocinadores, de forma que autorizou a apresentação da jovem para os contatos de praxe.

Mais do que satisfeita, Elvira marcou um encontro com Glorinha e ambas combinaram como seria a primeira entrevista da moça.

Glorinha saiu-se muitíssimo bem em todos os testes, descobrindo-se bem mais fotogênica do que pensava. Orientada por especialistas, desinibiu-se completamente, dando expansão ao seu natural bom humor, auxiliando a montar a personagem, destacando todos os aspectos positivos da personalidade.

Integrou-se ao quadro sem que sua presença se destacasse, deixando à vontade a apresentadora. Com sua intuição inata para o trabalho culinário, logo se constituiu em valiosa auxiliar para que o programa recuperasse a antiga leveza, terminando por sugerir sequências de pratos muito mais populares, estimulando a audiência de um público mais vasto, modificando a própria filosofia da programação.

Não demorou, os diretores da emissora perceberam que ela havia aumentado a audiência, o que lhes ensejou a possibilidade de ampliar a participação da moça, treinando-a exaustivamente para falas mais consistentes e importantes.

Foi por essa época que Juvenal, já com as doses de barbitúricos diminuídas, estando a ver televisão no salão da clínica, deu com Glorinha em plena efervescência. Estranhou o fato porque tinha para si que ela continuava como empregada sua, tendo em vista que fora levada pela tia por três vezes para visitas no hospital e nenhuma das duas falou nada a respeito das atividades na televisão.

Imediatamente, ligou para casa, desejoso de entender-se com Margarida. De fato, foi ela quem atendeu, combinando os dois que iriam encontrar-se naquela mesma tarde.

— Será possível trazer a minha ex-cozinheira?

— Hoje ela não tem compromisso. Com certeza irá, porque tem insistido comigo para voltarmos a vê-lo.

Às duas e meia da tarde, chegaram.

Juvenal foi avisado de sua presença e logo se dirigiu ao salão de visitas. Assim que entrou, em lugar de estender a mão para o cumprimento formal de patrão para empregado, ele puxou a si as duas de uma vez e, com seus longos braços, apertou-as contra o peito, deixando claro que estava muito emocionado.

— Vocês ocupam um lugar importante no meu coração, disse-lhes, duas lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces.

Embasbacadas, nem uma nem outra entendeu o que se passava. Então, o rapaz explicou-lhes:

— Eu vi Glorinha na televisão. Agora eu sei que vocês duas estão a pique de me deixarem. Por que não me contaram antes?

Foi Margarida quem respondeu:

— A gente não sabia se ia dar certo. Foi Elvira quem arrumou tudo. Mas, se Glorinha já faz alguns meses que pediu dispensa a seu tio, eu fiz questão de me manter no emprego, porque preciso do ordenado. É verdade que ela está ganhando um bom salário, mas é dela. E ela vai precisar do dinheiro, porque não vai ficar barato frequentar tantos cursos com *maîtres* e *gourmets* famosos, além de ter de se preparar para a faculdade.

— Mas isso está longe ainda.

Desta feita, foi Glorinha quem esclareceu:

— Não está, positivamente. Passei para o segundo ano e já neste ano presto vestibular como *treineira*. Tenho estudado muito, com o apoio de todo o pessoal da emissora. As cartas que têm chegado são muito elogiosas e todos estão satisfeitos com o meu desempenho. Mas preciso ampliar os conhecimentos e só um curso superior de engenharia de alimentos é que vai me tornar uma profissional completa.

Enquanto a jovem falava, Juvenal olhava para ela com extrema admiração. Quão diferente se apresentava depois de apenas seis meses. Era outra criatura. Com a pele tratada e a roupa de primeira, era alguém que impunha a personalidade. Aliás, refletia o moço que ela sempre demonstrara um caráter forte, embora se mantivesse em seu devido lugar como criada.

Perpassou-lhe pela lembrança a figura de Valéria e o momento infeliz em que se imaginou abordando-a. Com Glorinha, jamais tivera qualquer fantasia. Agora estava perguntando-se a razão de ela ter vindo visitá-lo. Quem sabe não fora por alguma atração sentimental? Era a pergunta a que não resistira, intimamente.

De repente se saiu com esta:

— Como está seu namorado, mocinha?

Glorinha não hesitou em responder:

— Acho que nem ele sabe como está.

— Como assim?

— É que o rapaz não tem ideia de que gosto dele. É uma paixão a distância.

A tia interveio:

— Esta minha sobrinha, desde que está frequentando aquele meio, tem colocado muitas ideias diferentes na cabeça. O que vale é que temos ido ao centro muitas vezes e os ensinamentos da doutrina estão pondo as coisas nos seus devidos lugares. Por falar nisso, Elvira nos contou que o senhor está lendo as obras de Kardec...

— Não me chame de *senhor*. Estou lendo também, mas o que mais tem ocupado meu tempo é o estudo das matérias do vestibular. O que me atrapalha é que, quando me dão os remédios, fico sem condições de aprender. Aí, descanso, dormindo a noite toda, ao contrário do que fazia antes, quando passava a noite em claro e dormia durante toda a manhã. Aliás, fui bem na primeira prova e estou aguardando a chamada para a segunda fase.

Foi Glorinha quem se interessou:

— E como é que você fez com seu mal-estar no dia da prova?

— O médico me autorizou a ficar quatro dias sem os remédios mais fortes, de forma que fui bem lúcido para a prova. Quando voltei, estava quase eufórico, mas a análise dos testes clínicos indicou que necessitava dos medicamentos. Isto faz um mês. Agora estou quase recebendo alta. Nem acredito quando penso que, por um triz, não tinha de ir tratar-me no exterior.

Margarida observou:

— Graças a Deus, a sua saúde está recuperada. A gente vê por sua disposição, por suas cores.

— É que os enfermeiros não me deixam um dia sequer sem os exercícios prescritos pelos médicos. No começo, foram apenas pequenas caminhadas ao sol. Agora, já começo a praticar esportes coletivos (basquete e vôlei), o que nunca aconteceu antes. Está dentro do programa de minha sociabilização.

Mais teria dito o jovem, não atinasse que estava na área das confissões íntimas. Cortou, então, a onda de revelações e perguntou a Glorinha:

— Quer dizer que você está de olho em alguém da televisão, algum ator, algum...

Glorinha, porém, o interrompeu:

— Nenhum ator nem ninguém da televisão. Bem que existem alguns arrastando as asas. Mas eu não me interessei por ninguém. A hora é de me firmar profissionalmente, conforme Elvira me tem prevenido sempre. Se eu me deixar envolver, com certeza a pessoa estará muito mais preocupada com o meu futuro promissor do que com um relacionamento que envolva a solidez de uma família. Tenho visto muitas colegas batendo as cabeças por aí, grávidas e abandonadas.

Margarida percebeu a possibilidade de Juvenal se lembrar de Valéria e logo esclareceu:

— Eu tenho acompanhado minha filha sempre que posso aos estádios, porque tem muita gente de olho naquelas moças, cujo trabalho é se exporem para o público. Não sei se ela vai ter juízo suficiente para segurar a barra, apesar de muitas colegas também estarem ali para custear os estudos. A maioria, contudo, está à cata de marido, de preferência rico...

Teria Juvenal percebido alguma insinuação relativa às intenções de Glorinha para com ele? Se percebeu, não demonstrou.

A conversa ainda se estenderia por mais duas horas, até que vieram buscar o rapaz para as atividades da tarde. O que ele não viu é que um dos enfermeiros ficou a executar anotações durante toda a visita, atento para as reações do paciente.

Juvenal ia reclamar da brevidade do encontro, mas precisou ceder à evidência de que não notara o tempo passar.

45. NOVO ENCONTRO

No dia seguinte, estando Juvenal em seu repouso matutino, foi advertido de que havia alguém para visitá-lo.

Correu para ver quem era e teve a gratíssima surpresa de ver que Glorinha viera de novo, desta vez sem a companhia da tia.

— Que grande prazer você me dá! Você não deveria estar no programa?

— Deixei a televisão.

— Como assim?

— Não vou trabalhar mais lá. Acho que serei mais útil se continuar sua empregada, se você me aceitar de volta.

— Não estou entendendo nada. Não era o que você mais queria na vida?

— O que eu mais quero na vida é estar ao seu lado, mesmo que você nem olhe para mim.

— Mas minha menina...

— Não sou sua menina. Eu sou uma mulher que sabe muito bem o que deseja na vida.

— Você sabe por que estou internado?

— Sei. É porque não consegue amar a ninguém, desde que era pequeno. Sua mãe o abandonou e você ficou traumatizado. Eu ouvi seu tio explicando para minha tia. Eu entendo bem o que seja isso porque perdi meus pais num desastre. Foi quando minha tia me recebeu. Só que eu era bem pequena. Ontem eu senti a sua reação quando soube que eu também o havia abandonado. Suas lágrimas me comoveram.

— E quanto aos seus planos de faculdade?

— Uma coisa não impede a outra. Continuo estudando. Quando chegar a hora...

— Não tem isso de *quando chegar a hora*. A hora é agora. Você vai voltar e vai reaver o emprego.

— Já desfiz o compromisso, mesmo porque não havia ainda assinado o contrato definitivo. Eles me disseram que não me devem mais nada nem eu a eles, porque estava em período de experimentação. Eles falaram em estágio probatório. O meu chefe até me disse que se arrependia muito por não ter feito que eu assinasse um contrato. Eu estaria presa e não poderia sair sem mais nem menos.

— Ele não lhe ofereceu um aumento de remuneração?

— Não, mas perguntou se eu não estaria sendo levada para outra emissora.

— E não está?

— Até agora, não. Minha tia é que não gostou da decisão. Ela me disse que outra chance como aquela eu não ia ter mais na vida.

— Ela está sabendo que você veio me ver?

— Eu contei tudo, mas ela não quis me acompanhar. Disse que me entendesse com você, afirmando que *dos males o menor...*

Juvenal ousou passar a mão pelos cabelos da moça e sentiu que ela se entregava ao carinho, sem opor resistência. Foi assim que eles se aproximaram e se beijaram, comovidos e surpresos por perceberem que estavam envolvendo-se afetivamente.

Para o rapaz, tudo aquilo era novidade. Ele jamais havia tido uma namorada, alguém com quem tivesse trocado qualquer jura ou promessa de amor. Entretanto, apesar de lhe haver tomado ambas as mãos e de olhá-la no fundo dos olhos, criou coragem para dizer-lhe:

— Estou com muito medo de que estes nossos sentimentos possam transformar-se em algo monstruoso. Eu preciso...

Não pôde continuar, porque Glorinha o puxou de novo para si, agora aconchegando-se ao peito do rapaz, murmurando:

— Meu amor, eu não vou pedir-lhe nada além de um emprego. O que eu quero é ter outros momentos tão felizes como estes. Vamos pôr a nossa felicidade futura nas mãos de Jesus e de nossos protetores espirituais. Se for para não dar certo, pelo menos teremos algo muito bonito para recordar.

Enquanto começavam a fazer planos, tendo Juvenal a primeira ideia de entrar para o ramo dos restaurantes para que Glorinha não perdesse sua vocação, o mesmo enfermeiro da véspera trazia o Doutor Moacir para observar as reações do paciente.

46. RECONCILIAÇÃO

Ao se deparar com aquela cena de afeto, Moacir ficou muito otimista quanto à evolução do quadro clínico do paciente. Sabia que Juvenal jamais iria livrar-se dos medicamentos, mas assegurava-se de que o convívio social ganhava o adendo dos sentimentos.

Reservou um horário à tarde em que pudesse ter uma conversa com o moço, não sem antes requisitar alguns exames de sangue para avaliação do nível de proteínas em equilíbrio homeostático. Tendo o resultado da contagem sido altamente positivo, Moacir iria tentar sua cartada maior relativa ao tratamento.

— Meu caro jovem, eu gostaria que você descrevesse seus sentimentos para com a mocinha desta manhã.

Juvenal, que conhecia a importância da questão, respondeu de forma a atender o anseio do médico:

— Estou extasiado com a possibilidade de emocionar-me com a presença dela. Não sei se devo dizer que estou amando, porque não chego a compreender direito o que é o amor entre homem e mulher. Neste exato instante, gostaria de estar ao lado dela, já que estou começando a sentir sua falta. Quando a vi hoje de manhã e quando soube que se sacrificara para estar comigo, enchi-me de orgulho, de vaidade, como se eu representasse algo muito valioso para alguém.

— Você considera isso uma novidade? Não era como você sentia a presença de sua irmã?

— Lutécia era muito boazinha e não se revoltou quando a proibi de sair de casa. Todavia, somente depois de algum tempo é que a ausência dela representou para mim o verdadeiro sentido de uma perda. Foi algo muito desagradável que me forçou a reformar minha vida. Com Glorinha, as coisas se passam de modo bem diferente. Eu me lembro dela com vontade de tê-la junto a mim. Quanto à minha irmã, eu tenho a impressão de que está muito bem lá onde se encontra, tendo perdoado todas as minhas exigências e tudo o mais que fiz contra ela. Espírito evoluído, no meu conceito, ela sempre soube contornar os problemas. O senhor tem-me visto a ler obras espíritas. Pois, a acreditar em que descrevam a realidade da vida de além-túmulo, devo ficar sossegado, pois Lutécia carreou para lá as virtudes que desenvolveu.

— Vamos supor que ela fosse má, rebelde, desobediente; que não tolerasse as suas restrições. Você ainda acharia que ela estaria bem agora?

— Infelizmente, doutor, se ela fosse do jeito que o senhor está dizendo, dificilmente estaria naquele carro, naquela hora em que atiraram nela. O mais certo seria estar com a mãe, com cujo gênio combinaria.

— Foi bom você ter citado sua mãe. Quais seriam suas reações se ela viesse visitá-lo?

— Só com o fato de o senhor estar a levantar essa possibilidade, já fico excitado. Não faça isso, por favor.

— Nós podemos colocar vocês dois frente a frente no locutório. Ali vocês ficariam separados pelo vidro. Não haveria contato físico, só visual.

— Preciso me acostumar à ideia. Talvez, se ela viesse sozinha, sem as crianças nem o marido... Vou pensar.

De repente, assaltou-lhe uma dúvida:

— O senhor não disse a ela onde estou, disse?...

— Não disse mas não sou a única pessoa que sabe de seu paradeiro.

— O senhor quer dizer que meu tio ou outra pessoa pode ter batido com a língua nos dentes?

— Estou percebendo que a sua agitação pode significar algo mais do que simples preocupação. Veja se você é capaz de se acalmar sem tomar remédio.

O aviso chegou na hora certa. Juvenal compenetrando-se de que estava deixando-se envolver por ondas de ódio, caracterizando claramente uma reação que há algum tempo não apresentava. Entendeu que precisava superar a crise por esforço próprio e, sem que tivesse estruturado tal tipo de resposta, pela primeira vez, fez uma prece solicitando ajuda ao protetor, “seja ele quem for”, incluindo um pedido de mais sabedoria para compreender os dramas da mãe.

Em alguns minutos, estava relembrando a lépida figura de Glorinha, ouvindo-se admirado a dizer:

— O senhor pode trazer minha mãe. Vamos ver no que dá.

— Quer marcar um dia e uma hora?

— O que ela mesma determinar, se é que o senhor não vai encontrar resistência da parte dela. De qualquer forma, é bom eu confirmar com meu tio alguns assuntos atinentes à partilha dos bens de meu pai. Acho que está na hora de ir preparando minha volta à vida ativa.

Antes que anoitecesse, sobrinho e tio travaram o seguinte diálogo:

— Tio, eu pedi que viesse para que me diga em que pé está a oferta que fiz à minha mãe, quanto à partilha.

— Você me havia dito para propor que a casa ficaria com ela, com tudo dentro. Pois bem, ela aceitou; mas quando eu lhe contei a respeito do atentado que você sofreu, ela se resignou a dividir a propriedade e decidiu-se a retirar a demanda, desde que você concorde em vender a casa, assim que passar às suas mãos, o que irá demorar, tendo em vista a divisão relativa à parte que caberia a Lutécia.

— Quer dizer que, propriamente dito, estamos na mesma.

— Não estamos, não. À vista do meu assentimento oficial, ela cumpriu a palavra e já anulou a petição, retratando-se e acatando o testamento de seu pai.

Juvenal calou-se, aguardando que o tio fizesse algum comentário. Este, porém, não quis manifestar-se quanto às decisões tomadas, silenciando também.

Depois de alguns minutos, Juvenal perguntou:

— O senhor acha que eu devo recebê-la para uma conversa franca?

— Desde quando vocês não conversam?

— Depois que ela partiu, nunca mais falei com ela, uma, porque meu pai não deixou; outra, porque eu fugi dela em todos os enterros, pois só assim é que nós poderíamos encontrar-nos. A última vez que eu a vi foi no velório da Francisca, assim mesmo de longe, sem que ela me tivesse notado.

— Neste caso, qual é o seu interesse?

— Foi o médico que sugeriu. Ele acha que a avaliação do meu tratamento deve passar por essa prova.

— O que você pensa a respeito?

— Eu estou quase bom, se não inteiramente curado.

— O que o faz pensar assim?

Juvenal não estava muito disposto a confessar sua simpatia por Glorinha. Então, saiu pela tangente:

— Eu estou arrependido por ter tomado tantas decisões que afastaram as pessoas que confiavam em mim. A começar por Tadeu...

— Tadeu me contou que você lhe deu uma boa soma.

— Mas não cumpri minha promessa de fazer que ele passasse por um treinamento profissional nem que habitasse a casinha dos fundos.

— Quanto a isto, pode ficar sossegado. Eu o mantive no emprego e providenciei para que pudesse ter um porte de arma legal. Não contei antes porque você não se achava em condições de se envolver com tais preocupações. Ele se casou e está tomando conta de tudo, inclusive com dois cães adestrados para a guarda da propriedade. Quanto a isto, a sua consciência pode ficar tranquila.

Juvenal achou que o tio agira muito bem mas não lhe disse nada, meditando a respeito da menção à consciência.

Finalmente, observou:

— Voltar a morar naquela casa eu não vou. O apartamento me deixa muito mais sossegado, principalmente porque o sistema de segurança não é tão primitivo.

— Eu concordo com você e, por isso mesmo, mandei instalar na casa um sistema completo de alarmes sonoros e visuais, inclusive com comunicação direta com uma companhia de vigilância e proteção.

— Quer dizer que, se eu quiser entrar, não vou conseguir.

— É claro que você precisará aprender a não disparar os dispositivos. Mas isso só se você quiser entrar à noite. De dia, Tadeu mantém os cães cativos e os alarmes desligados.

— Foi boa a nossa conversa, porque eu pretendia ir direto para lá, assim que saísse daqui. Eu queria saber se ninguém havia invadido a propriedade.

— Você não confia no seu tio?

— Desculpe. Eu devia saber que o senhor ia tomar conta de tudo.

— Não só eu. Margarida também vai uma vez por semana vistoriar a casa e mantê-la limpa. Desde que você se internou, ela vem desdobrando-se, deixando tudo preparado para sua volta.

— Ela não me disse nada.

— Eu é que pedi que ficasse calada.

— Até parece que o senhor não sai do apartamento.

— A gente se encontra no centro espírita pelo menos duas vezes por semana. É lá que eu tenho feito o pagamento dos ordenados.

— E quais são as novidades mediúnicas?

— Eu nunca mais participei desse tipo de sessão. Mas posso dizer-lhe que tenho ouvido as fitas e lido as mensagens. São páginas não muito inspiradas. Perto das obras que tenho lido, antigas e modernas, as entidades que ali comparecem estão mais ligadas às

pessoas da comunidade. Por isso, o tema dos textos gira sempre em torno dos assuntos da moralidade prática de quem precisa purificar os costumes, superando defeitos e praticando o bem.

— Nenhuma notícia de meu pai ou de minha irmã?

— Não que eu saiba. Se houvesse algo, eles me passariam logo. Eu acho que os médiuns têm um pouco de receio de assinar com nomes conhecidos, preferindo as expressões *um espírito amigo, um familiar esquecido, o protetor do médium* e assim por diante. Se alguém assinasse Renato, por exemplo, precisaria que a mensagem estivesse de acordo com o superior intelecto de meu irmão, lente universitário e advogado famoso.

A conversa prosseguiria um pouco mais, sem que Glorinha fosse citada. Resguardava-se o jovem, dando a si mesmo mais tempo para confirmar sua inclinação afetiva.

No dia seguinte, Moacir entrou em contato com Terê, pedindo-lhe que comparecesse para uma entrevista preparatória do *tête-à-tête* com o filho.

Pontual, ela compareceu no horário combinado, tendo recebido do médico o quadro geral da doença do filho, bem como os riscos de recaída caso ela reavivasse com cores muito fortes o panorama da época em que houve a separação do casal e o abandono dos filhos.

— Mas, doutor, perguntou ela, se é tão grave a situação, qual a importância de nós nos encontrarmos?

— A importância reside no desencadeamento de uma série de reações violentas que as pessoas esquizofrênicas são capazes de gerar e que a ciência está em condições de avaliar e de conter. Como nós caracterizamos a sua atitude como o centro de todo o distúrbio, o fator que provocou o desarranjo mental da criança, estamos contando com sua participação para o reequilíbrio da mente de seu filho, ou, na pior das hipóteses, para a fixação de diretrizes mais drásticas para a sequência do tratamento através de drogas. No entanto, é preciso colocá-lo sob uma pressão controlada; por isso é que estou pedindo-lhe para que não o exaspere, não o deixe nervoso com revides às possíveis acusações que ele poderá fazer-lhe. Saiba que ele possui todos os traços de uma violência incubada, a qual poderá aflorar durante a entrevista. Creio que será prudente que vocês conversem no ambiente protegido do nosso locutório, onde uma parede de vidro separa os visitantes dos pacientes.

— Ele está de acordo com isso?

— Eu acho que ele não tem voz ativa, neste caso.

— O senhor há de convir que, apesar de tudo o que se passou em nossa vida, eu ainda sou a mãe dele.

— Pois eu acho que agravar o relacionamento não irá trazer-lhe nenhum conforto. Neste caso, é preferível deixar as coisas no pé em que se encontram.

— Pois eu não penso assim. Ele tem sofrido muito mais do que eu suponha. Eu pensava que a morte de minha filha iria fazer que ele quisesse reatar os vínculos familiares, uma vez que ficou sozinho. Ao contrário, fugiu não só de mim mas de todo o mundo, conforme o senhor mesmo atestou. Mas eu acho que existe uma espécie de boa vontade da parte dele, tanto que me ofereceu o que eu achava ser de meu direito: uma parte da herança do pai.

— Essa é uma informação muito valiosa. Contudo, o contato pessoal é ainda o meio mais eficaz de chegarmos a uma conclusão precisa de como evoluiu a moléstia. Estamos em condições de verificar as consequências do estresse a que ele se submeterá. Mas é bom que a senhora saiba que ele é muito inteligente e tem consciência dos sintomas da doença de que esteve acometido e conhece a importância do controle das emoções de caráter negativo.

— Sendo assim, eu lhe peço para preparar-nos um encontro numa sala comum.

— Neste caso, existe uma dificuldade: vou precisar dopá-lo um pouco, porque as impressões serão muito mais enérgicas.

— Não basta que o senhor esteja presente?

— Talvez bastasse, mas eu precisaria estar mais seguro de que ele não vai tornar-se violento.

— É tão grave assim? O que ele será capaz de fazer?

— Poderá atacá-la num acesso de raiva, já que todo o rancor e o ódio que concentrou nos últimos anos não se diluíram de todo através dos sucessos trágicos que recaíram sobre ele ultimamente.

— Apesar de tudo, eu confio em que seja capaz de superar os ímpetos de furor, já que tem estado bastante calmo a ponto de estudar para os exames. Segundo o tio, ele tem lido obras de caráter moralista e está acreditando na sobrevivência da alma após a morte. Quem questiona a justiça dos homens, com fé na justiça de Deus, não pode deixar de exercer sobre si mesmo uma vigilância moral.

Moacir admirava as colocações da senhora, inesperadas para quem fizera dela um conceito negativo. No entanto, não quis investigar a origem daquele padrão de raciocínio religioso. Ficou na área de seu conhecimento:

— Eu cumpro o meu dever de alertá-la para os fatos adversos que poderão ocorrer. Reconheço que se trata de mãe e de filho e que é de seu direito reivindicar a benquerença dele, já que a senhora demonstra que ainda o tem em muita consideração.

— Eu reconheço que agi mal, mas, se ele me acusar, vai permitir-me uma defesa que venho preparando desde há muito. O que lhe posso garantir, doutor, é que não haverá bate-boca, nem gritaria. Caso ele se transtorne, eu lhe peço para intervir, como eu sei que se intervém em casos de ataques físicos perigosos.

— Agora eu já tenho mais alguns argumentos para discutir com ele. Muito obrigado pela sua compreensão e desculpe-me posicioná-la...

— Eu é que lhe agradeço por tudo quanto o senhor tem feito pelo Juvenal. Deus lhe pague!

Quando o paciente ouviu a gravação sem cortes da conversa, não deixou de manifestar seu deslumbramento pela postura altamente inteligente, moralizada e até religiosa, daquela criatura contra quem vinha invectivando desde a infância.

Concordou em vê-la na sala de visitas em que estivera com Glorinha e pediu a Moacir que marcasse o encontro para breve.

Decidiram, então, que deveria ser no dia seguinte, porque, qualquer que fosse o resultado da reunião, haveria tempo para Juvenal preparar-se para as provas que se aproximavam.

Bem cedo, Moacir determinou a medição de vários índices orgânicos que pudessem demonstrar um desvio do padrão. Nada havendo que alertasse para uma crise, avisou Terê para que chegasse às nove.

Quando a mãe entrou no salão, viu o filho sentado à luz do sol que varava por uma janela, ao lado de Moacir. Este se levantou assim que a avistou e foi cumprimentá-la à porta, sussurrando-lhe que tudo estava bem.

Juvenal levantou-se para recebê-la, com breves expressões:

— Como vai a senhora?

— Estou bem e você?

— Também estou bem. E as crianças?

— Crescidas e bonitas.

— Sente-se, por favor.

Ambos se sentaram, permanecendo calados.

O médico ficou separado, mas atento para gravar toda a conversa.

Depois de alguns minutos de silêncio, Terê não suportou o olhar do filho concentrado em seu rosto, quebrando a promessa de só falar depois dele:

— Você deve estar reparando que as rugas estão marcando por demais os meus traços.

— Não. Eu estou observando que a senhora, ou melhor, que Lutécia era muito parecida com a senhora.

— Sinto muita saudade dela.

Era uma espécie de provocação calculada. Juvenal mordeu a isca:

— A senhora não deve sentir tanta saudade, já que a deixou quando partiu.

— O que você não sabe, é que nós nos falávamos diariamente.

— Nunca vi seu número nas contas dos telefones.

— Eu me correspondia com ela pela Internet.

— Então foi a senhora que me respondeu...

— Na verdade, foi meu marido.

Juvenal torcia as mãos mas mantinha o ânimo inalterável. As revelações apanharam-no de surpresa. Mas continuou no tema:

— Pois ela nunca me disse nada a respeito.

— Nem podia. Naquele tempo, você a impedia de sair de casa. Antes disso, eu a visitava regularmente na escola, onde podíamos trocar confidências. Se você não estiver acreditando, é fácil comprovar com a diretora ou com as coleguinhas.

— Quer dizer que ela traiu minha confiança.

— Você não era o pai dela. Aliás, o tutor era o seu tio José e ele estava a par do que ocorria e nos apoiava.

— Outra traição.

— De forma alguma. Se ele contasse a você, as coisas iriam ficar bem piores. Não se esqueça de que você estava doente.

Juvenal não pôde retrucar como teria feito um ano atrás. Contrariando, contudo, o que havia combinado com Moacir, tornou-se mais ríspido:

— Vamos pôr as cartas na mesa: a senhora é que me causou a minha doença. Foi a senhora quem abandonou o lar, o marido e os filhos. Foi a senhora quem procurou outros

homens. Foi a senhora a culpada pela morte de meu pai, que só foi assassinado porque já não sabia mais o que fazia, saindo para beber, visitando vamos lá saber que antros de criminosos e prostitutas...

— Agora você disse a palavra mágica. Você quer me acusar por eu ter sido uma mulher de vida fácil?

— E não foi?

— Aquelas que você paga não são seres humanos?

— Não conheço nenhuma que tenha abandonado os filhos...

— Você quer que eu diga o nome das mães e dos filhos e conte os dramas de todas elas daquela casa de tolerância?

— Quem pertenceu ao meretrício...

— Eu sempre tive meios de saber por onde você andava e anda. Quer que eu lhe fale a respeito da quadrilha que você chefiava?

— Filho de prostituta só podia ser bandido mesmo...

— Você acha que Lutécia merecia essa sua observação?

— Ela não teve oportunidade porque eu não deixei.

— Diga uma só coisa que ela tenha feito de errado, além de conversar comigo e não falar nada a você?

— Se ela tivesse ficado solta no mundo...

— Acontece que você não pode me acusar de tê-la abandonado. Como também não pode dizer nada em relação à minha nova família e às minhas filhas. Eu sei que não agi direito com as crianças quando saí de casa. Quanto a você, eu não tinha o direito de fazê-lo. Mas eu queria levá-los comigo. Seu pai é que não me permitiu, ganhando a causa da guarda dos filhos em todas as instâncias.

— Nunca soube disso.

— Você era muito pequeno. Mas eu devo dizer que eu tinha minhas razões para deixar seu pai, inclusive o fato de que ele, quando bebia, e ele bebia muito, me xingava, tornando a minha vida insuportável. Ele só se aproximava de mim por necessidade, se é que você me entende. A pessoa que ele amou na vida foi a primeira esposa, Marilu. Ele nunca se refez daquele choque. Você vai me perdoar manchar a lembrança de seu pai, mas a verdade é essa, sem contar que ele ganhava muito dinheiro dos traficantes e criminosos que livrava da cadeia. Você acha que eu vim aqui para lhe dizer essas coisas? Ponha a cabeça no lugar. Tudo já passou, como tudo vai continuar passando. Se a gente se separar de novo um com mágoa do outro, só vamos estar adiando a solução dos nossos problemas. Você não acha, meu filho, que já está na hora de entender que me deve a vida e não a morte? E que coube a seu pai uma parte muito importante nos acontecimentos que acabaram com a sua internação?

Enquanto a mãe falava, Juvenal analisava o fato de ela conhecer-lhe a vida noturna. Sem responder à pergunta, interrogou-a de chofre:

— Foi a senhora quem mandou a polícia investigar o que se fazia na boca de fumo?

Terê franziu a testa, compenetrada em como deveria responder. Demorou alguns instantes com o olhar perdido no fundo da sala até que se dirigiu ao filho, com os olhos marejados:

— Eu achava que era para o seu bem.

— Mas, mãe, se a polícia me prende, como é que a senhora acha que eu ia sair da prisão?

— Naquela hora eu pensei em libertar Lutécia de seu jugo. Eu não estava pensando só em você. E as pessoas cujos vícios você favorecia? Nunca pensou nisso?

Moacir mantinha-se afastado, porém, o rumo do diálogo estava no ponto mais perigoso para provocar uma recaída. Se Juvenal conseguisse suportar as invectivas da mãe, certamente iria receber alta em breve.

O rapaz é que estava admirado de sua própria reação. Em outra época, se se visse sozinho com ela, metade do que ela lhe revelou bastaria para atacá-la feito o cão que matou Francisca. Mas teve frieza suficiente para entender que a mãe possuía conhecimentos que saberia usar para deixá-lo calado.

Naquele instante de suprema agonia intelectual, as lágrimas da mãe se misturaram às lembranças da irmã que o fizeram chorar uma certa noite. Relutou em prosseguir seu desabafo. Voltava-se contra sua fraqueza em deixar-se influenciar pelo sentimento daquela pessoa que ele, na verdade, desconhecia. Abateu-se, finalmente, desviando o olhar para o chão, concluindo que fora vencido em seu ódio. Também ele causara muita desgraça, muitas bem maiores do que aquela que o levava a tantos desatinos.

Terê ousou afagar-lhe os cabelos. Ele não ofereceu resistência ao carinho. Ao contrário, ergueu a cabeça e revelou uma face transfigurada, como se, de repente, tivesse sido agraciado pelo perdão de todos os inimigos que constituíra em sua curta existência. Antes de ser empolgado pelo abraço da mãe, ainda lhe passou pela mente, no turbilhão de sentimentos que mal era capaz de controlar, a ideia, ou melhor, a imagem fugidia de uma criatura que, em outros tempos, se dignara aceitá-lo no ventre, apesar da forte rejeição da parte dele. Não teve tempo, contudo, para analisar a impressão, sentindo o calor do corpo de Terê que o agasalhava ao seio, agarrando-o pela cabeça, enchendo-lhe as faces de beijos e pranto. Dir-se-ia que ambos choravam.

Moacir regozijava-se, ele mesmo comovido, rompida a barreira de sua rigidez profissional.

47. RENATO ENTRA MUDO E SAI CALADO

Conforme havia solicitado, Renato alcançou o auxílio de um grupo de irmãos socorristas que desejaram aliviar a sobrecarga obsessiva que pesava sobre Juvenal, a partir dos crimes contra diversas pessoas agora desencarnadas.

Durante aqueles seis meses, ele pôde acompanhar os trabalhos como mero assistente, sem voz ativa, mesmo porque muito pouco entendia das providências que se faziam necessárias.

Foi assim que descobriu que havia quatro pobres criaturas debatendo-se em ódio imensurável contra quem lhes havia tirado a vida, nenhuma delas cônica do fato, acreditando todos que ainda estavam vivos, sendo supliciados por algozes.

Não havia acusações dirigidas diretamente ao espírito de Juvenal, mesmo porque ignoravam a autoria dos disparos, cujos ferimentos sangravam sem cessar. No entanto,

muitos asseclas dos infelizes tinham tido conhecimento dos autores e agiam contra eles, carregando-os de vibrações altamente deletérias.

Os coitados imersos nas trevas é que se constituíram em alvo dos socorristas, não no sentido de serem aliviados do martírio, mas no de poderem avaliar quais as próprias ações que redundaram naquele sofrimento. Para tanto, houve a necessidade de revelar-lhes aspectos do passado em que causaram infelicidade a outros seres, transformando-lhes as acusações em necessidade de defesa, porque lhes foi ativada a consciência, cada qual em um nível adequado à compreensão de que tinham menos de vítimas e mais de agressores.

Eis que, com isso, os que protegiam Juvenal conseguiram atenuar a atividade malévola dos que o perseguiam, uma vez que não alcançavam mais concentrar sobre ele as enfraquecidas vibrações negativas.

Todo o trabalho se realizou concomitantemente com o tratamento medicamentoso do Doutor Moacir, favorecendo ao paciente um repouso que o deixava livre para pensar nos fatos da vida como uma sequência de causas e efeitos, a ponto de levá-lo a presumir que muitos dos seus atos contra as pessoas se prendiam à formação do caráter desde outras encarnações.

Lutécia e Renato estiveram presentes aos encontros de Juvenal com Glorinha e com Terê. Da mesma forma que Moacir se pusera a observar as reações do rapaz, Benedito acompanhou as do pai e da irmã do moço, anotando todos os sentimentos que cada um ia deixando transparecer, à vista das revelações que se faziam. Mais particularmente interessava ao abnegado protetor o tônus emocional de Renato, tendo em vista que estava recebendo o influxo perispiritual da mulher que o havia abandonado, principalmente quando esta concentrou nele a responsabilidade de muitas consequências desastrosas para as vidas dela e do filho.

Tanta foi a efusão dos sentimentos de Renato que foi preciso retirá-lo da cena, para o que foi convocada Marilu, sua enfermeira desde que chegara ao etéreo.

Mais calmo, enquanto mãe e filho partiam para suas tarefas, foi Renato acolhido por Benedito, que demandou uma reunião com aqueles mesmos que deliberaram ajudar Juvenal.

Dispostos em círculo, o guia espiritual assumiu o controle do grupo, abrindo os trabalhos com uma prece simples em que solicitava dos mentores de cada um que dessem assistência para que ninguém perturbasse a exposição que havia preparado.

— Meus irmãos, iniciou, pedi que comparecessem em caráter de urgência, porque preciso despertar Renato e Lutécia para a análise de seus próprios sentimentos. Já está na hora de eles entenderem de modo absoluto como se dá o mecanismo do perdão, no nobre sentido de se deixar à justiça de Deus e à sua sacratíssima misericórdia a resolução final de como devem as criaturas sofrer as consequências das más ações. Eles acompanharam todo o trabalho dos socorristas e perceberam que estes concentraram sua atuação sobre os infelizes, com o intento de desviar de Juvenal as ondas de ódio que sobre ele faziam recair muitas entidades sofredoras. Ora, ambos tiveram a desdita de ser feridos mortalmente por balázios certos, criando inimigos em sua maneira de julgar o descalabro dos crimes de que foram vítimas. Ambos vêm estudando as circunstâncias determinantes das ações dos criminosos, sempre elevando os pensamentos em prece, agradecidos por se encontrarem

amparados em nossa colônia; Lutécia, desperta para um passado de diversas encarnações; Renato, desconhecendo seus feitos anteriores, já que vem prestando mais atenção nos desvios da última encarnação. Eis que se exerceu sobre eles o mesmo efeito aplicado aos inimigos de Juvenal. O que eu pretendo elucidar, preliminar e definitivamente, é que, como está nos evangelhos, *a verdade liberta*. Em João VIII: 32, se lê: “...vocês conhecerão a verdade e a verdade os libertará”. Não se trata, porém, daquele conhecimento parcial dos fatos, mas da absoluta percepção das causas que geraram tais efeitos. Renato aplicou-se em sua vida à justiça manipulada pelos mortais. Ele mesmo se dedicou a avaliar até que ponto poderia burlar a lei, sem ferir-lhe a letra, mas conturbando-lhe o espírito, através de manobras da retórica jurídica que favoreciam os clientes, sem lhes considerar a culpabilidade como o reflexo de sua maldade intrínseca. Em outras palavras, Renato, compreendendo, embora, o que o legislador tinha em mente ao redigir os textos, buscava inocentar os bandidos ou, ao menos, atenuar-lhes o mais possível a pena a ser cominada pelo juiz. Agora, está ele perante a justiça de Deus, inarredável, eterna, absoluta. Não existe a possibilidade de qualquer subterfúgio. Terá, então, de compreender que deve deixar nas mãos do Senhor a execução das sentenças naturais que estarão recaindo sobre os culpados de sua morte. Se, conhecendo os autores dos disparos, ele se indispuser contra tais criaturas, irá desfeitear o Criador. Percebo que minhas palavras estão sendo entendidas por todos os presentes, muitos de nós já calejados nas experiências desta natureza. Peço-lhes, antes de desvendar o segredo material dos acontecimentos funestos, que emitam irradiações de muito amor pelos companheiros em vias de passar por um transe de consciência de tal magnitude.

Após alguns minutos de silêncio, em que pai e filha se sentiram fluidicamente amparados pelos companheiros, Benedito aproximou-se de Lutécia e lhe pediu que observasse a cena que iria transferir para sua mente.

Ato contínuo, ocorreu um influxo energético vindo de um grupo de espíritos que se mantivera o tempo todo concentrado, influxo que se transformou na reprodução do episódio em que o assassino que lhe tirara a vida se revelava.

Lutécia não se abalou. Ergueu, em pensamento, uma prece em que solicitava a Deus o perdão para aquela criatura, entendendo que precisava o assassino, muito mais do que ela, da ajuda dos espíritos de luz.

Quando chegou a vez de Renato, sua reação não foi a mesma. Antes, porém, que transformasse suas emoções em ódio, recebeu o impacto de outra cena muito mais contundente, em que era ele o protagonista de um episódio de sangue contra aquele mesmo indivíduo.

Em seguida, sob o efeito de tranquilizantes, foi levado para o ambulatório do hospital da colônia, preocupando os médicos de plantão quanto a um possível recrudescimento dos males, conforme o estado em que chegara da crosta.

48. INCUBAÇÃO DA DOR

Juvenal saiu do colóquio totalmente derreado. Ao invés de ficar satisfeito com a nova disposição filial, ensimesmou-se, ameaçando uma recaída emocional.

Moacir notou a reserva do procedimento, realizou os testes habituais dos fluidos hormonais e do sangue, passou o rapaz por uma série de aparelhos e concluiu que os males físicos não constituíam a causa da melancolia.

À tarde, Glorinha tentou chegar-se a ele, mas foi impedida pelo médico, que argumentava que era preciso deixar ao moço a iniciativa de chamá-la.

Muito a contragosto, acatou a opinião do clínico e retirou-se, sem acreditar que o melhor para o jovem não seria o seu consolo e sua presença.

À noite, Juvenal deixou-se agitar por todas as palavras da mãe, através da gravação que Moacir lhe cedera.

De manhã, solicitou permissão para sair. Queria realizar uma visita às propriedades. Insistiu em partir sozinho, prometendo voltar antes do almoço.

Assim que se viu na rua, tomou um táxi, deixando o carro no estacionamento do hospital, desconfiando de que poderia ser seguido, e se dirigiu ao endereço do pequeno apartamento desconhecido de todos.

Encontrou os cômodos bastante empoeirados e os poucos móveis ainda cobertos com os mesmos lençóis encardidos da época do contrato. Não se apurou, contudo, solicitando ao porteiro que lhe enviasse uma pessoa para ajudá-lo na limpeza. Uma boa gorjeta favoreceu a rápida providência.

Ao meio-dia, estava num desses quiosques bancários retirando uma pequena soma para as despesas de manutenção, buscando um supermercado para comprar o que comer.

Durante a tarde, deslocou-se para o apartamento, não sem antes averiguar se Margarida havia saído. Abasteceu-se de dólares, o suficiente para a aquisição de alguns objetos simples para o refúgio. Depois de transformar os dólares em moeda corrente, foi de loja em loja, numa comprando uma cama, noutra uma mesa com quatro cadeiras, noutra uma geladeira simples, noutra objetos variados com que munir a cozinha, noutra roupas de cama e mesa, noutra algumas peças de vestuário, levando nisso o restante da tarde. Tendo comprado tudo a dinheiro, o que não conseguiu levar na hora lhe prometeram para a manhã seguinte ou para dentro de dois ou três dias.

Após uma refeição bastante diferente da que obtinha no hospital e completamente fora dos padrões estabelecidos por Elvira, concentrou-se na audição da fita da conversa com Terê.

Estava formando a ideia de que precisava superar a condição precária de bandido, mesmo porque a lembrança dos que havia liquidado estava entrvando sua reintegração social, desejoso de tornar-se um membro ativo, alguém capaz de suplantar o passado através da realização de muitos atos de benemerência. Acreditava que a mãe fora capaz de perdoá-lo, apesar de ter passado toda a juventude no seio de camada muito ruim da população. Era o seu modelo, porque agora a via segura de si, sem medo de enfrentar a opinião pública, mui particularmente das pessoas que poderiam humilhá-la.

Aferrou-se ao propósito de convencer os que o rodeavam de que estava não só curado fisicamente, mas regenerado moralmente. Acima de tudo, preocupavam-no aqueles que vinham regularmente depositando, em sua conta bancária secreta, conforme comprovara ao sacar o dinheiro, as quantias estabelecidas como pagamento prévio da futura prestação de serviços.

Se os parentes e amigos reagissem como a mãe, poderia iniciar uma vida familiar socialmente aceita. Pensava na polícia e em como reagiria o detetive Macedo, caso a mãe ou mesmo o médico levassem ao conhecimento dele sua atuação no mundo das drogas. O pior de tudo era a ascendência dos traficantes, que não se contentariam com desculpas, podendo denunciá-lo ou eliminá-lo.

Chegado ao ponto de se imaginar assassinado, voltavam-lhe à mente as visões sinistras dos tiros que chegara a dar até ao amanhecer, até à luz do dia. Lembrava-se dos conceitos espíritas e não via como ressarcir de imediato os débitos contraídos com as vítimas. Reforçava a ideia de que os bons não o molestariam, mas se via perante os maus, entidades incapazes de compreender quaisquer sentimentos de angústia, de remorso ou de arrependimento. Em relação a estes, via-se, após a morte, correndo pela erraticidade, açoitado e maltratado.

Essa visão soturna, no entanto, não condizia com a justiça divina, conforme os ditames da doutrina de Jesus, o qual solicitou ao Pai que perdoasse os algozes, havendo ele mesmo, evidentemente, concedido o seu perdão. Também perpassou o que havia lido nas obras de Kardec, chegando a uma outra conclusão igualmente consoladora, qual seja, a de que, se se esforçasse por melhorar, teria, sim, a obrigação de saldar suas dívidas, mas trabalhando diretamente para a edificação moral dos oponentes, dos adversários, gostando da ideia de que, um dia ou outro, todos os seus inimigos, como os de toda a humanidade, se transformariam em companheiros fiéis, para honra e glória do Criador.

Foi quando surgiu na fímbria de sua memória a figura de Glorinha. Que força misteriosa teria aquela criatura que fez Juvenal suspender a linha filosófica dos pensamentos, para imergir em tenebrosa perspectiva de profundo retrocesso, como se se banhasse nas águas túrgidas da mais absoluta depressão?

Era imperioso responder à questão, ou ficaria completamente alienado da realidade. Compreendeu, enfim, que passado e presente se fundem para a formação de um lar, caso desejasse manter um nível de relacionamento de franqueza e de superior entendimento.

Foi obrigado a chegar a tais conclusões por força de avaliar o exemplo dos próprios pais, ambos com histórias vergonhosas, ambos necessitados de superação, de lavagem das manchas morais. Desconsiderou as acusações de consciência e o sentimento de culpa. Era preciso, acima de tudo, que cada um tivesse sido o apoio do companheiro e não a expressão tácita dos erros de duas vidas dedicadas a atividades escusas.

Recordou-se do episódio em que Jesus prega a contenção dos julgamentos, por causa da medida com que os homens serão medidos. Ele não estava preocupado em avaliar toda a extensão dos problemas dos pais senão para circunscrever a própria dificuldade em relação a qualquer mulher que transformasse em esposa.

Aí se concentrou na percepção de como se estruturava a personalidade de Glorinha. A acreditar nela, vinha de antemão decidida a compreendê-lo e a perdoá-lo, considerando que o afeto que não contivesse tais virtudes não mereceria ser correspondido.

Aos poucos, foi configurando uma visão idealizada da mocinha, não a partir de tantos momentos em que tiveram contatos pessoais, mas do que vira através do vídeo no único programa a que assistira. Adormentou com essa impressão de impotência, contudo,

não teve nenhum pesadelo. Ao contrário, sonhou que se encontrava com os familiares falecidos, desejoso de conversar a respeito daqueles temas sutis de suas meditações. Queria estar com todos, mas foi-lhe impossível divisar o pai, muito embora estivesse entre os presentes alguém que o censurava gravemente, ele reduzido aos cinco anos de idade, choroso e magoado. No entanto, via-se pequeno, um *alter ego* que não lhe transmitia o sofrimento que demonstrava. Era como se fosse um filme de uma cena conhecida segundo outra perspectiva.

Acordou decidido a resolver de vez todos os problemas, acontecesse o que acontecesse.

Ligou para o apartamento e combinou com Margarida um encontro com Glorinha no hospital. Ela que comparecesse às onze horas.

Ligou também para Moacir e avisou-o de que estava retornando, devendo chegar por volta das dez horas.

Solicitou ao tio uma entrevista imediata, pois desejava levantar com ele os problemas afetos à herança.

Deixou instruções ao porteiro para que recebesse os móveis e, às oito horas, deixou o prédio, tomando o rumo da delegacia de polícia. Queria entender-se com Macedo.

O homem põe e Deus dispõe. Macedo não estava. Sem perder o elã, deixou-lhe um recado, pedindo-lhe que entrasse em contato através do telefone celular.

Estava na condução a caminho do escritório do tio, quando vibrou o aparelho. Era Glorinha.

— Meu bem, por onde você andou? Você deixou todo o mundo preocupado.

— Eu estava precisando conversar comigo mesmo. Não pense no pior. Você vai ao encontro no hospital?

— Vou a qualquer lugar em que você esteja.

— Sabe onde fica o escritório de meu tio?

— Claro que sei.

— Estou indo para lá. Se você preferir, a gente se encontra lá.

— Estou de saída. Um beijo, amor!

A saudação pegou-o desprevenido. Não soube responder senão com um simples:

— Outro para você.

E desligou.

Ainda no ônibus, teve oportunidade de criticar-se quanto à falta de espontaneidade das respostas afetivas, com o coração dividido entre a felicidade de ser amado e a angústia das revelações obrigatórias.

Finalmente, já chegando ao destino, concluiu:

“Eu fiz; tenho de assumir a responsabilidade. Não tem outro jeito.”

49. AS ENTREVISTAS

Repercutiram, no etéreo, as providências de Juvenal. Acorreram os protetores familiares para a inspiração das melhores expressões, aquelas que refletissem, sem sombra

de dúvida, os sentimentos mais profundos e autênticos da novel convicção doutrinário-religiosa.

Ao chegar ao escritório do tio, tinha o moço formulados os pensamentos, faltando caracterizar apenas as reações da franqueza e da ponderação. Também não queria deslizar inconsequentemente para um sentimentalismo que absolutamente não refletia seu estado de ânimo.

Deixara-se emocionar naquele abraço materno. Agora havia estabelecido parâmetros racionais para expor problemas e soluções. Recordava-se da completa frieza de alguns meses atrás e admitia como mais correta uma atitude distante do envolvimento sentimental.

Não contava com a presença de Glorinha, que chegara antes dele, vinda de táxi.

Assim que o viu, atirou-se a seus braços, apertando-o contra o peito, como a prometer-lhe toda a felicidade do mundo.

Juvenal deixou-se empolgar, sem, contudo, corresponder com o mesmo entusiasmo. Tremia um pouco, prevendo uma crise naquele relacionamento incipiente, pois as revelações que pretendia fazer eram por demais graves.

Sem perceber direito o que dizia, sussurrou ao ouvido da mocinha:

— Depois do que eu tenho para lhe contar, não sei se você vai querer ainda ficar comigo.

A resposta dela foi incisiva:

— Isso nós veremos.

Anunciada a presença do sobrinho, José fez que entrassem os dois, admirando a visível benquerença da moça pelo rapaz. Também não foi preciso observar com muita atenção a fisionomia do jovem, para perceber a gravidade do momento. Indicou-lhes as poltronas, puxando uma cadeira para defronte de ambos, introduzindo o tema que supunha do interesse dos recém-chegados:

— Vejo que vocês estão apaixonados. Estão vindo buscar a minha bênção?

— Quisera que assim fosse, tio. O senhor soube do resultado de meu encontro com minha mãe?

— Tudinho. Moacir me fez ouvir o diálogo, prevenindo-me quanto a um provável recrudescimento de seus males.

— Como assim?

— Ele achou que o seu desaparecimento poderia representar um surto da moléstia não totalmente debelada. Você não ignora que deve medicar-se até o final de seus dias. Então, ficando sem os remédios, à mercê das surpresas desagradáveis da vida, bem poderia ocorrer o pior.

— Eu concordaria com ele se achasse que tudo o que me aconteceu naquele encontro fosse negativo. Negativo, propriamente dito, é o passado, ou melhor, os desencontros de toda a minha vida. O encontro, só posso considerar positivo. Mas tenho de aceitar que haja resultados ruins, como o crescimento de minhas necessidades morais, frente ao fato de haver cometido muitos delitos.

— Você está fazendo referência ao que lhe disse sua mãe. Pois bem, nestes últimos seis meses, enquanto você se achava sob o poder dos calmantes, procedi a uma série de investigações, por indicação dela, e averigui o quanto envolvido você esteve com o tráfico.

— Macedo está sabendo disso?

— Sem ele, eu não teria progredido muito.

— Quer dizer que estou a pique de ser indiciado criminalmente?

— Eu acho que cabe a ele dizer se vai ou se não vai acusá-lo perante o ministério público. No entanto, posso adiantar-lhe que os crimes foram cometidos durante a menoridade, o que significa que, perante a lei, você era inimputável, irresponsável. Por outro lado, o Doutor Moacir pode oferecer completo relatório clínico de suas condições mentais àquela época. Acho que qualquer juiz consideraria as atenuantes e lhe cominaria sentença meramente protocolar, algo que o obrigasse a trabalhos comunitários, por exemplo. Nada que você não possa estabelecer por si mesmo, sem necessidade de enfrentar alguns processos que todos nós sabemos que não irão dar em grande coisa. O máximo que lhe pode acontecer é uma pressão oficiosa para revelar os nomes dos comparsas, o que, juridicamente, não permitirei.

Glorinha, que se havia encolhido na poltrona, ousou estender a mão para pegar a de Juvenal. Este, porém, percebendo-lhe o gesto, recolheu o braço, pondo a mão fora do alcance dela, dizendo-lhe:

— Você ainda não ouviu tudo. Eu pratiquei atos de que me envergonho e me arrependo. Não sei se vou merecer sua consideração e respeito. Meu tio sabe a que estou referindo-me?

— Sei, perfeitamente. Mas, ao contrário do que você está dizendo, as coisas mais escabrosas que realizou, você não as repetirá jamais na vida. Sendo assim, não adianta ficar remoendo um passado que todos nós temos a obrigação de esquecer.

— Mas atirei em várias pessoas.

— Digamos que foi em defesa própria ou daquilo que considerava importante.

— Eu matei.

Glorinha se levantou e abraçou o moço. Soluçava sem conseguir controlar-se.

Juvenal tentou desvencilhar-se sem sucesso. Ela estava decidida a protegê-lo de si mesmo.

José insistiu:

— Você não estava sozinho e todos eram marginais perigosos. Você acha que, entregando-se à polícia, irá resolver o problema deles?

Acariciando os cabelos da namorada, Juvenal conseguiu dizer, esforçando-se para ser claro:

— Não é sendo preso que irei justificar-me perante a consciência. Sendo assim, pretendo permanecer livre para me tornar um cidadão útil à sociedade. Entendo que um dos males piores que o povo enfrenta é o assédio da bandidagem, tendo em vista que os crimes, em geral, ficam impunes. O que está acontecendo comigo, é que estou percebendo que, se não aplicar em mim mesmo uma disciplina que me obrigue a tornar-me uma criatura benemerente, irei, simplesmente, passar o resto da vida internado. Essa, sim, seria uma prisão ainda pior que a do estado, porque seria forçado a abdicar do direito à vida.

— Então, o que você pretende de mim, exatamente?

— Apesar de minha maioridade, gostaria que o senhor continuasse administrando todos os meus bens, até a decisão final do espólio de meu pai e de minha irmã. Há meios de apressar o desfecho da partilha?

— Posso tentar. Encaminhei os documentos assinados por sua mãe desistindo do pleito, de forma que, encontrando boa vontade da parte do tribunal, caso o juiz seja simpático à sua causa, tendo em vista que você não está requerendo nada além do que uma justa partilha dos bens...

— Não era bom considerar a possibilidade de ser ressarcido o poder público, quanto às taxas e emolumentos...

— Uma solicitação, nesses termos, dependendo do juiz, pode significar um atraso considerável, uma vez que o meritíssimo pode entender que estamos tentando suborná-lo.

— Não foi o que sugeri. Simplesmente, é preciso que ele saiba que os impostos fixados serão pagos sem arguição de direitos.

— Os termos não são esses, mas poderei redigir um requerimento nesse sentido. Caso se trate de algum amigo de seu pai, despachará sem embargar a petição.

— Pois vou ficar na expectativa de uma resposta positiva.

Delicadamente, Juvenal fez que Glorinha voltasse para a poltrona, enxugando-lhe, com a manga da camisa, as lágrimas que lhe manchavam a maquiagem. Foi assim que borrou ainda mais os olhos da mocinha, instando com ela para que fosse retocar a pintura.

Logo que ela saiu em busca da toaleta, o rapaz interrogou o tio:

— O senhor acha que terei chance de me livrar da cadeia?

Não houve tempo para a resposta, embora o gesto de José fosse suficientemente claro quanto a negar tal possibilidade: o celular vibrou no bolso do rapaz.

— Pronto!

— Macedo. Recebi seu recado. Onde podemos conversar?

— Estou indo para o hospital. Tenho uma entrevista com o Doutor Moacir para dentro de quinze minutos. Gostaria que o senhor comparecesse. Vou tentar levar meu tio.

— Lá estarei. Até logo.

Em breves palavras, José foi colocado a par do encontro com o facultativo.

— O que você pretende pedir ao médico? Alta?

— Quero que ele me permita continuar o tratamento no ambulatório. Acho que não preciso mais permanecer internado. Depois, estou muito cansado daquele ambiente. Quero respirar com um pouco mais de liberdade.

— Vamos sair já, porque tenho muito que fazer. Você está com seu carro?

— Estou a pé.

— Então, eu levo vocês.

De fato, após recomendar aos estagiários várias providências da rotina jurídica, José foi encontrar-se com os moços que o esperavam junto ao carro.

A viagem foi rápida.

Glorinha, sentada no banco traseiro, acariciava o pescoço e os cabelos do namorado à sua frente. Trazia os olhos vermelhos. Sentia que Juvenal estava distante, imerso em preocupações que iam além das revelações que fizera. Lembrava-se, para desviar a atenção da tristeza do momento, das receitas que preparara para as poucas refeições que lhe oferecera. Imaginava-se a servi-lo, sendo recebida com aquele sorriso que a cativara desde o primeiro contato, sem entender direito a razão de se entregar tão plenamente àquele amor.

Assim que chegaram, foram recebidos à porta por Macedo. O detetive furara o trânsito com a sirene da viatura policial.

Juvenal teve uma espécie de estremecimento à vista do sisudo representante da lei, entretanto, buscou não dar demonstração, embora seu ânimo se refletisse na fisionomia carregada de preocupações.

— Como vai o nosso jovem?, foi logo perguntando Macedo, abraçando-o e olhando-o no fundo dos olhos.

— Penso estar curado. Vamos ouvir a opinião do Doutor Moacir. Conforme o que ele disser, nós iremos entender-nos a respeito de uma série de coisas.

José interferiu:

— Vamos entrando, porque eu tenho pressa.

Ao mesmo tempo, levava o sobrinho pelo braço, deixando para Glorinha a tarefa de acompanhar o investigador.

Anunciados pela recepcionista, logo foram admitidos no consultório de Moacir, que estranhou a presença de tanta gente. Aguardara ansiosamente pelo regresso do paciente, porque estava preocupado com a falta dos medicamentos. Desejava realizar outra bateria de exames, mas os acompanhantes instavam por uma conclusão rápida, à vista da pretensão de alta que logo Juvenal deixou clara.

— Você tem consciência de que seus males, se recrudescerem, poderão torná-lo um problema para a sociedade. Ninguém aqui, parece-me, desconhece suas atividades no submundo das drogas...

Deixou a ideia no ar, mas todos, meio acanhados, fizeram sinal que sim.

Proseguiu:

— A minha apreciação vai limitar-se ao âmbito médico. Seus exames deram negativo para todos os testes. Mas é preciso considerar que você está sob efeito de medicamentos poderosos. Sua vontade de se sentir uma pessoa comum, conforme o que me dispôs na primeira entrevista, pode considerar realizada, desde que mantenha o tratamento e se faça acompanhar de exames regulares. Só assim posso atestar a possibilidade de controlar suas deficiências neurológicas. Também não tem sentido mantê-lo conosco, o que significaria um verdadeiro cárcere privado.

Ao mesmo tempo em que lhe estendia uma pasta repleta de documentos, explicava:

— Eis aqui, em forma de relatório, a descrição da moléstia e dos procedimentos clínicos. Estão todos os resultados dos exames, numa inequívoca demonstração de sua crescente melhora, até o ponto da convalescença. No final, as recomendações relativas aos cuidados com a saúde e o atestado de alta assinado por três facultativos do hospital. Quero elucidar, à vista de seu passado, que uma recaída é possível. Sendo assim, você deverá assinar um termo de compromisso de que se responsabilizará por todos os atos contrários ao bom convívio social, isentando a nossa instituição de qualquer futura responsabilidade. Para que não reste dúvida, devo avisar que a declaração que exigimos está padronizada, porque cansamos de ter de enfrentar processos movidos por clientes e seus representantes legais, só porque não atinaram com o fato de que não estavam de todo curados mas precisando de acompanhamento médico. No serviço público, ficariam ocupando uma vaga permanentemente, porque seriam esquecidos pela parentela. Falei

demais. Peço que me desculpem, caso não tenha tido o devido respeito à pessoa de nosso esforçado paciente.

Macedo, na poltrona mais distante da mesa do médico, tendo prestado muita atenção em tudo quanto expusera Moacir, concentrou-se num aspecto que lhe pareceu fundamental: o fato de ter sido procurado logo cedo, quando o importante para Juvenal seria que ele ouvisse justamente aquele discurso.

Antes de Juvenal assinar, José examinou o texto da declaração, terminando por aprová-lo:

— Você pode assinar. Eu também vou assinar como testemunha, ressaltando que me mantenho como seu tutor, enquanto você não completar vinte e um anos, assumindo a minha parte na responsabilidade de vigiar, para que compareça à clínica conforme a programação do Doutor Moacir.

Terminada a fase protocolar, inclusive relativamente à prestação de contas e ao saldo do débito da derradeira semana, Juvenal pediu a todos que o ouvissem:

— Eu tenho uma dívida de gratidão com cada uma das pessoas presentes. Quero caracterizar toda a extensão de meu entendimento a respeito dos problemas que causei a muitas pessoas e verificar como é que poderei considerar-me quite com cada um. Sei que não vai ser tão fácil quanto pagar a conta do hospital, mas preciso ter a certeza de que posso assegurar para mim um futuro equilibrado e, se possível, feliz e produtivo.

Nisto, o pisca-pisca do telefone de mesa apelou para o médico.

Todos se interessaram pela resposta de Moacir:

— Certamente. Peça a eles que entrem.

De fato, a porta se abriu dando passagem a Elvira, Margarida e Ricardo. Entraram timidamente, talvez não esperando encontrar José e Macedo, mas, com certeza, Glorinha.

Acomodaram-se nas cadeiras que um funcionário providenciou, tendo Elvira exposto a razão de estarem ali:

— Não tivemos notícia de Juvenal e só agora há pouco é que Margarida nos contou que Glorinha viera encontrá-lo aqui. Resolvemos fazer uma visita. Não esperávamos uma reunião.

Moacir colocou-os à vontade:

— Estávamos comentando o procedimento clínico do tratamento do nosso rapagão, dando-lhe a feliz notícia da alta.

Juvenal, percebendo a aflição do tio, atalhou as explicações. Queria terminar o discurso:

— Quando vocês chegaram, eu estava dizendo que pratiquei uma série de atos ruins e que gostaria de pagar por eles exatamente no sentido da crença espírita, ou seja, resgatando os meus débitos. Para isso, preciso da compreensão das pessoas feridas por mim, como no caso da minha instrutora aqui presente, que despedi sem qualquer consideração...

Não pôde prosseguir, porque Elvira o interrompeu:

— Eu não me considero ofendida. Até que você desejou manter-me depois do que aconteceu a Lutécia. Não se esqueça que foi durante uma aula que você se abriu e que foi numa sessão lá no centro que recebeu a orientação dos mentores para tratar da saúde. Considere-me sua amiga e jamais pense em me pedir desculpa por nada.

Ato contínuo, Elvira foi abraçar o moço, que se retraiu, como se estivesse ainda bastante endividado.

De qualquer modo, recebeu um carinhoso afago nos cabelos e um beijo na face, enquanto ouvia o comentário da professora:

— Deixe expressar a minha afeição na frente da namorada, para que ela saiba que está de posse de um moço de muito valor.

Glorinha parecia muito longe de tudo quanto se passava ao redor, tanto que nem percebeu que falavam com ela. Quando entraram as pessoas do centro, recebeu como que o impacto de uma influência espiritual a que estava habituada em suas manifestações de aprendiz de mediunidade.

Margarida não se atreveu a se aproximar dela, ficando tensa no lugar que lhe foi determinado. Sentiu que algo havia de estranho no ambiente e se concentrou em oração.

Ricardo observou as reações de cada um, em particular o ar reservado de Juvenal e a atenção que lhe prestava Macedo. Também viu um certo esgazear dos olhos de Glorinha, acostumado aos transe dos médiuns nas reuniões que dirigia.

Mas Juvenal estava disposto a colocar as preocupações para fora, de sorte que fez um gesto com ambos os punhos cerrados junto ao peito, pedindo a Macedo que o ouvisse:

— Nem todos aqui estão a par dos meus crimes. Já confessei que trafiquei e que...

Nisto Glorinha emitiu um longo suspiro, um apelo suficientemente claro para que prestassem atenção nela:

— Juvenal, meu irmãozinho, nem todos os crimes hão de merecer castigos; muitos hão de ser perdoados. Não é hora de revelar as maldades passadas. Não se esqueça de que todos nós estamos crescendo espiritualmente. Você acha que só você tem de se envergonhar do que fez? Quem me diz que eu mesma não cometi muitas infrações contra as leis de Deus? De que adianta você obrigar o mundo a julgá-lo, a incriminá-lo e a condená-lo à prisão, sem lhe dar nenhum recurso para amenizar o sofrimento das pessoas que você magoou? Não lhe basta compreender os próprios erros? Não lhe basta ter a convicção de que precisa superar esta fase ruim da vida? Não lhe basta demonstrar que tem consciência das fraquezas? Vai precisar ainda despertar o ódio das pessoas que ignoram que você foi a causa de muitos males que lhes ocorreram? Há pais e mães que acusam as pessoas que levaram os filhos ao vício. Eles não sabem que parte da responsabilidade foi sua. Quer que lhe dirijam diretamente as vibrações de ódio? Escute-me, pelo amor de Deus! Não provoque reações que não poderão em nada ajudá-lo em sua intenção de resgatar as dívidas. Você vai acabar afastando-se de mim, que não poderei estar a seu lado, caso seja dominado por essas pessoas infelizes e ainda bastante desprovidas do sentido da justiça de Deus, justiça que está por trás de sua atitude. Olhe para mim. Você não está vendo em mim um futuro de recuperação do tempo perdido? Você não vê em mim uma pessoa que veio para ajudá-lo a vencer os males? Compreenda, por favor, o sentido do sacrifício, conforme pratiquei eu mesma, e não diga mais nada, porque todos os presentes saberão entender que a morte do criminoso não irá significar nenhuma punição, porque sua maior necessidade não é a de ser punido mas é a da transformação que está operando-se em sua consciência, mesmo que você não venha a sofrer fisicamente encarnado, nem venha a ser lançado às trevas, quando desencarnar. Eu falo, pode você acreditar, em nome de todas as suas vítimas diretas. Não queira, por favor,

meu bem, enveredar por um caminho de difícil retorno. Confie em que Jesus olhará por todos nós e nos saberá inspirar no sentido do amor, porque ao Pai interessa apenas que o pecador se salve. Ou não?

Criou-se uma atmosfera de admiração e respeito. A jovem conseguira mexer com a sensibilidade de todos. Juvenal, principalmente, ficou encantado com a fluência dos dizeres, emocionando-se por haver entendido que se tratava de uma comunicação de Lutécia. Mas não teve coragem de dizer nada nem de abraçar a namorada. Ficou pregado na poltrona, desejando que outras fossem as circunstâncias daquela manifestação.

De todos, só Macedo não se deixou envolver pelos argumentos desenvolvidos. Aguardara uma confissão e via frustrada sua expectativa. Então, expôs seu ponto de vista:

— A menina tem toda a razão ao afirmar que Juvenal não irá ganhar nada com ficar uma temporada na cadeia. Mas é preciso que nós saibamos o que se passa com ele, já que não está vendo nenhuma saída honrosa para sua condição de fora da lei, a não ser de praticar o bem. Quer saldar os débitos com suas vítimas. Ótimo! E a sociedade? E o nosso estado de direito? Nós temos leis que prescrevem penas para determinados crimes. Vamos deixar que ele nos mostre toda a extensão de seus atos, para que possamos orientá-lo da melhor maneira possível, em especial no que toca às diligências policiais que temos levado a cabo e que apontam para situações extremamente graves.

Juvenal olhou para cada um dos amigos presentes, considerando a exposição do detetive muito justa. Mas Moacir interveio adiando a decisão:

— Eu não acho que nem a hora nem o lugar sejam os mais apropriados para revelações de graves acontecimentos. Peço-lhes que resolvam seus problemas de outro caráter que não estritamente médico em foro apropriado. Tudo o que eu tinha para falar e para ouvir já ouvi e falei. Agora sugiro que pensem bem no estado psíquico que enfrentava o meu cliente para acusá-lo nos termos da lei.

Macedo compreendeu que não fora bem interpretado. Mas não fez esforço nenhum para emendar o que havia dito. Ao contrário, foi o primeiro que se levantou e se despediu do médico, saindo sem dizer adeus aos demais, a quem passou a esperar no saguão do hospital.

José agradeceu ao médico efusivamente, mas aguardou que todos se despedissem dele para acompanhar o sobrinho, a quem levava pelo braço, aconselhando-o baixinho:

— Ouça a sua amiguinha, porque eu acho que ela estava representando, realmente, a opinião dos seus protetores espirituais. Não diga nada a Macedo, além do que ele já sabe.

— Foi o senhor quem disse que ele está sabendo de quase tudo.

— Deixe que ele investigue os nomes dos seus comparsas e de suas vítimas. Não cabe a você denunciar-se. Se ninguém oficializar uma queixa contra você, deixe que sua consciência o acuse no âmbito espiritual. Não confie nos homens; entregue-se às mãos de Deus.

— Mas o senhor confiou nele.

— Nem poderia ser diferente, ou eu não estaria a par das investigações. Eu o convenci de sua minoridade à época dos crimes. Quanto a qualquer coisa que você tenha feito após os dezoito anos, só o Doutor Moacir poderá oferecer uma defesa mais ou menos convincente. Pense nisto.

Realmente, Juvenal se concentrou nos fatos que levaria ao conhecimento do investigador, sem esperança de convencê-lo a ajudá-lo.

Ao chegarem ao saguão, Macedo se adiantou e lançou voz de prisão para o moço:

— Juvenal, eu o prendo pelos assassinatos de sua irmã Lutécia, de seus empregados Tiago e Natália e de seu pai, o Doutor Renato.

Imediatamente, três soldados de prontidão se assenhorearam do moço, revistando-o e levando-o para a viatura, sem que oferecesse qualquer resistência.

Glorinha tremia nos braços de Margarida, enquanto os demais ficaram estáticos, tomados de surpresa.

José tentou seguir o rapaz, mas foi impedido pelos guardas.

Logo se ouviu a sirene que se perdia cada vez mais longe, no meio do angustiante tumulto do trânsito.

50. INTROSPECÇÃO

No caminho, Juvenal ponderou a respeito das razões que teriam levado Macedo a prendê-lo. Resolveu que o melhor a fazer naquela circunstância seria esperar as consequências da atitude do policial. Parecia-lhe ainda ouvir Glorinha a pedir-lhe que não dissesse mais nada, crente de que era a irmã quem a inspirava. Tal pensamento levou-o a desligar-se de sua triste situação, para recolher-se em prece, solicitando força para enfrentar as crises de personalidade que pressentia. Via a mãe acabrunhada e o tio desesperado. Não conseguia imaginar a reação do pai, onde quer que estivesse. Também não sentia medo de nada, recordando-se da expressão final da fala da namorada: *Deus o que mais quer é a salvação do pecador.*

Admirou-se o rapaz com a clareza dos pensamentos, muito menos turbulentos que há alguns meses atrás, antes de receber os remédios. Antes, porém, que pudesse terminar a prece que iniciara, ouviu que uma voz chamava Macedo:

— Atenção, inspetor Macedo. Responda.

— Inspetor Macedo.

— Um aviso para o senhor. Dirija-se à Homicídios, deixando o suspeito sob custódia dos agentes Clóvis e Raimundo, do Narcotráfico.

— Positivo. Onde devo encontrá-los?

— Na vigésima terceira.

— Positivo.

Ao se aproximar a viatura da delegacia de destino, o trânsito estava congestionado. Apesar da sirene, os carros não tinham como ceder passagem, de modo que os policiais se viram detidos no meio da avenida.

Acendeu-se o temor de um resgate, de forma que os quatro policiais engatilharam as armas, forçando Juvenal a encolher-se sobre o banco, entre dois soldados.

De fato, houve um assalto ao carro, sem disparo de um só tiro. Bastou aos atacantes mostrarem seu armamento pesado, encostando quatro encapuzados, um em cada porta, enquanto dois outros dominavam o para-brisa dianteiro.

Desarmados os ocupantes do veículo, Juvenal foi puxado para fora, sendo levado para o outro lado da avenida, onde esperava por eles uma perua do serviço clandestino de lotação.

Todos os movimentos foram extraordinariamente calmos e sincronizados, com as armas escondidas debaixo de amplos agasalhos, tendo ficado para trás um dos homens armados, rendendo os policiais deitados no asfalto.

Em menos de trinta segundos, o último homem era apanhado por um motoqueiro.

Quando Macedo acionou o rádio, descobriu que tinha sido inutilizado. O velho investigador, por mais que pusesse a imaginação a funcionar, não conseguiu atinar como é que alguém poderia ter tido a presteza de soltar um suspeito que havia sido detido há poucos minutos.

O carro dos fugitivos não demorou a despistar possíveis detetives amadores, largando o rapaz numa rua bastante movimentada do centro, onde um homem bem

vestido lhe entregou um envelope, pedindo-lhe que entrasse numa casa de diversões eletrônicas, desaparecendo em seguida.

Juvenal não tinha como decidir sozinho o seu destino. Cumpriu, então, a ordem, penetrando no ambiente cheio de jovens, onde os ruídos das máquinas conviviam com as exclamações dos mais entusiasmados.

Havia um lugar vazio no fundo do estabelecimento, onde uma máquina desativada não atraía a atenção dos frequentadores.

Dirigiu-se para lá e abriu o envelope, contendo uma carta evidentemente composta em computador.

Leu:

“Meu jovem:

“Você não nos serve mais. Como nos autorizou a eliminar os assassinos de seu pai e de sua irmã, estamos em vias de fazê-lo. Ou você quer voltar atrás e nos devolver toda a quantia que lhe passamos, com quinhentos por cento de juros?

“Esta missiva deverá ser devolvida para a mesma pessoa que lhe entregou, o que será o sinal de que você vai pagar o que pedimos.

“Iremos ligar hoje à noite para o celular que o nosso contato lhe vai passar, quando marcarmos o lugar em que você deverá deixar o dinheiro. Pode ser em dólares.”

Juvenal não teve tempo de raciocinar. Tomou o primeiro táxi e mandou o motorista correr para o condomínio de luxo. Precisava entrar e sair antes que a polícia pusesse vigias lá.

Deu tempo. Quando saiu, levava duas valises com o suficiente para cobrir todo o débito, acrescentando cem por cento ao total como prevenção para possível necessidade futura. Nos bolsos, carregava quatro barras de ouro de um quilo.

Outro táxi o levou para o apartamento pequeno, que encontrou sendo municiado com os móveis que encomendara.

Supervisionou a entrega e a montagem de alguns móveis, sempre atento para as valises que deixou no fundo do quarto. Nem tudo havia chegado, de modo que ainda haveria pessoas a entrar e sair. Decidiu que deveria dedicar-se a organizar seus pertences, especialmente dispendo as roupas na camiseira e no armário do quarto.

Fogão e geladeira não haviam chegado, de sorte que se viu na contingência de ir buscar o que comer fora. As valises passaram a ser um problema, uma vez que seria muito estranho sair com elas, bem como seria perigoso deixá-las no apartamento, pois, a qualquer momento, haveria mais entregas.

Acionaria o celular para fazer uns pedidos. Viu-se perante outro problema: sua chamada poderia ser rastreada. Deu com o celular que lhe fora cedido pela quadrilha. E se fizesse a ligação através dele? Achou razoável. Examinou o aparelho que tinha em mãos. Era um modelo antigo, sem muitos recursos. Ligou para a central telefônica, para o serviço de hora certa. Funcionou perfeitamente. Quando pensou em pedir comida em algum restaurante, deparou-se com o fato de não ter de memória nenhum número e, mesmo se tivesse, teria de fornecer o endereço a alguma pessoa conhecida. Do dia anterior só havia sobrado para comer um pote pela metade de pasta de amendoim. Foi quando achou o saquinho do supermercado, com nome, endereço e telefone.

Ligou imediatamente e ficou sabendo que poderia fazer um pedido. As compras lhe seriam entregues em uma hora. Fez uma lista de mercadorias, inclusive de alimentos preparados pelo próprio estabelecimento, percebendo que poderia abastecer a geladeira e o armário da cozinha, sem sair de casa.

Enquanto esperava a encomenda, distraiu-se instalando o aparelho de televisão. Estava na hora dos informativos do meio-dia, ocorrendo-lhe que bem poderiam noticiar o resgate de que fora alvo.

A antena do prédio correspondeu e os vários canais tiveram suas imagens captadas a contento. Havia um noticiário de caráter sensacionalista que divulgava os acontecimentos policiais. Foi nele que deixou sua televisão ligada. Foi ali que assistiu à entrevista de Macedo, fornecendo nome e sobrenome do parricida e fraticida, narrando pormenorizadamente o feito dos bandidos na avenida, solicitando à população que denunciasse o paradeiro do fugitivo e que descrevesse os atrevidos.

Notou o moço que não foi divulgada foto sua, muito embora velhos retratos do pai e da irmã tivessem sido apresentados. Considerou que sua carteira de identidade fora distribuída para várias pessoas e entidades. Examinou o original que retirou da pochete. A foto ali era de um juvenzinho de quatorze anos, época do documento. Imaginou que não demorariam para localizar uma foto mais recente, talvez de alguma reunião festiva ou mesmo de um dos enterros.

Sentiu-se acossado. Foi quando ponderou que sua vida estava nas mãos dos traficantes, por um lado, e da polícia, do outro. Imaginou que poderia fugir da cidade e do estado. Mas ir para onde? Qualquer refúgio seria devassado pelo olhar curioso e perspicaz do povo. Se, ao menos, tivesse documentos falsos. Mas isto estava fora de cogitação. Não haveria tempo para providenciar. No mínimo, volveria ao antigo hábito de apenas sair à noite.

Aos poucos, sem se alimentar, começou a ter visões estranhas, mescla de episódios reais com cenas imaginárias. Viu-se subindo num patíbulo, onde aguardava por ele o carrasco com um capuz na mão. Ainda divisou um laço dependurado numa alta trave e mais alguns corpos pendendo inertes.

Percebeu que lhe faltavam os remédios a que habituara o organismo. Se tivesse a receita dada por Moacir, poderia ligar para alguma farmácia. Pensou em Glorinha. Quem sabe ela teria ficado com a pasta do hospital? Mas para que número ligar? Só se recebesse uma ligação dela através do celular, que mantinha desligado e que não lhe fora subtraído pelos policiais.

Desconfiava de que só conseguiria adquirir as drogas mediante a apresentação de receita. Conhecia de cor o nome de duas delas. Após várias consultas, chegou a um número de telefone de uma farmácia próxima. Ligou para lá solicitando os medicamentos. Perguntaram-lhe se possuía receita. Tendo respondido que não, prometeram-lhe levar uma dose de cada a ser aplicada no enfermo, a tanto por dose. Estavam explorando-o, evidentemente, mas precisou concordar com o preço. Foi assim que, vinte minutos depois, recebia as injeções que o livraram do desvario, mas que o arremessaram num estado de sonolência próximo da catalepsia.

Mal conseguiu receber as compras do supermercado, deixando nas mãos do entregador as últimas notas nacionais. Ficou com os talões de cheques, com os dólares e com o ouro, três possíveis delatores de sua condição de fugitivo.

Mas alimentou-se, ganhando uma nova energia.

Das três às cinco horas da tarde, recebeu as últimas encomendas, completando o mobiliário. Para impedir que o reconhecessem, encheu de espuma de barba o rosto, fingindo que se barbeava. Felizmente, o porteiro não acompanhou a entrega nenhuma vez.

Pôs tudo em ordem no apartamento e ficou na expectativa da prometida ligação, descartando o recebimento de alguma chamada em seu próprio celular, que mantinha desligado.

Enquanto esperava, ligou a televisão mas, desta feita, não procurou programas jornalísticos. Deixou numa novela em que jovens adolescentes da classe média descobriam a importância das virtudes, todos eles forrados de dinheiro, podendo conseguir todos os bens materiais.

Em pouco tempo estava imerso em sua própria condição de ser perseguido, considerando que bem melhor teria sido se tivesse permanecido preso. Sopesou todas as saídas naturais, detendo-se, sobretudo, no valor de uma vida estigmatizada por crimes que tendiam a apontá-lo como malfeitor, ainda que vivesse mais oitenta anos praticando o bem.

Viu-se acusado pelo tio, único parente com quem, nos últimos tempos, teve certo contato afetivo. Os amigos não contavam, porque os que mais lhe foram chegados estavam entregues ao mundo dos crimes. Lembrou-se de Armando, seu condutor nos atentados ao pai e à irmã. Ficou com vontade de conhecer-lhe o paradeiro, mas temeu que pudesse ter sido ele a denunciá-lo. Quem mais? *Formigão*, o que atirou no carro blindado, inútil tentativa de desviar as atenções para longe de si. Este bem poderia ter revelado o plano, caso tivesse caído nas malhas da polícia.

Sem transição, estabeleceu um paralelo de sua atitude mental naquele momento com as vezes em que se decidia a atentar contra a vida dos inimigos. Achou que estava medindo as consequências, o que não se lhe dava antigamente. Avaliou que tinha para perder antes o que acabou por perder agora. No entanto, agora estava temeroso de morrer. Sorriu por lhe ter passado pela mente que antecipara definitivamente o supremo instante da morte.

A ideia, porém, de que a facilitação de sua transferência para o outro mundo significava suicídio, calou mais fundo em suas cogitações. Quis afastar o pensamento desse tipo de reflexões morais, pensando firmemente no que aconteceria caso se recusasse a pagar o próprio resgate. Não havia garantia de que o dinheiro que desse à organização criminosa iria ser considerado suficiente. Mas, se não desse e fosse assassinado, ficaria melhor caracterizado o suicídio. Ele conhecia os métodos dos facínoras assalariados. Por outro lado, viu o dinheiro sendo empregado no fomento à viciação dos jovens.

Fugindo do beco sem saída em que se metera, pensou seriamente em distribuir a fortuna entre entidades assistenciais. Ele teria de fazê-lo no anonimato, caso contrário, de duas uma: ou a polícia tomaria conhecimento da origem da contribuição, entendendo de requisitar os valores; ou os próprios responsáveis pelas instituições de caridade poderiam recusar-se a aceitar um dinheiro maldito. Rapidamente, imaginou que muitos indivíduos

não hesitariam em desviar para os próprios bolsos as quantias ofertadas sem registro de origem.

Novamente considerou que se achava num labirinto, sem encontrar um fio de Ariadne que o conduzisse para fora. A lembrança de um dado cultural fez que o rapaz se emocionasse. Somou as horas que dedicara ao estudo, fez um apanhado dos conhecimentos que armazenara no cérebro e cotejou com os elementos que precisaria utilizar naquela circunstância para se safar dos perigos maiores.

Após uns minutos de reflexões no campo da matemática, das ciências exatas e humanas, buscou refrescar a mente mergulhando fundo nos textos jurídicos das obras paternas. Mas sua angústia se acentuou, porque via o pai como ser de carne e osso, falido e esfarrapado, e não nos escritos vigorosos produzidos por uma inteligência brilhante.

Notou que o sentimento predominante relativo ao progenitor era o mesmo dos tempos em que o velho lhe causava asco. Pensava principalmente na decadência moral de quem acumulava bens, sem praticar um só ato de caridade. Mas não acusava Renato de usura. Antes, via-o como perdulário, gastando com mulheres e toda espécie de devassidão, arruinando a saúde, começando a tornar-se ele mesmo uma ameaça para o próprio renome.

Não aceitou a desculpa para atirar nele. Queria um motivo mais adulto, mais histórico, mais racional. Surgiu-lhe a ideia de que fora levado ao parricídio por razões desconhecidas de uma provável vindita cármica. Se fosse isso, que papel exerceria seu livre-arbítrio? Quer dizer que não soubera vencer sua vocação existencial? E sua esquizofrenia? E sua debilidade moral? Teria amado o pai quando criança e odiado depois de adolescente? Que responsabilidade poderiam atribuir-lhe, se tantos engastes prendiam aquela pedra sem valor ao adorno de uma vida sem objetivo?

As perguntas se acumulavam sem que obtivesse respostas. Foi quando teve a atenção voltada para a tela luminosa: estava uma fotografia sua no velório de Lutécia sendo comentada pelo apresentador. Diziam que ele matara a irmã para ficar com a herança do pai só para si.

Em outras épocas sorria. Ali ficou como que petrificado diante da maldade humana. Acusava as pessoas, mas seu raciocínio evoluía para conclusões bem mais positivas em relação ao assassinato da irmã. Se o povo soubesse que ele tivera uma fortuna na adega, fortuna cujo conhecimento era apenas dele...

Volveu o pensamento para a época da morte da irmã. Viu-se atarantado perante a impotência de mantê-la sob vigilância. Achou que ela iria tornar-se um peso difícil de carregar para o restante dos dias. Depois, a retirada dela de cena iria facultar-lhe uma liberdade de movimentos...

Desligou o aparelho, não querendo ter a atenção chamada para mais nada. Queria manter-se concentrado nos motivos mais profundos que o levaram a praticar um atentado contra três seres inocentes. Em relação ao pai, chegara a suspeitar de que tivessem sido inimigos desde sempre, ligando o presente na matéria a um passado que se perdia no tempo. Quanto à irmã, não via como aquele encanto de mocinha, cuja lembrança agora o comovia, pudesse ter sido uma ameaça. Ao contrário, sopesando bem tudo quanto lhe adveio após sua morte, ficava claro que ela armara uma situação francamente favorável,

para que ele pudesse aproximar-se da doutrina espírita, doutrina que o mergulhara num mundo de questões e de respostas que nunca antes tivera oportunidade obter.

Se Lutécia não significava, de fato, um perigo para seu equilíbrio existencial, por que elaborara o plano mais perverso de sua vida? Tremeu quando levantou a hipótese que lhe parecia a mais correta: teria sido para evitar o matricídio, num momento em que ferir um anjo seria o mesmo que atingir-lhe o comparsa demoníaco, aquele ser que o fizera infeliz para sempre.

Recordou-se de haver criado na mente o quadro ideal de ter a irmã na quintessência da beatitude, uma santa no reino de Deus, ao mesmo tempo que castigava a mãe com as chamas mais terríveis do inferno.

Suava frio, sentindo-se o pior dos mortais. Compreendia, finalmente, que cometera um crime aos olhos de Deus. Pela mente em desalinho, passavam-lhe de carreira todas as pessoas a quem propiciara o transe da morte. Mas a ideia de que poderia dar-se o mesmo destino rejeitava aterrorizado, porque tinha bem vivos na memória os quadros dolorosos dos relatos dos suicidas contidos nas obras espíritas.

Ao mesmo tempo que lhe crescia a noção da necessidade de resgatar todas as más ações, crescia-lhe também a compreensão de sua incapacidade de fazê-lo. Como dizer a Tadeu que Tiago e esposa receberam os balázios de sua automática? De resto, naquela altura, ele deveria estar a par de tudo. Se Terê acrescentara ao luto pela filha, o doloroso sudário da alma hedionda do filho, que dizer de um fiel escudeiro que vê seu cavaleiro atacar a inocência feliz de uma jovem grávida, alegria de uma promessa de vida para um rapagão que atingia o ápice das realizações a que se pode aspirar na face da Terra?

Indignou-se consigo mesmo. Como lhe passara pela cabeça a ideia de que ficaria impune? Como entendera que conseguiria esconder das pessoas sua miséria moral e intelectual? Como se lhe formara na mente a errônea intenção de praticar atos de caridade aleatoriamente e com isso superar os traumas objetivos dos homicídios?

E, no entanto, entreviu os argumentos, que agora tinha certeza serem de Lutécia, segundo os quais de nada lhe adiantaria a revelação de tudo, mas que precisaria ocultar ainda os piores crimes para dar-se a oportunidade de criar soluções que atenuassem as mágoas, na hora de dizer a cada um o prejuízo que causara.

Voltou a pensar nas valises com os valores de seu próprio resgate, não no sentido de preocupar-se com o mau uso que poderiam dar ao dinheiro, mas no de representar bem pobre liberdade de ação para cumprir um destino de recuperação da inocência infantil, que perdera bem cedo. Viu Jesus agasalhando as crianças, prometendo aos homens recebê-los também quando se transformassem, adquirindo a pureza das virtudes excelsas, virtudes que ele decorara nos últimos tempos e que se constituíram num alvo colocado muito além dos limites de seu poder. Como realizar o amor pelo próximo, se não tinha nenhuma certeza do amor a Deus? Pior ainda: como amar o próximo como Jesus amou a humanidade, se esta lhe figurava degenerada e corrompida? No auge das considerações, perguntava-se como é que conseguiria amar ao próximo como a si mesmo, se estava criando um ódio integral, um ódio funcional, um ódio ínclito, um ódio tangente e helicoidal a si mesmo...

Não atinou com o desarranjo do cérebro, permanecendo nos vórtices dos pensamentos provocados pela hélice a turbilhonar a água, transformando o simples agitar

de um fundo de copo de liquidificador numa algazarra oceânica a cobrir as terras ribeirinhas, avançando destruidoras pela superfície dos continentes.

Naquele momento, bateram na porta, acompanhando os toques com os gritos tantas vezes ouvidos nas cenas dos filmes:

— Abra, Juvenal! É a polícia.

51. EM PAZ

Juvenal foi levado por Macedo para a delegacia, onde foi autuado por homicídio.

José, não tendo forças nem conhecimentos específicos para defendê-lo, contratou um advogado do antigo escritório do irmão.

Por achar-se mentalmente perturbado, o delegado poupou o rapaz, sendo-lhe permitido ficar numa cela improvisada, já que corria entre os do cárcere que o moço era um monstro que era preciso eliminar.

Macedo foi encarregado de interrogá-lo informalmente, já que interessava ao escalão superior da polícia descobrir quem eram os que lhe haviam dado proteção.

— Qual a origem, meu filho, de todo aquele dinheiro que encontramos no apartamento?

— Você vai precisar perguntar ao Doutor Renato. Foi ele quem guardou os dólares e o ouro. Eu só gastei.

— Por que você levou para um lugar inseguro?

— Nas contas de Deus, a César o que é de César, a Brútus também; e até para a Mocinha.

Macedo desconfiava de que o jovem estava fingindo. Queria confirmar a solidez do raciocínio dele:

— Esses cães já morreram.

— E estão no céu da cachorrada. Você sabia que os animais também vão para o céu?

Juvenal olhava para Macedo, mas seu olhar não se fixava nele. Era como uma direção obrigatória, por ouvir as frases partirem daquele ponto. Achava que a sala estava cheia e que as demais pessoas respeitosa e permanentemente permaneciam caladas.

— Você gostaria de discutir alguns pontos da doutrina espírita?

— Você não sabe que Deus perdoou todos os que mataram Jesus? Então, ele também me perdoou, porque eu matei gente muito menos importante.

— Quem você matou?

— O investigador disse que eu matei meu pai e minha irmã. Mas eu não matei, não. Eu os enviei para perto do Senhor. Eu só queria me desfazer deles. Eu era muito forte e poderoso e eles eram muito fracos e viciados.

— Qual era o vício de sua irmã?

— Ela passava o dia todo limpando a casa.

— Não é verdade. Ela tinha empregadas. Ela só fazia o que você mandava.

Macedo esperou inutilmente por uma observação pertinente ao tema. Ao invés disso, Juvenal, depois de muito tempo, acrescentou:

— Eu nunca vi minha mãe limpando a casa.
— Onde você escondeu as armas?
— O segredo é a alma dos negócios.
— Quer dizer que você escondeu as armas?
— Meu pai tinha tudo bem escondido. Qualquer dia o que está no fundo da terra vai aparecer.

— Quem foi que tirou você de nossas mãos?
— Os cobradores. Gente que quer me escravizar. Eu vou dizer de uma vez por todas: o mundo está carunchado. Só as águas dos oceanos levantando-se para lavar toda a terra de tanta sujeira. Eu queria tanto ser normal...

— Aquele dinheiro todo era para os cobradores?
— A verdade está sempre muito perto da gente, mas a gente não vê. Foi você que pegou a grana. Então você é o cobrador. Eu vou fazer o exame vestibular na semana que vem. Preciso estudar, mas não tenho nenhum livro. Será que alguém avisava a Professora Ângela para reunir os alunos? Amanhã bem cedo eu vou ao cursinho. Mas eu não vou levar nenhuma arma, porque podem querer me devolver.

Macedo cansou-se mas não desistiu. Planejou melhorar as condições mentais do suspeito, convocando Moacir para vir examiná-lo e administrar-lhe os medicamentos da derradeira receita. Entretanto, teve de ouvir uma resposta negativa. Que ele levasse o paciente ao hospital. Lá o tratamento seria ministrado, conforme a prescrição.

O detetive concentrou-se na receita. Quem poderia ter ficado com a pasta? José ou Glorinha. Ligou para o advogado. Não fora ele. Então, deveria estar com Glorinha. Como localizá-la àquela hora da noite? Através de Margarida e esta através do pessoal do centro espírita.

Enviou uma viatura para achar a moça e a pasta médica, enquanto recebia o advogado de Juvenal, que requeria uma entrevista com o cliente.

O Doutor Dirceu chegava com sua equipe de estagiários composta de cinco membros. Por ordem do delegado, foi levado à sala em que se dava o interrogatório de Macedo.

Frente a frente com o detetive, Dirceu foi logo expondo sua intenção:

— Se o senhor não tiver uma prova concludente dos fatos de que acusou o rapaz, vai sofrer todo o rigor das medidas que tomaremos por abuso de autoridade. E não estou referindo-me à detenção desta tarde, mas àquela da manhã.

— O doutor advogado poderá ler as peças do inquérito. Lá estão todos os indícios relativos à autoria dos crimes.

— O senhor poderia dizer, informalmente, como chegou a formular a peça acusatória, uma vez que se fez passar por amigo da família? Consta que o senhor visitava tio e sobrinho regularmente, inclusive frequentando os mesmos locais de cultos religiosos juntos.

— Eu jamais deixei de ser amigos deles. Nem deixarei. Trata-se de pessoas de boa educação.

— Mas que, tudo indica, não mereceram o seu respeito.

— Ao contrário. O fato de eu ter lançado voz de prisão ao jovem está a indicar que precipitei os acontecimentos que, vai dia, vem dia, viriam à tona. Enquanto

permanecessem ocultos, dariam motivo muito forte para que a situação apenas se agravasse, tendo em vista que a consciência doutrinária espírita que ele vinha adquirindo estava forçando-o a crises mentais, tanto que ficou internado nos últimos seis ou sete meses.

— Ele confessou?

— Praticamente. Mas nós não lavramos em termo as declarações.

— Por que não?

— Porque esperávamos a presença do causídico que iria representá-lo junto ao ministério público. E também por termos levado em conta a nossa amizade.

— Essas razões são meio surrealistas. Perdoe-me, mas deve ter havido algo mais. O que o senhor tem a me dizer das valises com os dólares e dos lingotes de ouro que apreendeu? Será que não existe algum interesse subalterno? Querem vocês ficar com os valores em troca da liberdade do meu cliente?

— Vou fazer de conta que não ouvi. O doutor sabe que eu bem poderia acusá-lo de tentativa de suborno.

— Faça isso. Vamos ver de que lado a corda vai quebrar.

— Doutor Dirceu, não há motivo para esta querela. O dinheiro está arrolado integralmente. Existem testemunhas e tudo foi contado e recontado no local da apreensão, na presença de dois funcionários do condomínio. Uma vez que se prove a origem legal dos valores, todo o montante será devolvido ao dono.

— Vamos deixar que o tribunal decida a respeito.

— Doutor, eu não quero outra coisa.

— Agora nós precisamos conversar com o acusado. O senhor nos permite ficarmos com ele?

— Vou providenciar para que ninguém os incomode. Os senhores terão uma hora ou mais, caso precisem.

— Muito obrigado.

Fechada a porta, Dirceu dirigiu-se a Juvenal:

— Como está, rapaz? Está sendo bem tratado?

Só então Juvenal procurou reconhecer a pessoa que vira algumas vezes na vida. Não tendo uma lembrança clara, não se interessou pelo advogado, julgando-o mais um policial a serviço da lei:

— Vocês sabem o que fazem. O que me mandarem executar, eu cumprirei sem tugar nem mugir.

Atinou logo Dirceu que seu cliente estava incapacitado mentalmente. Nem quis prosseguir conversando com ele. Mandou chamar Macedo, que muito se admirou da rapidez com que foi requisitado.

— Escute, aqui, detetive, foi logo interpelando-o o advogado. Este rapaz está em estado de choque. Precisa ser internado imediatamente.

— O senhor me desculpe, mas não lhe reconheço autoridade nem competência para uma conclusão desse caráter. Só um médico poderá atestar...

— Os senhores não deveriam ter tomado alguma providência?

— Na verdade, tomamos.

Macedo, em breves palavras, narrou que Moacir se havia recusado a ir ver o paciente, bem como que estava providenciando a vinda da receita.

— Em suma, concluiu Macedo, o senhor pode perceber que não abusamos de nossa autoridade, pelo menos no grau de suas suspeitas.

— Vamos aguardar uma comunicação de seus comandados. Não dá para saber se encontraram a namorada? Não me custa ir buscar uma cópia da receita no hospital. Basta...

— Tudo bem, doutor. Eu vou verificar pelo rádio se eles já têm uma resposta positiva.

— Antes de ir, quem, além do senhor, poderia esclarecer-me quanto às investigações que culminaram na acusação?

— O doutor delegado. Todas as minhas ações foram precedidas de explícitas ordens de serviço.

— E quem mais?

— Houve consulta a autoridades superiores.

— Eu quero saber ao nível do senhor.

— Somente alguns policiais militares que participaram de algumas diligências. Mas nenhum deles com conhecimento completo dos acontecimentos.

— Volte logo para tratarmos, ainda informalmente, se o senhor estiver disposto a colaborar em nome da amizade que está declarando, a respeito de alguns tópicos do mais alto interesse de meu cliente.

Enquanto se digladiavam advogado e inspetor, Juvenal permaneceu alheio a tudo, confabulando consigo mesmo a respeito da necessidade de prestar exame de habilitação acadêmica. O pobre queria deixar a prisão para ir diretamente para a faculdade. Mas não se via premido por uma necessidade qualquer. Ao contrário, enchia-se de paciência, compreendendo que o tempo longe do tumulto de fora corria a seu favor. Na rua estavam os fantasmas que iriam persegui-lo irremediavelmente. Naquele quarto, ao menos, toda aquela gente não dizia nada para ofendê-lo, nem ninguém tinha qualquer atitude agressiva.

Em alguns minutos, voltou Macedo com a informação de que o prontuário médico estava sendo trazido. Antes que chegasse, com a lista dos remédios da receita fornecida por Glorinha, o detetive pôde providenciar que um farmacêutico viesse ministrar as doses prescritas, de forma que Juvenal acabou sendo medicado antes mesmo do que se fosse encaminhado ao hospital.

Dirceu, temeroso de que poderia ter havido engano na transmissão dos nomes e doses, confirmou com Moacir se poderiam ser ministrados daquela forma. Inquirido pelo médico a respeito do estado geral do paciente, insistiu em afiançar-lhe que o rapaz estava alienado, não dizendo coisa com coisa. No entanto, Moacir manteve o tratamento, insistindo no fato de que havia necessidade de internação. Dirceu prometeu-lhe que iria empenhar-se para levar o rapaz naquela mesma noite ao hospital.

De fato, de posse das informações técnicas que lhe foram passadas, o advogado procurou convencer Macedo de que a condição de prisioneiro de Juvenal se manteria mesmo no hospital. Bastaria que fosse designado um ou mais soldados para a guarda.

À vista do arrazoado, penalizado com o estado emocional do amigo, Macedo cedeu:

— Vamos conversar com o doutor delegado. Se ele concordar, nós providenciaremos a remoção do detido.

Enquanto conversavam, chegaram os policiais trazendo Glorinha e Valéria, esta substituindo a mãe, que se recusava a entender como é que podia alguém matar pai e irmã, além de outras pessoas inocentes. Houve uma cena desagradável quando Glorinha disse que iria confortar o rapaz, tentando a tia impedi-la de sair de casa. Valéria, contudo, tomou o partido da prima, mais por curiosidade de ver o estado em que se encontrava o jovem do que por altruísmo e compaixão. Sentiu-se também interessada em caracterizar o relacionamento afetivo do casalzinho.

Assim que chegaram à delegacia, Macedo percebeu a entrada delas e, deixando Dirceu conversando com o delegado, foi servir de cicerone às moças, para conduzi-las à sala de interrogatórios.

Quando assomaram à porta, viram logo que Juvenal estava absorto, com o olhar perdido num ponto da parede.

Glorinha quis avançar de encontro a ele, mas Macedo a impediu, dizendo-lhe baixinho:

— Ele acaba de receber os remédios. Mal devem ter iniciado seu efeito. Não vamos provocar-lhe uma reação muito forte com sua presença. Deixe que ele recupere a noção das coisas e vamos esperar que a reconheça. Você não veio para causar-lhe nenhum dano, mas para ajudá-lo, não é assim?

— Ele está precisando de mim.

— Está precisando de todos nós.

Pareceu a Glorinha que o detetive, de algum modo, estivesse provocando-a. Mas não respondeu. Sentou-se na cadeira que lhe foi apontada, permanecendo Valéria atrás dela, afagando-lhe os cabelos.

A movimentação dos estagiários e dos recém-chegados acabou chamando a atenção do rapaz, que se voltou a ver se entendia o que se passava. Tinha a mente ainda turbada e a visão não inteiramente definida. Quando percebeu Glorinha à sua frente, levantou a mão, apontando para a direção dela, gaguejando:

— Lutécia, minha irmã, perdoe-me, pelo amor de Deus!

Ajoelhou-se ali mesmo, sem ousar aproximar-se das moças.

Glorinha fez menção de levantar-se, mas Juvenal voltou a falar de forma quase incompreensível:

— Eu sei que você me perdoou.

Disse mais algumas palavras cujo sentido se perdeu, caindo de borco, não dando tempo a que os que o rodeavam o sustentassem.

Glorinha ganhou rapidamente o espaço que os separava, sentando-se no chão, conseguindo tomar a cabeça do amado, depositando-a no colo, enquanto o beijava nas faces, nos olhos, na testa, na boca, repetindo que ele ia ficar bom, que Deus é pai de misericórdia, que Jesus banha com sua luz a todos os pecadores arrependidos.

Juvenal voltou a expressar-se com sua voz roufenha, desta vez inteligivelmente:

— Glorinha, peça para Lutécia vir me consolar mais uma vez.

E apontava para Valéria que permanecera extática junto à cadeira.

Valéria, por seu turno, exclamou quase imperceptivelmente:

— Que faço agora, meu Deus?

Na porta desde o momento em que Juvenal se voltara para as primas, Ricardo assoprou-lhe:

— Faça o que ele está pedindo.

— Mas o que devo dizer?

— Repita comigo: Eu lhe pedi...

E Valéria foi repetindo meio hesitante:

— Eu lhe pedi que não confessasse seus crimes. Mas eles já eram conhecidos. Saiba, contudo, que todos nós o perdoamos do fundo do nosso coração, já sabendo que Jesus está rogando por você junto ao Pai que está no céu. Quem é que, perdendo uma ovelha, não deixa as outras para ir procurá-la? E quando a encontra, não é verdade que reúne os amigos para regozijarem-se com a felicidade de seu coração? Então, é preciso confiar na infinita bondade do Criador que não quer o sofrimento de suas criaturas, mas sua eterna bem-aventurança. Reze comigo, mesmo que não repita em voz alta as palavras.

Valéria entendeu que deveria dizer um pai-nosso, que foi acompanhado em silêncio pelo moço. Ao final, em coro com Glorinha, conseguiu ele dizer:

— Graças a Deus!

No mesmo instante, Ricardo puxou a moça para fora, fazendo que desaparecesse do campo de visão do prisioneiro, afiançando a ela que seria melhor que se mantivesse a ilusão.

Ali fora, Elvira enlaçou a jovem pela cintura, afirmando-lhe:

— Você foi brava e corajosa. Sua boa vontade vai ajudar na recuperação do nosso infeliz companheiro, que vai precisar de todo apoio moral das pessoas esclarecidas. Muito obrigado por ter vindo.

Dentro da sala, aconchegado no colo de Glorinha, mais tranquilo, Juvenal adormeceu.

52. EXPLICAÇÕES

Uma vez exposta a opinião do Doutor Dirceu, que enfatizou o parecer médico, lembrando que se tratava de um jovem em convalescença de sério problema mental, conforme atestado que se encontrava no *dossier* que os policiais vinham trazendo, concordou o delegado em liberá-lo para tratamento, acatando a ideia da vigilância ostensiva, para que os comparsas da quadrilha não alcançassem novo resgate.

— Eis aí, doutor, retrucou-lhe Dirceu, uma séria acusação que mereceria uma diligência mais acurada, tendo em vista que o meu cliente ficou internado tanto tempo, sem ter sido auxiliado por ninguém, a não ser as pessoas da família e os amigos mais chegados. De resto, as visitas só foram permitidas recentemente, mesmo porque o rapaz estava sem condições de identificar sequer as pessoas.

Exagerava, evidentemente, porque desejava livrar o moço do xadrez. Mas o delegado estava assoberbado, com os repórteres à sua porta, querendo entrevistá-lo e ao advogado do homicida, de forma que não levou o assunto adiante, recomendando que a saída do rapaz se desse com o máximo de cautela, se possível através de manobra que evitasse a aproximação deles do prisioneiro.

Voltando à sala em que Juvenal dormia, Dirceu informou a Macedo a respeito da deliberação e das precauções do delegado. Ao perceber que Juvenal dormia, ficou menos excitado, aproveitando o ensejo para uma conversa mais cordial com o detetive, a quem levou para o corredor, deserto naquele instante.

— Meu caro inspetor, esclareça-me um ponto que me está intrigando: como foi que o senhor chegou até o meu cliente?

— Juntando vários elementos. O principal deles foi a descoberta de que ele chefiava uma quadrilha que mantinha certa boca de fumo no bairro. Sua popularidade era tão expressiva que não foi difícil encontrar alguns rapazes da mesma idade, alguns mais novos até, que o indicaram como integrante da gangue. Quando interrogamos a mãe, ela nos confirmou que o filho estava envolvido com o tráfico, sem, no entanto, nos dizer exatamente até onde. O marido foi quem nos deu vários nomes, uma vez que ele mesmo havia procurado saber as razões de o rapaz manter a irmã fechada em casa, passando parte do dia dormindo, saindo apenas à noite.

— Essa parte, eu conheço. Segundo me contou o Doutor José, Juvenal revelou tudo ao médico, não escondendo suas proezas da época em que era menor de idade. O que eu quero saber é como o senhor chegou à conclusão de que foi ele quem assassinou o pai, a irmã e os empregados.

— Eu detive vários elementos da quadrilha mas fui obrigado a soltar todos, tendo em vista que nenhum foi preso em flagrante. Eles tinham ordem para não portar droga. Na batida, só detivemos uns poucos com alguns gramas, todos alegando que eram consumidores. Uns dias antes é que ele havia assassinado a irmã, de forma que foi por muito pouco que não o pegamos na qualidade de traficante. Se tivéssemos agido logo que recebemos a denúncia, teríamos evitado a morte da irmã, porque ele estaria envolvido com o processo que seria instalado.

— O senhor não está respondendo...

— Eu chego lá. As investigações tinham avançado bastante quanto a configurar a participação dele no tráfico, entretanto, após a morte da irmã, ele mudou completamente de hábitos, por força da influência da antiga professora da mocinha, Elvira, que o senhor deve conhecer...

— Sei quem é. Disseram que ela se apresenta na televisão.

— Pois bem, ele se interessou pelos temas da vida após a morte, passando a estudar as obras de Kardec e a ir esporadicamente ao centro espírita. Ao mesmo tempo, mudou de escola sem, contudo, ir muito à aula. Eu o fazia seguir por toda a parte. Às vezes, ele conseguiu despistar-nos, mas houve uma falha no esquema que montou: ele se encontrou com o segundo na linha da quadrilha, um elemento conhecido como Armando. Este caiu na nossa rede, porque não foi difícil seguir-lhe os passos, até que adquiriu uma boa quantidade de cocaína. Escolado, deixou que outros fossem apanhados transportando o carregamento. Ele mesmo arrumou um álibi, comparecendo à delegacia para prestar depoimento a respeito da participação de Juvenal na quadrilha no justo momento em que fazíamos a apreensão da droga.

— Quer dizer que ele denunciou o amigo?

— De forma alguma. Ele insistiu em que os dois eram meros consumidores e ainda de pequenas quantidades, demonstrando que não havia indício de nenhuma picada em qualquer parte do corpo. Saiu ileso. Mas não me convenceu e eu mantive a *campana* sobre ele. Um dia, fui chamado pelo meu homem, que estranhou o fato inusitado de ele ter saído de casa de moto, com um sujeito grandalhão na garupa, ambos com capacete e folgadas jaquetas de couro, o da garupa com um blusão preto, tal como foi descrito o blusão do elemento que matou as moças e o empregado da família.

— E daí?

— Daí que fomos seguindo-os pelo rádio das patrulhas que se postavam no caminho que os dois faziam, de sorte que, quando atiraram na viatura em que ia Juvenal, tínhamos conhecimento dos autores da tentativa.

— Quer dizer que os próprios elementos da gangue tentaram eliminar o chefe?

— Foi o que pensamos na hora. E foi o que nos afiançou o grandalhão, conhecido pela alcunha de Formigão, foragido do instituto correcional do Estado, menor de idade, com uma ficha muito extensa. O outro está desaparecido até hoje.

— Não sei como uma coisa tenha levado à outra.

— É que Juvenal cometeu um deslize. Saiu do hospital deixando lá seu carro blindado. O fato nos demonstrou que não estava com medo de novo atentado, mesmo porque o carro em que foi atacado também está protegido por blindagem.

— O senhor concluiu que o ataque tinha sido armado...

— Com base nessa presunção, levantamos a hipótese de ter sido ele o verdadeiro assassino do pai e da irmã.

— Bem imaginado. Mas onde as provas?

— Não existem provas. Só a revelação dele mesmo, que só não fez uma confissão formal, porque eu não pude atendê-lo quando me procurou de manhã. Eu testemunhei o momento em que ia revelar tudo, tendo sido impedido por Glorinha.

— Quer dizer que ela sabia dos crimes?

— Aqui entra o imponderável espiritual. Ela não falou diretamente. Foi como em transe mediúnico. Foi como se a irmã assassinada falasse pela boca da encarnada, pedindo e justificando o pedido, de forma que me levou a considerar que as minhas suspeitas estavam corretas. Foi quando dei voz de prisão a ele.

— Sem nenhum apoio material?

— Que havia de mais importante, na concepção do rapaz, do que a presença junto dele dos espíritos das pessoas que eliminou?

— Quer dizer que eu estava certo em deduzir que a sua acusação tinha sido gratuita?

— Do seu ponto de vista, foi. Do meu, que venho estudando a doutrina espírita, minha acusação estava baseada numa certeza transcendental. Depois, a esquizofrenia de que ele está atacado e todo o sofrimento que lhe foi infligido pela mãe e pelo pai na infância me favoreceram a formação do quadro patológico favorável à criação de uma personalidade criminosa de alta periculosidade. O senhor, Doutor Dirceu, não teve em mãos nenhuma prova concreta de que foi ele o assassino, no entanto, adquiriu a certeza de que ele é o homicida. Não é verdade?

— O que não vai impedir-me de protegê-lo nos termos da lei.

— Faça isso, porque eu acredito que ele possa regenerar-se, desde que não fique preso. Conte comigo para todos os seus argumentos favoráveis à atenuação da sentença.

— Só mais uma coisa: como foi que o senhor descobriu o esconderijo em que o prendeu agora à noite?

— A população, alertada pelos meios de comunicação, costuma ligar para o disque-denúncia. Recebemos muitos telefonemas, três ou quatro deles de comerciantes que tinham entregas a fazer em tal endereço, com o nome Juvenal anotado. Foi fácil.

— Muito obrigado, inspetor. Começo a compreendê-lo melhor, já admirando o seu senso de justiça. Deus o abençoe!

— A todos nós, Doutor Dirceu.

53. MAIS EXPLICAÇÕES

Enquanto dormia, Juvenal foi transportado em espírito para um encontro com os protetores espirituais. A iniciativa coube a Lutécia; Pai Benedito, porém, fez questão de orientar os temas que seriam expostos durante o colóquio.

No princípio, o rapaz pensou que sonhava, que os seres com quem se deparava eram apenas representações de sua mente perturbada. Por isso, tomou uma atitude de alheamento pelo que podiam oferecer-lhe as entidades que se postavam em círculo, como se estivessem interessadas em extrair dele o porquê de haver procedido tão agressivamente.

De qualquer forma, como não demonstrassem que iriam arredar pé de sua intenção, assumiu a dianteira da conversação, perguntando:

— Quem são vocês?

— Você não me reconhece, meu irmão?

— Lutécia? Mas você morreu.

- E daí? Não acredita você na vida depois da morte?
- Acredito.
- Então?
- Então quer dizer que eu também morri?
- Ou que está sendo trazido, enquanto seu corpo repousa entorpecido pelos soníferos, para receber uma série de informações que lhe serão úteis para vencer as dificuldades atuais de seu relacionamento carnal.
- Deixe-me entender. Quer dizer que eu vou lembrar-me de tudo o que me disserem aqui depois que acordar?
- Vai lembrar-se de certo modo, pois nem todas as nossas comunicações podem ser traduzidas para seu atual campo de atuação mental. Mas você terá como que uma intuição de cada ensinamento que lhe vamos passar.
- Trata-se de um estudo teórico da doutrina espírita?
- Não. Tal estudo você tem meios de realizar nos livros de Kardec e de outros autores encarnados ou não, como, aliás, tem feito ultimamente. Vamos ensinar-lhe a reagir aos infortúnios que lhe advirão em consequência de seus atos contra as leis de Deus.
- Eu gostaria muito disso, porque não estou sendo capaz de coordenar os pensamentos da mesma forma que estou realizando neste estado de inconsciência corpórea. Não seria preferível que me trouxessem definitivamente para cá, aliviando-me a carga moral e retirando das pessoas que têm estima por mim o peso da necessidade de colocar-me em seu círculo social, o que deve causar-lhes sérios transtornos, além de uma ponderável vergonha?
- Poderíamos até fazê-lo, porque seu estado físico está debilitado, sendo possível induzir uma congestão sanguínea no cérebro, bastando que se sustentem os sintomas de melhora, forçando uma nova aplicação de drogas, sem controle médico. Mas existem dois empecilhos. Em primeiro lugar, você deve merecer uma oportunidade de regeneração ainda encarnado. Em segundo lugar, as pessoas a quem você se referiu devem comprovar que estão agindo consoante o aprendizado que efetuaram das virtudes e não apenas por força de um estímulo casual, passageiro.
- Ainda há pouco eu lhe pedi perdão por lhe haver tirado a vida. Vejo agora que este fato não a afetou. Ao contrário, sinto em você uma ascendência sobre mim em todos os sentidos. Devo concluir que sua vida deveria mesmo ter sido cortada no momento em que o fiz?
- Eu não cheguei a cumprir a missão que me foi confiada, ou seja, conduzi-lo a uma vida regrada pelas leis de Deus. Minha programação continha ainda outros tópicos muito importantes para meu progresso espiritual. Isto significa, como você há de entender, que terei de volver ao orbe terreno para dar sequência ao planejamento que realizei sob a supervisão de meus maiores.
- Como você poderá, encarnando-se, ajudar-me a superar meus defeitos?
- Existe a hipótese plausível de me tornar sua filha ou filho, desde que você pautar sua existência de forma a constituir família ou, ao menos, que me reconheça como rebento seu, caso estabeleça um círculo de relacionamentos de que se exclua a figura do casamento.
- Isto está escrito?

— Isto estamos escrevendo. Pode ou não ocorrer, como foi frustrada a programação de minha vida na qualidade de sua irmã.

— Quem são os demais espíritos?

Apresentou-se Benedito, declinando sua qualidade de mentor do grupo, fazendo as apresentações dos demais:

— Francisca é a sua fiel governante.

Juvenal não foi capaz de identificá-la, temeroso de alguma palavra que pudesse levá-lo a um transe de dor. Entretanto, Francisca simplesmente uniu ambas as mãos, inclinando a cabeça, como a saudá-lo fraternalmente. Nada disse, impedindo, por transmissão telepática de sentimentos, que o moço se repreendesse por haver desfeito a felicidade do lar do sobrinho Tiago.

Juvenal agradeceu-lhe a grandeza do coração, com duas lágrimas de profundo reconhecimento. Percebeu que estava sendo poupado de um sofrimento que suspeitava que iria ter de enfrentar mais tarde.

Natália foi a seguinte a ser apresentada. Diante dela, o jovem estremeceu. Que Lutécia agisse em consonância com antigos sentimentos, era compreensível. Mas a inocência de uma vida que se multiplicava parecia-lhe um crime monstruoso.

Se não fosse o amparo fluídico de Benedito, Juvenal teria despertado, tão forte foi o medo que sentiu.

Foi só depois que se recuperou do susto, que teve condição de ouvir a manifestação da entidade designada como Natália:

— O maior problema que estou enfrentando está em proporcionar a Tiago um conforto moral condizente com a justiça divina. Ele se encontra internado, sob a assistência de competentes técnicos em manutenção de estado vegetativo sob controlada consciência externa. Não sabe ainda quem nos atingiu mas já compreende que de nada adiantará perseguir o agressor. Se minha mediunidade me desembaraçou logo da letargia do momento da passagem para cá, a coragem com que enfrentava os problemas materiais e os sonhos de realização de uma vida dedicada aos seres queridos estão impedindo-o de caracterizar as vantagens de um aprendizado em condições aflitivas.

Juvenal logo imaginou que Benedito estava a ditar àquela que lhe aparecia como uma jovenzinha os dizeres que considerou de superior categoria. Mas logo recebeu um influxo de noções a respeito de o adiantamento do espírito não corresponder à idade cronológica com que deixou o plano físico. Para tanto, bastou a Benedito, que lhe dava sustentação energética, que lhe descerrasse a recordação de certas leituras.

Mas isso se deu em brevíssimos momentos, logo sendo trazida à cena outra personagem:

— Quero apresentar-lhe Marilu, que você só conheceu por ouvir falar e nas poucas fotografias que seu pai conservou da primeira esposa. Ela terá algumas informações preciosas para que você possa conduzir-se relativamente ao seu pai.

— Ele não está presente?

Foi Marilu quem respondeu:

— Não, meu bem, o Doutor Renato se encontra em estado crítico, após lhe serem revelados alguns pontos obscuros do passado, especialmente os que diziam respeito ao relacionamento entre vocês dois.

— Eu desconfiei de que nossas querelas eram antigas. Será que desses mesmos pontos eu poderei tomar conhecimento agora?

— Para o seu bem, não. É melhor que ele entenda primeiro a inteira extensão dos conflitos, para depois, se der tempo, lhe prestar assistência como a mais natural reação de quem se sente na necessidade de se reconciliar com os desafetos.

— Você falou em *estado crítico*. Quer dizer que ele está errando nas profundezas das trevas?

— Não lá onde existe o que Jesus chamou de *choro e ranger de dentes*. Mas, de certa forma, sua imersão, por causa de uma crise existencial, em problemas de personalidade de que não suspeitava, o levou a mergulhar em mui profunda depressão moral, verdadeiro abatimento de ânimo. Uma pessoa com muitos traumas a vencer mas com boa vontade para reconhecer em si mesmo alguma força, alguma virtude, alguma fé na misericórdia divina, consegue sopitar o afloramento do egoísmo, dando aos semelhantes uma oportunidade de auxiliá-lo em sua recuperação. Seu pai se acha incapacitado para a compreensão do fato de que a revelação de parte da verdade representa um passo à frente na caminhada evolutiva.

— O que se tem feito para ajudá-lo?

— O máximo que conseguimos é cercá-lo de vibrações boas, impedindo que seja atingido pelos maus sentimentos de seres em piores condições, ou seja, aqueles para quem nenhuma recomendação de superior moralidade surte efeito. Por outro lado, como foi atingido por várias entidades, quer no plano carnal, quer espiritual, não importando agora caracterizar o grau de culpabilidade de cada um, nem avaliar se têm atenuantes a considerar, ele também está sendo vigiado para não emitir irradiações maldosas, todas elas natimortas através de atenta reprodução dos males que praticou.

— Não existe um tratamento mais ameno?

— Pode acreditar, meu caro, que esta mesma orientação aplicada em seu caso, foi também exaustivamente utilizada em relação ao seu pai.

— Devo, então, temer que, no futuro, deverei imergir em minha consciência, impossibilitado moralmente de receber tantos ensinamentos como estes de agora?

— É para auxiliá-lo a ultrapassar os transe de consciência menos dolorosamente que o trouxemos para esta reunião.

— Querido mentor, Pai Benedito, qual será o conselho mais prático que o senhor poderá oferecer-me?

— Que foi que Jesus respondeu ao jovem rico que desejava segui-lo? Que se desfizesse de seus bens, distribuindo-os aos pobres. Dessa forma, se o tivesse feito, estaria em condições de compreender as lições que o Cristo estava ensinando. Não se esqueça, porém, de que Jesus concluiu afirmando ser mais fácil... Complete.

— Um camelo passar pelo fundo de uma agulha...

— Eis aí o seu maior mal. Você sempre nadou em ouro, que acabou significando uma prisão. De que adianta a gaiola ser de ouro, se o pássaro perde a liberdade e a alegria de viver, tornando seu canto triste, melancólico?

— O senhor está esperando de mim uma resposta imediata?

— Em absoluto. A resposta que desejo é a que você vai dar durante a jornada terrena, porque acredito que foi muito promissora sua iniciação no espiritismo. Não fosse a

doutrina que Kardec codificou e você não teria tido escrúpulos em prosseguir na carreira criminosa. Não é verdade que havia uma programação não muito nítida quanto a eliminar sua mãe, seus outros irmãos e ainda seu tio?

Juvenal não esperava desmascaramento tão completo. Deixou-se arrear, sem ter o que oferecer em seu favor. Pensou em sair pela tangente, realizando alguma pergunta paralela, mas sentiu bem a tempo que qualquer intenção de tergiversar seria de imediato compreendida e posta a limpo.

Benedito complementou:

— Estamos percebendo que você está desejoso de superar as dificuldades. Pensou em inquirir-nos a respeito do que fazer relativamente aos outros desafetos, aqueles seres que você aniquilou seja pelas armas, seja pelos vícios. Também lhe passou pela mente a figura de Glorinha e todas as consequências para a sua vida do afeto que ela lhe demonstra. Quanto aos primeiros, eis no nosso ambiente três deles, completando o círculo que o recebeu. Como pode observar, estão acessíveis, sem mágoas e sem acusações. Ao contrário, estão condoídos com a perspectiva de você vir a sofrer algumas desditas no campo material. Quanto à sua namorada, nada melhor do que volver agora à companhia dela e retribuir carinhosamente toda a atenção e desvelo que está tendo por você.

— Antes de partir, gostaria de beijar as mãos de todos...

— Idealmente você já o fez. Se quiser expressar de maneira mais categórica sentimento de maior envergadura moral, acompanhe-nos em prece de agradecimento ao Senhor.

Ato contínuo, passou a dizer palavras que vibravam ao redor, provocando irradiação de luzes coloridas, sem que fosse o moço capaz de decifrar-lhes o significado verbal. Mas compreendeu integralmente o alto sentido emotivo de quem se doa ao Pai, para oferecer corpo e alma pelo bem dos irmãos necessitados.

Acordou com a sensação de que estivera em convalescença de grave moléstia, reconhecendo a gravidade do momento, perfeitamente cômico de que tivera uma recaída espiritual muito mais do que um recrudescimento da moléstia.

54. DESAFOGO

Vamos deixar passar dois anos das cenas descritas nos últimos capítulos. Durante este tempo, permaneceu Juvenal sob liberdade condicional, mercê de uma quantia razoável depositada em juízo como fiança.

Mas ficou sob resguardo oficial, escondido pelo Departamento de Proteção à Testemunha, havendo deixado convencidas as autoridades de que havia uma ameaça séria à sua vida, depois que relatou todo o esquema de seu resgate em longo depoimento, tendo comprovado, através dos depósitos efetuados em sua conta secreta, que havia quem estivesse interessado em mantê-lo a serviço do crime organizado.

Ajudou-o a argumentar o aparelho de telefone celular que estava sob seu poder e que ofereceu a possibilidade de rastreamento de diversas ligações efetuadas e recebidas, todas elas remetendo para telefones de pessoas ligadas à criminalidade, nenhuma,

entretanto, apontando para pessoas importantes social ou politicamente que pudessem estar na chefia da organização.

Progrediram as investigações no sentido da detenção de um dos elementos que participaram do resgate, através de cujo testemunho se levantou a impossibilidade de Juvenal pertencer àquele grupo, que se declarou independente, interessado em extorquir uma boa quantia do jovem, sabidamente rico. Não se explicavam as manobras da ação cinematográfica, mas ficou claro que a chamada à viatura que transportava o preso viera de um aparelho confiscado que funcionava na frequência da polícia.

Assim, permaneceram na sombra os mentores do tráfico de drogas, incapaz o poder público de inventariar provas para justificar as declarações de Juvenal.

Houve, todavia, um momento de tensão, quando Juvenal levou Macedo e Dirceu à mansão, que se mantinha desabitada desde que Tadeu foi dispensado por José, sob o argumento de que não era praticável deixar uma pessoa envolvida tão negativamente com a família tomando conta da propriedade.

Ali, na calada da noite, ficando o aparato policial do lado de fora, entraram apenas os três.

Juvenal havia prometido documentos que poderiam incriminar pessoas conhecidas e poderosas. Foi assim que abriu a passagem secreta, dando acesso aos acompanhantes até o recinto da adega.

— Meu pai mantinha em absoluto sigilo este local. Acho que nem minha mãe o conhece. Com certeza, nem Lutécia nem meu tio José tiveram qualquer notícia deste cômodo. No escaninho de cima, meu pai escondia várias armas a que eu dei fim. Aqui embaixo, guardava preciosas garrafas de vinho, verdadeiras relíquias, hoje empoeiradas e esquecidas. No entanto, ele não bebia nem oferecia a nenhum convidado. Acredito que alcancem elevado preço no mercado de raridades. É parte de minha herança escusa. Mas o que eu desejo mostrar-lhes se encontra neste armário.

Escondidas atrás de uma prateleira, dentro de pequeno baú, estavam as chaves. Juvenal apanhou-as e abriu uma a uma as três portas do armário, revelando seu conteúdo: pastas e mais pastas de arquivos do Poder Judiciário.

Dirceu logo se interessou pelo material, apanhando um *dossier* em cuja capa estava impresso um emblema que ele conhecia muito bem. Tendo examinado rapidamente o conteúdo, não se conteve:

— Mas estes documentos são originais. Este processo, com certeza, foi furtado, eliminando qualquer possibilidade de levar o indiciado às barras do tribunal.

Macedo, com outro processo na mão, concordou, aduzindo:

— Doutor, o senhor pode verificar que as datas deste justificam sua devolução ao fórum. Juvenal, quantos arquivos estão nestas prateleiras?

— Cerca de quatrocentos.

Como estava o ar ficando irrespirável, resolveram levar quantos pacotes puderam carregar para cima.

No escritório bem iluminado, dedicaram-se a reconhecer os nomes envolvidos nos processos, estarecendo-se por constarem pessoas importantes em todos os setores da sociedade: capitães de indústria, magnatas do comércio, alguns políticos no poder e outros fora dele, altos funcionários públicos, poucos desconhecidos.

A descoberta, além de justificar todo o dinheiro e o ouro, assustou o delegado, a quem Macedo comunicou o fato, atendendo a uma palavra de prudência de Dirceu, que o alertou para sérias consequências dentro do poder judiciário. Deixasse tudo nas mãos do chefe, não despertando a imprensa, que faria um escândalo inútil, já que apenas peixes miúdos seriam arrolados na investigação do furto, enquanto os tubarões teriam recursos para abafar quaisquer manifestações que visassem a oficializar as acusações.

Nem Macedo, nem Dirceu voltaram a pousar a vista naqueles documentos, ficando sem saber que destino lhes foi dado. Um dia, Macedo fez uma alusão a eles para o delegado, em conversa íntima, mas este descartou-se, afirmando-lhe que havia entregado todo o material a um alto funcionário do chefe de gabinete do Secretário da Segurança. E tudo morreu aí.

Durante todo esse tempo, Glorinha apoiou o namorado, sem, contudo, poder estar com ele. Comunicavam-se através do correio eletrônico da Internet, tendo crescido em seus corações a necessidade um do outro. Voltou ela ao cenário da cozinha da televisão, mercê de muitas requisições de telespectadoras, agora com um contrato polpudo que a mantinha presa à emissora por cinco anos.

Ao completar vinte e um anos, Juvenal abriu mão da herança em favor da mãe e do tio. Liberou, dessa forma, o tribunal para encerrar a pendência jurídica, facultando a integração das posses a quem de direito. Mas não abriu mão de tudo. Havia suas contas bancárias e, principalmente, o ouro do apartamento, apartamento que manteve sob contrato de aluguel antecipado em transação através da Internet.

A notícia da atitude desprezada do moço, porém, não moveu a mãe a enviar-lhe seu perdão. O choque da revelação da verdade desfez o efeito do encontro em que misturaram as lágrimas.

Quanto ao tio, também se deu bem profundo estremecimento em sua benquerença. Entretanto, as leituras espíritas e as conversas com Elvira e Ricardo tiraram-no da estagnação, finalmente levando-o a procurar Dirceu para inteirar-se do paradeiro do sobrinho.

— Caro amigo, eu só posso dizer-lhe que ele se encontra bem. Mesmo se soubesse onde está, não poderia dar-lhe o endereço, porque a polícia estabeleceu o princípio de que a proteção às testemunhas deve ocorrer sem que a parentela tenha acesso a elas. É uma questão de segurança.

— Não se preocupe. Vou perguntar diretamente ao Macedo.

— Inutilmente, porque nem ele mesmo sabe onde se encontra o menino. Uma vez entregue ao departamento, todos os vínculos com os conhecidos são rompidos.

— E quanto a você, como é que se encontra com o seu cliente?

— Em duas ocasiões importantes, fui avisado por telefone que ele estaria em tal ou qual lugar, em determinada hora. Nas duas vezes, ao chegar ao endereço dado, encontrei um policial que me levou até onde deveria entrevistá-lo.

— Será que Glorinha tem ido vê-lo?

— Em hipótese alguma. O que sei é que se correspondem pela Internet, mesmo assim através de um aparelho pertencente ao departamento, para que não tenha ninguém oportunidade de rastrear e localizar a origem das chamadas.

— De qualquer modo, vou procurar a mocinha para pedir-lhe que fale com ele em meu nome.

De fato, Glorinha recebeu o advogado muito bem e, na primeira oportunidade, referiu-se a ele como movido pela saudade, passando ao namorado informação cheia de esperança em breve e perene retorno ao seio da família.

Assim, não passava um dia sem que José entrasse em contato com Glorinha, recebendo as expressões mais sentidas do sobrinho quanto a ter-se arrependido do que fez. Sempre as notícias chegavam adornadas por citações dos evangelhos ou das obras de Kardec, que José ia conferir nos próprios textos.

Cerca de um ano após o afastamento do rapaz, José foi capaz de pedir ao jovem que o perdoasse por se haver enchido de mágoa e de rancor. Se estivessem frente a frente, com certeza restaurariam o afeto de outros tempos.

Quando recebeu a carta em que Juvenal abria mão da herança, José achou que deveria dissuadi-lo. A decisão, no entanto, era irrevogável, de sorte que José foi obrigado a protocolar a solicitação junto ao poder judiciário.

Foi por essa época que se marcou o julgamento dos homicídios. Também, em virtude de não terem dado em nada as investigações relativas à organização criminosa, afrouxou-se a vigilância sobre o rapaz, dando o Serviço de Proteção à Testemunha por concluída a missão que lhe empatava cinco policiais, em rodízio, mas sem despesas, porque a manutenção de Juvenal era subsidiada por ele mesmo.

Por outro lado, à vista da solicitação do moço, o juiz determinou o arresto dos bens, ficando José impossibilitado de lhe passar os lucros das empresas de que o pai era sócio majoritário. Tal providência rapidamente lhe exauriu as contas bancárias, deixando o rapaz sem fonte de renda. Mas não se incomodou com o fato. Aliás, até sentiu certo alívio, sem compreender direito o porquê da íntima alegria, desconfiando apenas que começavam as agruras, já que passara os dois últimos anos preparando-se para o vestibular, não só da faculdade, mas também da própria existência.

Assim que se viu livre, foi diretamente para o escritório do tio. Era um encontro que não podia adiar.

Avisado da proximidade da visita, José se preparou para receber o sobrinho, inclusive através da leitura de diversos tópicos de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Kardec. Queria manter a tranquilidade, vigiando os sentimentos, porque não tinha tanta certeza de que o perdão a distância se sustentaria quando estivesse na presença do sobrinho, como ele pensou, *ao vivo e em cores*.

Quando o moço assomou à porta do escritório, não se atreveu a dar um passo para dentro. O tio encarou-o, observando que estava com alguns quilos a mais, mais robusto e forte, corado e bem disposto, cabelos e barba compridos e bem tratados, bem diferente daquele fantasma que vira ser arrastado para o carro da polícia. Criara a expectativa de se deparar com um ser carcomido pela dor, pelo sofrimento, via-se diante de uma criatura adulta e nutrida. Tal como o jovem, ele também ficou como que transido de emoção.

Finalmente, após um longo momento de recolhimento, foram capazes ambos, por um gesto conciliador do tio, de se lançarem um nos braços do outro, confundindo os gemidos do pranto que vertiam do fundo da alma.

Ao retornarem da efusão sentimental, viram-se estranhos entre si, como se as personalidades tivessem transgredido as normas da harmonia que anteriormente reinava e não se tivessem ainda ajustado à nova situação. Foram polidos em suas manifestações, quase formais, cada qual interessando-se por mera cortesia a respeito das atividades do outro.

— Juvenal, você bem sabe que não possui mais nenhuma fonte de renda. Como é que espera manter-se, se nem emprego tem?

— Meu tio, possuo algumas economias guardadas, o suficiente para atender às minhas necessidades, durante todo o curso universitário. Depois, sairei em busca de emprego.

— E o aluguel de tão caro apartamento?

— Está quitado por mais dois anos. Quanto a isto, fique tranquilo, pois não pretendo incomodá-lo.

— E o dinheiro para pagar o resgate, caso venha a ser extorquido de novo?

— Não creio que vão pedir o que não tenho mais, uma vez que é de conhecimento de todos que as duas valises com o valor superior ao solicitado foram apreendidas e se acham em poder do judiciário.

— Se você não está preocupado, eu também não irei ficar. O que pretende fazer agora de manhã?

— Quero dar uma olhada no apartamento, ver se está tudo em ordem, se Margarida tem cuidado da limpeza...

— Ela tem feito uma vistoria a cada mês, a meu pedido, dedicando-se mais à casa, que é bem maior, possuindo objetos que devem estar sempre em ordem. Não se esqueça de que seus bens foram arrestados e que o pagamento dos ordenados tem sido sacado de um fundo que entregarei aos herdeiros legítimos, tudo anotado, com recibos passados e registrados.

— É justo, tio. Nem eu gostaria que fosse diferente. Depois do apartamento, vou encontrar-me com Glorinha na saída do estúdio da televisão.

— Vocês devem ter cuidado pois por ali sempre rondam pessoas querendo autógrafos, e também jornalistas da própria emissora, gente capaz de reconhecê-lo, assim que você abraçar a mocinha. Eu acho que uma exposição pública agora seria altamente desaconselhável para o anonimato que deve ser mantido.

— Não tenha medo de passar por outra crise, porque não pretendo envergonhar mais a família. Está tudo sob controle e devidamente combinado, para que as coisas saiam de forma a evitarmos problemas com o público.

— Você há de me permitir continuar trabalhando, porque estamos assoberbados com diversas pendências legais. A minha agenda está cheia.

Ao mesmo tempo, mostrava as páginas repletas de anotações do caderno de compromissos.

Apertaram-se as mãos, o tio sem convidá-lo para uma visita à família, o rapaz desejoso de se ver longe dali.

Ao adentrar o apartamento, logo Juvenal notou que estava muito limpo, sem qualquer resquício de pó em parte alguma. O chão rebrilhava, as cortinas, agitadas por uma brisa bem suave, deixavam no ar um leve perfume de alfazema.

Abertas algumas das janelas, o sol penetrou radioso, trazendo calor e luz para o ambiente.

A primeira ideia do moço foi transformar duas ou três barras de ouro em moeda corrente. Ao entrar no quarto dos computadores, porém, ficou curioso para saber se ainda funcionavam devidamente. Sendo assim, ligou os três, aguardando que os programas se dispusessem às suas ordens. Todos obedeceram aos comandos, revelando a tela de entrada. Num deles, todavia, existia um arquivo de texto desconhecido, com o título de *abra-me*.

Imediatamente, Juvenal acionou com dois toques o misterioso botão, revelando um texto digitado ali mesmo:

“Querido amigo, aqui estivemos para recolher o que era nosso de direito. Não deixamos você sem nada, porque temos uma dívida de gratidão antiga por serviços que nos foram prestados. Você não nos interessa mais, no entanto, se quiser voltar a pertencer aos nossos quadros, forme-se e apresente-se. Voltaremos a contatá-lo dentro de cinco anos.”

Juvenal suspirou fundo. Com certeza a limpeza do apartamento constituía uma séria mensagem:

“Limparam o cofre!”

Correu para a sala, levou um longo minuto até conseguir acionar o segredo e deparou-se com o interior do cofre inteiramente vazio. Havia levado todo o ouro e todas as ações que lá se encontravam.

Voltou para ler a mensagem no computador, tentando decifrar o que desejavam dizer com não no terem deixado sem nada.

“Será que estão referindo-se aos móveis e aos objetos de arte? Terão levado as quantias que deixei nos outros cofres, para ludibriar possíveis assaltantes?”

Para os outros dois cofres, necessitou ler os segredos que deixara escondidos em um arquivo no computador.

No primeiro, achou as ações e tudo quanto lá havia deixado. No segundo, havia, além dos quatro mil dólares antigos, cerca de vinte barras de ouro de um quilo.

A primeira reação de Juvenal foi acreditar que os traficantes tinham senso de humor. A segunda foi avaliar que estavam dizendo-lhe que faziam e desfaziam, a seu talante, o que desejassem, sem nenhum temor de que pudessem ser apanhados.

Discretamente, através do interfone, solicitou do porteiro que lhe informasse quando é que haviam feito a limpeza. Ficou sabendo que fora no dia anterior, através de uma empresa que trouxera um documento da imobiliária.

Na imobiliária, ninguém sabia a respeito da contratação daqueles serviços.

De posse da ordem que lhe foi encaminhada pelo porteiro, Juvenal ligou para a firma que constava no timbre, sendo informado tratar-se de uma fábrica de cosméticos.

Imaginou se deveria alertar Macedo mas não se precipitou. Parecia-lhe que a promessa dos marginais de deixá-lo sossegado valia tanto quanto ou mais que a vigilância do programa de proteção policial.

“O melhor que faço é não mexer em vespeiro. Basta o fato concreto de que estão colaborando para cercear o alcance de meu poder econômico.”

Tal qual se sentiu mais aliviado por liberar a herança, também o sumiço do tesouro escondido lhe provocou um bem-estar moral considerável, fazendo que agradecesse ao Pai mais aquele empurrãozinho na direção de saudável penúria que o obrigaria a dedicar-se com mais empenho à busca da autopreservação.

55. ESTABILIDADE

O encontro com Glorinha foi o mais discreto possível. Sem carro, porque o que havia blindado compôs entre os bens arrestados, Juvenal deslocou-se de táxi, mantendo-se dentro do veículo até receber a namorada.

Não se beijaram, dando-se um simples abraço, sem juras nem protestos de amor. Não se estranharam, porém, como se todos os seus sentimentos se houvessem resumido numa forte amizade.

— Querido, eu vou com meu carro até dez quadras daqui. Você me segue e lá eu o apanho. Certo?

— Perfeito.

Realmente, Glorinha dirigiu seu moderno veículo, até o local combinado e ali Juvenal desceu do táxi, acomodando-se ao lado da moça.

Foi ela logo estipulando:

— Se você não se incomodar, tenho de passar por um estúdio fotográfico para uma sessão de fotos marcada desde a semana passada.

— Tudo bem.

Enquanto falava, Glorinha demonstrava pleno domínio de direção no trânsito intenso:

— Eu sei que é muito *chato* deixar você esperando, depois de todo este tempo. Acontece que você apareceu de repente. Se tivesse avisado antes...

— Glorinha, o que eu aprendi melhor durante estes dois anos foi ter paciência. Se você não estiver sentindo-se mal a meu lado...

Não concluiu. A jovem interrompeu-o, com a voz alterada pela emoção do que ia dizer:

— Eu quero que o nosso relacionamento dê certo. Enquanto você aprendia a ter paciência, eu senti a necessidade de vencer todos os meus piores defeitos. Eu sei que nós falamos de tantas coisas, mas deixamos de lado os preconceitos mais profundos, aqueles que minha tia ainda nutre porque não admite que pessoas com tão graves crimes possam viver uma vida sem culpa, no meio da sociedade dos “honestos”. Seu arrependimento se fundamentou numa aprendizagem terrível, através da compreensão de que foi sua irmã quem falou através de minha voz. Isto será inesquecível e só podemos agradecer aos benfeitores espirituais. No entanto, quem não ficaria preocupado com o futuro, uma vez que você tem de tomar remédio pelo resto da vida? E se os ataques voltarem? E se você tiver uma recaída? São questões obrigatórias que discutimos no centro com Ricardo e Elvira. Nós dois conversávamos e você se manifestava sempre com muita prudência e ponderação. Mas estas coisas são assim mesmo, quando as pessoas estão longe dos problemas do dia a dia provocados pelas pessoas. Como você reagirá se ouvir alguém chamá-lo de assassino, de parricida? Esta é uma prova pela qual teremos de passar. Mas você vai sempre poder contar comigo, porque estarei a seu lado. O que me leva a tamanha confiança? O fato de que a sua recuperação não depende dos anos que ficaria na cadeia, cumprindo uma pena que, para ser justa, deveria ser para toda a vida, de prisão perpétua.

— Em muitos países, eu teria sido executado: cadeira elétrica, corda ou cimitarra no pescoço, veneno nas veias...

— Você está entendendo perfeitamente o que estou falando.

— O que estou entendendo é que você não está transbordando de paixão por mim. E eu posso dizer que também não estou por você. Mas sinto uma forte atração e um desejo imenso de ficarmos juntos, porque você está revelando um lado de sua personalidade que eu não conhecia.

— Dois anos de separação levam qualquer um a pensar seriamente em todos os fatores que uniram o casal, ainda mais que nós não tivemos nenhum momento mais íntimo. Eu aprendi a tratar das emoções convivendo com pessoas profissionais altamente qualificadas. Na televisão, tudo é muito bem pesado e sopesado. Nada se deixa ao acaso. Quando muito, são feitos programas-pilotos que são examinados minuciosamente quanto à possibilidade de fazerem sucesso junto aos telespectadores.

— Você está propondo que a gente se conheça melhor antes de assumir um compromisso sério?

— O que você considera um compromisso sério?

— A promessa de uma vida em comum.

— Nada de casamento?

— Casamento é a configuração da jura de amor...

— Muito embora seja tão fácil divorciar-se, como vejo acontecendo com muitos artistas e pessoas de todos níveis sociais e culturais.

— Sinto que você meditou muito nas palavras que ia dizer para mim. Eu só posso ficar agradecido, porque está sendo muito sincera.

— Há dois anos atrás, se você me levasse para qualquer lugar, eu iria de olhos fechados, tanto que havia abandonado o emprego. Hoje, a minha perspectiva de vida inclui um futuro de realizações também no campo profissional. Não é à toa que estou preparadíssima para entrar na faculdade.

— Pois eu também estou muito preocupado com meu futuro acadêmico.

— O seu plano de fazer Direito está de pé?

— Eu acho que vou seguir minha tendência atávica, se é que você me compreende.

— Você quer dizer que a jurisprudência corre por suas veias?

— Para não ter de citar minha herança de família, já que meu pai e meu tio...

— Você não sente nada quando fala de seu pai?

— Claro que sinto. Mas, no começo, sentia muito mais. Agora sei que, se não tiver pago com meu sofrimento o sangue que derramei, a justiça de Deus me alcançará de qualquer maneira, aqui ou na erraticidade. Eu também meditei muito, lendo inúmeras obras e conversando virtualmente pela Internet com muitos religiosos e pessoas gradadas do Espiritismo. Meu passado foi um grande...

— Desperdício de energia...

— Isso mesmo. Eu ia dizer que foi um grande equívoco, porque eu refleti que tinha inteligência e capacidade para evitar todos os atos de maldade, contornando os problemas psíquicos e físicos. Mas estava muito longe de entender a sua moralidade e as suas consequências perante as leis universais. Eu achava que era capaz de superar todos os problemas. Hoje, como você disse a respeito de seus projetos para o futuro, eu amadureci

e sou capaz de antever a necessidade de uma vida muito mais virtuosa, ou não suplantarei as dificuldades que eu mesmo criei.

— Como foi sua conversa com seu tio?

— Diferente da que imaginei. Primeiro pensei que nem iria ser recebido. Depois me pareceu que ele ia perdoar-me inteiramente. Agora eu acho que ele vai se afastar de mim para o resto da vida. Eis um vínculo a ser reatado no além-túmulo.

Nesse momento, Glorinha entrou no estacionamento do prédio, parando o carro numa vaga que lhe fora reservada.

— Temos ainda alguns minutos.

Hesitante, Juvenal fez menção de pegar a mão da moça. Surpreendentemente, ela o enlaçou e o beijou demoradamente, inebriando-o com seu perfume e com o arfar de seu peito.

Aqueles minutos se passaram em meio a carinhos e afagos que os excitaram amorosamente. Reatavam as sensações físicas amortecidas pelo racionalismo intelectualizado do exame frio de seu bem-querer. Pareceu a ambos que nunca haviam deixado de amar-se.

Naquele dia, Glorinha assumiu, extra-oficialmente, o papel de responsável pela administração do apartamento e pela felicidade de Juvenal.

56. A VIDA CONTINUA

Terê não perdoaria jamais o filho, como não perdoou o marido, tanto que o abandonou, levando as crianças consigo, indo morar na casa que Renato lhe destinara. Três anos depois se mudaria para a casa grande, devidamente outorgada pelo juiz no processo de espólio.

Por essa época, Juvenal trabalhava no escritório de Dirceu, na qualidade de estagiário, demonstrando conhecimento e habilidade na interpretação das leis.

Glorinha ainda não se decidira por casar-se com ele, mas não demoraria para se ver obrigada a isso, por força da gravidez que não soubera ou não quisera evitar.

Elvira aposentou-se, finalmente, da televisão e das aulas particulares, dedicando todo o seu tempo para a benemerência no centro espírita. Foi chamada a servir junto à Federação de seu Estado, mas se recusou, humilde, desejando usufruir uma velhice cheia de realizações pessoais, o que incluía algumas horas diárias de exercícios físicos. Acabaria fundando com Margarida e Valéria um centro espírita mais na periferia da cidade, dedicando-se aos favelados da região.

Margarida foi levada por Valéria a visitar o casal, com uma ponta de saudade dos tempos em que reinara no apartamento como governante. Sentiu certo sentimento de inveja pela sobrinha, terminando com o temor de vê-la às voltas com a difícil personalidade do amante. Desde essa primeira vez, sempre que convidada, não faltava às reuniões familiares que eram patrocinadas por Glorinha.

Quanto a Ricardo, cansou-se de convidar Juvenal e esposa para voltarem a frequentar sua casa espírita. Impressionara-se com a mediunidade da moça, achando que a perda dessa faculdade era de lastimar. Não teria tempo em vida de vê-la retornar às lides junto às mesas mediúnicas, tendo falecido pouco depois do nascimento do filho do jovem casal.

Macedo, sim, não perdia oportunidade de assistir às conferências dos melhores oradores espíritas, indo onde houvesse uma boa palestra. Arrastava José consigo, sempre que podia, este mais arredio, preferindo estudar em casa mesmo, quando muito indo discutir com um grupo de profissionais liberais que se reuniam semanalmente na sede da União das Sociedades Espíritas da cidade.

Ângela desapareceu de vez da vida de nossas personagens, efetivando-se no serviço público, indo lecionar numa cidade do litoral. Dos alunos que ensinava na casa de Juvenal, dois foram capazes de ingressar em faculdades públicas. Os demais foram engolfados pela sociedade tentacular da grande cidade.

Pela época da formatura, deu-se o julgamento do rapaz, adiado muitas vezes por artimanhas jurídicas de Dirceu, que pretendia demonstrar a recuperação integral do réu, que não se constituiria mais num perigo para a sociedade. Assim mesmo, nem com o extenso laudo médico formulado pelo Doutor Moacir conseguiu evitar uma condenação. Mas os crimes da menoridade constituíram para a promotoria apenas base de argumentação, centrando-se o processo no assassinato das três vítimas quando o rapaz já havia completado dezoito anos. Era o período mais agudo da esquizofrenia, conforme ficou largamente demonstrado perante o júri. Sendo assim, os quinze anos da pena foram

amenizados, transformando-se em prisão domiciliar, com obrigatório acompanhamento clínico e prestação de serviços comunitários dentro de sua profissão, o que o levou a atender juridicamente o povo pobre junto a um tribunal de pequenas causas, um dia na semana. Quanto aos dólares e ao ouro, foram integrados ao patrimônio público, dado que a origem das células e das barras se comprovou ser da época em que Renato estava vivo, anterior, portanto, à jornada de Juvenal no tráfico.

Casados, os jovens já não habitavam o luxuoso condomínio. Isto ajudou a demonstrar junto ao tribunal que não havia saldo positivo relativo à sua vida de crimes. O dinheiro com que viviam provinha de duas fontes: do salário de Glorinha, que herdara o programa de televisão, e de seu restaurante, onde Juvenal aplicara sornateiramente todos os valores guardados, sendo insignificantes os seus ganhos até então na qualidade de estagiário. O moço cumpriria, nos próximos anos, a promessa que espontaneamente fez à esposa de que passaria aos pobres duplicada ou triplicada aquela quantia.

Em breve, sairia a primeira obra da moça, livro de receitas testadas no seu programa, totalmente ilustrado, composto com o auxílio de um escritor famoso e impresso por conceituada editora, sob patrocínio da emissora de televisão.

Dois acontecimentos iriam bulir com as emoções de Juvenal.

O primeiro se deu ao atender à convocação do juiz para defender uma vítima de abaloamento na via pública, com prejuízos apenas materiais. Os litigantes deveriam chegar a acordo quanto ao valor a ser pago para se obter pleno ressarcimento dos danos. Ao ler o nome do queixoso a quem deveria aconselhar, deparou-se com Tadeu, ficando extremamente ansioso quanto à reação do irmão e cunhado de suas vítimas. Pensou em solicitar outro caso, mas resolveu que seria melhor enfrentar a conjuntura para, quem sabe, justificar-se perante o tribunal do coração.

No pequeno salão em que se davam as audiências, Tadeu e Juvenal viram-se lado a lado, sentados junto à mesa do juiz. Precisavam conversar, mas nenhum dos dois quis tomar a iniciativa. Finalmente, o advogado criou coragem:

— Você me perdoou?

Tadeu não estava preocupado mais com o problema que fora resolver. Diante da pergunta direta, gaguejou uma resposta contida:

— Acho que sim.

E o assunto resumiu-se a isso, passando ambos a tratar do caso em questão, como dois desconhecidos.

Resolvida a pendência de modo favorável ao querelante, Tadeu se retirou sem agradecer e sem se despedir, deixando Juvenal na dúvida quanto a ter sido mesmo perdoado. Com seus botões, questionou as razões do ex-empregado, chegando à conclusão de que era natural que lutasse ele intimamente contra o desejo de desforra.

Se lhe tivesse lido na alma, ficaria sabendo que o sentimento que levou da reunião foi o de haver vencido antigos temores de que poderia querer o pior para o assassino. Sentiu Tadeu o quanto de remorso deveria ter sofrido o patrãozinho, elevando uma prece aos guias espirituais em que solicitava que a dor e a vergonha se atenuassem através da compreensão do mal que praticara.

Ambos ficariam com as impressões daquele encontro para o resto de suas vidas.

O segundo episódio significativo trouxe considerável mudança para a vida profissional do rapaz.

Estando no escritório de Dirceu a entrevistar um cliente que lhe fora encaminhado, ouviu do senhor trajado com apuro e elegância a seguinte observação:

— Pelo seu nome, vejo que estou diante do moço que assassinou o pai. Isto é uma bênção para mim, porque sei que você irá tratar do meu problema com o máximo de carinho. Fui, por muito tempo, um dos clientes dele, cujos serviços mereceram o máximo do meu reconhecimento. Se você puder fazer como ele, eu ficaria extremamente agradecido, se é que você está entendendo-me.

Enquanto o outro falava, Juvenal percebeu toda a gravidade da proposta, ligando-a de imediato a um dos processos da adega. Por isso, respondeu incisivo:

— O senhor está querendo que o nosso escritório suborne algum servidor do judiciário para fazer desaparecer o processo. Pois, se for isso, esqueça.

Ato contínuo, abandonou o homem no escritório, saindo em busca do Doutor Dirceu, a quem relatou o sucedido. Enquanto o patrão foi providenciar outro advogado para dar assistência ao cliente, o rapaz deliberou sobre seu futuro, no temor de que tivesse de repetir todas as más ações do pai. Imaginou-se preso às malhas de uma rede de criminosos, os mesmos traficantes de poucos anos atrás, que o transformariam, a seu malgrado, em um membro atuante da organização.

Quando Dirceu retornou, estava com o pedido de demissão na ponta da língua:

— Meu bom amigo e protetor, não posso mais servi-lo com a isenção de ânimo que a minha função exige. Agradeço-lhe a oportunidade que me foi dada e lhe peço que me dispense das formalidades legais, liberando-me para seguir outra carreira em que não fique tanto à mercê dos pleitos dos marginais, ainda que bem vestidos e bem falantes.

— Duvido que em nosso campo de trabalho você vá ficar livre deles.

— Na qualidade de juiz, talvez eu venha a ter autonomia quanto às decisões que tiver de tomar, ainda mais quando sabemos que sempre existirá o recurso da apelação aos magistrados superiores.

— Você vai ter de esperar que sua pena esteja cumprida, dado que os concursos exigem folha corrida sem mácula.

— Vou estudar bastante e quando tiver a certeza de que irei poder assumir um posto na magistratura, realizarei as provas oficiais.

Dirceu estendeu-lhe a mão, desejando boa sorte, ao mesmo tempo que lhe deixava em aberto a vaga no escritório.

Ao encerrar-se a nossa narrativa, Juvenal administrava o restaurante da esposa, auxiliando-a na contabilidade. Ele mesmo não tinha a certeza de que vestiria a toga dos magistrados.

Enquanto isso, no etéreo, Renato despertava finalmente do longo e tumultuado sono em que caíra. Sofrera pesadelos terríveis, em que se via perverso a perseguir pobres criaturas inferiores, como se dispusesse de poderosos recursos e de força descomunal, mas incapaz de controlar as reações, acabando por criar asco pelos despojos de que se via cercado. Passara, então, de perseguidor a perseguido, desejoso de se ver livre daqueles seres imundos que estavam por toda a parte. Depois de muito praguejar pelo insucesso das

tentativas desesperadas de escapar ao vil assédio, resolveu que poderia dedicar a atenção a, pelo menos, um daqueles minúsculos insetos, acabando por perceber que lhe sugavam o sangue porque era assim que se mantinham vivos. Em sua perturbação, concebeu que, se se deixasse exaurir, acabariam por abandoná-lo por falta absoluta de terem com que se alimentar. Surgiu-lhe na mente a pergunta impostergável: se tais abjetos organismos nutriam a maldade, como poderiam alcançar a prática do bem? E não era o seu sangue a representação de todos os vícios e defeitos?

Ao formular a questão, acordou inundado de suor. Imediatamente, viu que estivera dormindo e que tudo quanto sofrera proviera tão só de sua consciência culpada. Todos os agressores não existiam na realidade e, se existiam, estavam emitindo vibrações inutilmente, porque havia um aparato que interceptava as ondas e as reduzia a meros pensamentos passíveis de redução.

Repetiu na mente o quadro em que se via assassinado pelo filho e o posterior, em que fizera o mesmo com ele, em encarnação anterior. Caracterizou aquela criatura como antigo contendor a quem havia dado permissão de integrar-se à família, com vistas a superarem as dificuldades de relacionamento. Deu no que sabemos.

Mas avolumavam-se as questões para as quais não tinha resposta. Assim, pensou em Benedito como o ser mais à mão para auxiliá-lo.

De imediato, compareceu o bom amigo, preparado para as exposições que poderiam ser entendidas pelo sofredor.

— Meu querido, sei que a sua mente se acha coalhada de dúvidas e problemas. Formule a primeira pergunta, por favor.

— Por que fui incapaz, em vida, de perceber a loucura de meu filho?

— Porque era reflexo da sua. Entre os genes que você lhe legou, incluía-se o da esquizofrenia. Combinado com os da mãe, que estavam sobrecarregados de defeitos, resultou numa personalidade doentia.

— Você está falando em relação aos vínculos materiais ou se incluem os problemas afetos ao espírito?

— Todos os aspectos devem ser considerados. Se o problema se circunscrevesse ao âmbito da matéria, não teria a doutrina espírita condições de auxiliar na recuperação do rapaz.

— Você está dizendo-me que ele se curou?

— Está sob tratamento médico e sob orientação espiritual.

— Por que vocês se dedicam tanto aos encarnados, quando o natural seria que eles enfrentassem sozinhos as dificuldades?

— Nós nos aplicamos a compreender os processos psíquicos envolvidos nos dramas humanos, pelejando por minorar os efeitos deletérios dos males, como qualquer profissional da área da saúde na Terra. Eles ganham a vida. Nós ganhamos o progresso.

— Sendo eu inteligente, por que não fui capaz de chegar a respostas tão simples?

— Você, meu caro, desconfia ainda de que existam intenções malévolas por trás de toda ação em favor de outrem. Enquanto não suplantar esse vezo, terá de ouvir as explicações mais singelas, porque quem fica a complicar os assuntos é você mesmo.

— Qual o melhor caminho para isso?

— Você terá, como todos nós, de seguir um roteiro teórico e realizar um trabalho de campo. O aspecto teórico já se iniciou há tempos, quando Lutécia e outros amigos lhe passavam certos conhecimentos. Agora está faltando-lhe sistematizar a aprendizagem, o que você efetuará ao se matricular num dos cursos da *Escolinha de Evangelização*. Quanto à prática, deverá oferecer-se para trabalhar em alguma turma de socorristas na qualidade de aprendiz e ajudante subalterno inferior, apesar de sua inteligência e forte poder de reflexão, além dos extensos conhecimentos de jurisprudência humana que lecionava na faculdade.

— Posso fazer uma solicitação neste sentido?

— Desde que justifique a pretensão.

— Gostaria de auxiliar na recuperação de meu filho.

— Nada mais lógico, porque aí você poderá entender o mecanismo do ódio mútuo que sentiam. E também a repercussão na vida dele das suas ações e sentimentos, o que o obrigará a repensar a maneira de ser.

Havia outras questões, porém, Renato se excitou com a ideia de participar de alguma forma da vida do filho. Mas uma pergunta havia imperiosa:

— A reação de Lutécia ao saber que ele me assassinou foi bem diferente da minha. Lembro-me de que ela ficou silenciosa, concentrada, como se orasse pela alma do irmão.

— Ela, naquele instante, teve a notícia de que fora assassinada por Juvenal...

Ao ouvir a declaração, Renato só não desfaleceu porque Benedito previra o baque moral e recrudescera o apoio fluídico que vinha ministrando ao protegido. Entretanto, caiu em prostração moral, demorando para se recuperar. Quando voltou a si, quis saber do paradeiro da filha.

— Encarnada, respondeu-lhe o guia.

— Mas já?

— Seis anos, de fato, é bem pouco tempo para retornar ao mundo denso da matéria, contudo, como era desejo dela pertencer à família de Juvenal, foi-lhe dada tal oportunidade.

— Quer dizer que eu posso, ajudando meu filho, cuidar também de minha filha?

— Em tese, sim, se considerarmos que o bem para um significará um bem também para o outro. Mas é preciso que saiba que existem outras entidades dedicadas à criança que, na Terra, teria sido neto seu.

— Ela voltou como homem?

— Perfeitamente.

Outra série de interrogações se formou na mente do discípulo, todavia, conteve a curiosidade, interessado em iniciar as tarefas práticas.

— Pai Benedito, resta-me agradecer-lhe emocionado toda a sua atenção e assistência para com este pobre pecador.

— Não desgaste as palavras, meu filho. Você não tem que me agradecer nada, porque pouco venho fazendo pela sua evolução. Agradeça antes a uma pessoa de quem está esquecido, porque você se preocupa muito mais com os inimigos do que com os amigos.

Naquele instante, pôde o atarantado causídico reconhecer a seu lado a figura de Marilu.

Benedito prosseguiu:

— Eis quem tem tido por você o mais incondicional desvelo. Todo este tempo, não saiu jamais de seu lado, providenciando-lhe o conforto de proveitosa introspecção. Você deverá ouvir-lhe os conselhos, antes de deliberar. Fiquem em paz.

Enquanto Benedito se retirava, Renato revolvía os pensamentos em torno das palavras que lhe pareciam da mais severa repreensão, palavras que lhe desnudavam a consciência pejada de sentimentos inferiores.

Mal teve força para rogar:

— Marilu, minha esposa, pela recordação dos nossos tempos felizes, perdoe-me. Você bem sabe que a sua perda significou para mim um desastre muito grande. Mas você não teve culpa de nada. No meu coração, eu havia plantado as sementes ruins que produziram apenas joio...

Marilu, telepaticamente, fez que se calasse, pois não precisava justificar-se perante quem conhecia perfeitamente todos os escaninhos de sua personalidade, concluindo:

— Eu o amo, meu bem, porque você me estimou um dia. O nosso passado foi cheio de encontros e desencontros, até que nos comprometemos a auxiliar-nos mutuamente. Cumpri, na medida de minhas forças, esse compromisso e pretendo continuar esforçando-me no sentido de orientá-lo para a compreensão de como poderá elevar-se moralmente. Para isso, contudo, terá de me ouvir. Você está disposto a abrir mão de sua acentuada voluntariedade?

— Não sei se terei condições de julgar o que será melhor para mim mesmo. Pedi para ajudar meu filho. Será esse o caminho?

— Você poderá descobrir por si mesmo, inscrevendo-se entre os do grupo que dá assistência a ele. Posso adiantar-lhe, mediante a análise de seu espectro existencial, que, como disse Benedito, sua participação será de mero ajudante geral, espécie de *office-boy* de luxo, já que possui cabedal de inteligência que lhe possibilitará avançar rapidamente, caso venha a se dedicar antes aos estudos. Por outro lado, é bom realizar profundo exame de consciência, para verificar se o açodamento em partilhar dos serviços de ajuda ao encarnado não representa simplesmente manifestação de orgulho, no duplo sentido de desconfiar de que os socorristas não são competentes e de que você não está precisando receber lição nenhuma.

Concentrou-se Renato nas acerbas críticas implícitas na recomendação. Finalmente, concordou:

— O que me levou a considerar ser melhor partir para o lado prático foi a curiosidade a respeito de como Juvenal está havendo-se com as emoções que, por certo, está despertando-lhe a sensação de se ter transformado em assassino. Você tem razão. Embora não tenha compreendido perfeitamente toda a extensão de suas observações, acredito piamente em seus sentimentos para comigo. Como disse Benedito, agora reconheço que é a você que devo agradecer com o coração na mão...

De novo Marilu interrompeu-lhe o fluxo das manifestações melodramáticas:

— Você não está no tribunal nem na cátedra. Guarde sua peroração para explicar-se a si mesmo, porquanto muito há para ser examinado e elucidado.

Naquele momento, a protetora recebeu clara mensagem de que estava sendo requisitada junto a alguém em transe de desencarnação.

— Venha comigo. Existe um espírito que está clamando por nosso auxílio.

Marilu envolveu Renato com seus fluidos e transportou-o para o local em que Armando estava nas vascas da morte, ferido por vários balázios dos policiais com quem trocara tiros.

— Quem é esse indivíduo? — foi logo perguntando o recém-chegado.

— Este que pede clemência e perdão é o motoqueiro que transportou seu filho para a perpetração dos crimes.

Renato refluíu em sua boa vontade, em sua generosidade, tanto que precisou ser amparado por Marilu, que lhe sussurrou:

— Veja como você está reagindo mal. Não teria sido essa mesma a sua reação, ou talvez pior, encontrando-se com seu filho? Pense nisto.

— Como remediar?

— Acompanhe-me numa prece: Senhor, nós estamos diante da falência de uma reencarnação. O ser que está regressando à erraticidade traz a sobrecarga de inúmeros deslizamentos morais. No entanto, Pai, teve ele relacionamento de amizade e respeito por criatura de nosso círculo afetivo. Que nos seja possível transformar esse embrião de amor em auréola de proteção contra os inimigos que dardejaram vibrações deletérias contra o infeliz. Transforme-nos, Pai, em guardiães caridosos, para o resguardo da integridade perispiritual do assistido. Eis que estamos apelando para sua misericórdia e infinita comiseração, prometendo-lhe dedicar-nos a tal mister quanto tempo for preciso, ainda que com o sacrifício de nossas realizações pessoais. Graças a Deus!

Sem saber direito o que estava prometendo, Renato repetiu:

— Graças a Deus!

Punha-se, assim, sob a responsabilidade de espírito mais capacitado para as tarefas de auxílio a sofredores. Iniciava-se seu aprendizado de humildade.

Ao lado deles, orava Francisca, apoiando Tiago e Natália, cujo perdão se traduzia em vibrações carinhosas e reconfortantes.

Indaiatuba, de 13.03 a 28.07.00.